

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CÂMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM HISTÓRIA

NIKOLAS CORRENT

LUGARES DE MEMÓRIA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS (1985-1995)

Marechal Cândido Rondon

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CÂMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOUTORADO EM HISTÓRIA

NIKOLAS CORRENT

LUGARES DE MEMÓRIA UCRANIANA EM PRUDENTÓPOLIS (1985-1995)

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História, na área de concentração História, Poder e Práticas Sociais, na linha de pesquisa Cultura e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor Stein.
Coorientador: Prof. Dr. Odinei Fabiano Ramos.

Marechal Cândido Rondon

2025

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Corrent, Nikolas

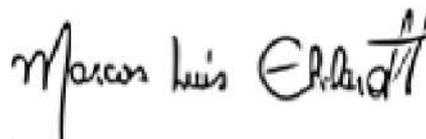
Lugares de memória ucraniana em Prudentópolis (1985-1995)
/ Nikolas Corrent; orientador Marcos Nestor Stein;
coorientador Odinei Fabiano Ramos. -- Marechal Cândido
Rondon, 2025.
272 p.

Tese (Doutorado Campus de Marechal Cândido Rondon) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Lugares de Memória. 2. Museu do Milênio. 3. Taras
Shevchenko. 4. Prudentópolis. I. Stein, Marcos Nestor ,
orient. II. Ramos, Odinei Fabiano , coorient. III. Título.

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE **NIKOLAS CORRENT**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.



Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Marcos Luis Ehrhardt
Portaria nº 0546/2025-GRE

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE **NIKOLAS CORRENT**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Janaina Cristiane da Silva Helfenstein
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon
(UNIOESTE)

Milton Stanczyk Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon
(UNIOESTE)

Rhuan Targino Zaleski Trindade
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Ana Maria Rufino Gillies
UNESPAR (UNESPAR)

Nikolas Corrent
Aluno(a)

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE **NIKOLAS CORRENT**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 20 dia(s) do mês de junho de 2025 às 14h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Tese do(a) candidato(a) **Nikolas Corrent**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Doutorado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Marcos Nestor Stein, Janaina Cristiane da Silva Helfenstein, Milton Stanczyk Filho, Rhuan Targino Zaleski Trindade, Ana Maria Rufino Gillies. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Marcos Nestor Stein. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de TESE DE DOUTORADO, intitulada: "Lugares de memória Ucraniana em Prudentópolis (1985-1995)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Tese. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Janaina Cristiane da Silva Helfenstein, Milton Stanczyk Filho, Rhuan Targino Zaleski Trindade, Ana Maria Rufino Gillies. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Tese. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 7º e § 8º do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Tese foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Tese e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados. É, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Orientador(a) - Marcos Nestor Stein
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon
(UNIOESTE)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA DE DEFESA DE
DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof. Dr. Marcos Nestor Stein, declaro, como **ORIENTADOR**, que presidi os trabalhos à **distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de de Defesa de Doutorado do(a) candidato(a) Nikolas Corrent deste Programa de Pós-Graduação.

Considerando o trabalho entregue, a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, **formalizo como orientador**, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que o(a) candidato(a) foi considerado(a): **APROVADO(A)** na bancade defesa realizada na data de 20 de junho de 2025 .

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
gov.br **MARCOS NESTOR STEIN**
Data: 20/06/2025 16:54:10-0300
Verifique em <https://validar.lti.gov.br>

Marcos Nestor Stein
Programa de Pós-Graduação em História
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do
Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA
DEFESA DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof. Dr. Milton Stanczyk Filho, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) Nikolas Corrent, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro interno**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 20 de junho de 2025.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Parabeniza-se o discente e seus orientadores pela tese apresentada.
Recomenda-se a publicação.

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
gov.br MILTON STANCZYK FILHO
Data: 23/06/2025 15:25:16-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Milton Stanczyk Filho
Colegiado de Pós-graduação em
História da UNIOESTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA
DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Profa. Dra Ana Maria Rufino Gillies, declaro que participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) NIKOLAS CORRENT, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, formalizo como membro externo, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 20 de Junho de 2025 .

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atesto que a tese produzida por Nikolas Corrent se caracteriza como estudo relevante para a história brasileira e ucraniana. Pela qualidade do trabalho e dos muitos aspectos que aborda, considero que deveria ser publicada como livro.

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA MARIA RUFINO GILLIES
Data: 23/06/2025 11:47:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

*Ana Maria Rufino Gillies
Universidade Estadual do
Paraná - UNESPAR*

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA
DEFESA DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **Janaina Cristiane da Silva Helfenstein**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) **Nikolas Corrent**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro interno**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) **APROVADO(A)**, na banca realizada na data de 20 de junho de 2025.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Todas as considerações a respeito do trabalho foram encaminhadas ao candidato durante a arguição.

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
gov.br JANAINA CRISTIANE DA SILVA HELFENSTEIN
Data: 23/06/2025 13:49:51-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Janaina Cristiane da Silva Helfenstein
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA
DEFESA DE DOUTORADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **Rhuan Targino Zaleski Trindade**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de defesa de doutorado em História do(a) candidato(a) **Nikolas Corrent**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) **APROVADO(A)**, na banca realizada na data de 20 de junho de 2025.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
gov.br RHUAN TARGINO ZALESKI TRINDADE
Data: 22/06/2025 21:15:25-0300
Verifique em <https://validar.iu.gov.br>

Nome e assinatura
Instituição: Unicentro/Irati

Aos que fazem da sala de aula um abrigo
e da palavra um ato de resistência,
e à educação pública, meu berço,
minha luta, meu farol.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que nada se constrói sozinho. Logo, registro aqui a minha profunda apreciação a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada acadêmica e pessoal, seja com gestos de apoio direto ou com atitudes que, de maneira silenciosa, contribuíram para o meu crescimento. Cada um, em sua singularidade, foi indispensável para a construção de mais esta etapa da minha vida.

A Deus, por ser a fonte de toda força, sabedoria e inspiração. Sua presença constante me sustentou nos momentos de dúvida, iluminou meus passos e deu coragem para seguir em frente, mesmo diante dos desafios mais complexos. Sem Ele, esta conquista não seria possível. Agradeço pela paz interior, pela confiança renovada e pelo sentido profundo que encontrei em cada novo aprendizado.

À Nossa Senhora, minha intercessora e Mãe, agradeço profundamente por sua presença silenciosa, porém intensa, ao longo desta caminhada. Foi sob seu olhar materno que encontrei consolo nos momentos de cansaço e esperança nos dias mais áridos. Sua proteção foi alento e sustento, e sua fé, modelo de entrega e coragem. Em muitos momentos, recorri à sua intercessão com o coração inquieto, e encontrei serenidade para continuar. Esta conquista também é fruto de sua companhia espiritual constante.

Aos meus pais, Olnez e Márcia, minha eterna admiração pelo amor incondicional, pela educação que me proporcionaram e por acreditarem em meus sonhos. Obrigado por cada palavra de incentivo, por cada abraço acolhedor e pelo exemplo de vida que sempre me inspirou. Vocês foram os alicerces que sustentaram minha trajetória, mostrando-me sempre a importância da humildade, da determinação e do respeito ao próximo. Cada sacrifício, cada gesto de carinho, cada conselho foi crucial para minha evolução. O apoio de vocês foi meu maior suporte.

Ao meu irmão Luan, agradeço por sua amizade, apoio e por estar ao meu lado em todos os momentos importantes, compartilhando tanto as alegrias quanto os desafios dessa jornada. Sua presença constante foi um lembrete de que, juntos, somos mais fortes, e que o apoio familiar é inestimável. Obrigado por cada risada, por cada conversa e por ser o verdadeiro amigo e irmão que sempre pude contar.

Aos professores e professoras que passaram pela minha vida, desde a educação infantil até o doutorado, meu mais profundo reconhecimento. Cada um, em seu tempo e espaço, contribuiu para minha formação como ser humano e pesquisador, deixando marcas indeléveis em minha história. A educação que me foi transmitida foi muito mais do que o simples processo

de adquirir conhecimento; foi uma verdadeira construção de caráter, crítica e visão de mundo. Sou imensamente agradecido a cada educador que, com paciência e dedicação, fez parte da minha formação.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História da Unioeste, por seu amor ao ensino, pela generosidade no compartilhamento de saberes e pelo compromisso com a formação de pesquisadores. Suas contribuições foram inestimáveis para o meu desenvolvimento acadêmico e para a construção deste trabalho. Com cada orientação, cada aula e cada diálogo, aprendi a pensar com mais rigor, a escutar com mais atenção e a pesquisar com mais profundidade.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa nos meses finais deste doutorado. O auxílio recebido possibilitou a dedicação às atividades acadêmicas e à conclusão da tese, contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho e para a continuidade da formação acadêmica. Reconheço a importância desse investimento público no desenvolvimento da ciência, da educação e da formação de pesquisadores comprometidos com o avanço do conhecimento científico no Brasil.

Ao professor Dr. Marcos Nestor Stein, meu orientador, agradeço pela paciência, pela confiança depositada em mim, e por sempre acreditar em minha pesquisa. Suas orientações foram imprescindíveis para que eu pudesse estruturar este trabalho e alcançar os objetivos traçados. Seu compromisso com a excelência acadêmica, sua humildade e sua postura ética serviram de exemplo constante, desafiando-me a ir além dos meus próprios limites.

Ao Professor Dr. Odinei Fabiano Ramos, meu coorientador, sou grato pelo suporte acadêmico, pelas reflexões críticas e pelo compromisso em colaborar para o aprimoramento desta pesquisa. Sua leitura sensível e suas observações rigorosas enriqueceram imensamente esta pesquisa, ampliando meus horizontes teóricos e metodológicos.

À professora Dr.^a Ana Maria Rufino Gillies, à professora Dr.^a Janaina Cristiane da Silva Helfenstein, ao professor Dr. Milton Stanczyk Filho e ao professor Dr. Rhuan Targino Zaleski Trindade, minha mais profunda admiração por aceitarem o convite para compor a banca examinadora desta tese. Agradeço pelas valiosas sugestões, pela leitura atenta e pelo rigor acadêmico com que analisaram este trabalho. A dedicação e o tempo investidos por cada um de vocês, aliados à generosidade em compartilhar conhecimentos e experiências, são inestimáveis e permanecerão como um marco no meu percurso acadêmico. Suas contribuições vão muito além da análise do trabalho; foram uma oportunidade de aprendizado que me acompanhará por toda a vida.

Ao Museu do Milênio, representado pela pessoa de Meroslaw Krevei, agradeço pelo acolhimento e pelo acesso ao acervo que foi fundamental para a fundamentação desta pesquisa. A hospitalidade, o cuidado com a memória e a abertura para o diálogo demonstram o compromisso da instituição com a preservação histórica e com o incentivo à produção científica. Sou grato pela confiança depositada em mim para explorar todo o acervo.

Agradeço a todos os entrevistados que gentilmente compartilharam suas histórias e experiências, tornando-se fontes orais essenciais para esta pesquisa. Seus relatos trouxeram densidade, sensibilidade e autenticidade ao estudo, humanizando cada página desta tese. O tempo e a confiança que dedicaram a esse processo são inestimáveis, e suas contribuições ficarão registradas nesta pesquisa, como um valioso legado para a manutenção da memória coletiva.

Aos meus colegas de turma, que estiveram ao meu lado ao longo dessa caminhada, agradeço pela troca de experiências, pelas conversas e pelo apoio mútuo. Em especial, ao Álvaro, cuja amizade, entusiasmo e generosidade foram confortantes, tornando o percurso mais significativo e leve.

Agradeço aos amigos e colegas de profissão das escolas e da universidade em que atuo, pelo apoio, pelas trocas de saberes e pelo incentivo constante. O ambiente de colaboração, escuta e diálogo que vivenciei com cada um de vocês foi decisivo para o meu crescimento pessoal e profissional, fortalecendo meu compromisso com uma educação pública, crítica e emancipadora.

Agradeço, enfim, a todos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado ao longo desta jornada – seja com palavras de incentivo, seja nos bastidores do processo, ou até mesmo torcendo contra. Cada gesto, cada silêncio, cada crítica foi parte do caminho. Aos que, por meio de suas resistências e desconfianças, me desafiaram a persistir e a reafirmar minhas convicções, deixo também meu reconhecimento. Em muitas ocasiões, foi o enfrentamento da adversidade que me fortaleceu e me fez seguir adiante. A cada pessoa que, direta ou indiretamente, contribuiu para a concretização deste trabalho, minha mais sincera gratidão.

“Todos os seres humanos, coletividades e instituições necessitam de um passado”
(Hobsbawm; Ranger, 1984, p. 285).

CORRENT, Nikolas. **Lugares de memória ucraniana em Prudentópolis (1985-1995)**. Orientador: Marcos Nestor Stein. Coorientador: Odinei Fabiano Ramos. 2025. 261 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a construção e a manutenção dos lugares de memória e da identidade cultural ucraniana em Prudentópolis, Paraná, durante o período de 1985 a 1995. O estudo possui aderência à Linha de Pesquisa “Cultura e Identidades” e à área de concentração do PPGH da Unioeste “Trabalho, Cultura e Poder”, na medida em que enfoca os processos de construção identitária e de produção de sentidos coletivos por meio da constituição de lugares de memória vinculados à comunidade ucraniana em Prudentópolis. A pesquisa se concentra em três marcos históricos principais: o Museu do Milênio, a Praça Ucrânia e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko, cujo objetivo é compreender como esses lugares contribuem para a manutenção da identidade ucraniana no Brasil, analisando tanto os aspectos históricos da imigração quanto a necessidade de criação desses lugares de memória. O estudo fundamenta-se nas teorias de identidade cultural e memória coletiva, utilizando conceitos de Stuart Hall (2006), Manuel Castells (2018), Maurice Halbwachs (2004; 2023), Paul Ricoeur (2007) e Pierre Nora (1993). Nora (1993) conceitua os lugares de memória como restos de um passado que são trazidos ao presente e ressignificado em função de sua relevância para a construção de identidades culturais e sociais. Nesse contexto, a pesquisa explora como os imigrantes ucranianos adaptam e transformam suas práticas culturais em um novo território. A análise revela que esses lugares de memória, além de reinventarem tradições e histórias, atuam como âncoras simbólicas que reforçam narrativas coletivas, promovendo a sensação de integração e continuidade dentro da comunidade ucraniana. Utilizam-se entrevistas temáticas e análise de fontes escritas, como o Livro de Atas do Comitê Pró-Construção do Monumento ao poeta Taras Shevchenko e do Museu do Milênio e matérias publicadas no Jornal *Prácia*. Além dessas, empregam-se fontes visuais, como registros fotográficos dos eventos, dos lugares de memória e de seus acervos, visando complementar a análise histórica sobre eles. A abordagem metodológica busca entender as motivações que envolvem a criação dos lugares de memória, de que forma esses lugares são organizados e como contribuem à comunidade ucraniana para a demarcação de fronteiras étnicas (Barth, 1998). A construção e a permanência desses espaços potencializam discursos que propagam narrativas históricas, conferindo sentidos ao passado e corroborando para o sentimento de pertencimento e de continuidade das tradições para as futuras gerações.

Palavras-chave: Lugares de Memória. Museu do Milênio. Taras Shevchenko. Prudentópolis.

CORRENT, Nikolas. **Sites of Ukrainian Memory in Prudentópolis (1985-1995)**. Advisor: Marcos Nestor Stein. Co-advisor: Odinei Fabiano Ramos. 2025. 261 f. Thesis (Ph.D. in History) – Graduate Program in History, Western Paraná State University, Marechal Cândido Rondon, 2025.

ABSTRACT

This research addresses the construction and maintenance of the sites of memory and of the Ukrainian cultural identity in Prudentópolis, Paraná, between 1985 and 1995. The study aligns with the Research Line “Culture and Identities” and the area of concentration of the PPGH at Unioeste, “Labor, Culture, and Power”, as it focuses on the processes of identity construction and the production of collective meanings through the establishment of sites of memory linked to the Ukrainian community in Prudentópolis. The research focuses on three main historical landmarks: Museu to Milênio (the Millennium Museum), Praça Ucrânia (the Ukraine Square) and the Monument to poet Taras Shevchenko, with the aim of understanding how these places contribute to the maintenance of the Ukrainian identity in Brazil, by analyzing both the historical aspects of immigration and the need to create these sites of memory. The research is anchored in theories of cultural identity and collective memory, making use of concepts from Stuart Hall (2006), Manuel Castells (2018), Maurice Halbwachs (2004; 2023), Paul Ricoeur (2007) and Pierre Nora (1993). Nora (1993) conceptualizes the sites of memory as remains of a past that are brought into the present and re-signified according to their relevance for the construction of cultural and social identities. In this context, this research explores how Ukrainian immigrants adapt and transform their cultural practices in a new context. The analysis reveals that, in addition to preserving traditions and stories, these places of memory act as symbolic anchors that reinforce collective narratives, promoting a sense of integration and continuity within the Ukrainian community. Thematic interviews and analyses of written sources are used, such as the Book of Minutes of the Committee for the Pro-Construction of the Monument to poet Taras Shevchenko and of the Museu do Milênio, and articles published in the *Prácia* newspaper. Visual sources, such as photographic records of events and of sites of memory and their collections are also used in order to complement the historical analysis about them. The methodological approach seeks to understand the motivations that involve the creation of sites of memory, how these places are organized and how they contribute to the Ukrainian community for the demarcation of ethnic boundaries (Barth, 1998). The construction and permanence of these sites enhance discourses that propagate historical narratives, giving meaning to the past and corroborating the feeling of belonging and continuity of traditions for future generations.

Keywords: Sites of memory. Museu to Milênio. Taras Shevchenko. Prudentópolis.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Praça Ucrânia localizada em Prudentópolis/PR.	35
FIGURA 2 - Estátua do poeta ucraniano Taras Shevchenko, construída sobre o Museu do Milênio, na Praça Ucrânia em Prudentópolis/PR.	35
FIGURA 3 - Museu do Milênio localizado no subsolo da Praça Ucrânia.	36
FIGURA 4. Assentamento dos primeiros imigrantes ucranianos em São João de Capanema, atual Prudentópolis, em abril de 1896.	76
FIGURA 5. Foto do início do século XX, evidenciando o barracão que abrigava os imigrantes ucranianos em Prudentópolis.	78
FIGURA 6. Planta dos lotes coloniais demarcados para a imigração em Prudentópolis.	79
FIGURA 7. Altar da Igreja Matriz de São Josafat evidenciando diversos ícones religiosos formando o ikonostás.	95
FIGURA 8. A Igreja Matriz São Josafat é uma das 50 igrejas do rito ucraniano no município de Prudentópolis.	109
FIGURA 9. Retrato de Taras Shevchenko que faz parte do acervo do Museu do Milênio. ..	122
FIGURA 10. Folder distribuído convidando a comunidade ucraniana para a apresentação do coral canadense.	128
FIGURA 11. Projeto da Praça Ucrânia, a qual localiza-se sobre o Museu do Milênio.	129
FIGURA 12. Pedra fundamental em comemoração ao centenária da imigração ucraniana para o Brasil, em exposição no Museu do Milênio em Prudentópolis/PR.	130
FIGURA 13. Bispo Dom Efraim Krevei em benção à pedra fundamental dando início às obras da Praça Ucrânia.	131
FIGURA 14. Vassyl Ivanytsky, idealizador do Monumento em homenagem à Taras Shevchenko.	133
FIGURA 15. Construção da Praça Ucrânia para posterior instalação da estátua do poeta Taras Shevchenko. Vassyl Ivanytsky idealizador do monumento é o primeiro da direita para a esquerda.	136
FIGURA 16. Instalação da estátua de Taras Shevchenko na Praça Ucrânia (situada sobre o Museu do Milênio).	138
FIGURA 17. Monumento a Taras Shevchenko no dia da inauguração.	139
FIGURA 18. Membros do Comitê Pró-Construção no dia da inauguração do monumento em homenagem ao poeta ucraniano Taras Shevchenko. Da esquerda para direita: Vassyl Ivanytsky, Yuri Chemko, Leo Mol e Lademiro Gerei.	140

FIGURA 19. Na Praça Ucrânia, moradores de Prudentópolis se reuniram em manifestação em solidariedade à Ucrânia na guerra contra a Rússia.	142
FIGURA 20. Comitê Pró-Construção do monumento em homenagem a Taras Shevchenko. Da esquerda para direita: Mario Lachovicz, Melécio Felichen, Jonel Iurk, Lademiro Gerei, Meroslawka Krevei, Eli Correia Fernandes, Vilson Santini, Josafat Hilário Bardal e Vassilio Mysko.	145
FIGURA 21. Museu do Milênio visto frontalmente. Acima localiza-se a Praça Ucrânia e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko (centro da figura). Ao lado esquerdo está a Igreja Matriz de São Josafat.	147
FIGURA 22. Fotografia do Padre Basílio Cembalista exposto no Museu do Milênio.	148
FIGURA 23. Mural com a homenagem aos realizadores e envolvidos na construção do Monumentos ao poeta Taras Shevchenko, exposto no Museu do Milênio.	157
FIGURA 24. Fachada do Museu do Milênio.	161
FIGURA 25. Membros da Comissão Pró-Centenário da Imigração Ucraniana. Da esquerda para a direita: Elvira Lozovei, CSCJ; Meroslawka Krevei, CSCJ; Hermes Sanches; padre Bonifácio Zaluski, OSBM; Ana Dzioba, CSCJ; Teodosia Mazur, CSCJ; Cecília Zenzeluk Antonio e Nádia Morskei Stasiu.	163
FIGURA 26. Primeiro croqui da organização dos espaços físicos do Museu do Milênio.	170
FIGURA 27. Planta atual do Museu do Milênio mostrando as salas de exposições.	169
FIGURA 28. Poema “Saga” de Helena Kolody exposta no hall de entrada do Museu do Milênio. Abaixo uma descrição biográfica sobre a autora de descendência ucraniana.	171
FIGURA 29. Quadros que trazem as legislações sobre o Dia Nacional da Comunidade Ucraniana.	172
FIGURA 30. Cartazes com propagandas que incentivavam a imigração à América do Sul, especialmente ao Brasil.	174
FIGURA 31. A Cooperativa Ucranó-Brasileira de Artesanato Prudentópolis é dirigida por Helena Gerei (à esquerda) e Terezinha Strochinski (à direita).	176
FIGURA 32. Imagens capturadas do vídeo “Turismo Religioso” exibido aos visitantes na Sala de Projeção do Museu do Milênio de Prudentópolis, Paraná.	177
FIGURA 33. Loja e recepção do Museu à esquerda; à direita localiza-se a sala de projeção.	180
FIGURA 34. Biblioteca do Museu do Milênio.	181
FIGURA 35. Premiações do Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro Vesselka expostas no Museu do Milênio.	182

FIGURA 36. Painel com o histórico da Imigração Ucraniana em Prudentópolis.....	183
FIGURA 37. Vestes Sacras que pertenciam a Dom Efraim Krevei.....	184
FIGURA 38. Maquete da Paróquia de São Josafat em exposição no Museu do Milênio.	185
FIGURA 39. Primeira máquina impressora elétrica do Jornal Prácia, de 1938.....	187
FIGURA 40. Cartaz do Jornal Prácia em exposição no Museu do Milênio.....	188
FIGURA 41. Mesa com equipamentos de trabalho de um sapateiro. Acima exposição da foto da família doadora.	190
FIGURA 42. Implementos agrícolas expostos no Museu do Milênio em Prudentópolis. Acima deles, em destaque um quadro representando a bandeira do Brasil	190
FIGURA 43. Utensílios agrícolas, como serrotes, foices, peneiras e prensas de cera e gordura expostos no Museu do Milênio em Prudentópolis.	193
FIGURA 44. Pintura em tecido de autoria de Vassyl Ivanytsky, Presidente da Fundação Taras Shevchenko no Canadá. A arte traz o poeta ucraniano Taras Shevchenko e está exposta na “Sala da Ucrânia e do Poeta Taras Shevchenko” do Museu do Milênio.	194
FIGURA 45. Objetos com temática ucraniana expostos na Sala da Ucrânia e do Poeta Taras Shevchenko.....	196
FIGURA 46. Exposição de pratos decorados com petrykivkas.	197
FIGURA 47. Exposição de quadros religiosos no Museu do Milênio.	199
FIGURA 48. Quadro elaborado com pertences usados na cerimônia de casamento da descendente de imigrantes ucranianos.....	199
FIGURA 49. Quarto ucraniano em exposição no Museu do Milênio.	202
FIGURA 50. Mesa exposta na Sala típica ucraniana.	204
FIGURA 51. Ícones religiosos expostos no Museu do Milênio.....	205
FIGURA 52. Cartazes sobre o <i>Holodomor</i> expostos no espaço da Sala típica ucraniana.	209
FIGURA 53. Tear exposto no Museu do Milênio em Prudentópolis.....	211
FIGURA 54. Roupas bordadas com temas variados que fazem parte do acervo do Museu do Milênio.	212
FIGURA 55. Casa “típica” de um imigrante ucraniano em exposição no Museu do Milênio.	214
FIGURA 56. Objetos que eram utilizados no cotidiano dos imigrantes e descendentes de ucranianos.....	215
FIGURA 57. Exposição de <i>pêssankas</i> , ovos pintados à mão e repletos de simbologias.	216
FIGURA 58. Exposição de <i>matrioskas</i> ucranianas.	217

LISTA DE MAPAS

MAPA 1. Localização do município de Prudentópolis, Paraná.	29
MAPA 2. Limites territoriais da Ucrânia.	49
MAPA 3. Mapa demonstrando os principados da Rus' de Kiev e o Horda Dourada.	52
MAPA 4. O território da comunidade Polaco-Lituana após o Acordo de Lublin.	53
MAPA 5. Mapa da Ucrânia apresentando a porcentagem de russos étnicos por região, de acordo com o censo ucraniano de 2001.....	60
MAPA 6. Fases da imigração ucraniana no estado do Paraná em diferentes períodos históricos.	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Indicadores associados ao volume de imigrantes ucranianos em direção ao Brasil entre o final do século XIX até meados do século XX – Áreas geográficas referentes à Galícia e Bucovina.	71
Tabela 2. Número anual de visitantes registrados oficialmente no Museu do Milênio.	225

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
AAMM	Associação dos Amigos do Museu Milênio
CSCJ	Catequistas do Sagrado Coração de Jesus
CUCS	<i>Centre for Ukrainian Canadian Studies</i>
COSEM	Conselho Consultivo do Sistema Estadual de Museus
CKBY	Conselho Mundial dos Ucrânicos Livres
COBAP	Cooperativa Ucrâno-Brasileira de Artesanato em Prudentópolis
COOPTUR	Cooperativa de Turismo e Conhecimento
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i>
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Nacional
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
OSBM	Ordem de São Basílio Magno
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
RCUB	Representação Central Ucrânica Brasileira
SEEC	Secretaria de Estado da Cultura
UACUA	<i>Ukrainian American Credit Union Association</i>
USP	Universidade de São Paulo
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-Oeste
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNIPAR	Universidade Paranaense

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	20
LISTA DE MAPAS.....	23
LISTA DE TABELAS	24
LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS	25
INTRODUÇÃO.....	26
1. IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL	45
1.1 A Ucrânia em transformação: um histórico.....	48
1.2 Da Ucrânia ao Brasil: os processos migratórios.....	63
1.3 Imigração ucraniana ao Paraná: identidade e religiosidade.....	82
2. OS LUGARES DE MEMÓRIA EM PRUDENTÓPOLIS	113
2.1 Sobre os Lugares de Memória	114
2.2 A Praça Ucrânia e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko em Prudentópolis/PR	119
2.2.1 Taras Shevchenko e os ucranianos no Brasil	121
2.2.2 A criação da Praça Ucrânia e Monumento ao poeta Taras Shevchenko	125
2.3 A criação do Museu do Milênio e seus desdobramentos	143
3. O MUSEU DO MILÊNIO: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO E VISITANTES	169
3.1 O Acervo e os ambientes do Museu do Milênio	171
3.1.1 A disposição dos espaços do Museu do Milênio.....	170
3.2 O Museu do Milênio e seus visitantes	222
CONSIDERAÇÕES FINAIS	236
FONTES ESCRITAS	244
FONTES ORAIS	245
REFERÊNCIAS	246

INTRODUÇÃO

De fato, a representação justa de uma identidade não é aquela da qual se admite o desaparecimento? Elaborando sua relação consigo e com o mundo, o homem deve fazer frente a duas verdades as quais tem dificuldade em suportar: 1) que morrerá; 2) que será esquecido. Ambas significam a destruição de sua identidade. Talvez a segunda verdade seja ainda mais terrível que a primeira, donde o desejo permanente de fazer memória, quer dizer, deixar seu traço, sua marca, seu sinal, criar, construir, ter filhos, transmitir, assumir sua posteridade, esperando assim afastar seu esquecimento ou pelo menos, atenuar sua brutalidade (Candau, 2016, p. 65).

A citação de Joël Candau (2016) apresenta uma reflexão sobre a relação humana com a mortalidade e o esquecimento, destacando o desejo de perpetuar a identidade por meio de marcas, legados e criação de memórias. Segundo o autor, essa busca está relacionada à tentativa de mitigar a inevitabilidade do desaparecimento e de garantir uma conexão duradoura com o mundo por meio de ações que deixem vestígios: como criar, transmitir e construir (Candau, 2016).

Essa ponderação encontra eco na presente tese, a qual explora a construção de lugares de memória associados à identidade cultural ucraniana em Prudentópolis, no Paraná. A identidade cultural, definida como o sentido de pertencimento a um grupo compartilhando características culturais e históricas comuns, pode ser vista nesse contexto como um processo dinâmico de afirmação e ressignificação de laços com a cultura ancestral (Hall, 2006).

Da mesma forma que o indivíduo busca deixar rastros que assegurem sua posteridade, a comunidade ucraniana de Prudentópolis, construiu lugares de memórias como o Museu do Milênio, a Praça Ucrânia e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko para reafirmar sua presença e resistir ao esquecimento. Esses lugares de memória atuam como ancoradouros de memória coletiva, propagando traços culturais e históricos que vinculam gerações passadas, presentes e futuras.

Nesse sentido, a história de Prudentópolis, desde sua formação e os processos de renomeação territorial, ilustra a dinâmica de inscrição de significados no espaço e no tempo. O esforço para consolidar uma identidade cultural por meio da memória reflete a luta contínua contra a efemeridade, transformando o município em um símbolo da persistência da cultura ucraniana no Paraná.

O recorte temporal se justifica pela concentração de iniciativas voltadas à reafirmação da memória ucraniana em Prudentópolis, iniciadas em 1985 com a celebração do milênio do Cristianismo na Ucrânia. Diante disso, a comunidade decidiu construir a Praça Ucrânia e iniciou as obras do Museu do Milênio, supervisionadas pelo Comitê Pró-Construção e pelo Comitê Canadense-Americano. A inauguração oficial do museu, em 1995, marca o encerramento simbólico de uma década de esforços para consolidar, no espaço urbano, referências materiais e simbólicas da identidade ucraniana. Assim, esse intervalo permite observar um ciclo de fortalecimento da memória coletiva por meio da monumentalização e da articulação entre território, fé e pertencimento étnico.

Nesta tese, opta-se pelo uso da expressão “comunidades” ucranianas no plural, justamente para evidenciar a diversidade interna e a heterogeneidade que compõem o grupo de descendentes de ucranianos em Prudentópolis. Essa escolha busca romper com leituras essencializadas e homogêneas que costumam reduzir essa coletividade a uma unidade estável e consensual. O uso do plural reconhece a existência de diferentes trajetórias familiares, práticas culturais, posicionamentos sociais e formas de inserção no espaço local, marcadas por disputas, tensões e negociações contínuas. Dessa maneira, ao adotar “comunidades ucranianas”, pretende-se destacar que os processos identitários e de construção da memória coletiva são múltiplos, dinâmicos e atravessados por relações de poder que definem quais memórias são valorizadas e quais são silenciadas.

A formação do município de Prudentópolis, localizado no Centro-Sul do Estado do Paraná, está associada ao processo imigratório sucedido ao término do século XIX e início do século XX, por meio do qual um grande contingente de ucranianos adentrou e se instalou na região, designada naquele período como São João de Capanema. O lugar foi denominado dessa forma em homenagem a São João, padroeiro da primeira capela construída no município, e ao Barão de Capanema¹, responsável pela instalação da linha telegráfica e fiscalização das estradas de rodagem da região. Após se emancipar do município de Guarapuava, em 1906², o diretor da colônia, Cândido Ferreira de Abreu³, rebatizou o município com o nome de Prudentópolis, em homenagem ao presidente Prudente de Moraes (Andreazza, 1999; Costa, 2013; Nadalin, 2001).

¹ Guilherme Schüch, o Barão de Capanema (1824–1908), foi um engenheiro e político austríaco naturalizado brasileiro. Atuou na modernização da mineração em Minas Gerais, introduzindo técnicas avançadas de engenharia. Reconhecido por suas contribuições ao desenvolvimento econômico e científico do Brasil, recebeu o título de barão em 1874 (Farah, Guil e Philippi, 2008).

² Em 5 de março de 1906, pela lei de nº 615, criou-se o município denominado Prudentópolis e, pelo decreto nº 242, foi marcada a eleição municipal para o dia 8 de junho (Ramos; Olinto, 2020, p. 26).

³ Cândido Ferreira de Abreu (1856–1918) foi um engenheiro, arquiteto e político paranaense de grande relevância no desenvolvimento urbano de Curitiba. Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, destacou-se como

Segundo Ruy Christovam Wachowicz (1988, p. 116), os primeiros ucranianos chegaram ao estado paranaense no início de 1891, oriundos da Galícia e abrigando-se, ao chegarem, na região de “Rio Claro, Antônio Olinto, Senador Correia, Cruz Machado, Prudentópolis”. Michael Palij (1983, p. 18) calcula que 97% dos rutenos que emigraram para o continente americano no final do século XIX provinham da Província da Galícia.

A Galícia correspondia ao território da atual região ocidental da Ucrânia e partes do sudeste da Polônia, abrangendo uma área de aproximadamente 78 mil km² (Volpi, 2023, s.p.). A economia local era majoritariamente agrária, com a maioria da população dedicada à agricultura de subsistência. Os camponeses enfrentavam diversos problemas, como a escassez de terras cultiváveis, a baixa produtividade agrícola e a alta carga de impostos, fatores que geraram pobreza e insatisfação social.

Apesar de possuir recursos naturais como sal, petróleo e madeira, a exploração dessas riquezas estava concentrada nas mãos de grandes proprietários e de empresas controladas pela elite do Império Austro-Húngaro, o que limitava os benefícios para a população local. A industrialização era incipiente e não conseguia absorver o excedente de mão de obra rural (Volpi, 2023, s.p.).

A combinação de pobreza, escassez de terras, sobrecarga tributária e falta de oportunidades levou muitos galicianos a buscar novas perspectivas na América. O Brasil, com suas promessas de terra abundante e oportunidades de trabalho, foi um dos destinos escolhidos. Prudentópolis, com seu clima e solo similares ao da Galícia, tornou-se um importante polo de imigração ucraniana.

Hoje, a comunidade formada por imigrantes e seus descendentes, foco deste estudo, está localizada em Prudentópolis, município situado na região Centro-Sul do Paraná, a cerca de 200 quilômetros de Curitiba. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município apresenta uma população total de 49.393 habitantes, distribuída em um território de 2.308,5 km². A área urbana concentra 23.043 habitantes, ou seja, cerca de 46,7% da população, enquanto a maioria, 26.350 habitantes (53,3%), está dispersa pelas áreas rurais. Esse cenário evidencia a forte ligação de Prudentópolis com a agricultura e com o modo de vida rural, que molda as dinâmicas econômicas, sociais e culturais da região.

engenheiro responsável pela reestruturação da capital paranaense, incluindo a modernização de ruas, praças e prédios públicos (Farah, Guil e Philippi, 2008).



MAPA 1 - Localização do município de Prudentópolis, Paraná.
Fonte: Ipardes (2023).

Além disso, o município se destaca pela estrutura social diferenciada entre o urbano e o rural, com características peculiares em cada setor. Na área urbana, há maior acesso a serviços de saúde, educação e comércio, embora na área rural prevaleçam os laços comunitários, as práticas de subsistência e as atividades agrícolas, especialmente o cultivo de soja, milho, feijão e trigo (IBGE, 2022).

Na década de 1980, os imigrantes e seus descendentes representavam cerca de 75% da população⁴, um fator que contribuiu para a construção de uma identidade local majoritariamente ucraniana (Ramos, 2017, p. 192). Os outros 25% da população eram compostos principalmente por descendentes de outras etnias, como alemães, italianos, poloneses, portugueses e outras nacionalidades que também se estabeleceram na região ao longo do processo de colonização e migração no Brasil (Andreazza; Nadalin, 1994).

Prudentópolis, assim como diversos municípios de perfil predominantemente rural no Brasil, apresenta um quadro marcado por transformações demográficas vinculadas a deslocamentos populacionais internos, em especial o movimento migratório do campo para a cidade. Segundo a perspectiva de Veiga (2002), esse processo historicamente associado a fatores estruturais como a mecanização das atividades agropecuárias, a escassez de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural, a limitada oferta de serviços e a concentração fundiária, têm contribuído para o afastamento de parcelas jovens da população das áreas rurais.

Economicamente, Prudentópolis é essencialmente agrária, com uma estrutura fundiária ainda baseada em pequenas propriedades rurais. Sobressai-se na produção de feijão, fumo em folha, milho e soja. O município é composto por várias comunidades rurais conhecidas como

⁴ Atualmente faltam dados técnicos e acadêmicos que documentem essas informações de forma mais aprofundada.

Linhas Coloniais⁵, algumas das quais se tornaram núcleos ou pólos centrais devido à concentração de habitantes ou à presença de serviços como igrejas, escolas, postos de saúde, postos dos correios e melhor acesso viário até a área urbana de Prudentópolis.

Acerca desse processo imigratório, Oksana Boruszenko ressalta que “a imigração ucraniana no Paraná ocorreu em três etapas distintas” (1995, p. 9). A fase pioneira aconteceu nos fins do século XIX, e é ressaltada pela historiadora como sendo aquela na qual “os ucranianos, principalmente camponeses e agricultores, se submeteram a uma política oficial de povoamento do governo nacional e foram instalados em lotes coloniais na região de Prudentópolis” (Boruszenko, 1995, p. 9-10).

A segunda fase ocorreu no início do século XX, mais precisamente após o ano de 1918, “logo após a Primeira Guerra Mundial”, destacando-se que “os motivos, desta vez eram, sobretudo, políticos” (Boruszenko, 1995, p. 9). Desse modo, e em razão do fracasso da independência da Ucrânia em 1919, a população ucraniana vivenciou a forte dominação simultânea da Polônia e da Rússia.

Nessa conjuntura, um grande contingente de ucranianos abandonou sua pátria de origem e rumou para países da América, sobretudo para o Brasil, com o objetivo de encontrar melhores condições de vida. Os imigrantes que adentraram o estado paranaense nesse ínterim foram encaminhados aos já consolidados lotes coloniais (Ramos, 2012).

A última etapa da imigração ucraniana ocorreu após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, segundo Boruszenko, foi considerada a maior em número de indivíduos. Registra-se que “eram mais de duzentos mil imigrantes, entre operários, ex-prisioneiros de guerra, refugiados políticos e soldados” (Boruszenko, 1995, p. 10). Além desses imigrantes instalados no Brasil, outros se refugiaram em países como Argentina, Canadá e Estados Unidos.

Por isso, esse processo migratório introduziu na região uma identidade cultural cujos indicadores são a linguagem, muito diferente do idioma vernáculo, pela cultura tradicional e, sobretudo, pela religiosidade, acentuada pela fé na Igreja Greco-Católica Ucraniana, de rito litúrgico bizantino. Por conta disso, da Ucrânia, o rito acompanhou os imigrantes que vieram para o Brasil. O Rito Bizantino para os imigrantes, bem como para os descendentes de ucranianos, é praticado no Brasil buscando reforçar o pertencimento étnico desses indivíduos.

⁵ Em Prudentópolis, uma “linha colonial” é uma denominação dada a comunidades rurais que foram estabelecidas ao longo do processo de colonização da região. As linhas coloniais são caracterizadas por serem áreas onde imigrantes e seus descendentes se estabeleceram, visto que foram originalmente demarcadas para definir lotes de terra concedidos aos imigrantes, geralmente de origem europeia, como os ucranianos e poloneses (Hauresko, 2019, p. 5). Ao longo do tempo, algumas dessas linhas coloniais se tornaram núcleos populacionais mais expressivos dentro do município.

O debate acerca do conceito de identidade foi importante para o desenvolvimento desta pesquisa, já que é constantemente influenciada por fatores endógenos e exógenos e, por conta disso, sempre construída em contextos sociais (Cuche, 2002). Nesse sentido, a difusão de costumes e hábitos permitiu e recriação da identidade cultural dos imigrantes ucranianos, que, ao se organizarem e reinterpretarem seus costumes, conseguiram reproduzir e reinventar atitudes, práticas, linguagens e discursos, garantindo a coesão social de sua comunidade.

A identidade cultural não é estática e pode ser moldada por diversos fatores, incluindo o ambiente em que as pessoas vivem. Prudentópolis é conhecida por abrigar uma comunidade numerosa de descendentes de ucranianos, os quais, ao migrarem para a cidade, entraram em contato com uma variedade de influências culturais locais, incluindo brasileiros e descendentes de poloneses. A convivência com essas diferentes culturas, a interação com os habitantes locais e a adaptação ao novo ambiente contribuíram para a transformação e adaptação da identidade cultural ucraniana.

A interrupção das relações sociais anteriores e a perda de referências culturais têm um impacto profundo na identidade de um indivíduo. O filósofo, psiquiatra e intelectual afro diaspórico martinicano Stuart Hall (2006, p. 09), descreve isso como um “deslocamento ou descentração do sujeito”, que se refere à sensação de perda de um sentido estável de si mesmo. Quando uma pessoa é removida de suas bases culturais, como família, comunidade, e valores compartilhados, a identidade torna-se fragmentada, levando-a a uma crise. Imigrantes, ao se mudarem para um novo país, enfrentam a ruptura de suas relações sociais anteriores e a perda de suas referências culturais familiares, desestabilizando o sentimento de pertença, resultando em uma sensação de alienação ou deslocamento. No entanto, essa mesma crise de identidade leva o imigrante a uma busca por uma continuidade cultural, como forma de manter um sentido de si mesmo e de sua identidade em um novo contexto.

Manuel Castells (2018, p. 22-23), vincula a identidade aos “atores sociais”, concebendo-a como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou, ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Esses “atores sociais” se caracterizam como os imigrantes, que apresentam distintas identidades, originadas e construídas por si próprios. Na visão de Hall, o indivíduo não necessariamente é concebido com uma identidade, mas é quem a forma e a transforma “no interior da representação” (Hall, 2006, p. 47-48).

Entendendo a identidade como um “processo de transformação” (Hall, 2002, p. 29), os pontos de referência que antes proporcionavam estabilidade ao indivíduo agora estão desmantelados, dado que ele é um migrante. Dessa maneira, independentemente das razões que

o levaram a migrar, ele se vê ligado à possibilidade de ser assimilado por uma nova identidade cultural, se reconectando como membro da comunidade onde se encontra atualmente.

Desse modo, considera-se que a identidade é constituída a partir da interiorização de uma tradição, de uma memória compartilhada, onde as afinidades são estabelecidas, e assim as pessoas passam a se sentir pertencentes a um grupo social. Nesse panorama, a identidade pode se basear na “ideia de uma descendência comum, de uma história assumida em conjunto ou de um espaço com o qual o grupo assume elos” (Claval, 2001, p. 179).

A identidade cultural é, de fato, uma construção dinâmica, constantemente moldada por interações, deslocamentos, e influências externas. No caso da comunidade ucraniana em Prudentópolis, no Paraná, essa identidade não permanece estática, mas se transforma ao longo do tempo, incorporando elementos da nova realidade em que essa comunidade está inserida. A comunidade ucraniana, ao se estabelecer em Prudentópolis, trouxe consigo suas tradições, costumes, língua e crenças religiosas. Em contrapartida, ao interagir com a cultura local brasileira e com outras comunidades presentes na região, esses elementos culturais originais passaram a se misturar com novas influências.

A criação do Museu do Milênio em Prudentópolis, em 1995, pela comunidade de descendência ucraniana ali estabelecida, objeto central da pesquisa, foi um elemento essencial para construir uma identidade ucraniana no espaço público, tornando-se um marco que se propagou como representativo dos imigrantes ucranianos no Brasil. Sendo assim, os ucranianos e seus descendentes adotaram um movimento que consiste em (re)elaborar, (re)significar e (re)inventar costumes e tradições, que lhes garantem visibilidade e inserção como sujeitos construtores e fundamentais para o município.

Partindo das concepções defendidas pelo historiador Pierre Nora (1993), entendemos que o Museu do Milênio representa um lugar de memórias, mediante o acúmulo e organização de objetos, testemunhos e resquícios que constroem a identidade e a cultura de um povo. Nora (1993, p. 12) assevera que “os lugares de memória são, antes de tudo, restos [...] deixados pelos antepassados e que, na contemporaneidade, são preservados com o intuito de incitar as lembranças”, visto que a “sociedade contemporânea vivencia uma memória arquivística” (Nora, 1993, p. 15). Esses lugares são considerados como pontos de referência que ajudam a moldar a identidade e a memória coletiva de um grupo, e podem variar desde monumentos e edifícios até rituais e tradições.

Segundo Marta Beló⁶ (2022), descendente de imigrantes ucranianos, recepcionista e guia do Museu do Milênio, a Paróquia São Josafat disponibilizou, em 1985, um terreno na esquina das ruas São Josafat e Cândido de Abreu para a construção de um espaço que celebrasse a cultura ucraniana. Nesse mesmo ano, membros da paróquia, com o apoio de ucranianos do Canadá e dos Estados Unidos, formaram o Comitê Pró-Construção, que decidiu criar um complexo arquitetônico composto por um monumento e uma estátua em homenagem ao poeta Taras Shevchenko, além de um espaço no subsolo para fins culturais. Após quatro anos de trabalho, em 1989, foi inaugurada a Praça Ucrânia neste terreno, concretizando o projeto idealizado pelo comitê. O espaço cultural no subsolo posteriormente se tornou o Museu do Milênio.

Taras Shevchenko foi um poeta ucraniano do século XIX e um dos primeiros a escrever em ucraniano. A maior universidade⁷ da Ucrânia tem o seu nome. Segundo o site *Kobzar*, o qual leva o nome de sua principal obra⁸, publicada em 1840: “trata-se de um homem de dons [...], toda a sua vida e obra foram dedicadas ao povo ucraniano. O poeta sonhava com uma época em que o seu país seria um estado soberano independente, em que a língua, a cultura e a história do povo passariam a ser honradas na Ucrânia e as pessoas seriam felizes”⁹.

Durante a pesquisa da tese, buscamos investigar as motivações que levaram descendentes de ucranianos do Canadá a se envolverem com a comunidade ucraniana de Prudentópolis e quais foram suas intenções na criação de espaços de sociabilidade que são hoje importantes lugares de memória da cidade. Compreender os motivos para a criação desses locais de memória e sua relação com a história e cultura ucraniana em Prudentópolis é necessário para entender como essa comunidade construiu e continua a construir sua identidade e memória coletiva. O Museu do Milênio, nesse contexto, desempenha uma função importante para a reinvenção, interpretação e transmissão da memória coletiva da comunidade ucraniana.

A partir do que foi apresentado, a pesquisa visa responder as seguintes questões investigativas: Como aconteceu a criação dos lugares de memória em Prudentópolis? Quais foram as intenções dos envolvidos no processo de criação da Praça Ucrânia, do monumento Taras Shevchenko e do Museu do Milênio? De que forma o museu reflete na construção

⁶ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

⁷ Universidade Nacional de Kiev Taras Shevchenko, localizada em Kiev, na Ucrânia.

⁸ Taras Shevchenko foi apelidado de *Kobzar* após a publicação deste livro. A partir desse momento, este título foi aplicado à poesia de Shevchenko em geral e adquiriu um significado simbólico do renascimento nacional e literário ucraniano.

⁹ Disponível em www.kobzar.pt. Acesso em 7 set. 2023.

identitária da comunidade? Que acervo o museu possui e como este é organizado? Como o museu influencia na construção de uma memória coletiva?

A pesquisa se justifica pela peculiaridade étnico-cultural apresentada no município de Prudentópolis, que é formado por “colônias” baseadas na pequena propriedade familiar. O município foi constituído a partir de uma população predominantemente oriunda da Ucrânia, impondo uma relação cultural de características ímpares e díspares em relação aos outros locais colonizados por imigrantes europeus. Além disso, a ausência de materiais acadêmicos e pesquisas específicas sobre os diversos lugares de memória, principalmente no que se refere ao Museu do Milênio, foi um dos fatores determinantes para a delimitação deste estudo.

O estudo sobre monumentos e lugares de memória, como o Museu do Milênio e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko, permite compreender os valores históricos que eles expressam de maneira plástica e simbólica, servindo como representações simbólicas de períodos, experiências e identidades coletivas. Para Le Goff (1985, p. 95), “o monumento é um sinal do passado [...] é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Estes, frequentemente localizados em espaços públicos, operam como pontos de conexão entre o presente e o passado, materializando memórias que vão além da simples celebração ou preservação histórica. Além disso, são esses lugares que carregam marcas de um passado que, ao ser resgatado, é constantemente reinterpretado e enfatizado de acordo com as narrativas construídas pelas comunidades que os reinventam.

O monumento possui a capacidade de reconfigurar a relação expansiva entre diferentes tempos, evidenciando a simultaneidade, a permanência e a sucessão inerentes ao próprio tempo, pois atua como um elo físico com o passado, trazendo-o ao presente por meio de sua materialidade e simbolismo. Contudo, de forma paradoxal, o monumento reflete a ausência, ao se situar em um tempo que já não lhe pertence, marcando a distância entre “o que foi” e “o que é” (Baccin, 2014). Por isso, o monumento a Shevchenko celebra sua memória e consolida a identidade cultural ucraniana em terras brasileiras, representando um ponto de conexão entre o passado, o presente e as aspirações futuras dessa comunidade.



FIGURA 1 - Praça Ucrânia localizada em Prudentópolis/PR.
Fonte: Acervo do autor (2024).



FIGURA 2 - Estátua do poeta ucraniano Taras Shevchenko, construída sobre o Museu do Milênio, na Praça Ucrânia em Prudentópolis/PR.
Fonte: Acervo do autor (2022).



FIGURA 3 - Museu do Milênio localizado no subsolo da Praça Ucrânia.
Fonte: Acervo do autor (2024).

As principais fontes utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa são de natureza oral, empregando a metodologia da História Oral como abordagem central. Essa metodologia permite acessar memórias individuais e coletivas, oferecendo uma compreensão das narrativas que moldaram o processo de criação e atribuição de sentidos aos lugares de memória em Prudentópolis. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas diretamente envolvidas na concepção e implementação desses lugares de memórias.

As entrevistas buscaram capturar os fatos e eventos associados à criação desses espaços, além das motivações, sentimentos e significados atribuídos a eles pelos participantes. Entre os entrevistados, destacam-se lideranças comunitárias, descendentes de imigrantes ucranianos, responsáveis por instituições culturais e outros agentes envolvidos na dinâmica de sustentação da identidade cultural local. As questões abordaram temas como a escolha dos elementos que compõem os lugares de memória, os desafios enfrentados durante o processo, as intenções por trás das iniciativas e a percepção de seu impacto na comunidade.

Meroslawa Krevei foi entrevistada e se tornou uma fonte de bastante relevância na compreensão acerca do objeto de pesquisa. Para a realização das entrevistas, Krevei foi procurada com antecedência, para que conhecesse a finalidade da pesquisa, bem como o tema a ser abordado. Desde o primeiro momento, ela se dispôs a contribuir conforme a sua disponibilidade de data e horário. Krevei tem atualmente 89 anos, é professora municipal

aposentada, catequista do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus¹⁰, e desde a fundação do Museu do Milênio de Prudentópolis exerce o cargo de diretora e curadora. Durante a pesquisa, buscou-se compreender como a curadora e diretora do Museu do Milênio auxilia na (re)produção de memórias compartilhadas/coletivas, contribuindo para a sustentação da cultura e da identidade ucraniana no município de Prudentópolis. Todorov (2002) salienta que a memória deve ser concebida como vestígios mnésicos, e dessa forma auxiliaria na constituição de sentidos e identidade para uma testemunha e sua coletividade.

Entrevistamos Marta Beló, de 40 anos, a qual é atendente e guia do Museu do Milênio em Prudentópolis. Formada em Língua Portuguesa, possui descendência ucraniana e faz parte do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, o mesmo instituto ao qual Meroslawka Krevei pertence. Desde a adolescência, Marta auxilia o museu como guia e tradutora, mas apenas em 2016 seu vínculo empregatício foi formalizado perante a Prefeitura Municipal. Sua ligação com o Instituto destaca seu compromisso com a propagação da cultura ucraniana e com os valores religiosos e espirituais que permeiam as comunidades de Prudentópolis.

Além desta, realizamos a entrevista com Helena Ternoski Gerei, a qual é responsável pela Cooperativa Ucrâno-Brasileira de Artesanato em Prudentópolis (COBAP). Descendente de ucranianos, atua na promoção e ressignificação das tradições artesanais das comunidades. Sua atuação na cooperativa evidencia a valorização da cultura ucraniana através do artesanato, especificamente o bordado.

Também entrevistamos Lademiro Gerei, o qual exerceu o cargo de presidente executivo do Comitê Pró-Construção do monumento ao poeta Taras Shevchenko e ao Milênio do Cristianismo na Ucrânia. Além de ser descendente de ucranianos, possui experiência na área da construção civil, e seu envolvimento no comitê demonstrou seu compromisso com a manutenção da memória histórica e cultural das comunidades ucranianas em Prudentópolis.

Entrevistamos Mario Lachovicz, o qual é descendente ucraniano e atuou como vereador em Prudentópolis de 1989 a 2004. Seu papel como vereador demonstra sua ligação com as comunidades locais e seu interesse em questões que afetam a população, principalmente os descendentes de ucranianos do município. Como representante político, esteve presente em reuniões do Comitê Pró-Construção do monumento ao poeta Taras Shevchenko e ao Milênio

¹⁰ O Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus fundado em 1940, é uma comunidade de mulheres consagradas que dedicam suas vidas ao serviço da Igreja Católica e à propagação do Evangelho. As “catequistas” atuam na educação religiosa, formação espiritual e assistência pastoral das comunidades, além de estarem envolvidas em atividades como catequese de crianças, jovens e adultos, visitas pastorais, acompanhamento espiritual e organização de eventos e celebrações religiosas (Gomes, 1972, p. 97-98).

do Cristianismo na Ucrânia, Lachovicz teve uma função importante na defesa dos interesses das comunidades e na promoção de políticas que apoiassem a cultura e identidade ucraniana em Prudentópolis.

Humberto José Sanches, engenheiro da Prefeitura Municipal de Prudentópolis desde a idealização do Museu do Milênio, também foi entrevistado. Seu envolvimento desde o início do projeto realça sua contribuição para a concretização desse lugar de memória na cidade. Como engenheiro e membro da equipe de apoio do Comitê de Construção, Sanches auxiliou na construção do museu, nas análises, interpretações e exposições do projeto, garantindo que fosse um local adequado para a construção da Praça, do Monumento ao poeta e do Museu.

O padre da Ordem de São Basílio Magno¹¹ e redator-chefe do Jornal *Prácia*, Tarcísio Orestes Zaluski foi entrevistado, visto que tem uma atribuição relevante nas comunidades de Prudentópolis. O jornal, criado em 1912, ao longo de sua história centenária, se consolidou como um importante instrumento para a compreensão e registro das experiências dos imigrantes ucranianos em seu novo território.

Além destes, entrevistamos José Saviski, o qual é descendente de ucranianos e proprietário de uma metalúrgica, exercendo uma atuação direta entre a paróquia e os projetos monumentais que marcaram a história de Prudentópolis. Desde a criação da Praça Ucrânia, do monumento em homenagem ao poeta Taras Shevchenko e do Museu do Milênio, Saviski fez parte da equipe de apoio do Comitê Pró-Construção. A ligação direta com a paróquia destaca seu compromisso com o aspecto material desses projetos, e conseqüentemente com a identidade cultural que representa as comunidades.

Por fim, entrevistamos Samuel Semzezyn, de 49 anos, historiador desde o ano 2000 e atualmente locutor na rádio Copas Verdes FM, uma emissora inicialmente vinculada à Paróquia São Josafat e depois vendida para uma família de paroquianos. A rádio, inclusive, ocupou uma das salas do Museu do Milênio por um período após sua fundação em 2005. Em 2007, com a criação da AAMM (Associação dos Amigos do Museu Milênio), entidade responsável pela gestão e cuidado do lugar de memória, Samuel assumiu a presidência, a qual exerce até a atualidade. Como um dos organizadores, esteve presente na coleta de objetos para a primeira exposição realizada no museu, realizada em 1995, e intitulada “Os ucranianos em

¹¹ A Ordem de São Basílio Magno, conhecida como Ordem Basiliiana de São Josafat, foi fundada no ano de 1617 e se caracteriza como uma comunidade de vida consagrada inserida na Igreja Oriental, de Rito Bizantino. No município de Prudentópolis, os padres pertencentes a essa Ordem são popularmente conhecidos como “padres ucranianos” ou “basilianos” (Corrent, 2019, p. 58).

Prudentópolis”, evidenciando seu compromisso com a valorização e a divulgação da memória histórica e cultural das comunidades ucranianas na região.

Em todas as circunstâncias, optou-se por realizar entrevistas temáticas, feitas a partir de questionários semiestruturados. Alessandro Portelli (2016, p. 10) expõe que não se trata somente de “recolher” memórias, ou “coletar” entrevistas, mas que “as fontes orais são cocriadas”, e a *entre-vista* deve ser concebida como “uma troca de olhares” (Portelli, 2016, p. 11, grifos do autor). Com base nisso, “as fontes orais carregam o inesperado, o inusitado e até mesmo o contraditório” (Portelli, 2016, p. 12). Dessa forma, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador, respeitando sempre a sequência memorialística dos entrevistados e valorizando seus silêncios e não-ditos.

A esse respeito, Verena Alberti (2013; 2019) evidencia os pontos positivos e negativos da utilização dessa modalidade de entrevista. Num primeiro momento, através da entrevista temática, as lembranças e detalhes podem ser muito mais esmiuçados à luz de diversos olhares. Entretanto, alguém com maior poder de fala ou influência poderá silenciar outras vozes e memórias (Alberti, 2013; 2019). Corroborando com essa perspectiva, Portelli (1997) discorre que a entrevista deve ser concebida como mais um documento, combinada com a procura de explicações e, por isso, “o grau de performance do entrevistador como condutor dos trabalhos fica mais evidente” (p. 19).

As entrevistas realizadas revelaram uma convergência em relação aos elementos comuns presentes nas lembranças dos entrevistados, o que reforça o conceito de “memória forte” proposto por Joël Candau (2016). A memória forte é caracterizada por ser organizada, coerente, massiva e, sobretudo, cristalizada, devido à sua conexão com um grande grupo social (Candau, 2016, p. 62).

No contexto de Prudentópolis, essa “memória forte” se manifesta de maneira clara, com os descendentes de imigrantes ucranianos demonstrando uma identidade coletiva que transcende gerações. Esses entrevistados compartilham recordações semelhantes e perpetuam tradições e costumes identificados como ucranianos, reforçando essa identidade coletiva. Isso se evidencia na prática religiosa, onde a maioria frequenta a Igreja Matriz Católica-Ortodoxa, preferindo essa instituição religiosa em detrimento de outras. Além do mais, mesmo sendo fluentes em português, esses descendentes frequentemente utilizam a língua ucraniana em público, reafirmando sua ligação com a cultura de seus antepassados. Ao se autodenominarem ucranianos, em vez de brasileiros, os entrevistados demonstram como a “memória forte” cristaliza uma identidade coletiva robusta, que orienta suas práticas e autopercepções dentro do contexto local.

A História Oral, além de ser “dialógica, é performática” (Portelli, 2016), já que ela não pode ser separada da linguagem e das expressões empregadas na narração. Esses aspectos fazem dela a “arte da escuta”, que auxiliará o historiador a aprender mais e a ter diferentes visões do fazer História Oral (Portelli, 2016, p. 34). Para Portelli (2016), a História Oral é a articulação íntima da história dos eventos, com a história da memória e com a história da interpretação dos eventos através da memória. A memória precisa ser concebida não como um mero depósito de informações, mas como “um processo contínuo de elaboração e de reconstrução de significados” (Portelli, 2016, p. 18).

Dessa forma, a História Oral representa grandes possibilidades de pesquisa qualitativa, como: revelar caminhos mais amplos para o assunto estudado, apresentar alternativas de conclusões diversas e inovadoras para processos já resolvidos, recuperar aspectos históricos regionais, étnicos, de gênero, nacionais ou locais sob outros pontos de vista, recuperar ou ter acesso inédito a registros de processos que não estão inscritos nas documentações históricas ou não estão à disposição de forma aberta à pesquisa, reformar uma cronologia, conhecer o outro lado da história, com os depoimentos de anônimos e vencidos o que possibilita o registro alternativo dos fatos históricos a partir da versão colhida com a História Oral (Delgado, 2006). “A história não termina quando o gravador é desligado, quando o documento é depositado, quando o livro é escrito; ela começa a viver naquele dia” (Portelli, 2016, p. 43).

A metodologia da História Oral apresenta diferentes possibilidades, dentre elas: a subjetividade com que a história é relatada e as interpretações de resultados, que depende exclusivamente da visão de mundo tanto do entrevistado quanto do historiador. A subjetividade é o grande desafio dessa metodologia, desafio o qual se apresenta desde a coleta do depoimento até a sua interpretação (Delgado, 2006). Outro ponto relevante é que, ao utilizar a metodologia de História Oral, precisamos estar cientes de que, nas narrativas, além das recordações, é necessário examinar a identidade do grupo. Conforme descrito pelo autor: “o que está em questão na memória é, também, o significado da identidade [...] do grupo” (Pollak, 1989, p. 10).

Ainda, o Livro de Atas¹² do Comitê Pró-Construção do Monumento ao poeta Taras Shevchenko e do Museu do Milênio, foi utilizado como fonte de pesquisa. Muitas atas

¹² Ata nº 01 de 29 de outubro de 1985, Ata nº 02 de 14 de dezembro de 1985, Ata nº 3 de 27 de fevereiro de 1986, Ata nº 4 de 03 de maio de 1986, Ata nº 05 de 15 de julho de 1986, Ata nº 06 de 30 de julho de 1986, *Ad perpetuam rei memoriam* de 10 de agosto de 1986, Ata nº 07 de 10 de agosto de 1986, Ata nº 8 de 19 de setembro de 1987, Ata nº 9 de 6 de julho de 1987, Ata nº 10 de 9 de setembro 1988, Ata nº 11 de 9 de fevereiro de 1989, Ata nº 12 de 17 de março de 1989, Ata nº 13 de 20 de abril 1989, Ata nº 14 de 16 de maio de 1989, Ata nº 15 de 21 de junho de 1989, Ata nº 16 de 13 de julho de 1989, Ata nº 17 de 12 de agosto de 1989, Ata nº 18 de 08 de setembro de 1989, Ata nº 19 de 22 de setembro de 1989, Ata nº 20 de 02 de outubro de 1989, Ata nº 21 de 10 de outubro de 1989, Ata nº 22 de 13 de novembro de 1989, Ata nº 23 de 14 de fevereiro 1990, Ata nº 24 de 04 de junho de 1990, Ata nº 25 de 21 de dezembro de 1990, Ata nº 26 de 03 de junho de 1991, e Ata nº 27 de 12 de agosto de 1991.

relacionadas ao processo de criação do monumento ao poeta Taras Shevchenko, da Praça Ucrânia e do Museu do Milênio foram originalmente escritas em ucraniano, idioma dominante entre os integrantes do Comitê Pró-Construção. Essas atas foram traduzidas para o português pelo pesquisador contando com o auxílio de Marta Beló, permitindo que os registros se tornassem acessíveis a um público mais amplo e favorecendo sua utilização como fonte de pesquisa.

O conteúdo dessas atas documenta as decisões tomadas pelos membros do comitê, os debates e as justificativas que fundamentaram cada escolha, oferecendo informações detalhadas sobre o planejamento e execução do projeto, incluindo aspectos financeiros, logísticos e culturais. As atas contextualizam a relevância do monumento no fortalecimento da memória das comunidades ucranianas em Prudentópolis, bem como os objetivos que orientaram a fundação da Praça Ucrânia e do Museu do Milênio como espaços de contextualização e celebração da identidade cultural.

Ademais, utilizaram-se como fonte alguns artigos jornalísticos sobre a construção da Praça Ucrânia, o monumento em homenagem ao poeta Taras Shevchenko e a inauguração do Museu do Milênio publicados no Jornal *Prácia*. Segundo Tarcísio Orestes Zaluski¹³ (2017), redator-chefe do Jornal *Prácia*, o periódico foi criado em 1912 no município de Prudentópolis. A sua tiragem acontece de forma quinzenal e, em certas ocasiões mais importantes, chega a 5 mil exemplares, sendo distribuído para assinantes da cidade e região, bem como outras partes do país (Ramos; Stein, 2021). O jornal tem assinantes na Argentina, Canadá, Estados Unidos, Suíça e Ucrânia. Desde 1992, é produzido de forma bilíngue – português e ucraniano, porém no início de sua circulação era confeccionado exclusivamente em língua ucraniana.

O jornal é produzido pela tipografia – hoje gráfica – dos padres basilianos, Congregação Católica oriunda da Ucrânia ligada a Ordem de São Basílio Magno. Este vínculo estabelecido na gênese do periódico é de grande importância para a compreensão das relações com o conteúdo editorial e o público leitor (Ramos; Stein, 2021). Seu idealizador e primeiro redator, o professor e imigrante ucraniano Ossyp Martenetz, manifestou na primeira edição a finalidade e o nome adotado pelo periódico:

[...] oferecer suporte e informações de caráter político, cultural e religioso para o povo ucraniano no Brasil e elevar o seu nível cultural, fornecendo notícias internacionais, nacionais e d'a terra de origem desse povo – Ucrânia. [...] “Prácia” (O Trabalho): é com trabalho que todos os povos elevam o seu nome

¹³ Entrevista concedida ao autor em 26 de setembro de 2017.

na arena internacional; é com trabalho que o povo Ucrainiano progride aqui no Brasil¹⁴.

Os jornais étnicos, como o *Prácia*, tornam-se instrumentos sustentadores do sentimento de pertencimento, pois como apontado por Escudero (2007, p.12), “a imprensa destes grupos consegue reproduzir a atmosfera cultural do país de origem que o envolvem, como uma espécie de cordão umbilical. Um cordão umbilical não no sentido de resistência, mas de abrigo e dependência na luta pelo reconhecimento”. Esses jornais, além de documentarem acontecimentos locais, articulam valores, preocupações e aspirações das comunidades, fornecendo conteúdos sobre sua história, identidade e presença do grupo ao longo do tempo.

Ainda nisso, no que diz respeito ao uso jornais como fontes históricas, Heller (2016) destaca que os jornais são importantes documentos históricos que nos permitem analisar a produção de discursos e ideias em uma determinada época e contexto. Não obstante, a autora descreve que os jornais podem ser utilizados para “compreender os processos de construção e reconstrução da identidade cultural de uma comunidade” (Heller, 2016, p. 31).

Nesse sentido, os jornais influenciam ativamente questões políticas e sociais da população, ao disseminar percepções, ideias, valores e ideologias, constituindo-se como uma fonte vasta e imprescindível para estudos que fogem do tradicional na historiografia. Segundo Maria Helena Capelato (1988, p. 21), o jornal “é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e de diversas situações; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos informações sobre as sociedades, seus hábitos e tradições, relatos sobre questões econômicas”.

Em suma, utilizaram-se como fontes visuais, registros fotográficos dos eventos que se circunscrevem ao Museu do Milênio e seu acervo, além de fotografias demonstrando os lugares de memória na contemporaneidade. A fotografia, ao ser considerada uma fonte histórica de valor inestimável, cumpre uma função relevante na elaboração de interpretações sobre a história oficial, fornecendo aos historiadores percepções essenciais para sua compreensão. A imagem tem uma narrativa que precisa ser decifrada, ou, do ponto de vista semiológico: “constitui um discurso. Se a imagem é um discurso, podemos pressupor que a literalidade da fotografia não é algo natural, mas cultural” (Carvalho; Lima, 2009, p. 43). É importante destacar que esses registros são “atos de testemunho ocular”, conforme postula Peter Burke (2017) e devem ser considerados “documento-monumento,” como defende Jacques Le Goff (1994).

¹⁴ Disponível em www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-pracia.php. Acesso em 15 nov. 2022.

Nesta pesquisa, o termo “o imigrante” e “o descendente de ucranianos” será utilizado no masculino e no singular como recurso de simplificação linguística, com o objetivo de favorecer a fluidez da leitura ao longo do texto. Essa escolha não implica a invisibilização das mulheres ou a negação das pluralidades de gênero presentes nos processos migratórios e na construção identitária. Reconhece-se, inclusive, a participação das mulheres nos processos de ressignificação cultural e sua atuação na construção de uma identidade ucraniana no Brasil, especialmente por meio da comunicação de saberes, práticas religiosas e hábitos familiares. Dessa maneira, o uso do masculino, deve ser compreendido como uma convenção gramatical, sem prejuízo do reconhecimento da diversidade de sujeitos históricos envolvidos nas dinâmicas analisadas.

No primeiro capítulo, intitulado “Imigração Ucraniana no Brasil”, será destacada a história da Ucrânia e da imigração ucraniana para o Brasil, visto que isso é necessário para contextualizar a formação da identidade cultural em Prudentópolis. Este capítulo se embasa em fontes acadêmicas e de cunho memorialístico, abordando aspectos relevantes da história da Ucrânia, bem como os eventos e fatores que influenciaram a migração ucraniana para o Brasil. Para compreender a imigração ucraniana para o Brasil, é essencial explorar a história da Ucrânia como nação. Iremos abordar os principais períodos históricos, eventos políticos e sociais que moldaram a Ucrânia e influenciaram suas relações com outros países europeus. Este contexto histórico é essencial para compreender as razões que levaram os ucranianos a buscarem novas oportunidades em terras estrangeiras, como o Brasil. A base deste capítulo será uma análise de fontes acadêmicas, como estudos históricos e sociológicos, que fornecem uma visão ampla e embasada sobre a imigração ucraniana. Além disso, serão consideradas fontes memorialísticas, como relatos de imigrantes e documentos que reforçaram as experiências e memórias daqueles que deixaram a Ucrânia em busca de uma nova vida no Brasil.

No segundo capítulo, intitulado “Os lugares de memória em Prudentópolis”, o objetivo é problematizar a criação de monumentos e lugares de memória como formas de manutenção do “cordão umbilical” com a ideia de terra ancestral, recriada pelas próprias comunidades diaspóricas. Do mesmo modo, busca-se analisar a criação da Praça Ucrânia, do monumento ao poeta Taras Shevchenko e do Museu do Milênio, como uma expressão tangível do vínculo com as raízes ucranianas. Trataremos sobre o contexto histórico, os envolvidos nesses projetos e as intenções da Paróquia de São Josafat em relação às comunidades ucranianas de Prudentópolis. Por último, almejamos compreender a fundação do Museu do Milênio como uma produção de sentidos identitários associados à constituição de uma memória coletiva e uma identidade ucraniana no município. A importância desses monumentos vai além de sua função estética;

eles representam uma homenagem à cultura e história ucranianas, reafirmando a identidade dessas comunidades dentro do contexto brasileiro.

No terceiro capítulo, intitulado “O Museu do Milênio: organização do acervo e visitantes”, problematizamos vários aspectos relacionados ao Museu do Milênio, dentre eles, a organização do acervo do espaço, a disposição dos ambientes interiores e suas respectivas finalidades. Aqui, a pesquisa examina a disposição física dos espaços dentro do Museu do Milênio, analisando como a organização dos ambientes contribui para a experiência dos visitantes e a narrativa histórica apresentada pelo museu. A disposição desses espaços influencia a experiência do visitante, e reflete as escolhas curatoriais e a narrativa que o museu busca transmitir. Na última seção deste capítulo, voltaremos para a análise do público visitante do Museu do Milênio. Investigaremos quem são esses visitantes, quais são suas motivações para frequentar o museu e como eles interagem com os espaços e o acervo.

CAPÍTULO 1

IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza (Ianni, 2000, p. 13).

Do ponto de vista conceitual, a imigração é definida como um “movimento de entrada, seja de caráter permanente ou temporário, com a intenção de trabalho ou residência, de pessoas de um país para outro” (Brito, 2013, p. 78). A palavra “migrar” tem sua origem no latim *migrare*, que denota o ato de atravessar fronteiras e territórios, passando de um país para outro (Souza, 2010). Dessa forma, o imigrante é caracterizado como um estrangeiro que se desloca de seu país de origem para estabelecer residência em outra nação, trazendo consigo seus costumes, hábitos e tradições.

Segundo o Relatório Mundial sobre Migração, a imigração é definida como a “movimentação de indivíduos ou grupos que se deslocam de uma área geográfica para outra, com o intuito de se estabelecer de maneira temporária ou permanente em um espaço diferente de sua origem” (Organização Internacional para as Migrações, 2022, p. 04). Nesse contexto, a manifestação do movimento migratório revela-se como uma ocorrência constante, manifestando-se ao longo dos séculos em diversas regiões do mundo.

A migração é um fenômeno histórico contínuo. Partir ou deixar a terra de seus ascendentes, mesmo sem a possibilidade de retorno, frequentemente é a única opção viável para o migrante. Ao longo de vários períodos da história, é evidente a necessidade e/ou o desejo de indivíduos ou famílias inteiras deixarem as terras que ocupam para buscar sobrevivência ou melhores condições de vida em outros lugares. “Ninguém migra longa distância sem que exista um impulso, muito subjetivo, da esfera da esperança, impulso esse chamado, por alguns, de ilusão migratória” (Ramos, 2017, p. 189). Por isso, a imigração transcende a simples mudança geográfica, envolvendo transformações sociais, culturais e psicológicas tanto para os indivíduos que migram quanto para as sociedades de origem e de acolhimento.

Esse deslocamento constante, especialmente no final do século XIX e início do século XX, durante intensas ondas de migração, permitiu o movimento dos povos e a ocupação de territórios em várias regiões do mundo, incluindo a América. Durante períodos de guerra ou

quando uma nação dominava outra, a migração para diferentes países era vista como uma forma de escapar e sobreviver. Desse modo, por diversas razões, as migrações ocorrem e ocorreram. Num contexto geral, ninguém migra apenas por motivos subjetivos. Outros fatores impulsionam a partida da terra de seus ascendentes pelos migrantes.

A imigração ucraniana no Brasil, com destaque para o contexto de Prudentópolis, pode ser analisada à luz das teorias de Abdelmalek Sayad (1998) sobre a “provisoriedade” e “os paradoxos da imigração”. Para Sayad, a imigração carrega um “caráter provisório” que se perpetua, mesmo quando a permanência do imigrante no país de acolhimento se estende por anos, a ideia do retorno ao país de origem permanece no horizonte, ainda que nunca se concretize. Esse senso de transitoriedade molda a forma como o migrante se relaciona com seu novo ambiente, mantendo tentativas de vínculos com o local de origem e construindo sua identidade em um espaço intermediário (Sayad, 1998).

No plano individual, Sayad destaca o impacto existencial da imigração, pois o imigrante “vive em constante tensão, dividindo-se entre o país de origem e o país de destino” (Sayad, 1998, p. 45). Essa vivência coloca-o em uma posição de “ausência-presença”, onde sua identidade é constantemente “negociada entre o aqui e o lá”, o presente e o passado (Sayad, 1998, p. 48). A recontextualização de igrejas de Rito Bizantino, das festividades, das danças folclóricas e do ensino do idioma ucraniano refletem o esforço de ancorar sua identidade no “lá” enquanto se adaptam ao “aqui”. Ao mesmo tempo, essas práticas servem como mecanismos para lidar com a fragmentação de vínculos e a necessidade de reconstruir uma sensação de pertencimento. Muitos imigrantes ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis enfrentam desafios na negociação entre o “passado”, simbolizado pela cultura de seus antepassados, e o “presente”, que exige adaptações ao contexto brasileiro. Essa negociação contínua provoca um sentimento de perda ou nostalgia, ao mesmo tempo em que fortalece um senso coletivo de identidade.

A metáfora de Sayad sobre o imigrante como “um homem com duas vidas e duas mortes” ilustra essa condição. O imigrante “morre” simbolicamente ao deixar sua terra natal, rompendo laços e identidades, e “nasce” em um novo contexto, onde precisa se reconstruir (Sayad, 1998, p. 59). Porém, essa reconstrução nunca é completa, pois o vínculo com a terra de origem permanece, moldando sua subjetividade e criando uma sensação de incompletude. Esse sentimento é evidente na criação de instituições como igrejas, associações culturais e lugares de memória, como a Praça Ucrânia e o Museu do Milênio, que atuam como pontos de conexão entre o passado ucraniano e a vida contemporânea em Prudentópolis.

Para compreender a integração dos imigrantes provenientes da Ucrânia na região de Prudentópolis, é necessário considerar os motivos que os levaram a emigrar, visto que *ninguém migra por acaso* (Andreazza, 1999). A partir dessa conjuntura, a Ucrânia, situada no centro-leste da Europa, fazia parte da antiga União Soviética até sua emancipação em 1991. Ao longo de sua história, o país enfrentou conflitos e incursões territoriais que resultaram em mudanças demográficas, com a área de 603.700 km² originada do Principado de Kiev, estabelecido no século IX da Era Cristã (Boruszenko, 1995, p.3).

Concomitantemente a essa situação conflituosa, torna-se importante avaliar as condições políticas e econômicas nas quais os pequenos agricultores ucranianos estavam inseridos, tendo em vista que a maior parte dos imigrantes que chegaram ao Brasil, nas primeiras levas migratórias, estava conectada ao trabalho em pequenas propriedades rurais. Maria Luíza Andreazza, em pesquisa sobre os descendentes de ucranianos no município de Antônio Olinto, Paraná, afirma que:

A história vivida pelas pessoas das regiões do leste europeu fez com que, até meados do século XIX, elas mantivessem relações feudais, que só foram legalmente abolidas na esteira das revoluções de 1848. Mesmo assim, em função das dificuldades que vivenciaram como homens livres, no final do oitocentos a servidão era uma memória poderosa. Talvez tão forte que tenha impulsionado o abandono do *locus* tradicional, para em terras absolutamente desconhecidas empreenderem a tentativa de *serem senhores de si mesmos*. (Andreazza, 1999, p. 16, grifos da autora).

Sob a autoridade e o controle efetivo da Polônia, foram inúmeros os fatores que contribuíram para a emigração ucraniana. Enfatiza-se a submissão dos ucranianos à escravidão do campesinato, sendo explorados como mão de obra servil. Por isso, as relações com os grandes proprietários poloneses de terras eram péssimas, além do fato dos poloneses pretenderem extinguir a fé ortodoxa, religião de predominância na Ucrânia. Ademais, a insuficiência de terras para os camponeses, bem como as crises agrícolas seguidas da diminuição da produção, ocasionou uma desnutrição generalizada na população, isso acrescido da repressão polonesa na cobrança de impostos. Todos esses fatores exacerbaram a miséria entre os camponeses da Ucrânia (Andreazza, 1999).

Dentre os fatores de expulsão (parece ser esse o termo mais apropriado) estava a relação existente entre a falta de terras que possibilitassem a manutenção do campesinato e a significativa densidade demográfica constituída pelos padrões familiares da época, estabelecidos pelo próprio sistema (Ramos, 2012, p. 40).

A partir disso, com a intencionalidade de compreender o processo migratório de uma população específica, os ucranianos, este capítulo buscará apresentar as motivações que fizeram essas pessoas a adentrarem em terras brasileiras e fixarem-se no Sul do país, especialmente em terras paranaenses, durante os séculos XIX e XX. Dessa forma, será possível compreender as motivações dos ucranianos a abandonarem sua pátria rumo a um país distante de sua terra e com uma cultura tão diversificada; também será possível visualizar como ocorreu o processo imigratório dos ucranianos em Prudentópolis e na região paranaense, destacando as dificuldades encontradas; do mesmo modo compreender de que forma a construção identitária desse povo foi se constituindo, em meio a tantas dificuldades encontradas desde a sua chegada no país.

Esta seção oferece um panorama histórico da Ucrânia, destacando as transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram na região ao longo dos anos. Este contexto é essencial para compreender as razões que levaram muitos ucranianos a emigrarem para o Brasil, além de fornecer uma base para entender a identidade cultural dos imigrantes.

1.1 A UCRÂNIA EM TRANSFORMAÇÃO: UM HISTÓRICO

“A Ucrânia sempre aspirou a ser livre¹⁵”
(Voltaire).

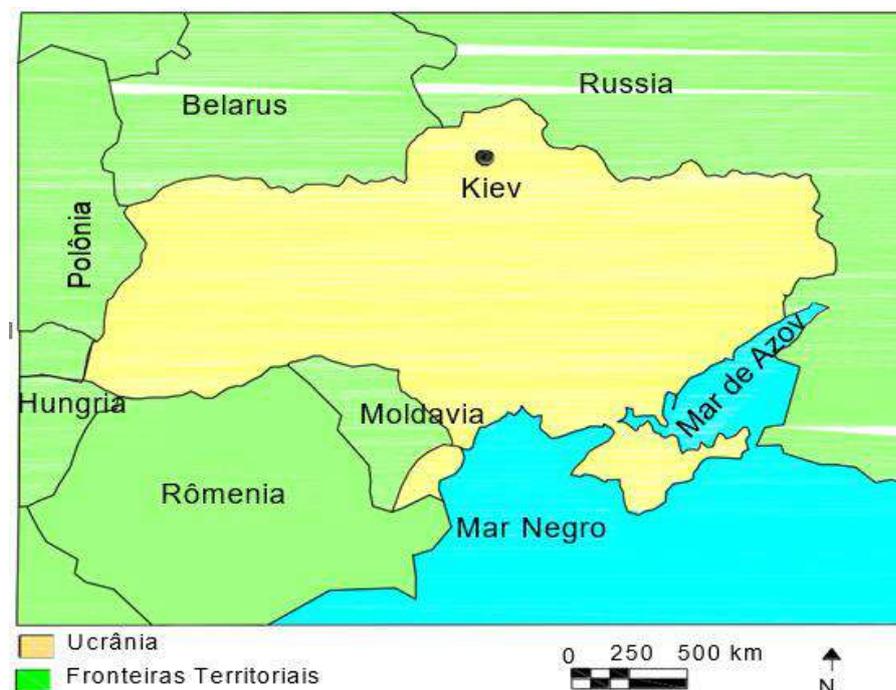
Compreender a imigração ucraniana para Prudentópolis exige a análise da história da Ucrânia, pois os fluxos migratórios estão conectados aos contextos político, econômico, cultural e social do país de origem. A imigração ucraniana para o Brasil, intensificada no final do século XIX e início do século XX, foi motivada por fatores como crises econômicas, perseguições políticas e religiosas e busca por melhores condições de vida. Esses eventos são reflexos das transformações históricas vividas pela Ucrânia ao longo dos séculos.

A palavra “Ucrânia” deriva do termo eslavo antigo “*oukraina*”, que se traduz como “região fronteira” ou “terra de fronteira” (Marinhuk, s.d., p. 01). Originalmente, a palavra era usada para descrever áreas periféricas ou fronteiriças dentro de um território maior, ressaltando a posição geográfica da região na borda do mundo eslavo e europeu. Esta conotação de

¹⁵ Atribuída a Voltaire ao tomar conhecimento da rebelião de Ivan Mazepa contra o Czar na Ucrânia em 1756 (Applebaum, 2022, s.p.), a frase não possui comprovação documental em suas obras.

“fronteira” reflete a localização estratégica da Ucrânia ao longo das rotas comerciais e dos limites entre impérios e nações.

Outra análise feita por José Milhazes e Vladimir Dolin (2023) sugere que o nome Ucrânia foi originado a partir do termo “krai” ou “kraina”, que significa “nação”, “território habitado pelo próprio povo” (p. 14). Essa etimologia é preponderante porque remonta à ideia de uma Ucrânia entendida como um espaço geográfico, e como um conceito cultural e político, ou seja, um lugar intrinsecamente ligado à identidade nacional. Atualmente, essa abordagem é amplamente difundida nos livros didáticos ucranianos sobre a história nacional.



MAPA 2 - Limites territoriais da Ucrânia.

Fonte: (Simielli, 2010).

A Ucrânia, uma antiga república da União Soviética que se tornou independente em 1991, está localizada no Centro-Leste da Europa. Ao longo de sua trajetória histórica, o país enfrentou conflitos e invasões que resultaram em domínios por parte de outros povos e nações. “Com uma extensão territorial de 603.700 km², sua origem remonta ao Principado de Kiev, estabelecido no século IX d.C.” (Boruszenko, 1995, p. 03).

O historiador Orest Subtelny (2009), reforça a ideia de que a história da Ucrânia remonta a tempos ancestrais, com suas raízes profundamente entrelaçadas com as civilizações eslavas orientais. A região que agora é conhecida como Ucrânia foi o lar de diversas tribos eslavas desde o século V, formando a base da identidade ucraniana (Subtelny, 2009, p. 63).

Os eslavos eram grupos de pessoas e famílias que acampavam perto de florestas e pântanos no território que hoje abrangeria a região onde se localiza a Polônia, a Rússia e a Ucrânia. Nessa região, os eslavos criaram pequenos estados efêmeros, que mais tarde formariam a Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Hungria, Macedônia dentre outros (Ramos, 2006, p. 09).

O século V foi um período expressivo na história da Ucrânia, embora a região não existisse como uma entidade política unificada na época. Em decorrência disso, a Europa Oriental, incluindo a área que hoje é a Ucrânia, foi habitada por várias tribos eslavas, germânicas e outras. Os eslavos orientais eram uma dessas tribos, e eles começaram a se estabelecer nas terras ao longo dos rios Dnieper, Dniester e Bug (Subtelny, 2009, p. 76). Essas tribos eslavas eram inicialmente sociedades agrícolas e desenvolveram uma cultura distintiva.

Durante os séculos IX e X, a região testemunhou o florescimento de vários principados eslavos orientais, como Kiev, Galícia-Volínia e Tchérnihiiv. Esses principados serviram de bases para a formação do Estado medieval conhecido como Rus' de Kiev. O Principado de Kiev, em particular, teve uma influência determinante no desenvolvimento cultural e político da Ucrânia, atuando como o principal centro de comércio e cultura (Subtelny, 2009, p. 70).

No século IX, as tribos eslavas começaram a se unir sob a liderança de Rurik, um líder viking, que fundou a dinastia que governou a Rus' de Kiev por vários séculos. Rurik estabeleceu a cidade de Kiev como o centro político e cultural, sendo importante na consolidação do poder na região (Subtelny, 2009).

Ao longo do reinado de Oleg, sucessor de Rurik, a Rus' de Kiev expandiu suas fronteiras, estendendo-se para o norte até Novgorod e para o sul até o Mar Negro (Milhazes; Dolin, 2023). Oleg “negociou com o Império Bizantino, estabelecendo relações comerciais e culturais que influenciariam a sociedade russa e ucraniana” (Poty, 2022, p. 23).

O cristianismo ortodoxo teve um papel decisivo na história da Ucrânia nos séculos IX e X. A cristianização da Rus de Kiev ocorreu no ano 988, sob o reinado do Príncipe Vladimir I, que escolheu o cristianismo bizantino como a religião oficial (Subtelny, 2009, p. 48). Esse evento teve implicações duradouras na cultura e na identidade ucranianas, estabelecendo laços religiosos e culturais com o mundo ortodoxo oriental.

Recebendo o Cristianismo no século X a partir do Império Bizantino, a Ucrânia se estruturou cultural e religiosamente com características bizantinas, evidenciadas no rito, nas práticas religiosas e na arquitetura de suas igrejas. Tendo como capital a cidade de Kiev, seu território está situado entre o Mar Negro e o de Asov. Ao Norte, a Ucrânia faz fronteira com a

Bielorrússia, a Leste com a Rússia, ao Sul com o Mar Negro, que tem do outro lado de sua margem a Turquia, e a Oeste faz divisas com a Romênia, a Hungria, a Moldávia e a Polônia (Simielli, 2010; Milhazes; Dolin, 2023).

Por possuir um território abundante em terras férteis, a Ucrânia sempre foi cobiçada pelos países vizinhos, o que gerou inúmeras invasões que ocasionaram transformações geográficas, ora aumentando seus limites e fronteiras, ora diminuindo. Em consequência dessas dominações, inevitavelmente, as fronteiras identitárias do ucraniano sofreram reconstruções.

Devido à presença dessas terras férteis, conhecidas como *tchornozem*¹⁶, Burko (1963, p. 16) destaca que “os especialistas em geografia frequentemente consideram o território ucraniano como um dos mais ricos da Europa devido aos seus recursos agrícolas e minerais”. Essa fertilidade inicialmente foi um dos motivos que levaram às disputas e dominações territoriais sobre o solo ucraniano. Nos séculos XIII e XIV, o reino foi invadido e dominado pelos mongóis, seguidos pelos poloneses e lituanos, em um ciclo de controle e subjugação. Todavia, o período foi marcado por conflitos internos e externos. Após a morte de Vladimir I, houve lutas de sucessão entre seus filhos, e a Rus de Kiev enfrentou incursões constantes de tribos nômades, como os pechenegues¹⁷ e os cumanos¹⁸ (Subtelny, 2009, p. 101).

Diante desses desdobramentos, no século XIII houve a ascensão do Reino da Galícia-Volínia, a qual foi uma união política dos principados de Galícia e Volínia. O governante mais notável desse período foi Danylo Romanovych (1201-1264), que se tornou o rei em 1253. Romanovych buscou consolidar o poder do reino, expandindo suas fronteiras e fortalecendo as

¹⁶ “*Tchornozem*” (ou “*Chernozem*”, em russo) é um termo usado para descrever um dos tipos mais férteis de solo do mundo, conhecido por suas características escuras e ricas em nutrientes. O nome deriva das palavras ucranianas “*chorny*” (чорний) e “*zemlia*” (земля), que significam “terra preta”. Este tipo de solo é encontrado em várias regiões do mundo, mas é predominante na Ucrânia e em algumas áreas da Rússia. A região central da Ucrânia é particularmente conhecida pela sua terra preta, que é altamente produtiva para o cultivo de cereais, vegetais e outras culturas (Espíndola, 2018).

¹⁷ Os Pechenegues foram um grupo étnico e uma confederação de tribos nômades euroasiáticas que tiveram uma influência nas estepes da Europa Oriental durante a Idade Média. Sua presença na região remonta aos séculos VII e VIII, e eles foram uma das várias tribos nômades que interagiram com os estados sedentários da Europa e Ásia durante esse período. Eram uma sociedade pastoril, dependendo fortemente da criação de gado, especialmente cavalos, o que lhes conferia uma habilidade notável na equitação e na guerra montada. Sua mobilidade nas estepes lhes permitiu atuar como comerciantes, guerreiros e, às vezes, mercenários. Essa mobilidade tornou-os uma ameaça constante para os estados vizinhos. Em 1091, os Pechenegues sofreram uma derrota decisiva na Batalha do rio Stugna contra as forças combinadas da Rus' de Kiev e dos Cumanos, o que resultou no enfraquecimento do poder pechenegue. A derrota na Batalha do rio Stugna marcou um ponto decisivo no declínio dos Pechenegues, e eles foram posteriormente absorvidos ou deslocados por outros grupos nômades (Poty, 2022, p. 33).

¹⁸ Os Cumanos conhecidos como Polovtsianos, foram um povo nômade de origem turca que tiveram um impacto decisivo na história da Eurásia durante a Idade Média. Eles eram uma confederação tribal que se estabeleceu nas estepes da Ásia Central, e sua presença foi registrada desde o século XI até o século XIII (Subtelny, 2009). Durante o século XII, os Cumanos migraram para o oeste, aproximando-se das fronteiras do Reino da Hungria e do Império Bizantino. Essa migração levou a interações frequentes e, em alguns casos, confrontos com esses estados. Durante o reinado de Bela III da Hungria, no século XII, os Cumanos foram parcialmente assimilados pela população húngara (Poty, 2022, p. 33-34).

instituições governamentais, além de estabelecer relações com potências europeias, incluindo a Igreja Católica, na esperança de obter apoio político e militar (Subtelny, 2009). Nesse período, a região experimentou um florescimento cultural, com o desenvolvimento de manuscritos iluminados e a promoção das artes e da educação.

Ainda nesse século, a Ucrânia foi atacada pelos mongóis, liderados por Batu Khan, que estabeleceu o domínio da Horda Dourada sobre a região. Em 1240, os mongóis invadiram e saquearam Kiev, marcando o fim do domínio local na cidade (Milhazes; Dolin, 2023). A Mongólia estabeleceu o controle sobre a Ucrânia, e a região ficou sob o domínio da Horda Dourada¹⁹. Isso teve um impacto profundo na vida política, social e econômica da Ucrânia, sujeitando-a a tributos e influência mongol (Poty, 2022, p. 23).



MAPA 3 - Mapa demonstrando os principados da Rus' de Kiev e o Horda Dourada.
Fonte: (Milhazes; Dolin, 2023).

Esse período trouxe desafios, mas também influências culturais e comerciais. Mais tarde, a Ucrânia se encontrou sob o domínio polonês-lituano, o que levou a tensões étnicas e religiosas, particularmente devido à imposição do catolicismo romano sobre a população predominantemente ortodoxa (Subtelny, 2009, p. 103).

¹⁹ A Horda Dourada foi um estado mongol que existiu na Eurásia entre os séculos XIII e XIV. Essa confederação mongol foi uma das divisões do Império Mongol, originada após a morte de Genghis Khan e a subsequente divisão do império entre seus descendentes. A Horda Dourada foi uma das quatro principais khanates (domínios mongóis) resultantes dessa divisão. Seu nome “Dourada” refere-se ao luxo e riqueza que os viajantes europeus associavam à capital da Horda, Sarai, situada às margens do rio Volga (Subtelny, 2009).

No final do século XVI, a União Polaco-Lituana controlava grande parte da Ucrânia. A região estava localizada em uma encruzilhada de rotas comerciais e culturais, o que contribuiu para sua diversidade étnica e cultural. A presença de comunidades eslavas, tártaras, polonesas e lituanas influenciou a formação da identidade ucraniana.

Essa característica, desencadeou uma série de revoltas cossacas, como a Revolta de Khmelnytsky²⁰ no século XVII, que levou a uma autonomia relativa para os cossacos²¹ sob a proteção russa. Neste século, os cossacos²² através da formação de uma comunidade militar fronteiriça, executaram um papel marcante na região. Sob a liderança de lideranças como Dmytro Vyshnevetsky e Petro Konashevych-Sahaidachny, os cossacos começaram a se unir em uma estrutura conhecida como o Hetmanato Cossaco (Subtelny, 2009).



MAPA 4 -O território da comunidade Polaco-Lituana após o Acordo de Lublín.
Fonte: (Milhazes; Dolin, 2023).

²⁰ A Revolta de Khmelnytsky conhecida como Revolta dos Cossacos, ocorreu no século XVII, durante os anos 1648-1654, na região da atual Ucrânia. Essa revolta teve um impacto profundo na história da Ucrânia e nas relações entre os cossacos, a nobreza local e os poderes regionais (Corrent, 2019, p. 91).

²¹ Os cossacos são um grupo étnico e cultural com uma longa história na região da Ucrânia e em áreas circundantes. Originalmente, os cossacos surgiram como comunidades autônomas de guerreiros e colonos nas estepes do sul da Rússia, Ucrânia e outras partes do leste europeu a partir do século XV. Eles eram conhecidos por sua habilidade militar, organização autônoma e estilo de vida seminômade. Historicamente, atuaram na defesa das fronteiras do Império Russo e na expansão do território russo para o leste e sul (Corrent, 2019).

²² Bohdan Khmelnytsky, um líder cossaco, surgiu como figura central na revolta. Ele estava descontente com a opressão polonesa e buscava autonomia para os cossacos e a população ortodoxa (Corrent, 2019).

Em 1569, ocorreu a União de Lublin, o que se caracterizou como um evento que impactou diretamente a Ucrânia. Nessa união, a Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia formaram a República das Duas Nações (Comunidade Polaco-Lituana), uma união política que incluía territórios ucranianos. Com isso, decorreram consequências para a Ucrânia, como a introdução e políticas discriminatórias por parte da nobreza polonesa em relação à população local (Poty, 2022, p. 44).

Nesse contexto histórico, outro fato relevante e que desenhava a história do país foi a assinatura do Tratado de Pereyaslav, em 1654, o qual dividiu a Ucrânia entre a Rússia e a Polônia. Posteriormente, a Rússia expandiu sua influência na região (Poty, 2022, p. 50). O Cossaco Hetmanato²³, liderado por Bohdan Khmelnytsky, buscou independência, marcando um capítulo importante na história da Ucrânia. Khmelnytsky procurou apoio do czar russo, Aleksei I, e assinou o Tratado de Pereyaslav em 1654, buscando proteção contra a Polônia. Isso resultou em uma guerra entre a Rússia e a Comunidade Polaco-Lituana (Boruszenko, 1967, p. 424).

Em 1667, após anos de conflitos, a Paz de Andrusovo dividiu a Ucrânia entre a Polônia e a Rússia, com a parte oriental (ao leste do rio Dniepre) sendo incorporada ao Império Russo. Esse acordo enfraqueceu ainda mais a autonomia ucraniana e consolidou a influência russa na região, colocando a Ucrânia sob uma crescente pressão para assimilar-se aos interesses russos (Milhazes; Dolin, 2023).

Durante o século XVII, “a Ucrânia se encontra dividida entre a Rússia (a Leste do Rio Dnieper) e a Polônia (parte Oeste). Com a divisão da Polônia no final do século XVIII, a Rússia expande suas áreas de influência, enquanto a Áustria toma posse de terras no Oeste do país” (Boruszenko, 1995, p. 04). Esse controle persistiu ao longo do século XIX. É dentro desse cenário de conflitos, subjugação e invasões que os ucranianos que começaram a emigrar para o Brasil se encontravam.

Além dessa situação conflituosa, é importante considerar as condições econômicas e políticas em que os pequenos agricultores ucranianos estavam envolvidos em relação às terras agrícolas. Muitos dos imigrantes que chegaram ao Brasil nas primeiras ondas migratórias estavam ligados ao trabalho em pequenas propriedades rurais, o que influenciou sua decisão de buscar uma vida melhor em terras estrangeiras.

²³ O Cossaco Hetmanato foi uma entidade política e territorial que existiu no século XVII, no leste da Europa, na região que é atualmente parte da Ucrânia. Esse estado era liderado pelos cossacos, uma comunidade militar e camponesa que se destacou por sua habilidade na guerra e resistência contra diferentes poderes da época. O termo “Hetmanato” refere-se às ações praticadas pelos *hetmans*, líderes militares e políticos eleitos pelos cossacos para liderar as suas comunidades. O Hetmanato Cossaco teve sua origem nas lutas e rebeliões cossacas contra as autoridades polonesas e lituanas durante o século XVII (Corrent, 2019, p. 85).

Ainda sob o controle dos poloneses no século XVII, os camponeses ucranianos experimentavam uma economia com vestígios feudais, sujeitos a obrigações servis (Andreazza, 1999). Nessa situação, seu território estava dividido entre várias potências regionais. A maior parte dele estava sob o controle da Comunidade Polaco-Lituana, onde os nobres poloneses (*szlachta*) possuíam vastas propriedades de terras trabalhadas por camponeses ucranianos. Este período foi caracterizado por uma economia agrária profundamente influenciada por estruturas feudais, nas quais os camponeses eram obrigados a prestar serviços e pagar tributos aos senhores feudais, além de enfrentar uma série de restrições pessoais e econômicas (Milhazes; Dolin, 2023, p. 88).

Posteriormente, com a expansão do domínio russo sobre a Ucrânia, a política de russificação promovida pelos czares intensificou a subjugação cultural e política da população ucraniana. Essa política, consolidada especialmente durante o reinado de Catarina, a Grande (1762–1796), buscava erradicar as particularidades culturais ucranianas, centralizando o poder e enfraquecendo as instituições autônomas locais, ao mesmo tempo em que impunha a língua e a administração russas às elites regionais (Poty, 2022).

Catarina buscou suprimir as instituições políticas que permitiam algum grau de autonomia à Ucrânia, como o sistema de *hetmanato* (governo dos cossacos), e subordinou as elites ucranianas ao sistema imperial. Sob o seu governo, o uso da língua ucraniana foi desencorajado, e a educação foi dominada pela língua e pela cultura russa. A Igreja Ortodoxa Ucraniana, que tinha grande influência na sociedade ucraniana, também passou por uma transformação, com a Igreja Russa consolidando sua autoridade sobre as práticas religiosas, apagando as particularidades litúrgicas e culturais ucranianas (Milhazes; Dolin, 2023).

Além disso, a política de colonização e repovoamento no sul da Ucrânia, em áreas como a Criméia, foi uma estratégia usada para controlar as fronteiras e reforçar a presença russa. Catarina incentivou o assentamento de camponeses russos em regiões ucranianas, contribuindo para uma maior homogeneização do território e enfraquecendo a identidade local.

Durante este período, a Ucrânia também foi palco de disputas entre várias potências, especialmente a Rússia e a Polônia, enquanto a Guerra de Sucessão Polonesa (1733–1738) e outras disputas políticas continuavam a afetar a região. As constantes mudanças no controle político e o aumento da presença militar russa em território ucraniano enfraqueceram ainda mais qualquer tentativa de resistência ou busca por autonomia (Masson, 2010).

No século XIX, a porção Ocidental da Ucrânia contemporânea, compreendendo as regiões da Galícia e da Bukovina, estava sob o controle do Império Áustro-Húngaro. Os habitantes ucranianos dessas áreas, localizados no lado oriental da Galícia e no norte da

Bukovina, eram chamados pelo governo austríaco de “rutenos” (Andreazza, 1999). Foi sob essa designação que esses camponeses ucranianos, seguidores do catolicismo romano, eram conhecidos pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Após a Revolução Russa de 1917 e a Primeira Guerra Mundial²⁴ (1914-1918), a Ucrânia conseguiu proclamar a independência em 1918, mas a disputa pelo poder entre diferentes grupos políticos e intervenções externas levaram a uma fragmentação e a independência ucraniana foi de curta duração. As forças alemãs e austro-húngaras ocuparam partes da Ucrânia durante a Primeira Guerra Mundial, e o Tratado de Brest-Litovski, assinado em março de 1918 entre as Potências Centrais e a Rússia Bolchevique, concedeu amplas porções territoriais ucranianas às Potências Centrais. Isso resultou na divisão e na ocupação da Ucrânia por forças estrangeiras (Masson, 2010).

A assinatura do Tratado de Brest-Litovski impactou diretamente a Ucrânia, pois uma das principais cláusulas do tratado foi a concessão de independência à Ucrânia, resultando por meio deste, na criação da República Popular da Ucrânia, agora como um estado separado e soberano, separando-a do domínio do Império Russo (Sondhaus, 2014, p. 88). Como parte dos termos do Tratado de Brest-Litovski, a Rússia Soviética concordou em reconhecer a independência da Ucrânia, e isso significou que a Ucrânia cederia territórios significativos para as Potências Centrais, como a Áustria-Hungria e a Alemanha. Esses territórios incluíam regiões historicamente ucranianas, como Galícia, Volínia, Podólia e partes da Ucrânia Oriental (Milhazes; Dolin, 2023).

A situação se tornou ainda mais complexa com a Guerra Civil Russa (1918-1922), na qual várias facções lutaram pelo controle do território russo. Na Ucrânia, o conflito envolveu as forças bolcheviques, e os exércitos brancos, nacionalistas ucranianos, anarquistas e tropas estrangeiras. Finalmente, em 1922, a Ucrânia acabou sendo incorporada à recém-formada União Soviética, encerrando temporariamente a independência ucraniana (Portala; Geller Júnior, 2021, p. 273).

Durante a era soviética, a Ucrânia sofreu sob o governo de Josef Stalin (1878-1953), incluindo a Grande Fome de 1932-1933. Durante a Segunda Guerra Mundial²⁵, a Ucrânia foi

²⁴ A Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, foi um conflito global que envolveu as principais potências mundiais da época. Iniciada com o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria em Sarajevo, o conflito rapidamente se espalhou, dividindo as nações em dois blocos principais: a Tríplice Entente (liderada por França, Reino Unido e Império Russo) e a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália, embora esta última tenha mudado de lado no decorrer da guerra) (Sondhaus, 2014).

²⁵ A Segunda Guerra Mundial foi o conflito global mais devastador da história, travado entre 1939 e 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo, incluindo todas as grandes potências. Marcado por eventos como a invasão da Polônia pela Alemanha nazista em 1939 e a rendição japonesa após os bombardeios atômicos em Hiroshima e Nagasaki em 1945, este conflito envolveu países em todos os continentes. Com a morte de mais de

palco de intensos combates, resultando em devastação e perda humana numerosas (Poty, 2022). A Ucrânia não escapou das purgas políticas e repressões durante os regimes de Joseph Stalin. Houve perseguições a intelectuais, líderes políticos e qualquer pessoa considerada uma ameaça ao regime.

O *Holodomor*²⁶, que em ucraniano significa “morte pela fome”, foi um capítulo importante para a construção de um discurso ligado à Ucrânia. Este fato, ocorreu entre 1932 e 1933, e foi uma das maiores tragédias humanas do século XX, marcando a identidade e a memória do povo ucraniano (Prado, 2017). Durante esse período, a Ucrânia, então parte da União Soviética sob o comando de Joseph Stalin, foi vítima da fome, provocada por políticas governamentais deliberadas. A coletivização forçada da agricultura, combinada com a imposição de cotas de produção inatingíveis e a confiscação brutal de alimentos, levou à escassez extrema de alimentos em uma região conhecida como o “celeiro da Europa”. A fome que se seguiu foi agravada pelo fato de as autoridades soviéticas negarem a existência da crise e proibirem ajuda externa (Prado, 2017; Tamanini, 2019).

Sendo assim, milhões de ucranianos enfrentaram a fome, a desnutrição e as condições desumanas. As consequências foram devastadoras, com estimativas de que entre 3 e 7 milhões de pessoas perderam a vida durante o *Holodomor* (Tamanini, 2019). A fome não foi apenas um desastre natural, mas sim resultado de políticas governamentais que visavam enfraquecer a resistência ucraniana e consolidar o controle soviético.

Em 24 de agosto de 1991, o Parlamento Ucraniano proclamou oficialmente a independência do país, em meio ao processo de desintegração da União Soviética (Poty, 2022). A independência da Ucrânia foi um marco histórico que se desdobrou no cenário internacional no final do século XX, marcando o colapso da União Soviética e o surgimento de novos Estados independentes na Europa Oriental (Carlan, 2022, s.p.). Esse movimento foi impulsionado por uma série de fatores, incluindo o desejo de autodeterminação, o esgotamento econômico do país e o crescente movimento nacionalista no país.

O referendo sobre a independência ocorreu em 1º de dezembro de 1991, no qual a maioria dos ucranianos votou a favor da independência. O número de eleitores registrados que participaram do referendo foi de 31.891.742 (trinta e um milhões e oitocentos e noventa e um

70 milhões de pessoas e o uso de novas tecnologias destrutivas, como as bombas atômicas, a Segunda Guerra Mundial deixou um legado duradouro de trauma, memória coletiva e o estabelecimento de organizações internacionais, como as Nações Unidas, para promover a paz e a segurança globais (Masson, 2010).

²⁶ O *Holodomor* teve implicações duradouras na Ucrânia, moldando uma identidade nacional e alimentando um profundo ressentimento em relação ao domínio soviético. Por muitos anos, o evento foi suprimido e negado pelas autoridades soviéticas, sendo apenas reconhecido e oficialmente declarado como genocídio na Ucrânia após a independência do país em 1991.

mil e setecentos e quarenta e dois, ou 84,18% do eleitorado do país), e dentre eles 28.804.071 (vinte e oito milhões e oitocentos e quatro mil e setenta e um, ou 92,3%), votaram a favor (Carlan, 2022, s.p.). O líder do movimento pela independência, Leonid Kravchuk²⁷, presidente do Supremo, tornou-se o primeiro presidente da Ucrânia independente, visto que no mesmo dia, foram realizadas as eleições presidenciais.

No entanto, a independência da Ucrânia não foi tranquila, visto que um dos eventos mais notáveis foi a tentativa de golpe em agosto de 1991, liderada por membros conservadores da União Soviética (Poty, 2022). Esse golpe falhou, mas acelerou a desintegração da União Soviética. Contudo, os desafios persistiram, especialmente em relação às tensões étnicas e linguísticas, bem como a influência política e econômica da Rússia. Os eventos como a Revolução Laranja em 2004, a qual tratou-se de um período de agitação política, que resultou na eleição de Viktor Yushchenko²⁸ (1954-) como presidente, acarretaram no afastamento das influências russas em direção a uma maior aproximação com o Ocidente; e a Revolução Euromaidan, a qual expressou conjunto de protestos e manifestações que ocorreram na Ucrânia entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, visto que o então presidente ucraniano, Viktor Yushchenko, anulou um acordo de associação com a União Europeia em favor de laços mais estreitos com a Rússia.

Diante da crescente pressão popular e do aumento da violência, Yanukovich fugiu para a Rússia em 22 de fevereiro de 2014. Após a fuga de Yanukovich, um governo de transição foi formado na Ucrânia, e eleições presidenciais foram realizadas em maio de 2014, resultando na eleição de Petro Poroshenko²⁹ (1965-) como presidente. A Revolução Euromaidan teve implicações para a Ucrânia, moldando seu curso político e provocando uma série de eventos,

²⁷ Leonid Makarovich Kravchuk nasceu em 10 de janeiro de 1934, na aldeia de Velykyi Zhytyn, na região de Rivne, na Ucrânia (então parte da União Soviética). Cresceu em uma família camponesa e estudou na Faculdade de Economia da Universidade de Kiev, onde se formou em 1958. Antes de se tornar presidente, Kravchuk teve uma longa carreira no Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Ocupou cargos importantes dentro do partido, incluindo o de chefe do departamento ideológico do Comitê Central do PCUS. Posteriormente, ele se tornou um defensor da independência da Ucrânia e uma figura proeminente no movimento pela soberania ucraniana (Carlan, 2022, s.p.).

²⁸ Viktor Yushchenko é um político ucraniano que serviu como Presidente da Ucrânia de 2005 a 2010. Ele nasceu em 23 de fevereiro de 1954 em Khoruzhivka, na RSS da Ucrânia, União Soviética (atual Ucrânia). Yushchenko é conhecido por sua importância na Revolução Laranja, um movimento pró-democracia e antigoverno que ocorreu na Ucrânia em 2004. Antes de sua presidência, Yushchenko teve uma carreira no setor bancário ucraniano e foi Primeiro-Ministro da Ucrânia de 1999 a 2001. Ganhou as eleições presidenciais em 2004 após a Revolução Laranja, mas seu mandato foi marcado por desafios políticos, incluindo tensões com a Rússia. Durante seu governo, Yushchenko buscou políticas pró-ocidentais e de integração com a União Europeia, promoveu reformas econômicas e combateu a corrupção. Sua presidência terminou em 2010, sendo sucedido por Viktor Yanukovich (Milhazes; Dolin, 2023).

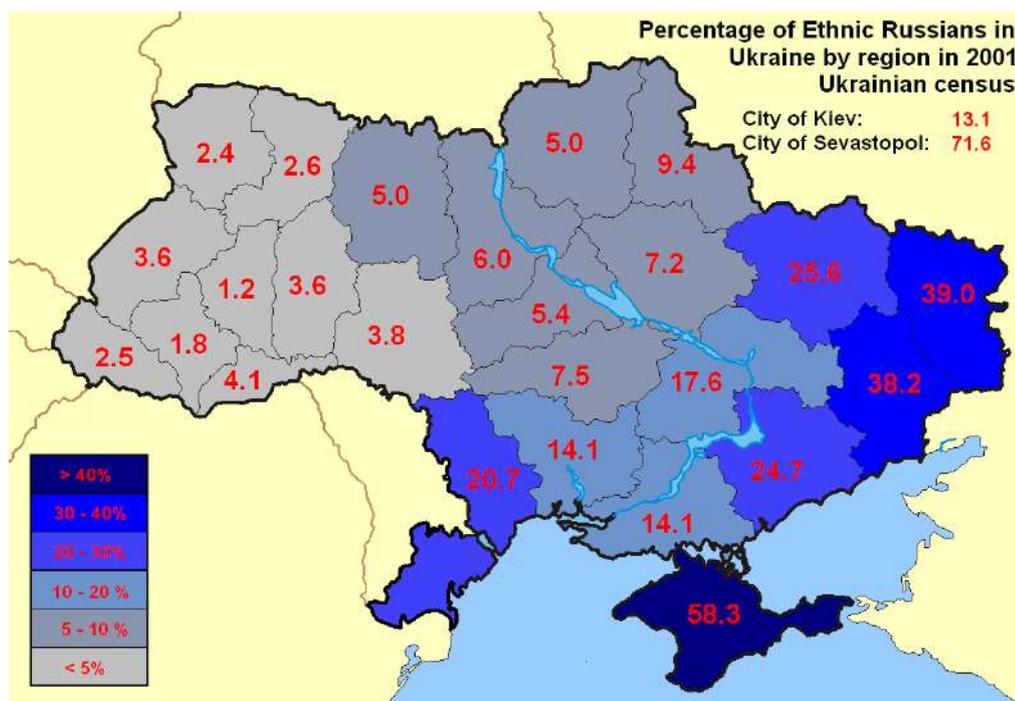
²⁹ Petro Poroshenko é um político ucraniano que ocupou o cargo de Presidente da Ucrânia de 2014 a 2019. Nascido em 26 de setembro de 1965, em Bolhrad, na então República Socialista Soviética da Ucrânia (atual Ucrânia), ele é empresário e político (Poty, 2022).

incluindo a anexação da Crimeia pela Rússia e o conflito no leste da Ucrânia entre forças ucranianas e separatistas pró-russos (Portala; Geller Júnior, 2021, p. 274).

Na esteira desses eventos, em fevereiro de 2014, durante os tumultos na Ucrânia, forças armadas não identificadas, posteriormente identificadas como tropas russas sem insígnias, ocuparam a Crimeia. Em março do mesmo ano, a Rússia anexou a Crimeia, uma região estrategicamente importante localizada no Mar Negro, alegando proteger a população de etnia russa que ali vivia. Essa ação foi justificada por ter sido realizado um referendo nesse mesmo mês, no qual a maioria dos participantes votou a favor da anexação à Rússia (Poty, 2022, p. 44). A comunidade internacional, incluindo os Estados Unidos e a União Europeia, condenou a anexação da Crimeia, considerando-a uma violação da soberania da Ucrânia. Esse fato marcou o início de uma nova fase de confrontos entre a Ucrânia e a Rússia, com profundas repercussões geopolíticas em escala global.

Simultaneamente, a região de Donbas, localizada no leste da Ucrânia, tornou-se o epicentro de um conflito armado intenso entre as forças governamentais ucranianas e os separatistas pró-Rússia. Este cenário é um reflexo das divisões históricas e culturais que permeiam o país, tal como observou Soavinski (2015, p. 34), “apenas o oeste ucraniano, que no passado fez parte da Polônia, se identificaria com a identidade ucraniana e, conseqüentemente, com o discurso pró-Occidente. O Leste, por outro lado, manteria sua lealdade à Rússia devido a afinidades históricas e etnoculturais”.

A compreensão dessa divisão é facilitada pela análise da distribuição étnica na Ucrânia. De acordo com o censo ucraniano de 2001, ilustrado no mapa abaixo, as regiões orientais e do sul do país, particularmente aquelas próximas às fronteiras com a Rússia e na Crimeia, apresentam uma alta concentração de russos étnicos. Em áreas como Donetsk e Lugansk, a porcentagem de russos étnicos ultrapassa 30%, chegando a 38.2% e 39.0%, respectivamente. A Crimeia, que foi anexada pela Rússia em 2014, possui a maior proporção de russos étnicos, com 58.3% (Aparecido; Aguilar, 2022, p. 2). Esta demografia explica, em parte, por que as áreas com alta concentração de russos étnicos frequentemente expressam sentimentos pró-Rússia e demonstram apoio a políticas que favorecem a Rússia, como evidenciado pelo suporte local à anexação da Crimeia.



MAPA 5 - Mapa da Ucrânia apresentando a porcentagem de russos étnicos por região, de acordo com o censo ucraniano de 2001.

Fonte: (Aparecido; Aguilar, 2022, p. 2).

Nesse ambiente repleto de divisões e tensões, grupos em Donetsk e Luhansk, com apoio tácito e material de Moscou, proclamaram a independência dessas regiões, estabelecendo as autoproclamadas “Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk”. O conflito em Donbas gerou uma crise humanitária, resultando em aproximadamente 15 mil mortes e no deslocamento de milhões de pessoas, além de criar um impasse que persiste até hoje.

Em meio a esse cenário turbulento, Petro Poroshenko, um empresário e oligarca, venceu as eleições presidenciais³⁰ de 2014 com uma plataforma pró-ocidental. Sua eleição foi vista como uma tentativa de aproximar a Ucrânia da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), afastando-se da esfera de influência russa. “Desde meados de 1990 os russos deixaram claro que se opunham veementemente a expansão da OTAN, mas: 1) eles estavam fracos para poder fazer algo a respeito; e 2) a expansão não envolvia antigas repúblicas soviéticas” (Aparecido; Aguilar, 2022, p. 6).

Um dos esforços para mediar o conflito em Donbas foi a criação do Quarteto da Normandia, composto por Alemanha, França, Rússia e Ucrânia, que culminou na assinatura do

³⁰ Nas eleições presidenciais ucranianas de 2014, Petro Poroshenko, um candidato independente, venceu com uma ampla margem, obtendo 9.857.308 votos, o que corresponde a 54,70% dos votos válidos. Yulia Tymoshenko, líder do partido Pátria e ex-primeira-ministra, ficou em segundo lugar com 2.310.085 votos, representando 12,81% do total. Em terceiro lugar ficou Oleh Lyashko, do Partido Radical, que recebeu 1.500.377 votos, ou 8,32% dos votos.

Acordo ou Protocolo de Minsk³¹, em setembro de 2014 (Aparecido; Aguilar, 2022, p. 8). O acordo visava a implementação de um cessar-fogo e a estabilização da situação no leste da Ucrânia, mas as violações do acordo foram frequentes, e a paz nunca foi plenamente alcançada.

Em 2017, o Acordo de Associação entre a Ucrânia e a União Europeia entrou em vigor, formalizando a cooperação política, econômica e de segurança entre as duas partes. Esse acordo simbolizou uma vitória para o movimento pró-europeu na Ucrânia, consolidando os laços com o Ocidente e provocando reações adversas de Moscou, que via essa aproximação como uma ameaça à sua influência tradicional na região (Portala; Geller Júnior, 2021, p. 271).

Outro marco importante na história recente da Ucrânia foi a decisão, em 2018, da Igreja Ortodoxa da Ucrânia de se separar formalmente da Igreja Ortodoxa Russa (Ferraro, 2022, p. 30). Esta separação, que foi endossada pelo Patriarca de Constantinopla³², encerrou um relacionamento eclesiástico de 332 anos, sendo vista como um ato de afirmação nacional ucraniana e de resistência à influência russa

Em 2019, Volodymyr Zelensky³³ (1978-), um comediante e ator sem experiência política anterior, foi eleito presidente da Ucrânia com uma expressiva vitória³⁴. Zelensky, cuja campanha foi baseada na promessa de acabar com a corrupção e de resolver o conflito no leste do país, herdou uma nação profundamente dividida e em conflito. Seu governo se viu rapidamente confrontado com a difícil tarefa de equilibrar as expectativas da população, que ansiava por paz, estabilidade econômica e progresso, com a realidade de um conflito prolongado e a crescente pressão exercida pela Rússia. Apesar das promessas de campanha, Zelensky enfrentou dificuldades em realizar avanços significativos na resolução do conflito no

³¹ O nome vem da cidade de Minsk, capital da Bielorrússia, onde as negociações foram realizadas sob a mediação da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). O primeiro acordo foi assinado em 5 de setembro de 2014 e foi um esforço inicial para estabelecer um cessar-fogo e uma solução política para o conflito. No entanto, o acordo foi frequentemente violado, e a luta continuou. Posteriormente, após meses de intensos combates um novo acordo foi assinado em 12 de fevereiro de 2015. Este, delineou uma série de medidas para um cessar-fogo efetivo e uma solução política abrangente para o conflito, como: a retirada de armas pesadas da linha de frente; a libertação de prisioneiros de guerra; a realização de eleições locais nas áreas controladas pelos separatistas, de acordo com a legislação ucraniana; a garantia de um status especial para as regiões de Donetsk e Lugansk; e o controle da fronteira entre a Rússia e as regiões separatistas restantes sob o governo ucraniano. Tais acordos visavam restaurar a integridade territorial da Ucrânia, mantendo um certo grau de autonomia para as regiões do Leste. Porém, a implementação completa e eficaz desses acordos deu-se de forma embaraçosa, visto que ambos os lados do conflito acusaram o outro de violações, e o processo de paz foi irregular, com picos de violência seguidos por momentos de relativa calma (Portala; Geller Júnior, 2021)

³² Bartolomeu I de Constantinopla no cargo desde 22 de outubro de 1991.

³³ Volodymyr Zelensky foi um ator ucraniano, nascido em 25 de janeiro de 1978, em Kryvyi Rih, na Ucrânia. Antes de entrar para a política, era conhecido por seu trabalho como comediante e produtor de televisão, incluindo a popular série “Servo do Povo”, na qual interpretava um professor de história que se tornou presidente da Ucrânia (BBC News Brasil, 2019, s.p.).

³⁴ Zelensky conquistou 13.541.528 votos, o que representou 73,22% dos votos válidos, enquanto seu adversário, o ex-presidente Petro Poroshenko, recebeu 4.522.320 votos, correspondendo a 24,45% do total (Carlan, 2022, s.p.).

Donbas e na implementação de reformas que efetivamente combatessem a corrupção, o que trouxe frustrações tanto entre seus eleitores quanto na comunidade internacional.

Conforme dados da ONU, mais de 6,5 milhões de ucranianos buscaram refúgio em diversos países da Europa, enquanto outros 7 milhões foram deslocados internamente para outras regiões dentro da Ucrânia (Organização das Nações Unidas, 12 de outubro de 2022). Isso significa que aproximadamente 30% da população de 44,13 milhões de pessoas precisou abandonar suas residências. A Polônia, país vizinho, é o destino mais buscado pelos ucranianos, com 1,5 milhão de refugiados, seguida por Alemanha, República Tcheca, Itália, Espanha e Reino Unido (Ferraro, 2022, p. 31).

Desde o início do conflito na Ucrânia, em 24 de fevereiro, mais de 1.100 ucranianos chegaram ao Brasil com visto humanitário³⁵. Esses dados são registrados pela Polícia Federal, que monitora a entrada de pessoas que buscam refúgio no país devido à guerra. O estado do Paraná acolheu 79 refugiados ucranianos em março de 2022, sendo Prudentópolis uma das cidades que se destacou ao oferecer abrigo e suporte material para 29 destes imigrantes³⁶. Em uma nota oficial³⁷, a prefeitura declarou: “Portas e coração abertos para receber os imigrantes”.

Portanto, a Guerra na Ucrânia (iniciada em 2022) permanece como um ponto focal na geopolítica contemporânea, cujos desdobramentos extrapolam as fronteiras do país e provocam reconfigurações em múltiplas esferas: diplomática, econômica, militar e humanitária. O conflito evidencia a persistência de disputas territoriais e de influência entre blocos geopolíticos rivais, particularmente no contexto das tensões entre a Federação Russa e os países da OTAN, com repercussões diretas sobre a segurança europeia e o equilíbrio de poder global (Ferraro, 2022, p. 4). A guerra também reatualiza debates sobre soberania nacional, autodeterminação dos povos, expansionismo e colonialismo contemporâneo, além de acirrar processos de militarização e realinhamentos estratégicos em diversas regiões. Para Ferraro (2022, p. 23), no campo humanitário, observa-se o agravamento de fluxos migratórios forçados, com implicações sociais, culturais e econômicas para os países de acolhida, como é o caso do Brasil. Nesse sentido, o conflito ucraniano opera como um evento regional de grande escala e como

³⁵ O visto humanitário é um tipo de visto concedido a pessoas que necessitam de proteção devido a situações extremas, como guerras, desastres naturais, perseguição política, religiosa, racial, entre outras razões que coloquem a vida ou a dignidade humana em risco. Esse visto permite que o portador entre e permaneça em um país que oferece proteção, mesmo que de maneira temporária (Costa; Winter, 2023, p. 3).

³⁶ Menos de um ano após terem sido recebidos, a maioria dos refugiados solicitou retorno à Europa, com alguns planejando voltar à Ucrânia e outros buscando refúgio em países vizinhos, especialmente na Polônia. Somente uma imigrante decidiu permanecer em Prudentópolis.

³⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2022/02/24/prudentopolis-oferece-refugio-para-ucranianos-portas-e-coracao-aberto-diz-nota-da-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

um fator estruturante de transformações geopolíticas que tendem a influenciar as dinâmicas internacionais nas próximas décadas.

1.2 DA UCRÂNIA AO BRASIL: OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

“Ucrânia, silenciosa, chorosa e querida: por que te saqueiam?
Por que te refugiaste em cabanas e em prados de morte, esta morte?
Quebrai as correntes, vivei como irmãos sem buscar
nenhuma terra estranha o que lá não existe.
Aqui na nossa terra encontrareis a justiça;
aqui sereis livres, e aqui sereis fortes.
Ucrânia única no mundo;
O Dnieper não corre por
outras margens”
(Taras Shevchenko).

Antes da chegada dos europeus, as terras que hoje compõem o Paraná eram habitadas por uma diversidade de povos originários, incluindo os do tronco Tupi-Guarani, como os Guaranis, e os do tronco Macro-Jê, como os Kaingang e Xokleng. Eles viviam em aldeias chamadas *tekohá*, praticavam a caça, pesca, coleta e uma agricultura de subsistência, cultivando principalmente milho, mandioca e batata-doce. Os Guaranis, conhecidos pelos colonizadores como Carijós, foram os primeiros a estabelecer contato com os europeus no século XVI (Priori *et al.*, 2012, p. 30).

Em 1954, durante uma escavação no sítio arqueológico da paleoaldeia de Estirão Comprido³⁸, em Prudentópolis, os arqueólogos Oldemar Blasi e Fernando Altenfelde realizaram a descoberta de um fóssil humano, o qual foi simbolicamente nomeado como “Gufan³⁹” (Ramos, 2017, p. 17). Segundo Parellada (2020, p.83), o nome “Gufan” significa na língua Kaingang, “um ancestral antigo” e foi escolhido para destacar a conexão com os povos indígenas da região.

Esse fóssil, datado de mais de 2.000 anos, pertenceu aos antigos povos Proto-Jê, conhecidos por sua agricultura, cerâmica e pelas construções subterrâneas, adaptadas às matas

³⁸ Na década de 1950, o município foi cenário das escavações no sítio arqueológico Estirão Comprido, o primeiro do Paraná a passar por estudos sistemáticos. O sítio situado na margem esquerda do Rio Ivaí, foi alvo de um Monitoramento Arqueológico, atividade desenvolvida paralelamente à implantação da pequena central Hidrelétrica Dois Saltos, e revelou um acervo de vestígios, incluindo artefatos de pedra e cerâmica, além de nove fósseis humanos (Lourenço, 2015).

³⁹ Em 2017, a reconstrução facial digital de Gufan foi realizada por meio de um projeto conjunto do Museu Paranaense, da Beenoculus, da empresa Azuris e do designer Cicero Moraes. Atualmente, a reconstrução pode ser vista em exibição no Museu Paranaense exposição de longa duração intitulada “Gufan, o paranaense de dois mil anos” (Paraná, 2017).

de pinheiro Araucária. A análise das características do sepultamento revelou que Gufan ocupava uma posição de destaque em sua comunidade, sendo identificado como um possível líder político ou religioso. Estudos do esqueleto indicam que este faleceu entre 20 e 30 anos, em decorrência de uma picada de cobra ou da ingestão de alimento contaminado. Segundo Barreiros (2021), esses povos consumiam majoritariamente grãos e vegetais, como erva-mate, abóbora, pinhão e milho, que cultivavam, e produziam hidromel, embora a proteína animal fosse pouco presente na dieta.

Esse cenário de intensa organização e adaptabilidade das populações indígenas, como os Proto-Jê, foi drasticamente alterado com a chegada dos europeus. Desde o início da ocupação europeia, a região paranaense tornou-se alvo de disputas de domínio entre portugueses e espanhóis (Priori *et al.*, 2012). Ao mesmo tempo que o litoral do estado foi ocupado pelos portugueses, que se estabeleceram na Baía de Paranaguá, o interior era alvo de incursões espanholas, cujo objetivo era proteger as minas de Potosí e, ao mesmo tempo, catequizar os povos originários. A fundação da vila de Ontiveros, em 1554, fundada pelas autoridades espanholas vindas do Paraguai, representa um marco do início do povoamento do território, pois é fruto de um esforço estratégico para ultrapassar a linha do Tratado de Tordesilhas e assegurar acesso à Baía de Paranaguá, conectando a região ao Oceano Atlântico (Pin, 2024, p. 31).

Entretanto, ao longo dos séculos XVII e XVIII a relação entre colonizadores e povos originários tornou-se cada vez mais conflituosa. Vários bandeirantes e colonos portugueses intensificaram incursões em busca de riquezas e força de trabalho escravo, levando a guerras violentas com os povos locais. Um episódio emblemático desse período foi a morte do bandeirante paulista Manuel Preto, atingido por uma flecha durante uma campanha de aprisionamento. Em resposta às agressões, os povos originários adotaram estratégias de resistência, incluindo alianças temporárias com jesuítas, na tentativa de escapar à escravização pelos portugueses e espanhóis (Mota, 2008, p. 71).

Apesar dessas resistências, a destruição das reduções jesuíticas resultou na dispersão dos povos originários. Muitos buscaram refúgio no sul do país, onde participaram da fundação dos Sete Povos das Missões, enquanto outros retornaram aos seus territórios ancestrais (Mota, 2008, p. 71). Essa dispersão e o extermínio em massa de muitos povos originários abriram caminho para a colonização europeia, marcando profundamente a história do Paraná (Priori *et al.*, 2012, p. 36).

Os Campos de Guarapuava foram um território estratégico durante o processo de ocupação do Paraná. A partir de 1770, a região começou a ser explorada pelos portugueses, que

identificaram seu potencial como área de passagem para o transporte de gado e outros produtos entre o sul do Brasil e os mercados do sudeste. Os primeiros habitantes foram os povos Kaingang, conhecidos pelos portugueses como Coroados. De acordo com Mota (2008, p. 84), a região era chamada pelos Kaingang de Koran-bang-rê, o que pode ser traduzido como “clareira grande”. Esses povos pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, com diversas subdivisões tanto linguísticas quanto grupais. Prudentópolis, que na época fazia parte de Guarapuava, também foi palco da presença desses povos originários, que ao longo do tempo, sofreram a invasão e colonização por parte dos portugueses, posteriormente sendo deslocados para áreas mais periféricas da região.

Em dezembro de 1771, a primeira expedição portuguesa liderada pelo Tenente Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza chegou aos campos de Guarapuava com o objetivo de ocupar e explorar os territórios Kaingang. Durante o contato inicial, os colonizadores estabeleceram relações comerciais, oferecendo presentes em troca de permissão para entrar nas terras indígenas. Porém, a expedição foi atacada em janeiro de 1772, resultando na morte de sete portugueses (Mocellin, 2018, p. 65).

Ribeiro (1982, p. 101) destaca que, inicialmente, os Kaingang não despertaram o interesse dos bandeirantes para serem escravizados, uma vez que eram mais aguerridos e menos numerosos que outros povos da região, o que os tornava menos atraentes para os colonizadores que buscavam trabalhadores para as fazendas. Além disso, “a forma de vida dos Kaingang, com uma agricultura rudimentar, não oferecia escravizados de qualidade para os colonizadores” (Mocellin, 2018, p. 77).

Com o passar do tempo, e após intensos ataques dos povos originários, o Império Português passou a considerar a necessidade de conquistar os territórios Kaingang de forma mais decisiva. Em 1809, D. João VI autorizou uma nova expedição com o objetivo de colonizar e povoar os campos de Guarapuava. Mota (2008, p. 97) menciona que, após as tentativas frustradas das expedições anteriores, “o império estava finalmente determinado a conquistar esses territórios”.

A expedição, chamada de Real Expedição de Conquista e Povoamento dos Campos de Guarapuava, foi comandada pelo Tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal e chegou à região no dia 2 de julho de 1810. A viagem foi dificultada por um percurso árduo, com a travessia de matas fechadas, intempéries climáticas e doenças típicas da região. Ao chegarem, os expedicionários estabeleceram o Fortim Atalaia, uma fortificação destinada a proteger cerca de 300 famílias de imigrantes e soldados dos ataques indígenas (Priori *et al.*, 2012).

Mota (2008, p. 97) informa que, ao contrário do esperado, a expedição encontrou poucos Kaingang na região. Foi somente em 16 de julho de 1810 que uma patrulha de reconhecimento Kaingang, composta por cerca de 30 a 40 indígenas, se aproximou do acampamento. Esses nativos provavelmente estavam observando os movimentos da expedição, aguardando para entender melhor as intenções dos colonizadores antes de fazer contato (Pin, 2024).

Em 29 de agosto de 1810, os Kaingang realizaram um ataque contra o Fortim Atalaia. No confronto, os expedicionários derrotaram os nativos, o que resultou na conquista dos territórios Kaingang e na ocupação dos campos de Guarapuava. Mota (2008, p. 98) observa que, em menos de vinte anos após a conquista, a região foi transformada em grandes fazendas de criação de gado, o que limitou o espaço para novos estabelecimentos⁴⁰. Com a conquista dos campos de Guarapuava, começaram as movimentações exploratórias e as expedições de reconhecimento dos novos territórios.

Nessa condição, Dom Pedro II (1825-1891) introduziu um conjunto de medidas de imigração, que teve resultados positivos, com o objetivo de atrair e manter no território brasileiro os estrangeiros que fossem benéficos para o desenvolvimento do sistema econômico nacional, e que contribuíssem para a diversidade étnica da população do país. Dentre diversas razões, era necessário contar com a mão de obra dos imigrantes para aprimorar a produtividade agrícola nacional, com o propósito de ampliar as exportações, ao ponderar que o país tinha um déficit comercial, ou seja, gerava um volume maior de importações em comparação com o índice de exportações (Burko, 1963).

Nadalín (2001) destaca que empresas brasileiras de transporte marítimo transatlântico promoveram campanhas voltadas para a atração de imigrantes da Europa e, com o apoio de representantes migratórios, estas organizações divulgavam as oportunidades de uma vida completamente distinta, em uma nação localizada no chamado “Novo Mundo”. Tais intermediários tiveram uma atuação mais eficaz nas nações eslavas, pois nestes locais se encontrava a maior concentração de camponeses classificados como mais desfavorecidos. Dessa forma, persuadi-los a obter uma nova vida em uma região diferente – como meio de escapar das perseguições dos russos e dos poloneses, além do caos na política e na economia que afligia essas nações – tornou-se uma tarefa mais acessível.

⁴⁰ Atualmente, na macrorregião de Guarapuava, a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) assiste quatro comunidades indígenas das etnias Kaingang e Guarani, que lutam pelo reconhecimento de suas terras e pela manutenção de sua cultura, incluindo rituais, artesanato, língua e saberes ecológicos. Essas comunidades, juntas, abrigam aproximadamente 5.000 habitantes distribuídos entre Marrecas (Turvo), Ivaí (Manoel Ribas), Faxinal (Cândido de Abreu) e Rio de Areia (Inácio Martins) (IBGE, 2022).

Essa situação ficou evidente com a formulação da Lei de Terras de 1850, que, segundo Kliemann (1986), tinha como objetivo facilitar o acesso à terra, visto que a única forma de adquirir “terras devolutas” era por meio da concessão de sesmarias⁴¹, sendo que, a partir de 1850, foi extinta a possibilidade de cessão gratuita de terras públicas. A promulgação dessa lei contribuiu para estimular a imigração para o Brasil, sendo considerada um dos fatores que atraíram grupos que, anteriormente, se viam socialmente pressionados pelo significativo crescimento populacional na Europa (Ramos, 2012).

Em 1850, duas leis relacionadas foram promulgadas: a Lei Eusébio de Queiroz que proibia o tráfico de escravos e a lei 601, chamada de Lei de Terras, a qual entre outras medidas, regulamentava a colonização das terras incultas do Império e a política de atração de imigrantes europeus em substituição ao trabalho escravo no Brasil (Hauresko, 2012, p. 75).

Contudo, o discurso oficial sobre “terras devolutas” ou “vazios demográficos” no Paraná e em outras regiões do Brasil escamoteia as experiências conjuntas de vivência dos povos originários e caboclos nesses territórios. Essa perspectiva contou com um de seus principais expoentes, o intelectual Romário Martins, e acompanhou uma tendência nacional da época de valorização das características regionais. No contexto do paranismo⁴², desenvolveu-se a construção de uma identidade local fundamentada “em uma visão 'branca' e específica da sociedade e do próprio estado do Paraná” (Oliveira, 2007, p. 2-3). A narrativa apresentada por Romário Martins, que moldou parte da história oficial do Paraná, descrevia os paranaenses como formados exclusivamente por uma combinação entre o “lado valente” dos indígenas e o “empreendedorismo” dos portugueses.

Sob esse ponto de vista, o imigrante passou a ser representado de forma idealizante, destacando-se atributos como civilidade, religiosidade, docilidade e dedicação ao trabalho, marcando sua diferenciação e papel relevante para o progresso econômico e social do estado e do país (Sochodolak, 2015). Na construção dessa identidade idealizada, os povos originários foram transformados em um símbolo abstrato e esvaziado de protagonismo histórico, utilizados

⁴¹ As sesmarias eram concessões de terras feitas pela Coroa Portuguesa a colonos no Brasil, com a obrigação de torná-las produtivas. O sistema promovia a ocupação do território, mas foi abandonado em 1850, quando a Lei de Terras exigiu a compra das terras públicas (Priore, 2016).

⁴² Paranismo foi um movimento cultural e literário que emergiu no Paraná no início do século XX, com o objetivo de construir e fortalecer uma identidade regional distinta. Inspirado pelo nacionalismo romântico, buscava exaltar as belezas naturais do estado, como a araucária e as cataratas, além de valorizar as tradições indígenas e a história local como elementos fundamentais da cultura paranaense. Por meio da literatura, artes plásticas e outras expressões culturais, o Paranismo buscava consolidar um sentimento de orgulho regional e contribuir para a integração do Paraná ao imaginário nacional (Batistella, 2012).

apenas como elementos culturais que teriam “cedido” suas qualidades para a formação do povo paranaense. Dessa forma, essa narrativa oculta o extermínio e o deslocamento forçado de diversas comunidades indígenas, que foram alijadas de suas terras e identidades por políticas coloniais e práticas de expansão territorial.

Se, por um lado, essa diferenciação já estava delineada, por outro, permanecia a necessidade de suprimir ou minimizar da narrativa histórica os grupos sociais que pudessem conflitar com essa construção identitária singular, como a presença do trabalhador negro escravizado e das comunidades indígenas que, há séculos, ocupavam o território paranaense. Em relação aos indígenas, Mota (2008) analisa o discurso do “vazio demográfico”, promovido por diversos agentes sociais, que negava a presença e ocupação indígena no espaço paranaense. Esse discurso desconsiderava e invisibilizava povos que, conforme estudos históricos e arqueológicos, já habitavam o território há milhares de anos.

Os responsáveis pela disseminação dessa visão incluem diferentes agentes, como as narrativas oficiais das companhias colonizadoras, pronunciamentos governamentais e sua incorporação em textos que exaltavam a colonização e seu pioneirismo, os estudos de geógrafos sobre a ocupação entre as décadas de 1930 e 1950, a produção historiográfica paranaense nas universidades e, por último, os livros didáticos. Estes, ao sintetizarem essas fontes, perpetuaram para inúmeros estudantes do estado a ideia de uma região praticamente desabitada até o início do século XX, quando se iniciou a colonização sistemática (Mota, 2008, p. 19-20). Estudos como os de Mota (1992; 2008), entretanto, indicam a presença indígena no Paraná muito antes da introdução de imigrantes europeus para ocupar os denominados “vazios demográficos”.

Em decorrência disso, a ocupação das terras imigrantes no Paraná ocorreu a partir de momentos de tensões entre a chegada dos novos colonos e a desestruturação das formas comuns de ocupação. Para os povos indígenas, a expansão das fronteiras agrícolas significou algo além do deslocamento forçado, como o rompimento de seus modos de vida. Já os caboclos, frequentemente invisibilizados, foram marginalizados no processo de reorganização fundiária, sendo tratados como intrusos nas terras que já ocupavam. Sobre Martins, Mota (1992, p. 3) destaca que “sua visão idealizada do Paraná excluía os indígenas da composição da sociedade paranaense, concentrando-se na figura do imigrante europeu”.

Nessa ocasião, determinados intermediários agiam de má-fé, apresentando-se como sucessores de tronos, e em razão disso, ofereciam promessas financeiras, propriedades rurais, residências, gado e demais vantagens como incentivo para que as pessoas deixassem seus países de origem e se mudassem para o território brasileiro (Nadalin, 2001; Antonelli; Choma; Seniuk, 2021).

A propaganda utilizada para atrair os imigrantes assegurava que os territórios brasileiros eram férteis. Como afirma Andreazza, “os camponeses que vieram da Galícia em busca de terras para cultivar e ganhar seu sustento defrontavam-se com uma realidade menos paradisíaca do que a relatada nos boletins veiculados na Europa” (1996, p. 50). Dessa forma, penetravam o país com esperanças, sobretudo expectativas de possuir terras e retirar delas “o sustento da família vendendo parte da produção. Emigrava com a firme disposição de se tornar proprietário fundiário. [...] A procura de terra era uma constante na tradição cultural de muitos imigrantes” (Petrone, 1982, p. 51-52).

Dessa forma, ludibriados por muitas falsas promessas, os imigrantes ucranianos chegavam ao país e se deparavam com uma realidade um pouco diferente daquela prometida, porque se falava de

[...] terra livre, altos salários e até mesmo “ruas pavimentadas com esmeraldas”, encorajaram e seduziram o povo a sair para o Novo Mundo. Na verdade, os incentivos de passagens pagas e concessões terrestres, que foram inicialmente oferecidas aos potenciais imigrantes pelo governo brasileiro, foram suspensos no final de 1895, embora muitos europeus fossem levados para o Brasil pelas ações de agentes duvidosos que continuaram a fazer estas e outras promessas falsas (Morski, 2000, p. 3, tradução do autor)⁴³.

A partir do final do século XIX, estratégias de povoamento foram implementadas pelo governo. A imigração de concentração tornou-se política prioritária, com incentivos à chegada de imigrantes europeus, como alemães, russos, italianos e poloneses. Especificamente em 1895, inúmeros grupos familiares ucranianos emigraram devido a situação de insegurança econômica em sua nação, bem como em virtude de serem subjugadas e negadas em termos de autonomia política. Nesta época, os ucranianos enfrentaram uma situação de extrema vulnerabilidade, e deixaram suas regiões de origem e buscaram refúgio em nações estrangeiras, a fim de encontrar um ambiente pacífico para manutenção de suas crenças, práticas culturais e tradições familiares.

Esses deslocamentos eram motivados pela construção de uma nova realidade. Ninguém migra longa distância sem que exista um impulso, muito subjetivo, da esfera da esperança, chamado por alguns de ilusão migratória. Certamente, a mobilidade social consistia num ingrediente ativo desta ilusão, à medida que “o fazer a América” no século XIX implicava participar de um movimento no

⁴³ Telling of free land, high wages and even of “streets paved with emeralds”, they encouraged and enticed the people into leaving for the New World. In the fact the incentives of paid passage and land concessions, which were initially offered to prospective immigrants by the Brazilian government, were suspended in late 1895, although many Europeans were led to Brazil by the actions of duplicitous agents who continued to make these and other false promises (Morski, 2000, p. 03).

qual o fluxo destinava-se para a periferia do mundo industrializado/civilizado. É provável que os participantes daquela aventura imigratória tivessem a firme crença na força de mecanismos compensatórios capazes de lhe garantir melhores posições sociais (Andreazza, 1999, p. 15).

Apesar disso, considera-se que a imigração no Brasil tinha interesse mútuo, por parte do governo e por parte das pessoas que deixavam os seus países, onde “de um lado havia o interesse em povoar as terras brasileiras [...] e trazer mão-de-obra especializada para trabalhar no cultivo do solo, e, de outro lado, o objetivo do povo ucraniano em deixar sua terra e livrar-se da miséria e das pressões vividas naquela Pátria” (Jacumasso; Damke, 2009, p. 10).

A imigração é um investimento compensador: de um lado, o imigrante significa capital de trabalho; de outro, é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção. Além disso, a sua mão-de-obra significou a implantação do regime de trabalho livre, propiciou transformações na estrutura agrária brasileira e democratizou o uso da terra, possibilitando o surgimento de uma classe média rural (Boruszenko, 1967, p. 06).

Oksana Boruszenko reitera que “aqui [no Brasil] seria fundado um reino feliz, onde todos seriam iguais, onde nos rios não correria água, mas, sim, leite e hidromel” (1967, p. 57). A esperança induzida nos ucranianos, por meio da propaganda, foi intensa, pois os imigrantes acreditavam estarem se encaminhando para o verdadeiro paraíso terreal, no qual seriam totalmente alforriados das adversidades e teriam acesso repleto a inúmeras prosperidades.

Por trás das questões que moldaram o desenvolvimento das políticas imigratórias, surgiram colônias estabelecidas por iniciativas estaduais e particulares. Uma dessas colônias, a Colônia Thereza, foi formada em 1847 por iniciativa particular do médico suíço João Maurício Faivre. Inicialmente povoada por imigrantes franceses, a colônia corresponde hoje à localidade de Tereza Cristina, no município de Cândido de Abreu. Entre as primeiras colônias de imigração no Paraná destacam-se também Superaguy, fundada em 1852 pelo suíço Carlos Perret Gentil, Argelina, em 1869, e Rio Negro, em 1829 (Koss, 2013, p. 46).

A imigração no Paraná trouxe uma diversidade de povos que marcaram o desenvolvimento da região. Conforme dados de Martins (1995), no ano de 1934, ingressaram no estado cerca de 47.731 poloneses, 19.272 ucranianos, 13.319 alemães, 8.798 italianos e 9.826 indivíduos de outras nacionalidades, totalizando 101.331 imigrantes. Os alemães foram pioneiros, fixando-se na Colônia de Rio Negro em 1829. Após a Segunda Guerra Mundial, novas concentrações de alemães surgiram em locais como Terra Nova, Curitiba, Entre Rios e Witmarsum (Priori *et al.*, 2012, p. 40).

Os poloneses chegaram por volta de 1871, inicialmente migrando de Santa Catarina e se estabelecendo em bairros de Curitiba, como Pilarzinho e Abranches. Posteriormente, formaram novas colônias em cidades como Irati, Ivay, Orleans, União da Vitória, e outras. Os italianos colonizaram principalmente Alexandria, Morretes e Curitiba, criando bairros e colônias famosas, como Santa Felicidade e Nova Tirol. Já os japoneses, que chegaram posteriormente, fixaram-se predominantemente no norte do estado (Koss, 2013, p. 47).

Após o início de 1895, com a chegada de uma grande quantidade de camponeses ucranianos oriundos da Galícia para o território brasileiro, durante o período de dois anos, até o período em que governantes nacionais custavam os gastos com deslocamento, mais de 5.000 grupos familiares advindos do território que hoje é pertencente à Ucrânia deixaram a terra de origem, e em grande parte – cerca de noventa por cento destes imigrantes – se estabeleceram na região paranaense – tabela 1. Ademais, outros diversos grupos familiares fizeram o processo migratório para o Brasil com os próprios recursos financeiros no período entre 1897 até 1907 (Burko, 1963).

Os dados consultados no Arquivo Público do Paraná, relativos à imigração, apresentam variações, uma vez que muitos imigrantes eram analfabetos e se comunicavam em uma língua diferente da do escrivão. Além disso, quando chegavam, eram registrados em grupos, o que dificultava a precisão dos registros. Por essa razão, além de variações na grafia do nome ou sobrenome, pode ocorrer discrepância na idade ou até mesmo na nacionalidade.

Durante aquele período, as fronteiras da Europa não eram definidas como são atualmente. O Império Austro-Húngaro (1867-1918) e a Prússia (que perdurou até 1918) ainda existiam, e a Ucrânia só se constituiu como país no século XX. Em diversos casos, não há informações sobre a nacionalidade ou a data do registro.

Tabela 1. Indicadores associados ao volume de imigrantes ucranianos em direção ao Brasil entre o final do século XIX até meados do século XX – Áreas geográficas referentes à Galícia e Bucovina.

DATA	QUANTIDADE DE FAMÍLIAS	ORIGEM	DOMÍNIO	REGIÃO DE DESTINO
1881	8	Galícia Oriental	Império Austro-Húngaro	Colônia Santa Bárbara (Palmeira)
1895	5.500	Galícia	Império Austro-Húngaro	Curitiba, São José dos Pinhais, Fazenda Rio Grande, Araucária, Pinhais
1896	16.900	Galícia		Prudentópolis, Marechal Mallet, Dorizon, Cruz Machado, União da Vitória (Jangada), São Mateus do Sul, Antônio Olinto

1897-1899	1.500			Prudentópolis, Marechal Mallet, Dorizon, Cruz Machado, União da Vitória (Jangada), São Mateus do Sul, Antônio Olinto
1901-1907	6.000 (aprox.)			Núcleos já existentes
1908-1914	18.500	Galícia	Império Austro-Húngaro	Rio Azul, Paulo Frontim, Paula de Freitas, Irati, Rebouças, Cândido de Abreu
1914-1939	9.000		Polônia / Rússia	Núcleos já existentes
Pós Segunda Guerra Mundial	7.000		URSS	Núcleos já existentes, Pitanga, Pato Branco, Roncador, Apucarana, Reserva, Ivaí, Ponta Grossa, Mamborê, Juranda, Nova Cantú, Mato Rico, Campo Mourão, Faxinal, Maringá, Cândido de Abreu

Fonte: Burko (1963), adaptado pelo autor.

A construção de moradias aliada às diversas vantagens, foram razões que causaram a emigração em massa das comunidades ucranianas e o esforço brasileiro para atrair imigrantes – esta última ação não era apenas almejada pelos órgãos nacionais, mas principalmente, se tratava de uma necessidade para a Província do Paraná – estão entre os fatores que influenciaram o estabelecimento de fluxos de migração de origem eslava no estado paranaense. O processo da migração ucraniana ao território brasileiro é uma espécie de “saga do imigrante”, e evidencia que a narrativa migratória é quase sinônima da jornada do imigrante em si, a qual tem início a partir do instante em que o imigrante ucraniano se separa da sua terra natal (Boruszenko, 1995).

Ogliari (1999) afirma que, por meio dos recursos limitados que obtia, frequentemente, o imigrante ucraniano era alvo de impostores. Os imigrantes ucranianos não possuíam domínio sobre nenhum outro idioma, exceto a língua ucraniana, e além do desafio relacionado à comunicação, os primeiros grupos de indivíduos ucranianos que migraram para a região paranaense não eram detentores de terras, ou seja, a sua situação financeira era de pobreza; e, por fim, o grau de conhecimento educacional destes imigrantes ucranianos era limitado, ou inexistente. Raramente, eram guiados por alguém com maior experiência, e por tais motivos, sofriam com os impostores em determinadas situações,

[...] por exemplo, embarcavam para São Francisco da Califórnia e desciam em São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Outros vieram com permissão temporária e, inclusive, o que recebiam, às vezes, era licença do governo para embarcar gado no navio. Viajavam de trem até Trieste, na Itália, ou Hamburgo, na Alemanha, onde tinham que aguardar a saída do navio. Pagavam hospedagem, taxas, documentações necessárias e desnecessárias,

uma vez que não sabiam ler nem em italiano, nem em alemão (Ogliari, 1999, p. 62).

Ogliari (1999) descreve que, a partir das primeiras ondas migratórias de ucranianos em direção ao território paranaense, a região ocidental ucraniana se encontrava sob controle do Império Austro-Húngaro, que estava sob a administração de poloneses e judeus. Esse contexto culminou na nacionalidade registrada nos passaportes dos imigrantes, tais como: austríaca; húngara; austro-húngara; e/ou polonesa (p. 111). A nacionalidade que mais se aproximava da realidade dos imigrantes ucranianos era a galiciana ou a bucovina, uma vez que estes indivíduos eram originários dessas localidades na Ucrânia.

Quando os imigrantes, provenientes de várias regiões da Ucrânia, chegaram ao Brasil no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, foram sendo instalados nos núcleos coloniais projetados de acordo com o projeto de colonização conduzido pelo Estado brasileiro. Recebiam lotes, tomavam posse da terra e lentamente começavam o trabalho de construir e organizar suas propriedades. Os núcleos coloniais eram compostos de diferentes grupos étnicos e cada um desses grupos logo procurava se aglutinar em torno de seus elementos culturais mais expressivos, diferenciando-se, assim, dos demais, para sobreviver num espaço muitas vezes hostil à sua cultura. No processo de colonização no sul do Paraná e norte de Santa Catarina, em vários núcleos, os imigrantes ucranianos eram expressiva maioria (Hanicz, 2011, p. 3).

Nessa época, o Brasil vivenciava a necessidade da ajuda do imigrado para aprimorar a sua produção, especialmente agrícola, de modo a melhorar a exportação do país. De acordo com Nadalin, “se buscava na realidade resolver uma questão demográfica, ou seja, o governo do Paraná procurava preencher um modelo de população” (2001, p. 74). Além da quantidade, havia naquela época um ideal em relação ao tipo de imigrante desejado. Em outras palavras, o governo provincial paranaense, baseando-se em ideias eugenistas e de branqueamento, buscava um imigrante “trabalhador” e “comportado”.

Em publicações do Jornal *Prácia*⁴⁴ de 1936, podemos observar nas recordações desses imigrantes o anseio por uma vida de prosperidade em um mundo novo e desconhecido. Além de deixarem transparecer em seus relatos, uma mistura de angústia e expectativas ao decidirem emigrar, são evidentes nessas memórias a tensão, o temor e a incerteza de adaptação e sobrevivência em uma nova existência em terras brasileiras. Lembrando os motivos que os

⁴⁴ O “*Prácia*” é um jornal produzido pela Gráfica Prudentópolis, administrada pelos Padres da Ordem de São Basílio Magno. É definido como o jornal mais tradicional da comunidade ucraniana no Brasil, hoje adota a composição eletrônica e a impressão em *offset*. Atualmente, é publicado duas vezes por semana, com uma tiragem de 700 cópias, apresentando dois folhetos: um em ucraniano e outro em língua portuguesa. Seus leitores incluem imigrantes e seus descendentes no Brasil e em outros países (Jornal, 2024).

levaram a emigrar para o Brasil, bem como as esperanças que tinham em relação às novas terras, Felep Kobren relata que: “nos primeiros dias do mês de julho de 1896 despedimo-nos de uma vez por todas e para o sempre da nossa aldeia. [...] Fomos atropelados pela pobreza e miséria do próprio país, indo como mendigos para o Brasil a procura de sorte e de fortuna” (Prácia, 1936, n. 2, p. 03).

Nadalin (2001, p. 76) aponta que o Brasil passou a apostar na imigração europeia, para introdução do imigrante “branco, livre, pacífico e trabalhador, capaz de ajudar a apurar e ‘tonificar’ – leia-se branquear – tanto a “raça” brasileira como o trabalho”. No período, era pensamento recorrente que suas imensas áreas, “desocupadas” e “mal aproveitadas”, devessem ser colonizadas por indivíduos capazes de contribuir através de seu trabalho e esmero, para a colocação do Brasil nos trilhos da modernidade. As representações construídas procuravam descaracterizar os povos originários locais e defender os imigrantes e colonizadores, os quais possuíam origem europeia e iriam proporcionar o *caimento* da população (Wachowicz, 1988, p.142).

Dessa forma, Ramos (2006) destaca que, nesse período, havia uma grande aposta na imigração de europeus de origem camponesa, incluindo imigrantes de países eslavos, pois muitas regiões da Europa enfrentavam uma crise política, econômica e social que levava as pessoas a buscarem melhores condições de vida em outros países. Sob as pressões dos povos que exerciam controle sobre sua região e influenciados pela propaganda de uma vida próspera na América, tanto quanto, “em virtude de condições econômicas em sua pátria, privados da liberdade política e expostos à insegurança constante na prática de sua religião, de seu rito, – muitos ucranianos, (principalmente da Galícia e da Bukovina) –, se viram forçados a se expatriarem” (Haneiko, 1985, p. 46).

O crescimento econômico, consequência do aumento das plantações de café no norte do Estado do Paraná, a construção de estradas, de linhas telegráficas, criação de gado, o aumento do comércio de madeira na região Centro-Sul e o fim da escravatura são exemplos de situações que fazem da imigração um ótimo negócio para o governo brasileiro, para as companhias marítimas e para os grandes latifundiários que utilizariam da mão-de-obra, por vezes, especializada (Ramos, 2012, p. 44).

Esse movimento de colonização do país foi intensificado pelo governo brasileiro após a abolição da escravatura. Dessa maneira, a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre e assalariado foi resultado de uma escolha política das elites econômicas e governamentais da época, que optaram por investir na vinda de imigrantes estrangeiros em vez de promover

políticas de inclusão e reparação aos negros recém-libertos, que continuaram marginalizados e sem acesso a meios dignos de subsistência (Azevedo, 2004). Sobre isso, Nadalin (2001, p. 53) aponta que “no lugar do trabalho escravo, a mão-de-obra livre e assalariada”. Muitas pessoas, inclusive, agiam de má-fé, prometendo dinheiro, gado, casas e outros benefícios para aqueles que deixassem seus países e partissem para o Brasil, chegando a se fazer passar até mesmo por herdeiros do trono (Boruszenko, 1995). Cabe destacar ainda que essa transição não apagou as marcas do racismo estrutural, e que os escravizados, ao longo de todo o processo, resistiram à escravidão em diversas formas de luta individual e coletiva.

Segundo Boruszenko, “a imigração ucraniana, no Paraná, pode ser considerada em três etapas distintas” (1967, p. 427). A primeira fase da imigração de ucranianos para o Brasil fez com que mais de cinco mil famílias emigrassem, onde a maioria fixou residência no estado do Paraná.

A primeira data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos (sobretudo lavradores da Galícia e Bukovina, que, desde o Congresso de Viena, estavam sob o domínio da Áustria, em consequência da superpopulação agrária e débil industrialização bem como das más condições socioeconômicas) abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil, onde se fixaram especialmente no Estado do Paraná (Boruszenko, 1995, p. 9).

As primeiras famílias ucranianas chegaram no estado do Paraná em 1881, onde passaram a residir na Colônia Santa Bárbara – aproximadamente 8 famílias, totalizando 32 pessoas (Ramos; Olinto, 2020, p. 28). Anos depois, entre 1895 e 1897, chegaram cerca de 20 mil imigrantes ucranianos nos portos do Paraná e São Paulo. Dessa leva, a maioria vinda nos anos 1896 e 1898 se dirigiu a cidade de Prudentópolis e Mallet no Paraná (Antonelli; Choma; Seniuk, 2021).

Recém-desembarcados e deslocados de seus locais de origem, foram temporariamente alojados em barracas improvisadas, construídas com materiais precários e dispostas em áreas ainda não plenamente estruturadas, enquanto aguardavam a demarcação oficial dos lotes rurais que lhes seriam concedidos (Burko, 1963). Esse período de espera, muitas vezes prolongado por semanas ou até meses, evidenciava as contradições das políticas de colonização vigentes. Apesar das promessas de acesso à terra e autonomia produtiva e da existência de algumas iniciativas pontuais de apoio aos imigrantes, esse suporte frequentemente se mostrava insuficiente diante das demandas concretas dos colonos recém-chegados.

A figura abaixo ilustra as condições rudimentares desses alojamentos, revelando um cotidiano inicial de dificuldades materiais, vulnerabilidade sanitária e isolamento. Segundo Hauresko (2012, p. 3), somente após a conclusão dos trabalhos de medição e distribuição fundiária é que os ucranianos foram direcionados para os terrenos coloniais situados às margens esquerdas do Rio dos Patos. A escolha dessa área levava em conta fatores como o acesso a recursos hídricos e a potencial fertilidade do solo, mas impunha problemas relacionados ao relevo e à mata densa (Hauresko, 2012).



FIGURA 4. Assentamento dos primeiros imigrantes ucranianos em São João de Capanema, atual Prudentópolis, em abril de 1896.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

A segunda onda da imigração aconteceu após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando os ucranianos passaram a vir para o Brasil por motivos políticos “em virtude da catástrofe sofrida pelo jovem Estado ucraniano (1918-1920)” (Jacumasso; Damke, 2009, p. 05). Essa onda imigratória foi impulsionada pela dominação do território ucraniano pela Polônia e pela Rússia. Em 1919, a Ucrânia, através de grupos nacionalistas, tentou recuperar sua independência, mas esse intento não se concretizou, já que em pouco tempo os ucranianos perderam a autonomia sobre seu próprio território. Diante dessa nova circunstância caótica, muitos ucranianos optaram pela emigração (Boruszenko, 1995).

Segundo Simionato (2012, p. 25), com o passar dos anos, o número de imigrantes ucranianos nessas regiões foi aumentando expressivamente:

[...] em meados do século XX, por volta de 1950, o grupo de imigrantes ucranianos tinha aproximadamente 40 mil imigrantes radicados no Paraná, embora muitos tenham sido vítimas de epidemias e outros infortúnios. Entre 1908 a 1914, houve outra chegada maciça de ucranianos, vindos da região da Galícia. A motivação dessa leva foi a construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, quando 18 mil pessoas (ucranianos) deixaram o seu país rumo ao Paraná [...]. Desse modo, até o início da Primeira Guerra Mundial, o número de imigrantes ucranianos elevou-se para 45 mil pessoas.

Nessa conjuntura, devido às condições da época, os imigrantes começavam a enfrentar dificuldades desde a viagem de navio da Ucrânia para o Brasil, onde as condições da viagem eram muito precárias, e muitas pessoas acabavam morrendo antes mesmo de chegar ao seu destino. Antes de chegar ao Brasil, muitas pessoas perdiam membros da família, pois nas viagens, que duravam meses, muitas vezes faltava comida e água, as condições de higiene eram precárias, não havia estrutura e nem materiais para o enfrentamento do frio, e não era oferecido atendimento médico para as pessoas. Relatos apontam que “algumas famílias se desintegraram nas viagens e quando chegaram ao Brasil não puderam mais manter contato” (Jacumasso; Damke, 2009, p. 09).

Durante essa segunda fase imigratória, conforme apontado por Boruszenko (1967, p. 423), houve um esforço para melhorar as condições de preservação e revitalização da cultura ucraniana. Segundo a autora, a chegada de imigrantes com níveis de instrução mais elevados impulsionou um movimento em prol da manutenção da identidade ucraniana. Conseqüentemente, os imigrantes provenientes da Ucrânia que se estabeleceram no estado do Paraná desempenharam um papel importante em diversos setores agrícolas da região, tanto nas áreas de colonização inicial quanto em novos e promissores empreendimentos (Boruszenko, 1967).

É importante ressaltar que muitos ucranianos migraram novamente, como é o caso da Colônia Antonio Olinto, próxima a Santa Catarina, que cresceu exponencialmente. Muitas famílias migraram para a região central do estado do Paraná, chegando ao local que hoje é conhecido como Prudentópolis, onde já se encontravam outros imigrantes (Burko, 1963).

As primeiras famílias de imigrantes que chegaram a Prudentópolis em 1896 foram acomodadas em barracas improvisadas e construídas pelos próprios imigrantes. Contudo, a partir dos primeiros anos do século XX, os imigrantes passaram a ser instalados em alojamentos comunitários na cidade, onde aguardavam a demarcação dos lotes rurais que, mais tarde, seriam ocupados nas linhas coloniais em desenvolvimento.

Para o imigrante, a espera pela ocupação e posse do lote ao qual seria direcionado era preocupante. Essa apreensão acompanhava o imigrante desde a sua decisão em deixar a Ucrânia até a sua instalação no núcleo colonial onde passaria a viver. A ansiedade, o temor e a incerteza eram sempre constantes. Com obstáculos na comunicação devido ao idioma e sem conhecimento do solo, do clima e das técnicas agrícolas utilizadas naquelas terras, o ucraniano enfrentou diversas dificuldades de adaptação.



FIGURA 5. Foto do início do século XX, evidenciando o barracão que abrigava os imigrantes ucranianos em Prudentópolis.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

Com “1574 lotes rurais distribuídos por 41 linhas” (Paraná, 1907, p. 61), as terras coloniais que compunham os dois principais núcleos de colonização do Município – Jesuíno Marcondes e Senador Correia – foram assim descritas: “são de excelente qualidade, cobertas de extensa e frondosa mata, onde abundam pinheirais e imbuiares, próprias para o cultivo de todos os cereais, batatas, legumes e frutas [...] as terras são de uma fertilidade extraordinária” (Paraná, 1909, p. 20). E em relação aos imigrantes, foi declarado: “Todos os colonos estão contentes e entusiasmados” (Paraná, 1909, p. 21) e “a boa condição da colônia, o clima ameno e a fertilidade do solo fizeram com que os colonos prosperassem rapidamente e divulgassem as vantagens que seus compatriotas teriam ao serem estabelecidos lá” (Paraná, 1907, p.61).

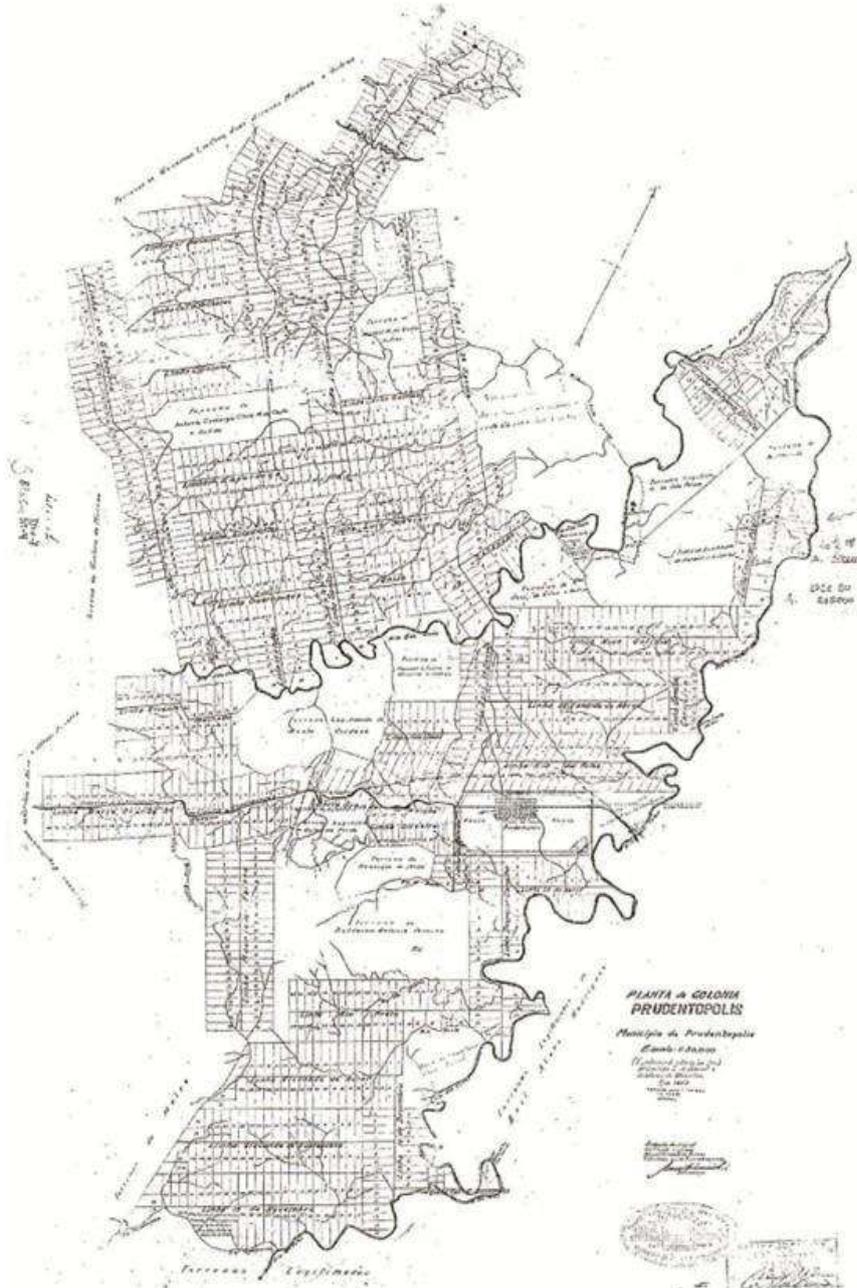
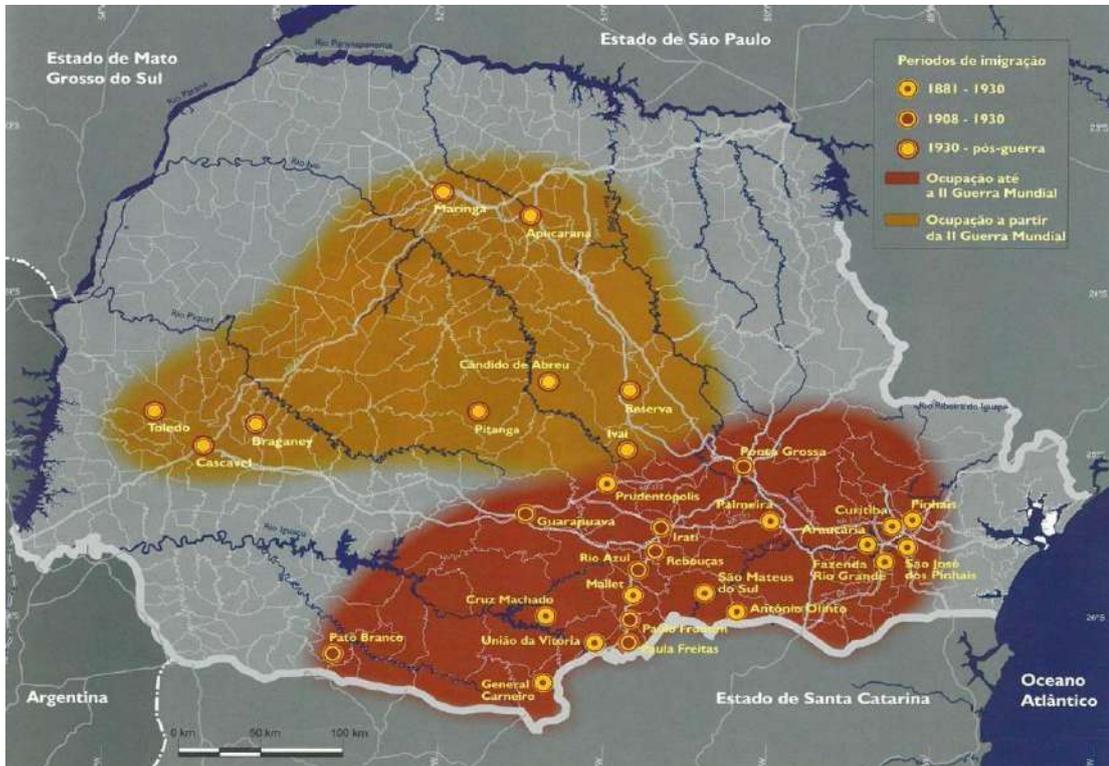


FIGURA 6. Planta dos lotes coloniais demarcados para a imigração em Prudentópolis.
Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

De acordo com Boruszenko (1967), em 1922, os imigrantes ucranianos já possuíam 7.500 fazendas, distribuídas em 350.000 hectares de terra, além de um rebanho estimado em mais de 10 mil cavalos, 8.500 cabeças de gado e 13 mil suínos. Segundo Boruszenko (1967, p. 430), “a produção anual das fazendas ultrapassava a quantia de 26 mil contos de réis. Enquanto isso, o capital aplicado dos negociantes e industriais ucranianos, naquele tempo, atingia apenas a importância de 2 mil contos de réis”. Destarte, a imigração ucraniana passou a consolidar o seu espaço como efetiva para a economia local, e até mesmo nacional, onde em 1963 produziu-

se 60% do trigo de toda a produção brasileira, e “só o município de Prudentópolis, com 25 mil agricultores, 80% dos quais são ucranianos, produz mais de 378 toneladas” (Boruszenko, 1967, p. 430).



MAPA 6. Fases da imigração ucraniana no estado do Paraná em diferentes períodos históricos. Fonte: (Batista, 2009, p. 39).

A terceira etapa da imigração ucraniana, considerada a maior em número de imigrantes, ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial: “Eram mais de duzentos mil imigrantes, entre perários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos e soldados da Primeira Divisão ucraniana e de outras formações militares, que lutaram contra os russos” (Boruszenko, 1995, p. 10). Deste último momento migratório, uma quantidade de pessoas imigrou para outros países da América, como Argentina, Canadá e Estados Unidos. O mapa abaixo ilustra as fases da imigração ucraniana no Paraná, elucidando os anos e as regiões ocupadas. Nota-se o período em que a imigração se efetivou no município de Prudentópolis, sendo de 1881 a 1930, isto é, antecedente a Segunda Guerra Mundial.

Todo esse contexto de estímulo à imigração europeia e apresentação de vantagens promissoras relacionadas à vinda de imigrantes para as terras brasileiras pode ser entendido dentro do contexto histórico vivenciado no Brasil e especificamente no Paraná, em um período de transformações conjunturais.

Baseado na intensa publicidade de um solo favorável à prosperidade e ao enriquecimento do imigrante e, adicionalmente, considerando que o estímulo para o progresso do Estado residiria na imigração, o governo do Estado do Paraná promovia essa região como a Terra da Promissão. A promoção do Paraná como uma "terra de oportunidades" era uma das estratégias empregadas para atrair imigrantes europeus. As empresas de imigração, respaldadas pelo discurso oficial, ampliaram essas campanhas publicitárias, resultando na chegada de novos grupos de imigrantes ucranianos a Prudentópolis. Em 1910, o município foi caracterizado como uma:

Colônia em elevado grau de prosperidade. A sua população aproximada é de 16.637 almas, assim discriminadas: 1.717 famílias de ruthenos com 8.588 pessoas; 1.087 de nacionaes com 5.435; 463 polacas com 2.315, seguindo-se algumas famílias, allemães, russas e turcas em numero de 59 com 299 individuos (Paraná, 1910, p. 26).

Com a necessidade de mão de obra e dependência da importação de artigos do exterior e de outras províncias, no Paraná “a introdução de colonos começou a ser vista como uma solução para resolver o problema da escassez e dos altos preços dos alimentos” (Nadalin, 2001, p. 72). Em virtude disso, os estrangeiros desejados para a tarefa de colonização e produção precisavam possuir características específicas. O imigrante deveria ser “agricultor, colonizador e artesão disposto a viver em colônias, e não o aventureiro que preferia viver nas cidades” (Oliveira, 2001, p. 29). Essa intenção ficou clara nos contratos estabelecidos entre o Governo do Estado do Paraná e particulares para alocar imigrantes em “terras devolutas”. Além das diversas obrigações que o contratado deveria cumprir, os imigrantes que poderiam ocupar os lotes de terra deveriam ser “preferencialmente imigrantes das nacionalidades Portuguesa, Alemã, Austríaca, Russa e Italiana, sendo estes do Norte, não podendo, entretanto, pertencer todos os imigrantes a uma única nacionalidade” (Paraná, 1896, p. 19).

Com relação a assistência concedida pelo governo para as famílias, Burko (1963, p.52) destaca que, “limitava-se ao pagamento de transportes marítimos e terrestres até o destino definitivo, a uma pequena ajuda financeira nos primeiros dias e à distribuição quase gratuita de lotes para aqueles agricultores que se mostravam capazes e dispostos a cultivá-lo”.

Em sua pesquisa, Farah, Guil e Philippi (2008, p. 14) descrevem a realidade vivenciada pelos imigrantes ucranianos ao chegar no Brasil, pois segundo eles “as dificuldades não eram menores. Recebiam animais de tração, ferramentas agrícolas e uma ajuda de custo para os primeiros meses. Soltos [...] precisavam absorver rapidamente as características do solo e do

clima para aplicar suas técnicas de cultivo”. Desse modo, com o uso da terra e exploração do solo, a produção agrícola passou a ser ampliada no país, o que ocasionou o surgimento de diversas atividades no setor, contribuindo para o desenvolvimento da economia brasileira (Zaroski, 2001).

Segundo a Representação Central Ucrâniano-Brasileira⁴⁵, os descendentes de ucranianos no Brasil formam atualmente uma comunidade de mais de 500 mil pessoas, com a maior concentração – cerca de 80%, ou mais de 400 mil pessoas – localizada no estado do Paraná. Em Curitiba, estima-se que há aproximadamente 55 mil descendentes, mas o maior percentual está no município de Prudentópolis, onde, em uma população de quase 50 mil pessoas, 38 mil são de origem ucraniana, representando cerca de 75% da população local. Outros municípios com grande concentração incluem Mallet, com aproximadamente 60%, Paulo Frontin com 55%, Ivaí e Antônio Olinto com 45%, Rio Azul e Roncador com 30%, e União da Vitória e Paula Freitas com cerca de 25%. Em Cruz Machado e Pitanga, a concentração é de aproximadamente 20%, e em Irati, de 12%; em outras cidades, o percentual é inferior a 10% (Martins, 1995, p.10).

Segundo Romário Martins (1995, p.12), “em 1995 a comunidade ucraniana de Prudentópolis correspondia a 75% da população”. Essa preferência por Prudentópolis e outras áreas do Paraná se deve à disponibilidade de terras e às características de clima e relevo semelhantes às da Ucrânia e outras regiões do Leste Europeu (Antonelli; Choma; Seniuk, 2021).

1.3 IMIGRAÇÃO UCRÂNIANA AO PARANÁ: IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE

A luz da lamparina dançava frente ao ícone da Santíssima Trindade. Paciente, a avó ensinava a prostrar-se em reverência, a persignar-se com três dedos e a rezar em língua eslava. De mãos postas, a menina fielmente repetia palavras que ela ignorava, mas Deus entendia (Kolody, 2004, p. 217).

Os imigrantes ucranianos que chegaram ao Paraná foram confrontados com a necessidade de reformular suas vidas em um ambiente cultural e socialmente distinto. A adaptação não significou simplesmente a assimilação total à cultura local, mas sim um delicado equilíbrio entre a preservação de sua identidade e a integração na sociedade receptora. Essa

⁴⁵ Disponível em: <http://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/imigracao-ucraniana/>. Acesso em 19 ago. 2024.

tentativa de manter a própria identidade enquanto se ajustam ao novo contexto é um processo intrincado e muitas vezes doloroso.

A relação entre imigração e identidade é, portanto, uma questão importante na história de qualquer movimento migratório. Os imigrantes se encontram diante do desafio de reconciliar sua origem com seu destino, negociando entre os elementos de sua cultura de origem e as demandas da nova sociedade. Esse processo não é apenas uma questão de adaptação superficial; é uma jornada emocional e psicológica que exige uma profunda introspecção e ajuste.

A colônia de Prudentópolis estabelecida em 1895, quando ainda fazia parte do município de Guarapuava, foi parte da política de povoamento do território paranaense. Conforme Guérios (2007, p. 117), entre 1896 e março de 1897, “aproximadamente 5.200 ucranianos foram assentados nas terras de Prudentópolis”. Dentre as diversas colônias fundadas pelos imigrantes ucranianos, temos 130 comunidades rurais que formaram Prudentópolis a partir daquele primeiro grupo de famílias (Hauresko, 2012, p.1).

As colônias ucranianas desta região ocuparam áreas que eram cobertas por matas. No início, os imigrantes tiveram poucas relações com indivíduos de outras nacionalidades, tendo em vista a isolada localização. A distribuição das áreas de matas fornecidas aos imigrantes era feita por representantes do governo, as companhias colonizadoras, mediante a divisão de terras em linhas que visavam o desbravamento e a agricultura. Estima-se terem sido cerca de 1700 lotes direcionados às famílias. Esses administradores deram a diversos pontos do território nomes de pessoas que eram consideradas importantes na região, como, por exemplo, Visconde de Guarapuava⁴⁶.

A região é caracterizada pela presença dos rios São João e Rio dos Patos, elementos que são determinantes na definição dos territórios designados aos imigrantes. A escolha estratégica dessas áreas, especialmente ao longo dos rios e seus afluentes, revelou-se vantajosa para o estabelecimento das famílias, proporcionando condições favoráveis para o cultivo de alimentos e o desenvolvimento da agricultura. A fixação progressiva dessas comunidades ao longo dos cursos d'água contribuiu para o crescimento da produção agrícola.

Inicialmente, os imigrantes ocuparam barracas como moradia temporária. Esse período transitório perdurou até que lotes de terra, variando entre vinte e vinte e cinco hectares, fossem demarcados para cada família. Essa distribuição de terras representou um marco no processo de estabelecimento, permitindo que as comunidades imigrantes desenvolvessem suas atividades agrícolas de maneira mais organizada e sustentável (Hauresko, 2012).

⁴⁶ Antônio de Sá Camargo, conhecido como Visconde de Guarapuava, foi um nobre pecuarista de família paranaense. O seu título de nobreza se deve aos serviços prestados à sociedade do Paraná (Costa, 2013).

As relações intrínsecas entre a geografia local, os recursos hídricos e as práticas agrícolas ressaltam a importância da seleção criteriosa desses territórios pelos imigrantes. A estratégia de ocupação ao longo dos rios facilitou o plantio e a produção de alimentos, e contribuiu para a formação de uma base para o desenvolvimento econômico e social dessas comunidades.

Em 1913, o governo estadual assumiu o controle da administração das famílias, implementando uma distribuição territorial em linhas homogêneas. Essas alocações, alinhadas com as estradas, resultaram na formação de pequenas comunidades compostas por grupos semelhantes. Apesar disso, é necessário refletir a eficácia desse movimento, pois ao dificultar a adaptação das famílias ucranianas, poderia ter contribuído para um isolamento cultural, uma vez que o contato com influências externas era minimizado (Hauresko, 2012, p. 3). Essa abordagem levanta questões sobre os impactos sociais e culturais desse processo administrativo nas comunidades envolvidas.

Nessa região territorial, os imigrantes ucranianos ergueram um universo de experiências enraizadas na espiritualidade e nos traços culturais ligados a um passado compartilhado, fortalecidos por elementos de identificação e pertencimento, especialmente na língua ucraniana e na fé Greco-Católica de Rito Bizantino. Predominantemente ocupadas por ucranianos, as parcelas coloniais deram origem a comunidades rurais formadas por camponeses que estabeleceram uma conexão intrínseca entre a terra, o trabalho e as crenças.

Como as terras eram financiadas, em um prazo de aproximadamente um ano, essas famílias já conseguiam regularizar-se, passando a serem donas legítimas dos territórios. Guérios (2012) reconhece esses grupos como “comunidades-núcleos”, visto que essas unidades deram nascimento à cidade e a uma identidade ucraniana à região.

Nesse contexto, as próprias construções das casas ficavam a cargo dos imigrantes, utilizando a madeira proveniente dos pinheiros-do-paraná, notadamente as árvores de araucária. Uma análise contemporânea das áreas agrícolas revela que, ainda atualmente, a agricultura familiar persiste na região, especialmente entre as famílias mais tradicionais, como apontado por Hauresko (2001). As famílias continuaram a ensinar aos descendentes a linguagem, a gastronomia típica, o modo de se relacionar com a terra e com as pessoas em geral, contribuindo para que a cidade de Prudentópolis se destacasse na contemporaneidade pela cultura ucraniana, característica que atrai inúmeros visitantes (Antonelli; Choma; Seniuk, 2021). Essa continuidade destaca a relevância da agricultura familiar na manutenção das práticas culturais e econômicas dessas comunidades ao longo do tempo.

Dessa forma, a religiosidade operou uma resignação aos primeiros imigrantes diante do sofrimento experimentado nas regiões de colonização, onde encontraram uma realidade totalmente adversa: florestas densas, animais selvagens, doenças, fome e desilusão. Eles acreditavam que estavam indo para uma terra próspera onde poderiam construir uma nova vida longe de perseguições e guerras, mas a realidade do “Novo Mundo” não correspondia exatamente às suas expectativas ou sonhos. Apesar de todas as adversidades enfrentadas, no entanto, uma nova vida marcada pelo trabalho foi possível, em uma pátria adotada distante da terra de origem.

Por isso, a religiosidade dos imigrantes ucranianos, refletida nas práticas rituais do Rito Bizantino, pode ser vista como um fator de união e até de conforto diante dos desafios que enfrentavam. A religiosidade, dentro desse quadro, foi considerada como “um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana”, especialmente na localidade de Prudentópolis (Seniuk; Skavronski, 2014, p. 88).

A religiosidade passou a contribuir com a construção das comunidades formadas sob as linhas, dando “suporte para a cultura e a identidade ucraniana, na medida em que se constituem como um espaço permeado de símbolos e significações pertinentes aos imigrantes e diretamente imbricados com ele” (Hauresko, 2019). A igreja teve papel preponderante para a organização social dos primeiros imigrantes, bem como influenciou a religiosidade e a vida institucional, transformando colônias em uma sociedade sólida e com uma construção identitária que perdura até os dias atuais.

Boruszenko (1995) afirma que os primeiros imigrantes ucranianos não tinham assistência religiosa, uma vez que a língua não permitia uma comunicação compreensível com os sacerdotes brasileiros. Só no final do século XIX, foram encaminhados sacerdotes ucranianos ao sul do Brasil, pelo Cardeal e Arcebispo de Lviv na Ucrânia. Dessa forma, com o passar dos anos, foram surgindo “centenas de igrejas em estilo típico, com adornos e cúpulas bizantinas” (Seniuk; Skavronski, 2014, p. 99). Em Prudentópolis, onde encontravam-se a maior parte dos imigrantes ucranianos, “as dificuldades econômicas e políticas encontradas faziam os imigrantes recorrerem à Igreja Católica de Rito Ucraniano para solicitar auxílio espiritual” (Seniuk; Skavronski, 2014, p. 32).

Neste sentido, em conformidade com Terrin (2004, p. 24), “o rito é o mundo da expressão cultural comunitária”. O rito, compreendido como uma maneira de manifestar a religiosidade desse grupo étnico por meio de linguagem, símbolos, crenças e bênçãos específicas, possui uma dimensão religiosa ao assumir um caráter simbólico e transcendental.

O rito reafirma a identidade étnica dos participantes ao ser uma ação, um momento de comunicação e construção de uma visão de mundo.

Em Prudentópolis, a Igreja Católica se destaca por abrigar dois ritos distintos: o Latino e o Bizantino (Tenchena, 2010, p. 43). O Rito Latino é praticado pelos imigrantes poloneses e seus descendentes, atualmente identificados como “brasileiros”, ao passo que o Rito Bizantino é exercido pelos imigrantes ucranianos e seus descendentes. Destarte, a presença do Rito Bizantino se colocava como centro de encontro da manifestação da cultura dos imigrantes, desde a arquitetura das igrejas em estilo bizantino, marcadas por torres e abóbadas, que são próprias da Ucrânia, até os hábitos e costumes da população ucraniana. Dessa maneira, essas distinções servem como marcadores simbólicos de pertencimento, estabelecendo fronteiras étnicas e culturais dentro das comunidades locais.

O Rito Latino é o mais amplamente praticado dentro da Igreja Católica no Ocidente. Ele se originou em Roma e evoluiu como a principal forma litúrgica na Igreja Ocidental. Desenvolveu-se no Império Romano Ocidental, particularmente em Roma, onde São Pedro e São Paulo fundaram a primeira comunidade cristã. Por volta do século IV, o latim tornou-se a língua oficial da liturgia, substituindo o grego em grande parte do Ocidente (Seniuk, 2024, p.111).

A partir de 313, com o Édito de Milão, o cristianismo foi legalizado, permitindo sua rápida expansão. O Rito Latino foi consolidado pelo Papa Gregório I (590–604), que organizou o Cânon Romano e unificou as práticas litúrgicas ocidentais. O Rito Latino foi diretamente afetado pelo Cisma do Oriente ocorrido em 1054, o qual formalizou a separação entre as Igrejas Ocidental (liderada pelo Papa em Roma) e Oriental (liderada pelo Patriarca de Constantinopla) (Tamanini, 2017, p. 139).

Ao ressaltar a falta de igrejas e sacerdotes do Rito Bizantino em terras brasileiras e, ao demonstrar as dificuldades de aceitação e adaptação ao Rito Latino, o imigrante ucraniano Felep Kobren, em um relato publicado no Jornal *Prácia* em celebração aos quarenta anos de imigração, recorda:

Nós íamos à missa na igreja latina. Sim! Nós íamos até lá, pois sabíamos que todos nós ajoelhávamos para o único e mesmo Deus. Sabíamos também que as palavras proferidas com tanta fé pelo padre: Gloria in excelsis Deo – Pater Noster... dentre outras, são palavras essenciais das santas orações, palavras de louvor Divino, no entanto, elas eram estranhas para nós, não entendíveis e não nos tocavam da mesma forma que as nossas canções religiosas com as quais crescemos e nas quais fomos educados (Prácia, 1936, n. 39, p. 03).

No contexto da imigração ucraniana para o Brasil, especialmente nos primeiros anos, a ausência inicial de sacerdotes do rito ucraniano levou a uma atuação pastoral emergencial por parte de padres latinos, que passaram a atender os fiéis de tradição oriental. Essa solução prática, ainda que motivada por uma necessidade pastoral, trouxe implicações que extrapolaram o campo religioso, envolvendo questões culturais e identitárias. O Padre Valdomiro Haneiko (1985) aborda um aspecto significativo das tensões e interações entre os ritos católicos latino e ucraniano, destacando as diferenças de percepção e práticas pastorais que marcaram esses dois universos dentro da Igreja Católica. Ele afirma que:

Parece estranho esse medo e zelo esquisito dos latinos em relação aos sacerdotes do rito ucraniano. É uma demonstração de ignorância dos padres do rito latino de então com a realidade da existência de muitos ritos na Igreja, todos reconhecidos e protegidos pelos quais a Igreja sempre teve igual consideração, pois cumprem uma missão igual à dos latinos. Os padres de ritos orientais não são menos padres que os de rito latino (Haneiko, 1985, p. 55).

Em amparo a estes, no ano de 1896, chegou ao país o padre diocesano Nicolau Michailevicz. Sendo, no entanto, casado e em razão da imposição do celibato católico, não foi contemplado, pela Diocese de Curitiba⁴⁷, com a jurisdição necessária para desempenhar a sua prática sacerdotal, tendo que retornar à Ucrânia (Seniuk; Skavronski, 2014).

Posteriormente, foi organizada a vinda do padre Nikon Rozdolski, que era viúvo e, dessa forma, obteve a jurisdição das autoridades eclesiais locais. Executando as suas atribuições sacerdotais, o padre Nikon foi designado a atender os rutenos da Colônia de Rio Claro, sendo posteriormente substituído pelo padre basiliano Silvestre Kizema, que chegou ao Brasil em 6 de junho de 1897, seguido de demais sacerdotes vindos da Ucrânia (Machula, 1988).

Em 28 de junho desse mesmo ano, o padre Silvestre foi nomeado, pelo bispo de Curitiba, como o capelão⁴⁸ da Colônia Rutena de Prudentópolis. Sua missão, delineada em um contexto de urgências espirituais e sociais, o colocou frente a uma realidade desafiadora: a dos imigrantes ucranianos que haviam se estabelecido na região. Os relatos de Kizema refletem tanto sua perplexidade diante da condição desses imigrantes quanto seu comprometimento em transformar essa realidade.

⁴⁷ Diocese à qual os padres ucranianos, bem como a região de Prudentópolis, foram submetidos até o ano de 1926.

⁴⁸ Padre encarregado do serviço religioso de uma capela. Sacerdote que dirige serviços religiosos e presta assistência espiritual em corporações militares, hospitais, colégios e comunidades religiosas (Michaelis, 2015).

Eu escolhi Prudentópolis, porque lá o povo é muito pobre e totalmente abandonado. Não será fácil para mim chegar até lá e somente [...] cheguei até lá. Fui recebido muito bem, mas encontrei uma realidade deprimente. Parece-me que não há distrito algum da Halytchyná⁴⁹ do qual não haja gente aqui, mas é na sua maioria escória, desprovida de dignidade e fé. Fiquei preocupadíssimo e não sabia se ficaria ou iria embora. Entregando-me à vontade de Deus, comecei meu trabalho com uma missão de quatro dias, a fim de prepará-los para a confissão (Kizema, 1897, p. 2)⁵⁰.

Na sua perspectiva, a Igreja teria o papel de auxiliar esses imigrantes que se sentiam “perdidos, sem religião e sem esperança” (Kizema, 1897, p. 2). Por isso, solicitou assistência na realização desse trabalho, pedindo a vinda de mais sacerdotes ucranianos para “recuperar essas almas perdidas”: “É necessário medidas tomar extremos para reabilitar essas almas sem rumo. A presença de mais padres é urgentemente necessária, enquanto a fé ainda vive em algumas pessoas” (Prácia, 1997, n. 14, p. 08).

A condição de abandono espiritual era interpretada como reflexo de uma decadência moral mais ampla. Kizema (1897, p.2) via com preocupação o que descrevia como “comportamentos impróprios”, como a “falta de união comunitária”, a “indiferença em relação aos valores cristãos” e, em certos casos, “práticas que considerava ofensivas à fé”, como “superstições ou hábitos trazidos da terra natal”, mas “reinterpretados de forma inadequada no novo contexto”.

Esse processo de adaptação gerou uma complexa dinâmica de ressignificação religiosa, na qual muitos imigrantes, diante das dificuldades de uma vida de migração, se viam compelidos a redescobrir seus próprios rituais, ainda que de forma modificada ou reconfigurada. Nesse cenário, a Igreja através de suas missas e catequeses buscava restaurar a fé e gerar uma nova forma de coesão social, onde os imigrantes poderiam se encontrar, reintegrar-se às comunidades e lidar com os desafios diários de adaptação. A reafirmação da religiosidade e da prática do rito servia, portanto, como uma ferramenta para lidar com a perda, o deslocamento e o sofrimento causados pela migração.

A narrativa do padre destaca a relação entre a fé e a sobrevivência no ambiente hostil da imigração, onde muitos imigrantes, imersos na luta pela subsistência, acabavam se afastando das práticas religiosas e dos sacramentos. Para Kizema (1897), essa negligência era sintoma de uma crise mais profunda, que exigia uma resposta imediata e radical da Igreja, a qual deveria

⁴⁹ Halytchyná corresponde a uma província da Galícia.

⁵⁰ Relato retirado da carta do padre Silvestre Kizema ao padre M. Mycielski e disponibilizado pelo Portal da Ordem de São Basílio Magno, no endereço: <https://osbm.org.br/wpcontent/uploads/2017/05/carta-pe-kizema-ao-provincial-1897.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

atuar como um “porto seguro” e um agente de reconstrução moral e social, oferecendo além de apoio espiritual, soluções práticas para as adversidades enfrentadas pelos fiéis.

A chegada de outros clérigos ucranianos ao Paraná, tanto basilianos quanto latinos, fortaleceu o trabalho missionário e possibilitou a criação de paróquias em Prudentópolis, Ivaí, Curitiba, Iracema, Marechal Mallet, Dorizon e Antônio Olinto (Boruszenko, 1967, p. 432). Essas comunidades se tornaram pontos de referência para a reestruturação social e espiritual dos imigrantes, promovendo uma nova lógica de organização comunitária baseada nos ritos religiosos e nos valores morais propagados pela Igreja.

A implementação de ritos religiosos específicos, como as missas na tradição oriental, a celebração de festas litúrgicas e a introdução de catequeses regulares, desempenhou um papel central nesse processo de sociabilidades em novas terras. A Igreja buscava fomentar a religiosidade dos imigrantes, e reconstruir sua identidade cultural, profundamente ligada à fé. Essa dualidade entre julgamento e acolhimento reflete tensões mais amplas enfrentadas pela Igreja no contexto da imigração: como preservar os valores cristãos e, ao mesmo tempo, respeitar a complexidade das experiências dos imigrantes, marcadas por perdas, deslocamentos e desafios materiais.

Nesse sentido, o trabalho missionário de Kizema e de outros padres ucranianos revela um paradoxo: ao mesmo tempo em que julgavam severamente os imigrantes por sua “falta de moralidade e fé”, reconheciam que a Igreja tinha o dever de acolhê-los, orientá-los e oferecer-lhes um caminho para a “reconciliação espiritual” (Kizema, 1897). Essa reconciliação, por sua vez, não era apenas espiritual, mas profundamente ancorada na necessidade de restaurar pertencimentos, valores e formas de vida desfeitas pelo desenrolar da imigração. Devido a isso, a religiosidade tornou-se um elemento estruturante para a coesão social e a consolidação cultural das comunidades ucranianas no Brasil.

Dada a importância da religiosidade para os imigrantes ucranianos, foi constituído pelo Papa Pio XII em 1952, um Vicariato⁵¹ próprio, onde em 1958 foi criado pela Santa Sé⁵² o primeiro bispado para católicos do Rito Bizantino no Brasil, tendo sua sede em Curitiba, capital paranaense (Boruszenko, 1967).

Dessa maneira, a colônia ucraniana se destacou das demais, evidenciando seus símbolos e rituais que buscavam expressar a identidade e a pertença étnica do grupo. A dimensão

⁵¹ Território sob a jurisdição de um vigário.

⁵² Chamada Sé Apostólica, é a jurisdição eclesiástica da Igreja Católica em Roma, sendo uma entidade soberana independente. Representa a cúpula do governo da Igreja Católica, chefiada pelo Papa e composta por um conjunto de órgãos que auxilia o Sumo Pontífice em suas atribuições missionárias, e tem sede no Estado da Cidade do Vaticano (Oliveira, s.d.).

simbólica das celebrações, expressa em seus ritos de caráter cerimonial, concretiza as memórias dos indivíduos por meio de diversas formas de representação, sendo por meio dessas práticas que as lembranças são reconstruídas. Segundo Chartier (1990, p. 17), as representações podem ser compreendidas como “[...] esquemas intelectuais que produzem as imagens pelas quais o presente é dotado de significado, o outro se torna compreensível e o espaço pode ser interpretado”.

“O presente seria, então, uma representação distorcida de um passado construído e reconstruído conforme o interesse de grupos que manipulam a memória conforme as conveniências e aspirações” (Baccin, 2014, p.15). Em Prudentópolis, essa perspectiva pode ser claramente percebida nos rituais pascais, os quais incorporam diversas expressões culturais que conectam as comunidades ao seu passado. A bênção dos alimentos, por exemplo, transcende o ato litúrgico ao incorporar elementos culturais que reafirmam a identidade coletiva, ao mesmo tempo que a atuação da Irmandade dos Cossacos⁵³ resgata tradições históricas e confere uma dimensão estética às celebrações.

A pintura de *pêssankas*⁵⁴, com seus intrincados padrões e significados, constitui uma prática carregada de simbolismo, na qual cada detalhe remete a histórias e valores transmitidos ao longo das gerações. Além disso, essas práticas conectam o tempo presente às memórias do passado, criando uma ponte entre o antigo e o novo. Da mesma forma, a gastronomia integrada às festividades atua na construção de vínculos identitários, em que sabores e receitas tornam-se meios de atualização e ressignificação de pertencimentos culturais, e o ato de preparar e compartilhar alimentos adquire sentidos coletivos no fortalecimento dessas referências.

Os primeiros imigrantes, diante de uma realidade desconhecida e hostil, recriaram um universo social, cultural e religioso como uma estratégia de defesa, resistência e ressignificação da identidade. Os espaços (re)construídos e demarcados por esses indivíduos foram fundamentais na definição de limites, mas não conseguiram isolar completamente o grupo de influências externas. Ademais, não impediram a mobilidade e a expansão das fronteiras, especialmente no âmbito cultural e religioso, como apontado por Hanicz (2011, p.1). Essa

⁵³ A Irmandade dos Cossacos de Prudentópolis é uma organização cultural e étnica localizada na cidade de Prudentópolis, no estado do Paraná, Brasil. Fundada por imigrantes ucranianos que se estabeleceram na região, a Irmandade promove a cultura cossaca, celebrando suas reinvenções das tradições, música, dança e vestimentas, atuando principalmente no período pascal (Corrent, 2019).

⁵⁴ As *pêssankas* são ovos pintados à mão com desenhos elaborados e detalhados, típicos da cultura ucraniana. A técnica de criação das *pêssankas* envolve o uso de cera e corante para criar padrões e símbolos, que muitas vezes representam coisas como prosperidade, saúde, amor e esperança. Cada região da Ucrânia possui seu próprio estilo de *pêssankas*, com variações de formato, cores e padrões. Estes ovos são usados em celebrações religiosas e culturais, e são considerados um símbolo importante da arte popular ucraniana (Sganzerla, 2007).

perspectiva evidencia a complexidade das interações entre os imigrantes e o ambiente circundante, revelando a dinâmica e a permeabilidade dessas fronteiras culturais e religiosas.

Mesmo assim, ao passo em que tais práticas agregam determinados indivíduos, concomitantemente excluem aqueles que desempenham métodos diferentes, resultando na constituição de fronteiras sociais identitárias, ou seja, a separação ou delimitação de uma realidade das outras. Hanicz (2011, p. 7) complementa que “o rito demarca fronteiras em relação à liturgia, à administração e distribuição dos sacramentos e cria um sistema de representação diferente da realidade religiosa brasileira”.

O item mais relevante dessa demarcação de fronteiras é a igreja, na qual se reúnem e manifestam os símbolos, os traços e a cultura de uma sociedade. Para os imigrantes ucranianos, “é a demarcação de uma nova ordem sócio-religiosa naquele território reproduzida a partir da religiosidade ucraniana e da tradição bizantina” (Hanicz, 2011, p. 7). Dessa forma, o Rito Bizantino e a língua materna atuam como elementos constitutivos na manutenção da identidade étnica dos ucranianos. Dessa maneira, promovem uma demarcação das diferenças entre as práticas brasileiras, ucranianas e dos demais imigrantes instalados no Brasil. Tais práticas distintas solidificam uma nova realidade aos imigrantes ucranianos, reconstruída por intermédio da necessidade de resgatar sua religiosidade na nova pátria.

Os ritos na Igreja surgiram como componentes essenciais para a formação de comunidades religiosas. Eles expressam os patrimônios teológicos e espirituais de um povo em seu contexto sociocultural e religioso (Khatlab, 1997, p. 21). Dado que o rito é uma prática ordenada que busca estabelecer uma harmonia entre as partes e o todo, ele se torna a “expressão e síntese do *ethos* cultural de um povo, portanto expressão de sua vida” (Vilhena, 2005, p. 55). Logo, as crenças e práticas religiosas são percebidas como um conjunto de ações carregadas de simbolismo, reunindo significados, experiências e vivências dentro de um grupo social e em um sistema religioso.

Nesse seguimento de suas vidas e diante de um cenário em uma “segunda pátria”, os imigrantes ucranianos sofreram com a ausência de seus ritos religiosos, muito porque “uma das características do povo ucraniano é a religiosidade, um sentimento profundamente arraigado, que o prende à sua religião tradicional” (Burko, 1963, p.59).

Quando começaram a chegar as primeiras famílias de imigrantes ucranianos em 1896, a realidade religiosa encontrada nessas terras era totalmente diversa. Além de não se identificarem com a Igreja Católica Brasileira, o Rito Latino adotado por essa instituição religiosa não era reconhecido e nem praticado pelos imigrantes recém-chegados. Sentiam-se desamparados e desintegrados

ao viver em uma sociedade baseada em preceitos e rituais religiosos tão diversos aos deles (Seniuk; Skavronski, 2014, p. 53).

A manutenção do vínculo entre passado e presente, especialmente no âmbito religioso, encontra no Rito Bizantino uma característica peculiar do catolicismo ucraniano. Em entrevista, o eparca Mazur (2018) elucidou o surgimento do Rito Bizantino e sua chegada à Ucrânia, contextualizando seu desenvolvimento na história do cristianismo. Durante a Era Apostólica, os discípulos de Jesus Cristo realizaram missões em diversas regiões do mundo, como Pedro e Paulo, que se dirigiram a Roma. Naquela época, Roma era o centro do Império Romano e, posteriormente, Bizâncio (atual Istambul), na Grécia Antiga, tornou-se outro polo de importância religiosa e política (Mazur, 2018).

Conforme Mazur (2018), “de Roma surgiu o Rito Ocidental, que é o Rito Romano ou Latino, que originou a Igreja Católica Romana. De Bizâncio surgiram as igrejas do Rito Oriental, que seguem o Rito Bizantino”. O eparca destacou ainda que, além dos ritos Latino e Bizantino, existem diversos outros ritos dentro da Igreja Católica, embora não tenham sido abordados em detalhe na ocasião.

O Rito Bizantino foi formalizado por teólogos como São João Crisóstomo (347-407) e São Basílio Magno (330-379), cujas liturgias ainda são usadas hoje. A introdução do Rito Bizantino na Ucrânia remonta ao ano de 988, durante a cristianização formal da região conhecida como Rus' de Kiev. Este marco histórico ocorreu sob a liderança do príncipe Volodymyr (Vladimir, o Grande), que adotou o cristianismo como religião oficial do Estado. Naquela época, o Rito Bizantino, então denominado rito grego, foi trazido à Rus' através de missionários e influências do Império Bizantino, especialmente de Constantinopla (Tamanini, 2015, p. 128).

Com o Grande Cisma de 1054, que dividiu a cristandade entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental, surgiram desafios e novas dinâmicas religiosas na região. A maior parte dos cristãos na Rus' de Kiev seguiu o caminho ortodoxo, alinhando-se a Constantinopla. Entretanto, ao longo dos séculos, especialmente após a União de Brest em 1596, parte dos fiéis de Rito Bizantino na Ucrânia passou a estabelecer comunhão com Roma, dando origem à Igreja Greco-Católica Ucraniana (Seniuk, 2024, p.108). Em virtude disso, nasceu a Igreja Greco-Católica Ucraniana, que manteve a liturgia e os costumes bizantinos enquanto reconhece a autoridade do Papa.

O Rito Bizantino ucraniano conta com uma metropolia (arquidiocese) católica e uma eparquia ortodoxa. A metropolia católica tem 28 paróquias, somando em torno de 240 igrejas e capelas; a Igreja Ortodoxa Ucraniana conta com 13 paróquias e o mesmo número de comunidades no Brasil (Hanicz, 2022, p.48).

No entanto, algumas comunidades que seguiam o Rito Bizantino mantiveram ou restauraram a comunhão com Roma, formando as chamadas Igrejas Orientais Católicas, como a Igreja Greco-Católica Ucraniana que é o caso do município de Prudentópolis. Mazur (2018) explica que “por isso se chama Greco-Católica, porque está em ligação com Roma. Obedece ao Papa, às normas da Igreja Católica, mas celebra o Rito de maneira distinta”. As diferenças entre o Rito Bizantino, adotado pelas comunidades de imigrantes ucranianos em suas igrejas, e o Rito Latino praticado no município, são evidentes tanto na liturgia quanto na estética e simbolismo religioso.

No Rito Bizantino, a Celebração Eucarística é chamada de Divina Liturgia, e existem três formas principais: a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, celebrada na maioria dos dias do ano; a Divina Liturgia de São Basílio Magno, reservada para ocasiões específicas como o dia 1º de janeiro, a Quaresma e a véspera de Natal; e a Liturgia dos Dons Pré-Santificados, exclusiva para a Quaresma (Schiller, 2018, p. 32-33).

Diferente do Rito Latino, a música litúrgica no Rito Bizantino é essencialmente à capela, ou seja, não se utiliza instrumentos musicais, sendo executada exclusivamente pela voz humana. Os cantos são polifônicos ou em estilo responsorial, com grande ênfase no canto coral, muitas vezes dividido entre vozes masculinas e femininas (Guérios, 2010). Dessa maneira, acredita-se que a voz humana, como criação de Deus, é o instrumento mais digno de louvor, e “deve gerar uma sensação de paz interior fora do comum” (Mazur, 2018).

Uma diferença marcante é a posição do padre durante a celebração. No Rito Latino, o sacerdote geralmente celebra voltado para a assembleia, simbolizando um diálogo direto com os fiéis. No Rito Bizantino, o celebrante permanece de costas para o povo, voltado para o altar. Essa postura expressa deferência a Jesus Cristo e o papel do padre como guia espiritual, conduzindo as comunidades na direção de Deus (Mazur, 2018). Tal prática sublinha a transcendência divina, em oposição ao Rito Latino que enfatiza a proximidade de Cristo com as comunidades.

Os templos bizantinos diferem consideravelmente na ornamentação das igrejas latinas, pois enquanto estas frequentemente apresentam estátuas e esculturas de Cristo, da Virgem Maria e dos santos e santas, os templos bizantinos utilizam ícones - pinturas religiosas com profundo simbolismo teológico, descritos como “janelas para o divino” e centrais na

espiritualidade bizantina, funcionando como “mediadores entre o fiel e o sagrado” (Hanicz, 2022, p.47).

A iconografia vai além de ser simples ornamentação; ela é “uma forma de catequese, um meio de ensinar sobre os eventos salvíficos e de contar a história da fé e da salvação” (Beló, 2022). Por isso, através da iconografia, a presença do sagrado é “transmitida, convidando os fiéis a contemplá-la, meditá-la e vivê-la” (Litvin, 2021, p. 93). Essa expressão artística pode ser encontrada tanto em pinturas diretamente nas paredes das igrejas quanto em ícones fixados nas paredes ou expostos nos altares. Os ícones podem ser adornados com toalhas bordadas, chamadas de *rushnyk*⁵⁵, que apresentam motivos típicos da cultura ucraniana, simbolizando respeito, carinho e veneração.

A iconografia ucraniana pode ser analisada à luz da teoria da hierofania de Mircea Eliade (1992), que aborda a manifestação do sagrado no mundo material. Para Eliade (1992), a hierofania é o “ato pelo qual algo aparentemente comum se torna um veículo do divino, revelando uma dimensão transcendental na realidade cotidiana” (p. 33). Por isso, seguindo a lógica da hierofania, o ícone materializa a presença divina no mundo físico.

Os ícones não existem isolados; eles ocupam um lugar central nas igrejas ucranianas, especialmente no *ikonostás*⁵⁶. Este é uma barreira entre o altar (sagrado) e o restante da igreja (mundo profano). Eliade (1992) argumenta que o sagrado organiza o espaço, criando uma ruptura qualitativa entre o que é sagrado e o que é profano. O *ikonostás* cumpre esse papel, servindo como uma “hierofania espacial”.

A imagem abaixo traz em destaque o *ikonostás* da Igreja São Josafat, tombada em 1979 e “construída pelos ucranianos que na sua diáspora escolheram Prudentópolis como sua segunda pátria” (Livro Tombo das Belas Artes, inscrição n. 71, 13 de março de 1979). Decorado com bordados típicos ucranianos, o púlpito da igreja simboliza a barca de São Pedro, apresentando em seus mastros as cores da Ucrânia. O conjunto tombado inclui uma rede de pesca com peixes e “[...] inclusive finíssimo trabalho em madeira, no qual se destaca o famoso *ikonostás*, isto é, a coleção de ícones representando a vida de Nossa Senhora e dos apóstolos” (Livro Tombo das Belas Artes, n. 71, 13 de março de 1979).

⁵⁵ O *rushnyk* é um pano ucraniano, geralmente feito de linho ou algodão, que é bordado à mão com padrões geométricos, florais ou simbólicos. Utilizado em diversas ocasiões culturais e religiosas, tornou-se um elemento importante da identidade ucraniana. O bordado pode variar de acordo com a região e a tradição, sendo frequentemente associado a rituais como casamentos, batismos e funerais (Knorek; Vaurek, 2018, p. 419).

⁵⁶ O *ikonostás* é uma estrutura característica das igrejas cristãs orientais, especificamente na tradição ortodoxa e na Igreja Greco-Católica. Trata-se de uma parede ou divisória decorada com ícones que separa o altar do restante da igreja.



FIGURA 7. Altar da Igreja Matriz de São Josafat evidenciando diversos ícones religiosos formando o *ikonostás*.
Fonte: Tripadvisor (s.d.).

Nesse sentido, a obra em madeira que abriga as imagens foi realizada pelo padre basiliano Ghavryil Stepan Bunyj, e simboliza o nascimento, a vida, a paixão e a ressurreição de Jesus Cristo (Guil, 2006). Este ícone divide o altar principal da nave central da igreja, estando disposto em perfeita harmonia com a arquitetura do templo e a beleza do ícone. O conjunto narra a história dos patriarcas, dos apóstolos, os episódios da vida de Cristo e, em sua base, apresenta nas extremidades as figuras de São Nicolau e João Batista. No centro, encontram-se as imagens da Virgem Imaculada e de Jesus Cristo, compondo um painel de grande valor simbólico e estético.

Elementos como o fundo dourado, que simboliza a luz divina eterna, e as cores vibrantes, escolhidas para transmitir significados espirituais, criam uma experiência visual que ultrapassa o mero estético. Esses aspectos materiais são impregnados de significado “transcendente, transformando o profano em veículo do sagrado”, exatamente como descrito por Eliade (1992). Na cultura bizantina, sua criação segue normas rigorosas, baseadas em cânones que garantem que cada detalhe, desde as cores até as expressões dos personagens, carregue um significado espiritual.

O ato de venerar os ícones, como beijá-los ou acender velas diante deles, é um momento em que o fiel vivencia diretamente o contato com o transcendente. Essas interações ritualísticas reforçam a ideia de que o sagrado não é apenas uma abstração distante, mas algo que se torna concreto e acessível no cotidiano, visto que há uma “busca humana por criar uma conexão tangível com o sagrado” (Eliade, 1992, p. 50).

Além dessas distinções entre os ritos, o sinal da cruz é realizado de maneira diferente. No Rito Latino, o gesto é feito da esquerda para a direita. No bizantino, o movimento vai da direita para a esquerda, e os fiéis unem os dedos polegar, indicador e médio, representando a Santíssima Trindade, ao passo que os outros dois dedos simbolizam as naturezas divina e humana de Cristo (Mazur, 2018).

O movimento da direita para a esquerda não é casual, pois remete a uma ordem espiritual específica que simboliza a bênção partindo de Cristo, representado à direita de Deus segundo a tradição cristã, e se estendendo ao fiel. Os dedos unidos reforçam a centralidade da fé trinitária – Pai, Filho e Espírito Santo –, enquanto os dois dedos recolhidos recordam a encarnação de Cristo, um dos pilares do cristianismo (Abreu; Leite, 2015). Esses gestos são carregados de significados que reforçam a especificidade simbólica do Rito Oriental.

Convencionalmente, os sacramentos de iniciação cristã – Batismo, Crisma e Eucaristia – são administrados conjuntamente, permitindo que crianças recém-batizadas recebam a comunhão. Apesar disso, no contexto da Igreja Católica Ucraniana no Brasil, essa prática sofreu adaptações. Embora o Batismo e a Crisma continuem sendo realizados simultaneamente, a comunhão não é administrada imediatamente após esses sacramentos, como ocorre em outras igrejas de tradição bizantina.

Essa adaptação reflete a busca da Igreja Católica Ucraniana por harmonizar suas práticas com a realidade da Igreja Latina predominante no Brasil, evitando confusões entre os fiéis e possíveis conflitos com a hierarquia e a tradição romana (Hanicz, 2022). Nesse modelo adaptado, as crianças são batizadas e crismadas pelo padre ainda na infância. Posteriormente, aos dez anos de idade, iniciam um período de três anos de catequese, chamado de “Confirmação”. Somente após esse processo é que recebem a Primeira Eucaristia, alinhando-se à prática comum da Igreja Católica Latina no país.

A reorganização sacramental é um exemplo de como a Igreja Católica Ucraniana no Brasil combina a fidelidade às tradições bizantinas com a necessidade de adaptação cultural e pastoral ao contexto local. Apesar de no Rito Bizantino o Batismo, a Crisma e a Eucaristia serem concebidos como uma unidade teológica e litúrgica, a separação da comunhão no Brasil reflete a convivência e o diálogo entre diferentes tradições dentro da mesma fé. Esse equilíbrio

permite que a identidade ucraniana seja reinterpretada, ao mesmo tempo que os fiéis se inserem plenamente no ambiente católico brasileiro.

O calendário litúrgico bizantino apresenta características que o diferenciam do Rito Latino, refletindo a especificidade das práticas orientais. No Rito Bizantino ucraniano, o Ano Litúrgico começa em 1º de setembro, seguindo tanto o calendário juliano quanto o gregoriano, marcando o início do Ano Novo litúrgico. A estrutura inclui doze grandes festas, que celebram eventos significativos da história da salvação e da vida de Cristo e da Virgem Maria, como a Natividade da Mãe de Deus, a Teofania e a Dormição da Mãe de Deus. Essas festas possuem uma profunda dimensão teológica e espiritual, sublinhando o mistério da encarnação e da salvação humana.

No Rito Latino há uma forte devoção mariana, o Rito Bizantino ressalta Maria como *Theotokos* (Mãe de Deus), conferindo-lhe um papel central nas celebrações. As festas marianas bizantinas, como a Apresentação de Maria ao Templo (21 de novembro) e a Dormição da Mãe de Deus (15 de agosto), são celebradas com maior solenidade, reforçando a ideia da intercessão contínua de Maria no plano da salvação (Hanicz, 2022, p. 46-47). No Rito Latino, embora Maria seja exaltada, suas celebrações, como a Imaculada Conceição (8 de dezembro) e a Assunção (15 de agosto), destacam conceitos dogmáticos específicos, como a preservação do pecado original e a elevação corpórea aos céus (Abreu; Leite, 2015).

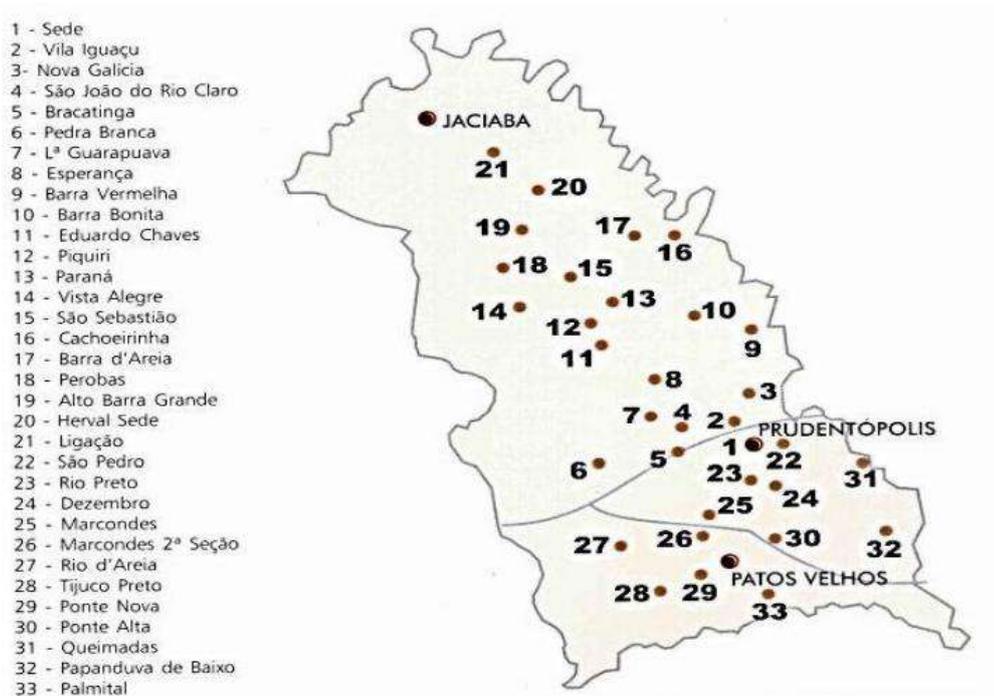
Por outro lado, o Rito Latino utiliza exclusivamente o calendário gregoriano e celebra tanto festas marianas quanto cristológicas, distinguindo-se pela maior flexibilidade na introdução de novas solenidades, como *Corpus Christi* e o Sagrado Coração de Jesus, que destacam elementos específicos da piedade popular e da teologia latina. Ademais, no calendário latino, o Ano Litúrgico começa com o Advento, geralmente no final de novembro ou início de dezembro, preparando os fiéis para o Natal, em um ciclo mais focado no mistério da vinda de Cristo.

Nas comunidades rurais, embora o “dia santo” – ou popularmente conhecido como “*chuetto*” –, ainda seja um preceito que deve ser respeitado, realiza-se a Divina Liturgia na capela local. Nesses locais, as capelas frequentemente servem como centros comunitários onde a celebração litúrgica reforça laços interpessoais e culturais. A prática reflete um *ethos* coletivo que valoriza a tradição e a continuidade religiosa, pois “para muitos fiéis da cidade [zona urbana], esse dia não significa absolutamente nada, e são totalmente indiferentes” (Mazur, 2018). Por isso, “a realidade das cidades exige mais adaptações do que a realidade das colônias” (Hanicz, 2022, p. 47).

As igrejas localizadas principalmente na área urbana enfrentam o desafio de responder a demandas distintas: acolher uma diversidade de fiéis, incorporar novas formas de evangelização e propor práticas litúrgicas que sejam acessíveis, mas sem perder o vínculo com a tradição. Isso inclui desde mudanças nos horários de missas, celebrações realizadas em língua portuguesa e até o uso de tecnologias para facilitar o acesso à liturgia, como transmissões online.

Para os ucranianos que migraram para o Brasil, o Rito Bizantino tornou-se um importante elo com suas origens culturais e religiosas. Para eles e seus descendentes, a sustentação desse Rito é concebido como um mecanismo de resistência cultural frente à assimilação pela sociedade brasileira, predominantemente influenciada pelo Rito Latino. Porém, a convivência com o Rito Latino gerou adaptações, especialmente em comunidades menores, onde recursos para a manutenção completa das tradições bizantinas nem sempre estavam disponíveis.

A distribuição das igrejas ucranianas em Prudentópolis, representadas no mapa abaixo, evidencia a presença significativa dessas instituições tanto na área urbana quanto nas zonas rurais. Com um total de trinta e três igrejas, essa distribuição reflete a atuação das igrejas ucranianas na organização comunitária e na ratificação da identidade cultural ucraniana no município.



MAPA 7 - Mapa com a localização das igrejas ucranianas (Rito Bizantino) no município de Prudentópolis, Paraná.

Fonte: (Guil, 2006).

Ademais, a presença expressiva de igrejas em localidades rurais mais afastadas, como Jaciaba e Patos Velhos, indica o esforço de descentralizar os serviços religiosos, garantindo acesso às comunidades do interior. Esse fenômeno evidencia a função das igrejas não apenas como espaços de fé, mas também como pontos de encontro e coesão social, atuando como lugares de memória para essa população. Os nomes das localidades, por sua vez, destacam a convivência entre denominações indígenas, coloniais e de imigração, revelando a complexidade histórica da ocupação da região.

A adoção do Rito Bizantino pelos descendentes de ucranianos no Brasil é mais do que uma escolha litúrgica; representa uma estratégia de resistência cultural e de afirmação identitária. Michel de Certeau (2011, p. 166) destaca que “tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo religioso provoca sua coesão. Nelas encontra sua âncora e sua diferença com relação a outras unidades sociais – religiosas ou não”. Esse contraste torna-se evidente na convivência entre os descendentes de ucranianos e os praticantes do Rito Latino, marcando os limites de identidade e alteridade.

A ideia de identidade reforçada pela exclusão ou pela diferença materializa-se nas interações sociais entre os descendentes de ucranianos que participam dessas cerimônias religiosas, em contraste com os outros grupos sociais com os quais convivem. Nesse cenário, as identidades são construídas e reconstruídas a partir do contraste, da oposição ao que é diferente, ao que é estranho, gerando frequentemente processos de identificação que excluem ou incorporam os indivíduos. Isso é perceptível nos grupos sociais que se reconhecem etnicamente.

Dessa forma, os imigrantes ucranianos mobilizaram referências culturais e religiosas para construir novas formas de sociabilidade em território brasileiro. O universo social e espiritual recriado articulava elementos tradicionais com práticas adaptadas à realidade local, constituindo espaços de convivência baseados em códigos culturais compartilhados. A organização de igrejas, escolas e associações funcionava como eixo estruturante da vida comunitária, orientando as relações sociais e simbólicas no cotidiano.

Diante desse processo, práticas e significados foram construídos e reconstruídos, resultando em dinâmicas culturais que combinavam continuidade e inovação. Ao recriar o espaço social e religioso, definindo e demarcando suas fronteiras, os imigrantes estavam, na verdade, construindo seu próprio mundo, que para eles, nas palavras de Mircea Eliade, era o “Nosso Mundo”, o “Nosso Cosmos”, o “Nosso Centro” (Eliade, 1992, p. 38-42). Essa configuração cultural pode ser compreendida como parte de um processo de produção

identitária, no qual os sujeitos acionam repertórios herdados, reelaborando-os em interação com o novo meio, simbolizando uma forma de resistência diante da desestruturação das fronteiras simbólicas às quais estavam submetidos. Burke (2003) entende essas práticas de “hibridismo cultural” como formas de construção de identidades em contextos de mobilidade e interação cultural, marcadas pela tensão entre memória, adaptação e transformação, nas quais é possível perceber “características de inovação, efeitos equivalentes e assimilações, e uma total recusa à imitação pura e simples” (Burke, 2003, p. 27-28).

Teodoro Hanicz (2022), ao estudar os desafios enfrentados pelo Rito Bizantino em Prudentópolis desde o final do século XIX, passando pelo século XX e estendendo-se até a contemporaneidade, destaca questões relacionadas à indiferença étnico-religiosa, às mudanças no conceito de matrimônio e família e à mobilidade social. No contexto do grupo étnico ucraniano, Hanicz (2022) observa um número crescente de pessoas que demonstram distanciamento da participação na vida da Igreja e não estabelecem compromissos duradouros com as comunidades religiosas. Contudo, em situações específicas, como batismos, crismas e casamentos, recorrem à identidade étnica e às tradições familiares para justificar a solicitação dos sacramentos (Hanicz, 2022, p. 50).

As transformações sociais decorrentes dos casamentos interétnicos incidiram diretamente sobre os modos de organização familiar, resultando em alterações nas formas de identificação e pertencimento a um grupo étnico específico (Lucavei; Schörner, 2013). No contexto das comunidades de origem eslava no Brasil, como a ucraniana, esse processo assume contornos particulares, uma vez que essas famílias foram historicamente estruturadas sobre bases culturais, linguísticas e religiosas homogêneas, com forte papel da Igreja na mediação das tradições e na preservação identitária (Hanicz, 2022, p. 50-51).

No interior das comunidades ucranianas no Brasil, marcada pela tentativa de manutenção de uma identidade étnico-religiosa coesa, os filhos de casamentos interétnicos desafiam os marcos simbólicos herdados da imigração. Hanicz (2022, p. 50) observa que, diante da crescente presença de uniões interétnicas, a Igreja – entendida como guardiã da religiosidade e do rito tradicional – revela sinais de desconforto e desorientação, pois os indivíduos oriundos dessas novas configurações familiares questionavam práticas e estruturas ritualísticas consolidadas.

A presença de múltiplas referências linguísticas, culturais e religiosas nas novas gerações dificulta a reprodução das práticas comunitárias, sobretudo no que tange à linguagem litúrgica, à transmissão da memória ancestral e à participação nos ritos bizantinos. Essas mudanças geram, nas instituições religiosas, uma resposta ambivalente: ao mesmo tempo em

que a heterogeneidade sociocultural das comunidades se expande, há um movimento de retração, no qual a tradição é mobilizada como tentativa de resguardar uma identidade percebida como ameaçada.

Segundo Hanicz (2022, p. 50), nesse cenário, a Igreja, “sem saber o que fazer e sem resposta”, frequentemente recorre ao apoio de setores que nutrem uma visão crítica ou de rejeição à cultura brasileira – denominados por ele como “brasilóforos” – reforçando discursos que associam a manutenção da identidade étnica à rejeição do hibridismo. Essa postura, contudo, desconsidera as transformações históricas que reconfiguram continuamente as fronteiras identitárias. As barreiras que antes funcionavam como critérios de pertencimento étnico-religioso tornam-se, com o tempo, permeáveis ou deslocadas, sem que as instituições necessariamente acompanhem esse processo.

Esse quadro revela um tensionamento entre a tradição – entendida como herança cultural e religiosa – e a vivência contemporânea das famílias, marcadas por trajetórias híbridas. Longe de representar apenas uma crise institucional, o fenômeno aponta para uma mudança estrutural no modo como as identidades são construídas e experienciadas no Brasil, país historicamente marcado pelo sincretismo e pela convivência entre múltiplas matrizes culturais. Nesse cenário, a presença de filhos de casamentos interétnicos além de desafiar estruturas antigas, sugere a necessidade de uma reinterpretação das práticas e discursos que sustentam a identidade étnico-religiosa, especialmente em contextos de diáspora.

Outro desafio, não somente dos séculos anteriores, mas enfrentado pela Igreja e pelo Rito Bizantino contemporâneo é a questão da mobilidade geográfica e social. Jovens e adultos, movidos pela busca por melhores oportunidades de trabalho e pela continuidade dos estudos em níveis superiores, deixam progressivamente as áreas rurais – espaços historicamente associados à concentração das comunidades ucranianas no Brasil. Esse deslocamento provoca um afastamento não apenas físico, mas simbólico do chamado “universo ucraniano”, composto por práticas culturais, linguísticas e religiosas que sustentam a identidade étnica (Hanicz, 2022, p. 49-50).

Nessa nova conjuntura urbana, observa-se a adoção de diferentes formas de vivência religiosa, onde parte desses indivíduos passa a participar de celebrações no Rito Latino, enquanto outros se aproximam de distintas denominações cristãs ou reformulam sua relação com a religiosidade institucional. Essa diversidade de práticas resulta em trajetórias religiosas que não seguem necessariamente os moldes da permanência em uma única tradição. Hanicz (2022, p. 51), aponta que muitos descendentes de ucranianos “transitam entre ambas [as Igrejas], frequentando ora uma, ora outra, sem estabelecer um vínculo efetivo, afetivo ou

compromisso com nenhuma delas”. O que é classificado como ausência de “vínculo efetivo”, na verdade, reflete uma religiosidade mais fluída, multirreferenciada e compatível com as dinâmicas urbanas contemporâneas, em que os sujeitos experimentam diferentes formas de espiritualidade sem, necessariamente, estabelecer um compromisso institucional exclusivo.

Essa circulação entre referências espirituais distintas – entendida aqui como dinâmica de recomposição identitária – é frequentemente lida como um obstáculo à manutenção da tradição bizantina, sobretudo em razão da histórica tensão entre a Igreja Greco-Católica Ucraniana e a Igreja Latina no Brasil. No entanto, ao invés de compreender esse trânsito como uma ameaça à tradição, pode-se concebê-lo como parte de um processo amplo de ressignificação da identidade ucraniana no Brasil, no qual a pluralidade de experiências espirituais não necessariamente implica ruptura, mas reorganização de sentidos.

Essa dinâmica de ressignificação está intrinsecamente ligada ao papel da memória coletiva na construção identitária, visto que segundo Eric Hobsbawm, “todos os seres humanos, coletividades e instituições necessitam de um passado” (Hobsbawm, 1994, p. 283). Por meio desse passado, as coletividades constroem formas de identificação, vendo o “outro” como “diferente” e assegurando que sua memória será o alicerce para a construção de uma identidade social. No caso de Prudentópolis, o imaginário coletivo dos imigrantes ucranianos e poloneses, carregado de memórias das relações belicosas em seus países de origem, influenciou a forma como esses grupos interagiram no Brasil (Ramos, 2006).

Em primeiro lugar, as diferenças religiosas desempenharam um papel significativo na separação entre os dois grupos. Poloneses seguiam majoritariamente o Rito Latino (Católico Romano), enquanto os ucranianos, em sua maioria, aderiam ao Rito Bizantino (Católico Oriental). Embora ambos fossem cristãos, as distinções litúrgicas e culturais reforçavam barreiras e fronteiras entre as comunidades, onde a construção de igrejas separadas em Prudentópolis reflete essa divisão, pois cada grupo buscava consolidar sua identidade religiosa e cultural em um espaço próprio.

A territorialidade também esteve no centro das tensões, pois no processo de colonização, poloneses e ucranianos receberam terras em áreas contíguas, criando uma “fronteira étnica” que representava mais do que uma separação física: simbolizava as diferenças culturais e os conflitos de convivência. Além disso, a confusão inicial por parte das autoridades brasileiras em identificar ucranianos como poloneses – devido à proximidade linguística e geográfica de suas origens – gerou ressentimentos, uma vez que ambos buscavam afirmação como grupos distintos em território brasileiro.

Em 1900, atendendo ao pedido da comunidade polonesa, chegou ao Brasil, vindo da Europa, o padre Antônio Ryman. Ele construiu, na praça onde atualmente se localiza a Igreja Matriz de São João Batista, uma pequena capela que servia às comunidades brasileira, polonesa e alemã, promovendo a união religiosa entre esses grupos. Nesse mesmo ano, a capela foi desmembrada da matriz de Guarapuava por Dom José Barros Camargo, o primeiro bispo de Curitiba, como parte de um processo de organização e expansão da Igreja no interior do Paraná (Reis; Silveira, 2010).

Em 1905, o padre Ryman retornou à Polônia, e a comunidade polonesa solicitou aos padres da Congregação dos Vicentinos que assumissem a administração religiosa da colônia. Em 1906, o segundo bispo de Curitiba, dom Duarte Leopoldo da Silva, nomeou o padre Jacyntho Miesopust e o padre Francisco Chylascek, seu adjunto, para a Capelania da localidade, que, naquele ano, foi elevada à categoria de Curato (Sousa, 2009). Esse fato representou um importante marco para a consolidação da organização religiosa na região. Os poloneses, com o apoio das comunidades locais, iniciaram a construção de sua própria igreja, que foi erguida em madeira, material comum na época e nomeada de Igreja Polonesa Nossa Senhora das Graças. O mestre construtor responsável pela obra foi Romão Lubacheski, de origem ucraniana, um fato notável, considerando que ele não era polonês, mas ainda assim se dedicou à construção de um símbolo da fé e identidade cultural polonesa. Esse detalhe destaca a integração das diferentes comunidades de imigrantes, como os ucranianos e poloneses, no processo de adaptação e construção de sua realidade no Brasil. A obra foi acompanhada pelo Coronel João Lech, figura importante na gestão da construção e na organização da comunidade polonesa (Guil, 2006).

Em 30 de maio de 1949, um incêndio destruiu a Igreja Nossa Senhora das Graças – cujo Rito é Latino –, que havia servido às comunidades por mais de quatro décadas. O incidente, possivelmente causado por um curto-circuito, ocorreu logo após uma novena e foi agravado pela presença de materiais inflamáveis no interior do templo, como madeira, velas e querosene. Apesar dos esforços da população local, que foi mobilizada pelo toque dos sinos, poucos objetos foram resgatados, incluindo a imagem do Sagrado Coração de Jesus⁵⁷.

Após o incêndio, surgiram tensões e acusações entre as comunidades ucraniana e polonesa, refletindo os conflitos preexistentes entre esses grupos. Krevei (2022), relata que “os ucranianos e os poloneses nunca se deram bem em Prudentópolis. Quando a igreja deles pegou fogo, alguns chegaram a nos acusar de sermos os culpados. Foi uma acusação dolorosa, porque

⁵⁷ Fonte: <https://diopuava.org/santuاريو-nossa-senhora-das-gracas-prudentopolis-pr/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

éramos todos cristãos, mas na época, as divisões entre nós falavam mais alto”. Embora não houvesse evidências concretas que sustentassem tais acusações, o episódio evidencia a complexidade das relações interétnicas na região, marcadas por uma disputa simbólica e territorial. As duas comunidades, embora compartilhassem a fé cristã, carregavam históricos de rivalidade cultural, social e política que se intensificaram no contexto local. Esses conflitos transcendem o âmbito religioso, refletindo uma competição por legitimidade e poder, especialmente em espaços públicos e instituições que representavam suas identidades coletivas.

A convivência em um mesmo espaço, mesmo que forçada pela proximidade territorial e pela necessidade de sobrevivência em uma nova realidade no Brasil, não necessariamente resultava em harmonia ou integração imediata. Ao contrário, os conflitos de identidade, de pertencimento e de legitimação de seus modos de vida se intensificaram no seio das comunidades. Nesse cenário, o incêndio reacendeu e estimulou desconfianças mútuas e funcionou como um catalisador para a rearticulação de narrativas de pertencimento e exclusão, evidenciando como os eventos cotidianos ganham dimensões amplificadas em contextos de rivalidade histórica. Tendo isso em vista, a criação de um “nós” frente a um “outro” que é visto como “diferente” ou até como “inimigo” é uma estratégia de autoafirmação que, na prática, exclui e fragmenta ainda mais os espaços coletivos.

Nesse sentido, apesar das tensões iniciais, o convívio prolongado em Prudentópolis resultou em processos gradativos de integração, com sua identidade sendo construída a partir de antigas disputas e de um processo constante de negociação entre o antigo e o novo, o pertencente e o exótico, o acolhido e o excluído. Para Ramos (2006), “a interação constante entre poloneses e ucranianos, embora marcada por disputas, também permitiu a criação de uma nova identidade local: a prudentopolitana” (p. 106).

Diante disso, para Prado (2017, p. 25), “a cultura e a tradição ucraniana são praticadas no cotidiano desta cidade há mais de um século e das mais variadas formas. Os descendentes que lá estão, tem a religião católica bizantina ucraniana como sua principal religião”. Aqui, a cultura pode ser concebida como um conjunto mais amplo de características, crenças, práticas, valores, costumes, arte, linguagem e outras expressões humanas que caracterizam a sociedade ucraniana como um todo. Isso inclui elementos diversos que abrangem vários aspectos da vida cotidiana, artes, religião, gastronomia, arquitetura, entre outros.

Por outro lado, a tradição ucraniana se concentra mais especificamente em padrões comportamentais, práticas e conhecimentos transmitidos de geração em geração dentro das comunidades ucranianas. As tradições são frequentemente partes integrantes da cultura, mas podem ser mais específicas e se referir a práticas particulares, cerimônias, festividades, rituais

ou formas de fazer as coisas que são consideradas relevantes e são passadas ao longo do tempo. Dessa forma, Hauresko (2019, p.15) descreve a importância da Igreja para estabelecimento dos imigrantes no país:

Sublinha-se que além de suas funções religiosas nas colônias de imigração, a Igreja ainda assumiu nesse período variadas funções – administrativo-burocráticas – na medida em que realizava todos os registros dos fiéis (batismo, matrimônio e óbito), – de responsabilidade social – com a saúde dos imigrantes, a vida social e cultural deles. Com essa conduta, a Igreja tornou-se a primeira e a mais importante instituição na condução da vida de grande parte dos imigrantes. Compreende-se que a base para o estabelecimento da vida social e cultural organizada foi a coesão em torno da igreja. Ela foi o centro da vida social em toda comunidade ucraniana, dado que, era para a igreja que se dirigiam os imigrantes com o objetivo de resolver vários problemas e, foram os padres ucranianos que ajudavam os colonos na união de forças para vencer os obstáculos de diferentes naturezas.

De acordo com Costa (2018), em Prudentópolis o povo ucraniano alimenta a sua tradição cultural, principalmente com relação à preservação do idioma, que é ensinado no ambiente doméstico, principalmente nas áreas rurais do município. Nesse processo de reconfiguração cultural, a religiosidade ainda é muito presente, pois faz parte da história do povo imigrante, do mesmo modo que auxilia na ressignificação das tradições com o passar das gerações. Nesse sentido, com relação a forte ligação religiosa do povo imigrante ucraniano, Skavronski (2014, p. 88), discorre que:

A religiosidade foi um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana em Prudentópolis. Fundamental porque foi a diferença entre o insuportável e o tolerável, ao servir de conforto e motivação para os assentados. A religião estava presente em todo o momento, ajudando a manter os laços étnicos com a terra mãe. A língua e os costumes se mantiveram através dela e a devoção contribuiu para que muitos não abandonassem o Brasil e voltassem para a Ucrânia devido às mesmas dificuldades extremas encontradas lá.

Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984, p. 9), as tradições não devem ser vistas como práticas imutáveis e atemporais, mas como “técnicas inventadas” – isto é, práticas e símbolos que foram elaborados e institucionalizados ao longo do tempo, muitas vezes em resposta a contextos sociais e políticos específicos. Esse conceito é particularmente relevante ao analisarmos as tradições culturais dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis, que, desde sua chegada no final do século XIX, passaram a construir um imaginário coletivo em torno da

ideia de que o município seria uma espécie de extensão de sua terra natal, a Ucrânia. Para esses imigrantes, Prudentópolis representava um “pedacinho da Ucrânia”, uma terra abençoada que lhes foi dada para preservar e perpetuar o fervor cultural da “velha mãe terra”. Esse sentimento de continuidade cultural é central para a construção de sua identidade e se reflete nas práticas cotidianas de muitos descendentes que ainda cultivam as tradições de seus pais e avós.

Entre essas práticas, destaca-se a atuação da Igreja Greco-Católica Ucraniana, representada em Prudentópolis pela Paróquia de São Josafat, a qual adotou e institucionalizou rituais e cerimônias religiosas que, embora adaptados ao contexto local, mantiveram elementos significativos dos costumes da Ucrânia. A língua ucraniana, o calendário litúrgico específico e a celebração de festas, como a Páscoa ucraniana e o Natal, são exemplos claros de como a religiosidade foi um vetor de manutenção da etnicidade e da nacionalidade, sendo transmitida pelas gerações ao longo dos anos.

Todavia, a migração rural e o crescimento das áreas urbanas colocam em risco a transmissão intergeracional da cultura ucraniana. De acordo com o Censo de 2000, Prudentópolis apresentava uma população total de 46.346 habitantes, com 28.070 pessoas (60,5%) vivendo na zona rural e 18.276 (39,5%) na zona urbana (IBGE, 2000). No Censo de 2010, a população foi de 46.121 habitantes, com 22.463 (48,7%) residentes na zona urbana e 23.658 (51,3%) na zona rural (IBGE, 2010), revelando uma leve migração para o espaço urbano, mas ainda com predominância rural. Já em 2022, Prudentópolis registrou uma população de 49.393 habitantes, com 23.043 pessoas (46,7%) vivendo na área urbana e a maioria, 26.350 habitantes (53,3%), na zona rural (IBGE, 2022). Esses números indicam que, embora haja uma tendência de crescimento urbano ao longo das últimas décadas, Prudentópolis mantém ainda hoje um perfil majoritariamente rural, o que contribui para a manutenção de práticas culturais tradicionais entre as comunidades descendentes de imigrantes ucranianos.

Esse fenômeno, amplamente observado em comunidades de imigrantes, é intensificado pelo ritmo acelerado da vida urbana, que frequentemente limita o tempo e os espaços dedicados às práticas culturais. Para Rocha Júnior e Baltar (2023), os jovens que migram para as cidades, atraídos pela promessa de prosperidade econômica, se distanciam das práticas culturais e das tradições familiares que marcaram a vida de seus pais e avós. Essa desconexão é agravada pela pressão de assimilação cultural nas cidades, onde a busca por integração e aceitação muitas vezes leva ao abandono de elementos identitários considerados “arcaicos” ou “diferentes” (Rocha Júnior; Baltar, 2023, p. 09). A migração provoca, assim, uma desconexão com as práticas culturais diárias, como a reelaboração da língua ucraniana, da culinária e das festas religiosas, que passam a ser vistas como atividades secundárias ou mesmo dispensáveis. O

distanciamento familiar e do vínculo comunitário vai gradualmente reduzindo o contato com essas tradições, fazendo com que, em muitos casos, elas se tornem cada vez mais esporádicas e fragmentadas.

A compreensão das transformações culturais e sociais nas comunidades ucranianas de Prudentópolis se torna mais aprofundada quando vinculada às ideias de Nelson Zaroski (2001), que investigou como os imigrantes e seus descendentes organizavam e utilizavam o tempo em diferentes dimensões de suas vidas. Zaroski (2002) propõe que o uso do tempo nessas comunidades, organizadas como colônias ou comunidades-núcleo, era estruturado em diversas extensões interdependentes, incluindo o tempo de trabalho, lazer, religioso, o tempo das mulheres, bem como o tempo dedicado à culinária e ao artesanato. Essa organização temporal reflete um sistema de valores profundamente enraizado na cultura ucraniana, que regulava a vida cotidiana e fortalecia a identidade coletiva.

Contudo, na conjuntura da migração rural para os centros urbanos e do crescimento das áreas urbanas, como demonstrado pelos dados censitários de Prudentópolis, essa divisão do tempo sofre alterações expressivas. A urbanização tende a impor um tempo social mais acelerado, “frequentemente orientado pela lógica do mercado e pela busca de produtividade” (Oliveira, 2021, p. 5). Isso contrasta com o tempo rural, onde o trabalho agrícola e as práticas comunitárias favoreciam uma integração maior entre as dimensões do tempo propostas por Zaroski (2001).

Por exemplo, o tempo religioso, que na zona rural era integrado à rotina comunitária e ao calendário litúrgico, tende a ser adaptado ou reduzido nas cidades, onde os horários mais rígidos e individualizados dificultam a realização de celebrações em grupo. O tempo dedicado a culinária e ao artesanato, amplamente associado à manutenção de práticas culturais e à convivência familiar, se transforma no ambiente urbano, sendo muitas vezes substituído por atividades mais práticas ou utilitárias.

Por conseguinte, o tempo das mulheres, que anteriormente englobava atividades relacionadas ao cuidado da família e à transmissão de saberes, é ressignificado no ambiente urbano, onde novas demandas profissionais e sociais alteram suas prioridades e a divisão de tarefas, alterando o papel desempenhado por elas na manutenção da cultura ucraniana. O tempo de lazer, por sua vez, adquire novas configurações, frequentemente influenciado pelas possibilidades e restrições do espaço urbano. As opções de sociabilidade se diversificam, mas também se restringem, já que a vida urbana impõe limites temporais que nem sempre favorecem o convívio comunitário e familiar tão presente no meio rural (Zaroski, 2001). Essa

reorganização temporal, ao modificar os padrões de sociabilidade, revela a tensão entre a reinterpretação da identidade cultural e a adaptação às exigências do ambiente urbano.

Em contextos específicos, como o de Prudentópolis, instituições como a igreja desempenham uma função central ao mediar as transformações identitárias e culturais vivenciadas pelas comunidades ucranianas. Mais do que simples espaços de culto, essas instituições operam como guardiãs da memória coletiva e vetores de reprodução cultural. Ao organizar eventos, como a Páscoa (com a bênção dos alimentos e a confecção das *pêssankas*), o Natal (celebrado com cantos conhecidos como *Kolhadas*⁵⁸) e a Festa de São Nicolau, a igreja além de fomentar práticas ritualísticas, reforça vínculos comunitários e transmite valores intergeracionais. Esses eventos atuam como marcos temporais que estruturam o calendário social e simbólico das comunidades, reafirmando a identidade étnica diante das pressões assimilacionistas mais amplas da sociedade brasileira.

Conforme aponta Nora (1993), os lugares de memória se tornam ainda mais significativos em contextos onde há risco de apagamento cultural; nesse sentido, a igreja e suas festas operam como âncoras de identidade, projetando no presente a continuidade de um passado coletivo. Essa mediação institucional também evidencia a função da igreja como arena de negociação simbólica, onde se tensionam elementos da tradição e da modernidade, da fé e da cultura, refletindo os dilemas contemporâneos das comunidades ucranianas de Prudentópolis em seu esforço contínuo de reinventar e atualizar suas referências culturais em diálogo com as transformações sociais e históricas ao seu redor. Dessa forma, Hanicz explana que:

Ao ir para a igreja, ao entrar naquele espaço, a lembrança das suas origens ia se reconstruindo e se recompondo. Ao entrar naquele espaço, o imigrante refazia os seus arquétipos, reconstruía as suas origens e sua história. Para o seu imaginário, esse mundo era real, fixo, estável e sólido. Uma solidez duradoura a ponto de alimentar a utopia de reconstruir uma “Nova Ucrânia” em território brasileiro (Hanicz, 2011, p. 8).

As práticas religiosas e os costumes locais funcionam como mecanismos de mediação que condensam tempos distintos, permitindo às comunidades revisitarem e reinterpretarem os signos culturais que sustentam a construção de uma identidade coletiva em constante transformação. A reinvenção dessas tradições e valores não se dá de forma estática; pelo contrário, há uma contínua recriação e adaptação, onde as memórias e os símbolos são

⁵⁸ As *kolhadas* são celebrações natalinas que envolvem cânticos chamados *kolady*. Esses cânticos são executados em grupos (*kolhadnekês*), que visitam casas, igrejas e outros pontos de encontro da comunidade, celebrando o nascimento de Jesus e trazendo bênçãos para o novo ano (Gomes, 1972).

reinterpretados para atender às necessidades contemporâneas, assegurando a coesão social das comunidades.

Neste contexto, a religião e as tradições perpetuam um senso de identidade e fornecem um arcabouço de normas e valores que orientam tanto as práticas cotidianas quanto os momentos cerimoniais mais significativos. Esses “comandos” coletivos e individuais moldam a vida em Prudentópolis, refletindo uma dinâmica de continuidade e mudança que sustenta a vitalidade cultural e a coesão social da cidade. Assim sendo, “a transmissão de valores, formas de organização e instituições vai além da mera conservação: é um processo ativo de recriação que sustenta a identidade e a unidade da população, revelando-se fundamental para a manutenção da coesão e do senso de pertencimento na comunidade” (Tenchena, 2010, p.9).



FIGURA 8. A Igreja Matriz São Josafat é uma das 50 igrejas do rito ucraniano no município de Prudentópolis.

Fonte: (Budel, 2022).

Dessa maneira, entre os descendentes de ucranianos de Prudentópolis, é frequente encontrar um forte vínculo identitário com o Rito Bizantino e a igreja ucraniana. Estes vínculos são percebidos na utilização constante e enfática das expressões: “o nosso rito” ou “a nossa igreja”, assim como a expressão “*naschi lhude*⁵⁹”, principalmente nas comunidades rurais, como uma forma de identificar quem pertence a esse grupo étnico.

⁵⁹ Termo em ucraniano que significa “nossa gente”.

A igreja abriu espaço para outros espaços de cultura, como o Clube Ucrâniano⁶⁰. Esses locais tornaram-se pontos de convergência onde as comunidades ucranianas podem expressar suas tradições e funcionam como extensões das práticas religiosas, permitindo que a identidade ucraniana seja cultivada e transmitida de geração em geração, mesmo fora do ambiente estritamente religioso. A decoração carrega símbolos e cores, o artesanato renova técnicas ancestrais, e a culinária oferece uma conexão sensorial, envolvendo pratos que remetem à memória afetiva dos imigrantes e seus descendentes. A educação dos filhos, por sua vez, é permeada por valores e ensinamentos que refletem as tradições e a cosmovisão ucraniana, contribuindo para a formação de uma identidade coletiva que se alicerça na história e nas vivências compartilhadas das comunidades (Guérios, 2007).

Dessa maneira, de acordo com Boruszenko (1967), a manutenção da identidade cultural do povo imigrante ucraniano é de grande responsabilidade da Igreja, que cultua as tradições ucranianas até os dias atuais, em conjunto com os descendentes. Boruszenko (1967; 1995) ainda enfatiza que essa identidade cultural tem a tendência a desaparecer com o passar dos anos, caso as raízes culturais não sejam fomentadas e redefinidas. No caso de Prudentópolis, esse risco também está presente, o que justifica os esforços empreendidos por parte das comunidades no resgate da memória e das práticas culturais, como por exemplo a valorização do município como referência nacional da imigração ucraniana, o que inclui o uso dos títulos de “Ucrânia Brasileira” e “Capital da Oração” enquanto formas de reconhecimento e projeção da cultura local. Dessa forma, trata-se de uma luta permanente de afirmação e representação, marcada pela resistência contra o esquecimento.

No que concerne a culinária, salienta-se que a gastronomia de Prudentópolis é referência social, isso porque ela se apresenta como uma manifestação cultural que alude aos costumes e ao modo de vida do povo ucraniano (Reszetiuk; Bagatini, 2011). Na culinária se pode verificar a presença dos: “*Borscht*, designada como uma sopa de beterraba com repolho e carne; *Holuptsi*, uma espécie de pastel de repolho; *Kutiá*, uma sobremesa feita a base de trigo e mel” (Costenaro, 2013); “*Halushky*, massa feita de farinha de trigo colocada em caldo temperado, *Varenyky* chamado de *Pirohy*, sendo um pastel pequeno recheado de batata, requeijão, repolho ou feijão e cozido” (Horbatiuk, 1983, p. 77-78).

No município de Prudentópolis, a forte presença do bordado ucraniano reflete a continuidade das práticas culturais das comunidades. A técnica é passada de geração para

⁶⁰ O clube ucraniano, denominado Clube 12 de Novembro, localiza-se na cidade de Prudentópolis, sendo reservado para a realização de eventos da cidade, como casamentos, reuniões e outras festividades. O dia de 12 de novembro refere-se à comemoração do padroeiro São Josafat no calendário ucraniano.

geração através de cooperativas de artesanato que objetivam incentivar a prática da cultura ucraniana. Nos bordados se veem com frequência desenhos e figuras geométricas que estão vinculadas à religiosidade (Tenchena, 2016). O bordado ucraniano na cidade de Prudentópolis é aplicado em roupas para uso em festividades folclóricas, de pessoas comuns, nas cerimônias religiosas e para decorações em geral.

Essa prática cultural está intimamente ligada ao conceito de identidade que Oliveira (2000, p. 8) descreve como uma “identidade traduzida”, ou seja, as “condições de possibilidade para a etnização das identidades nacionais dos imigrantes residentes em sociedades anfitriãs”. Em Prudentópolis, a identidade ucraniana, ou ukraineidade, se consolida através da participação em práticas religiosas e no uso cotidiano da língua ucraniana, que se tornam componentes essenciais desse pertencimento cultural, como afirmam Semechechem, Jung e Dalla Vecchia (2017).

Eric Hobsbawm (1991), historiador britânico, discute a questão da adaptação cultural, argumentando que o processo de adaptação cultural é uma parte indispensável do surgimento das nações modernas. Segundo Hobsbawm (1991), as nações são construídas a partir de uma série de elementos culturais compartilhados, como língua, religião, história e tradições. No entanto, o autor enfatiza que as culturas nacionais são dinâmicas e estão em constante transformação, com elementos estrangeiros sendo incorporados e adaptados ao longo do tempo. Hobsbawm (1991) destaca que a adaptação cultural não deve ser vista como um processo passivo ou meramente de assimilação, mas como um processo ativo e criativo de mudança cultural.

Nesse cenário, o caso do idioma ucraniano entre os imigrantes no Brasil exemplifica de forma clara o processo de adaptação cultural e linguística. Como afirma Cunha (1986), o ucraniano, enquanto língua materna do grupo, não foi simplesmente preservado em sua forma original após a imigração, mas ressignificado de acordo com as novas condições culturais e sociais encontradas no país. É importante destacar que os imigrantes ucranianos não chegaram ao Brasil com um ucraniano padronizado, mas com diferentes variantes dialetais, majoritariamente oriundas da Galícia, região hoje dividida entre a Ucrânia e a Polônia. Esses dialetos, já marcados por influências do polonês e de outros idiomas eslavos, passaram por novos processos de transformação ao longo do tempo, incorporando vocábulos do português e adaptando estruturas gramaticais para atender às necessidades comunicativas em um ambiente novo, bilíngue ou multilíngue (Costa, 2013).

Luz e Hahn (2011, p. 237), destacam que na medida que o processo migratório é consolidado, o grupo passa a criar sentimentos de pertencimento, que são associados a

afinidades culturais, tal como “o poder exercido pelas famílias ali estabelecidas criam uma configuração social que é “defendida” daqueles que, em sua visão, possam desestabilizar a ordem estabelecida, sentimento perpetuado dentro dos limites da comunidade”. Nessa disposição, os autores salientam que os sentimentos de identidade e pertencimento, contribuem para a identificação do processo migratório no país, onde a identidade cultural e as relações sociais de poder demarcam as territorialidades e determinam a identificação de um povo e de uma determinada cultura (Luz; Hahn, 2011).

No caso da imigração ucraniana para o Brasil, os ucranianos ao chegarem em terras brasileiras, passaram a viver uma nova vida, com elementos da cultura brasileira que ressignificaram seu modo de viver e de cultivar a sua própria cultura, constituindo uma nova identidade cultural. Stuart Hall (2006, p. 29) discorre a respeito:

Possuir uma identidade cultural [...] é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de tradição, cujo teste é o de sua fidelidade às origens [...]. É, claro, um mito.

Trata-se de mito, pois a identidade cultural, conforme argumentam Hall (2006) e Canclini (2008), não é fixa nem imutável. Ambos contestam a concepção de uma identidade cultural permanente. Primeiramente, embora existam características culturais compartilhadas entre os membros de uma sociedade, elas nunca serão idênticas para todos. Além disso, as culturas se transformam ao longo do tempo, recebendo constantemente influências de outros grupos culturais. Essa perspectiva dinamiza o conceito de identidade cultural, demonstrando que ela é um processo contínuo de criação e recriação, moldado por fatores históricos, sociais e interculturais. À vista disso, as identidades culturais são maleáveis e estão sujeitas a alterações, refletindo a complexidade e a diversidade das vivências humanas (Hall, 1996; Canclini, 2008).

CAPÍTULO 2

OS LUGARES DE MEMÓRIA EM PRUDENTÓPOLIS

A criação de monumentos e lugares de memória tem se mostrado uma forma de constituição de um “cordão umbilical” com a ideia de terra ancestral, recriada pelas próprias comunidades diaspóricas, como forma de afirmação cultural e de conexão simbólica com a história e a identidade do grupo. Para essas comunidades, esses espaços se tornam importantes elementos na manutenção da identidade cultural e na construção de uma memória coletiva, marcando a *diasporicidade* da *ucraneidade* e o esforço constante de reafirmação desse pertencimento.

A presença de monumentos e lugares de memória dedicados às comunidades ucranianas em Prudentópolis levanta questões importantes sobre a representação da identidade étnica e cultural, bem como sobre a função desses símbolos na construção da narrativa histórica local. Esses monumentos e lugares de memória são formas legítimas de celebrar e reafirmar a cultura ucraniana na região, visto que oferecem às comunidades um senso de pertencimento e conexão com o passado, fornecendo pontos de encontro e reflexão sobre seus costumes e tradições. Ao concentrar-se exclusivamente em monumentos e lugares de memória, corre-se o risco de criar uma narrativa unilateral da história, que negligencia as contribuições de outros grupos étnicos e culturais para a região.

Em virtude disso, a Praça Ucrânia, inaugurada em 1989, foi o primeiro desses lugares simbólicos e se tornou um importante ponto de encontro para os ucranianos da região, visto que nesse ambiente datas comemorativas relativas ao calendário ucraniano são realizadas. No mesmo ano, as comunidades ergueram um monumento em homenagem ao poeta Taras Shevchenko, considerado um ícone da cultura ucraniana. Em 1995, foi criado o Museu do Milênio, que teve como objetivo preservar a cultura e a história da imigração ucraniana para Prudentópolis. As comemorações podem ser entendidas como atos de rememorar o passado representando-o, na busca de unificar e guardar memórias, algo manifestado no município.

Esse caso pode ser associado ao fenômeno de valorização e expansão de ideias como memória e identidade observado nas últimas décadas. Segundo Winter (2006), tem havido uma frequente revisitação e rememoração do passado, expressa por meio da edificação de monumentos e memoriais, criação de museus, lançamento de livros que oferecem novas perspectivas sobre eventos históricos, produções cinematográficas e novelas de época, entre outras formas de manifestação.

Esse movimento dialoga diretamente com o conceito de lugares de memória, introduzido por Pierre Nora (1993). Lugares de memória referem-se a “espaços, objetos, eventos e símbolos onde a memória coletiva se cristaliza e se refugia, particularmente em momentos de transformação cultural e social”. Esses lugares servem como pontos de referência para a identidade coletiva, proporcionando um sentido de continuidade e conexão com o passado (Nora, 1993). Dessa forma, o fenômeno contemporâneo de revisitação histórica pode ser visto como uma ampliação dos lugares de memória, onde o passado é continuamente reinterpretado e reintegrado ao presente, reforçando a importância da memória coletiva na construção e manutenção das identidades culturais e sociais. Essas iniciativas foram lideradas pela Paróquia de São Josafat, que se tornou uma referência para as comunidades ucraniana de Prudentópolis e arredores. Através desses monumentos e lugares de memória, a Paróquia buscava manter vívida a cultura e a história das comunidades, fortalecer os laços com a Ucrânia e afirmar a identidade ucraniana em terras brasileiras.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo aprofundar a análise desses monumentos e lugares de memória como formas de ressignificação da cultura e da história de uma comunidade diaspórica. Para tanto, serão abordados o contexto histórico e social que levou à criação desses espaços simbólicos, os envolvidos no processo e as intenções por trás de sua fundação. Além disso, será discutido como essas iniciativas contribuem para a construção da identidade cultural ucraniana em Prudentópolis e como o Museu do Milênio se tornou um importante ponto de referência nas comunidades.

2.1 SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA

Prudentópolis conta com monumentos históricos que remetem à imigração ucraniana, representando marcos importantes na formação da identidade local. Estes monumentos celebram figuras proeminentes, eventos e/ou características culturais que definem a experiência ucraniana na região. A construção desses monumentos contribui para a continuidade de uma memória coletiva, reforçando a hegemonia da cultura ucraniana.

A memória é um elemento chave para a formação da identidade cultural, pois as memórias coletivas são compartilhadas por um grupo e contribuem para a construção de uma história e de uma cultura próprias. Isso significa que a memória coletiva é uma das principais formas pelas quais um grupo social constrói sua identidade cultural e sua história (Candau,

2016, p. 96). Por isso, as memórias coletivas são construídas a partir de práticas sociais, culturais e simbólicas que ocorrem em espaços específicos, como monumentos, museus, festas e tradições.

Dessa maneira, Joël Candau destaca que a memória coletiva não é fixa, mas fruto de uma construção contínua que se adapta e se transforma ao longo do tempo. Isso ocorre porque as práticas sociais e culturais de um grupo se modificam com o tempo, e essas mudanças influenciam a construção e reconstrução da memória coletiva. A memória coletiva é decisiva na “formação da consciência histórica das sociedades, contribuindo para a construção de uma identidade nacional e cultural forte” (Candau, 2016, p. 97).

Dessa forma, a memória coletiva é dinâmica e está em constante desenvolvimento. Ela não é um registro estático do passado, mas sim uma construção contínua que reflete as práticas sociais e culturais de um grupo em um determinado momento histórico. Isso significa que a identidade cultural de uma comunidade é dinâmica e se adapta e se transforma ao longo do tempo, do mesmo modo como a memória coletiva que a constrói (Candau, 2016).

Pierre Nora (1993), aborda a importância dos lugares como construtores de memória e história, e explora como esses lugares são utilizados para reafirmar a identidade cultural de um povo. “O lugar é um elemento constitutivo da memória, do mesmo modo que a fonte escrita” (p. 7). Para Nora (1993, p. 22)., esses lugares de memória são diferentes das fontes históricas tradicionais, pois são capazes de evocar a emoção e a imaginação das pessoas, possibilitando a construção de uma memória coletiva.

Os lugares de memória são criados a partir das experiências, dos restos e resíduos daqueles que vivem esses locais, e da preocupação em perpetuar uma memória que, embora presente, é percebida como em risco de desaparecer (Nora, 1993). Por isso, há a necessidade de criar espaços que reconstruam essa memória.

Segundo Pierre Nora (1993), se a memória estivesse constantemente sendo lembrada, não haveria necessidade de lugares específicos para ela. Porém, a criação desses lugares se torna necessária justamente porque há “um risco de extinção da memória”. As pessoas sentem que, sem comemorações, suas histórias seriam apagadas. É preciso habitar a memória para que não seja necessário consagrá-la em lugares específicos. Contudo, se aquilo que defendem não estivesse ameaçado e permanecesse na memória, esses lugares seriam desnecessários.

Nora (1993, p. 13) entende que, sem a história para deformá-los ou transformá-los, esses locais não se tornariam “lugares de memória”. É precisamente esse movimento que os constitui como “momentos da história arrancados do fluxo da história”, em um constante movimento de

significados e símbolos. Este movimento é o que os constitui e materializa a memória. Jacques Derrida (2001) aborda essa ideia ao considerar o arquivo como um meio de preservar a memória, buscando nos “vestígios e na matéria, os restos e a fantasmagoria do arquivo”. Este processo é o que faz com que a memória seja capturada pela história e que a necessidade de memória se torne uma necessidade de história.

Nora (1993) sugere que os lugares de memória são criados em resposta a uma ameaça de perda de identidade cultural, e que sua preservação e celebração são formas de afirmar a continuidade dessa identidade. “Os lugares de memória são a garantia de que o passado não é passado, que ele ainda é presente e atuante, que ele se prolonga em nós e que, portanto, ele nos dá uma identidade” (p. 18-19). A partir dessa perspectiva, o autor destaca que os lugares de memória são sujeitos a mudanças e reinterpretações ao longo do tempo, e que sua significância pode ser contestada por diferentes grupos sociais. Ao apresentar a cultura ucraniana como uma entidade monolítica e estática, o Museu do Milênio contribui para uma essencialização da identidade cultural, visto que reforça estereótipos e impede uma compreensão mais ampla das complexidades e transformações na identidade cultural ao longo do tempo.

Em associação ao que Nora (1993) discute, Candau (2016) argumenta que a memória é uma construção social que está em constante mudança e que é influenciada por diversos fatores, como a história, a cultura, a política e a economia. “A memória é uma fonte inestimável de conhecimento e experiência, e a construção de uma memória coletiva é fundamental para a formação da identidade cultural de uma sociedade” (Candau, 2016, p. 37). Para ele, a memória é construída em diferentes níveis, desde a memória individual até a coletiva, e cada um exerce uma influência relevante na formação da identidade.

Segundo Candau (2016), a memória é essencial para a construção da identidade, pois é através dela que os indivíduos e as sociedades são capazes de se situar no tempo e no espaço, compreender sua história e suas tradições e se relacionar com outras culturas. Para o autor, a identidade é uma construção social e cultural que é moldada pela memória coletiva e individual.

Candau (2016) destaca a importância dos lugares de memória na construção da identidade. Semelhante a Pierre Nora, Candau acredita que os lugares de memória são elementos centrais na redefinição e transmissão da memória coletiva, pois são capazes de evocar emoções e sentimentos e de estabelecer uma conexão entre o passado e o presente. Ele adverte, no entanto, que os lugares de memória não são estáticos e que sua significância pode mudar ao longo do tempo, refletindo as mudanças na cultura e na sociedade.

A criação do Museu do Milênio em Prudentópolis como um espaço dedicado à divulgação da cultura ucraniana é um exemplo de como a memória e a identidade se conectam

com os monumentos e lugares de memória (Nora, 1993; Candau, 2016). Em virtude disso, de acordo com Pierre Nora (1993), os lugares de memória são objetos, lugares ou eventos que se tornam símbolos importantes de um grupo ou sociedade e que são lembrados ao longo do tempo como parte de sua história. O museu pode ser considerado um lugar de memória, pois foi criado com o objetivo de difundir a cultura ucraniana, que é uma parte importante da história de Prudentópolis e da imigração ucraniana no Brasil.

A percepção do passado, segundo Nora (1993, p. 30), representa a apropriação daquilo que já não integra a esfera da individualidade; trata-se de um ajuste diante de algo que foi perdido. Surge, nessa perspectiva, uma “memória-espelho”, não para refletir a própria imagem, mas para buscar “o brilho fugaz de uma identidade impossível de alcançar”.

É nesse contexto que atua o historiador, figura capaz de ampliar a história para além de sua dimensão narrativa, transformando os lugares de vestígios em lugares de memória. Esses espaços tornam-se, ao mesmo tempo, símbolos e instrumentos: resistem ao esquecimento, perpetuam aquilo que passou, deixam emergir o que nos interpela (Didi-Huberman, 1998), dão forma ao que parece intangível e atribuem significado até aos menores indícios. Esse caráter os torna cativantes: “o lugar de memória carrega uma dualidade: um excesso que se volta para si mesmo, encerrado em sua identidade e nome, mas constantemente projetado em uma ampla rede de significados” (Nora, 1993, p. 21).

Humberto José Sanches⁶¹ (2022), em entrevista narra que “muito importante é a cultura, nossa cultura ucraniana”, destacando a importância da cultura ucraniana. Nesse quesito, nota-se através da fala do entrevistado, a ação de constituição de uma memória coletiva, visto que através da adoção do termo “nossa”, Sanches sai da esfera individual e adentra o âmbito coletivo e/ou social. Ainda, o entrevistado menciona a importância do poeta Taras Shevchenko, segundo o qual é “um ícone da cultura ucraniana”, e ressalta que a Praça e o Museu do Milênio “são monumentos importantes da estada dos ucranianos no Brasil, mantendo a tradição e a cultura sempre ligada à igreja e às datas importantes de comemoração” (Sanches, 2022). As referências à Shevchenko, à Praça e ao Museu, auxiliam para destacar a importância de figuras históricas e culturais e de lugares de memória na manutenção e fortalecimento de uma identidade coletiva.

Há uma tendência em muitos lugares de memória de apresentar uma narrativa seletiva da história, ressaltando certos eventos ou aspectos culturais enquanto marginaliza ou omite outros. No caso do Museu do Milênio, tem-se uma representação idealizada da cultura ucraniana, que não reflete completamente a diversidade de experiências e perspectivas dentro

⁶¹ Entrevista concedida ao autor no dia 11 de abril de 2022.

das comunidades ucranianas em Prudentópolis. Isso resulta em uma visão distorcida e reduzida da história, ignorando aspectos menos glamourosos ou controversos.

Dessa maneira, através da entrevista de Sanches (2022), foi possível observar a importância que a cultura e a tradição ucraniana têm para as comunidades de Prudentópolis, e como esses elementos ajudam a construir a identidade cultural e a memória coletiva dos ucranianos na cidade. A manutenção da cultura e das tradições ucranianas é vista como um elemento de orgulho para as comunidades, e a Praça do Milênio é concebida como um monumento importante que celebra a estada dos ucranianos no Brasil, fomentando a memória coletiva das comunidades e sua identidade cultural.

Michel de Certeau (2014) argumenta que as práticas cotidianas das pessoas são fundamentais na construção dos espaços urbanos e sociais. Ele enfatiza que as práticas culturais são moldadas pelos espaços em que ocorrem, mas têm o poder de transformar e construir esses espaços. Certeau (2014) argumenta que as práticas cotidianas dos indivíduos são essenciais na construção dos espaços urbanos e sociais, uma vez que elas têm o poder de transformar e construir novos espaços a partir de formas de uso e de apropriação que muitas vezes estão em desacordo com as normas e as estruturas institucionais. “Os lugares de memória são espaços de luta simbólica, em que diferentes grupos sociais disputam o direito de representar e preservar a memória coletiva” (2014, p.128).

Esses lugares de memória operam como estratégias de transmissão de identidades culturais, representando o esforço de “assumir sua posteridade” e assegurar que as tradições e histórias não desapareçam. A Praça Ucrânia e o Museu do Milênio atuam como veículos dessa transmissão, promovendo a ligação entre as gerações ao mesmo tempo que afirmam a permanência da cultura ucraniana no território.

Embora o envolvimento contínuo com as comunidades seja uma forma de assegurar a relevância de um museu ou de outros lugares de memória, estes podem, de maneira autônoma, atuar como pontos de referência cultural. Nesse caso, a memória construída no museu, em monumentos, memoriais ou espaços semelhantes, ainda que sem interação direta com todos os agentes sociais, pode ser absorvida e reinterpretada ao longo do tempo, à medida que diferentes grupos se apropriam de suas histórias e simbolismos. A construção de uma memória coletiva, portanto, transcende os limites de um espaço específico, e os vínculos entre o museu, os outros lugares de memória e as comunidades desenvolvem-se de maneira indireta, por meio de formas variadas de mediação cultural, como visitas ocasionais, exposições itinerantes ou até mesmo as ressonâncias de um monumento ou memorial, que continuam a provocar reflexão, mesmo sem um engajamento constante.

Portanto, os chamados lugares de memória além de buscarem reorganizar fatos históricos, projetam interpretações específicas sobre eles, reforçando valores e identidades. Ao serem comemorados e celebrados, os monumentos se tornam expressões da continuidade cultural e social, funcionando como marcos de pertencimento coletivo. Contudo, essa glorificação seleciona e enfatiza determinados aspectos do passado, deixando outros em segundo plano, o que revela as intenções e prioridades de quem os cria e mantém. Em função disso, tornam-se instrumentos de construção de uma memória coletiva, que reflete tanto o desejo de sistematizar quanto o de moldar as narrativas de uma comunidade em relação ao seu próprio legado. São, portanto, lugares carregados de uma “vontade de memória” (Le Goff, 1996, p.476).

2.2 A PRAÇA UCRÂNIA E O MONUMENTO AO POETA TARAS SHEVCHENKO EM PRUDENTÓPOLIS/PR

Em diferentes realidades urbanas, os espaços públicos assumem funções variadas, adaptando-se às dinâmicas culturais e sociais específicas de cada localidade. Em Prudentópolis, a Praça Ucrânia exemplifica essa diversidade de usos ao desempenhar não apenas funções habituais de lazer e encontro, mas ao se consolidar como um símbolo da identidade cultural e da memória coletiva das comunidades ucranianas locais.

Inaugurada em 1989, a praça destaca-se justamente por esse caráter emblemático, que vai além do uso cotidiano, reafirmando os vínculos históricos e culturais da diáspora ucraniana na cidade. Um dos elementos mais expressivos desse simbolismo é o monumento dedicado a Taras Shevchenko, poeta do século XIX e importante ícone cultural e político da Ucrânia, cuja presença no espaço público reforça a centralidade da herança ucraniana na paisagem urbana de Prudentópolis.

Os monumentos vão além de meros objetos estéticos; eles carregam intencionalmente um significado político. Segundo Rowntree e Conley (1980, p. 460), são capazes de “condensar complexos significados” em torno de valores e práticas culturais. Simultaneamente, funcionam como “mecanismos regulatórios de informações”, controlando e orientando os significados atribuídos a eles (Rowntree e Conley, 1980, p. 465). Dessa forma, os monumentos, e em particular o dedicado a Taras Shevchenko, exercem influência no campo simbólico e na construção e manutenção de narrativas sociais e políticas.

Podemos considerar os monumentos como pontos de referência que estruturam nossa memória e a introduzem na memória da coletividade da qual fazemos parte. Eles precisam ser ritualizados para garantir sua permanência na memória do grupo, daí a relevância das comemorações nacionais e seu valor simbólico (Bahls, 2006, p. 09).

José Lamas, ao tratar da ideia de monumento, descreve-o como um fato urbano singular, um elemento único na cidade, que não se repete e que carrega “significados culturais, históricos e estéticos bem definidos” (Lamas, 2004, p. 104). Para Françoise Choay, o monumento é algo que evoca memórias, sendo “erguido por uma comunidade com o propósito de rememorar acontecimentos ou eventos significativos” (Choay, 2001, p. 18). Por isso, a relação do monumento com o tempo vivido e com a memória, ou seja, sua função antropológica, é o que lhe confere sua verdadeira essência (Choay, 2001, p. 18). Como assevera Ecléa Bosi, a memória, compreendida como um “acervo de recordações” (Bosi, 1994, p. 53), é primordial para manter vivos os laços entre gerações. Enquanto a lembrança é uma “sobrevivência do passado”, a memória organiza essas lembranças, conferindo-lhes um sentido coletivo. Freire ressalta que:

O monumento é construído não só por materialidade; há nele discursos, histórias, memórias, contém povos e nações, é uma cristalização de um tempo-espaço, mas que transcende o seu local de feitura, operando e vibrando em outras temporalidades que aquela para a qual foi pensado. É um suporte ideológico. Normalmente inserido no contexto do palimpsesto que é a cidade, do urbano, que por si só reúne ritmos e narrativas múltiplos, o monumento possibilita uma resignificação cotidiana, à medida que é tocado pelo olhar do outro, aquele que não o construiu [...]” (Freire, 1998, p. 108).

Por remeter à ideia de conexão entre o passado e o presente, o patrimônio permite que se perceba a tradição como linhas sutis que tecem um contínuo espaço-temporal. Intimamente vinculada ao passado, a tradição aparenta impor-se ao presente como algo estabelecido, pois ao garantir o que foi sua origem, atreve-se a direcionar o futuro (Kersten, 2000, p. 37). Na medida em que se baseia em certezas consideradas inquestionáveis, por ter como prova um passado experienciado e considerado autêntico, a tradição se configura como uma espécie de norma.

É importante lembrar que o patrimônio é frequentemente “teatralizado”, com um esforço para sugerir uma origem única, uma base formadora, destinada a defini-lo como a identidade nacional, exaltando eventos e figuras históricas marcantes. Locais e construções

protegidos e conservados tornam-se cenários que simbolizam o grupo étnico, o Estado ou a Nação. Isso serve como uma forma de evidenciar a conexão histórica com o presente e promover a busca por unidade na diversidade (Kersten, 2000, p. 38).

Nessa realidade, cabe observar que, “no momento em que patrimoniemos bens reinventamos as coisas e o passado, recriando sentidos, introduzindo novos pensamentos em dadas sociedades” (Arantes, 1987, p. 52). Por essa razão, o ato de *patrimonializar* consolida memórias e narrativas específicas, bem como molda novos significados que dialogam com as demandas contemporâneas. O processo de tombamento e manutenção, além de selecionar o que será perpetuado como memória oficial, transforma os elementos materiais e simbólicos em ferramentas de interpretação e construção de identidade cultural. Dessa forma, o patrimônio deixa de ser uma simples representação do passado, tornando-se um espaço de disputa, ressignificação e mediação de interesses coletivos e individuais em constante transformação.

Portanto, ao situar um monumento em sua homenagem na Praça Ucrânia, as comunidades de Prudentópolis reafirmam seus vínculos históricos e culturais com a Ucrânia, pois como afirma Johnson (1994), os monumentos comunicam de forma permanente as mensagens que deles se espera transmitir. Do mesmo modo eles têm o potencial de perpetuar antigas tradições, fazer parecer “antigo” o que é “novo” e simbolizar valores que são apresentados como universais, mesmo que construídos a partir de narrativas específicas.

2.2.1 Taras Shevchenko e os ucranianos no Brasil

Nesta seção, exploraremos a relevância de Taras Shevchenko como um ícone cultural para os ucranianos no Brasil, analisando como sua obra e legado contribuíram para o fortalecimento da identidade ucraniana em terras brasileiras. Ao compreender a importância desse poeta para a memória e a coesão cultural da diáspora, lançaremos luz sobre as conexões entre a história de Shevchenko e a experiência de imigração e adaptação dos ucranianos no Brasil.

Taras Shevchenko transcende a literatura e as fronteiras da Ucrânia, tornando-se um “símbolo de resistência, identidade cultural e inspiração para a diáspora ucraniana ao redor do mundo”, incluindo no Brasil (Muzeka, 2011, p. 23). Reconhecido como um dos maiores poetas ucranianos do século XIX, Shevchenko, por meio de sua obra, capturou as lutas, os sonhos e as esperanças de um povo marcado pela opressão e pela busca de liberdade. Sua vida, moldada

por uma infância difícil em meio à servidão e à pobreza, ressoou profundamente entre os imigrantes ucranianos que chegaram ao Brasil, muitos dos quais enfrentaram desafios semelhantes ao se estabelecerem em um novo território.



FIGURA 9. Retrato de Taras Shevchenko que faz parte do acervo do Museu do Milênio.
Fonte: Acervo Museu do Milênio.

Shevchenko nasceu em 9 de março de 1814 na vila de Moryntsi, na região de Kiev, parte do Império Russo. Seus pais, Hryhoriy e Kateryna Shevchenko, eram camponeses servos, uma condição que marcou profundamente a infância de Taras. Aos nove anos, perdeu a mãe, e dois anos depois, seu pai faleceu, deixando-o órfão (Czaikowski; Selanski, 2014, p. 33). Essa infância difícil e marcada pela pobreza foi um tema recorrente em sua obra literária.

Aos 14 anos, foi enviado como servo ao serviço do pintor Vasiliy Engelhardt, proprietário de terras. Durante esse período, Shevchenko continuou a aprimorar suas habilidades artísticas, e, em 1831, mudou-se com Engelhardt para São Petersburgo, onde teve a oportunidade de entrar em contato com artistas e intelectuais. Posteriormente, alguns desses indivíduos se mobilizaram para arrecadar fundos que possibilitassem sua libertação do

servilismo em 1838. Após ganhar a liberdade, Shevchenko ingressou na Academia Imperial de Artes, onde estudou sob a orientação de Karl Briullov, um dos artistas mais renomados do período (Czaikowski, 1999, p. 11).

A primeira coletânea de poesia de Shevchenko, “Kobzar”, foi publicada em 1840 e é considerada um marco na literatura ucraniana. Seus poemas, escritos em ucraniano, abordavam temas de liberdade, identidade nacional e justiça social, frequentemente criticando a opressão do regime czarista e a servidão feudal. Obras como “Haidamaky” e “Son” (O sonho) criticavam abertamente o regime czarista e a opressão do povo ucraniano, o que levou a censura e a repressão por parte das autoridades russas (Dolhnikoff, 2023).

Além da poesia, Shevchenko se destacou na pintura. Suas obras de arte incluem retratos, paisagens e cenas da vida cotidiana. Usou sua habilidade artística para complementar sua crítica social e política, retratando de maneira realista a vida dos camponeses e a beleza da paisagem ucraniana.

Entre 1845 e 1847, Shevchenko trabalhou como desenhista em missões arqueológicas e etnográficas. Durante esse período, continuou a escrever poesia e produziu algumas de suas obras mais conhecidas. Em 1847, foi preso por sua ligação com a Irmandade de São Cirilo e Metódio, uma organização que promovia ideias de reformas sociais e de fortalecimento cultural da Ucrânia. Após sua prisão, foi condenado a dez anos de exílio com trabalhos forçados na região do Cáspio, sendo proibido de escrever ou desenhar (Czaikowski; Selanski, 2014). Apesar das duras condições, Shevchenko continuou a criar, escrevendo clandestinamente e desenhando sempre que possível. Sua saúde deteriorou-se durante o exílio, mas ele nunca perdeu a esperança de um futuro melhor para seu país.

Shevchenko foi libertado em 1857, mas sua saúde estava comprometida. Dessa forma, passou os últimos anos de sua vida em São Petersburgo, onde continuou a escrever e a pintar. Faleceu em 10 de março de 1861, um dia após seu 47º aniversário. Seu corpo foi inicialmente enterrado em São Petersburgo, mas seguindo seus desejos expressos em uma de suas poesias, seus restos mortais foram posteriormente transferidos para uma colina próxima ao rio Dnipro, na Ucrânia (Czaikowski; Selanski, 2014, p. 57).

A figura de Taras Shevchenko, conhecido como o “pai da literatura ucraniana”, tornou-se central na construção da identidade ucraniana, especialmente entre os descendentes de imigrantes ucranianos, como os que se estabeleceram no Brasil. Sua obra, que expressa os valores da luta pela liberdade, independência e resistência ao opressor, tem sido lembrada nas memórias coletivas dessas comunidades. Em particular, o caso de Prudentópolis, no Paraná,

exemplifica como Shevchenko se tornou um símbolo da literatura ucraniana e da reafirmação da *ucraneidade* no Brasil.

Durante o período soviético, a obra de Shevchenko foi reinterpretada como um manifesto contra o colonialismo cultural imposto pela Rússia. Essa reinterpretação ganhou força nas comunidades da diáspora, onde ele passou a desempenhar um papel importante no reforço de laços identitários em contextos em que a cultura ucraniana estava sendo assimilada. Ao longo do tempo, Shevchenko foi elevado à condição de mártir, o que para os ucranianos no Brasil, serviu como um ponto de afirmação de sua pertença cultural. Sua vida de sofrimentos e adversidades foi transformada em uma inspiração para as gerações que o reverenciam, o que permitiu a construção de uma narrativa em torno dele que simboliza os valores fundamentais da luta pela liberdade, solidariedade e coragem (Czaikowski; Selanski, 2014).

A construção de Taras Shevchenko como herói se dá por meio de sua jornada, na qual personifica valores fundamentais para as comunidades ucraniana de Prudentópolis. Através dessa narrativa, os descendentes de ucranianos atribuem a ele características que refletem o que é considerado positivo ou negativo em sua cultura. Para Carvalho (2003, p. 34), o herói é “um arquétipo, o que significa que, em algum momento, somos tocados por essa figura”, e expressa “encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva”, funcionando enquanto “instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos” (Carvalho, 1990, p. 55). Por isso, ao realizar algo além do esperado, o herói transforma sua própria vida e motiva, gerando benefícios para a coletividade.

A jornada do herói, nesse sentido, não é apenas um feito individual, mas um movimento coletivo que resulta em ganhos para todas as comunidades, pois sua imagem atende a uma necessidade ou desejo coletivo, “refletindo comportamentos e valores amplamente valorizados pela sociedade, como coragem, sacrifício e luta pela liberdade” (Carvalho, 1990). Essas características moldam a transformação de Shevchenko em um herói, representando um modelo a ser seguido por sua comunidade, especialmente em um contexto de diáspora, onde a memória e a identidade cultural se tornam elementos centrais para a coesão social.

Por fim, a forja de *heroicização* de Taras Shevchenko nas comunidades ucranianas de Prudentópolis foi fortemente influenciada pelas ações e discursos de Vassyl Ivanytsky, presidente do Comitê Pró-construção Canadense-Americano e representante do Conselho Mundial dos Ucranianos Livres, de Toronto, no Canadá. No dia 3 de abril de 1989, Ivanytsky enviou uma carta ao comitê prudentopolitano, na qual expressou o seguinte: “Vosso Monumento é a esperança ucraniana da diáspora, na Ucrânia lutam, mas não é fácil [...] Isto que aqui fazemos é útil não só para nós, como para a Ucrânia” (Ata n. 15, 21 de junho de 1989).

A declaração de Ivanytsky, além de representar uma tentativa explícita de influenciar a memória local sobre Shevchenko em Prudentópolis, aponta para um projeto mais amplo de mobilização simbólica da diáspora. Não se trata apenas de uma homenagem pontual, mas de um esforço calculado para instrumentalizar a figura de Shevchenko como elo entre as diversas comunidades ucranianas espalhadas pelo mundo e a luta nacional na Ucrânia. Dessa maneira, o monumento emerge não como uma mera materialização do culto à memória, mas como uma estratégia política e identitária de longa duração. A insistência em afirmar que “isto que aqui fazemos é útil não só para nós, como para a Ucrânia” traduz uma lógica transnacional de pertencimento que desloca a centralidade da experiência imigrante local para um campo mais amplo de engajamento político-diaspórico.

Por um lado, as comunidades de Prudentópolis são chamadas a assumir um papel ativo em um projeto identitário que a transcende, transformando-a em embaixadora simbólica de uma causa nacional distante. Por outro, há aqui também um risco de sobreposição: as especificidades locais da experiência ucraniana em Prudentópolis – com suas adaptações, rupturas e reelaborações próprias – tendem a ser subjugadas por uma narrativa mais homogênea, que busca alinhar toda a diáspora sob uma mesma bandeira ideológica e memorial. A figura de Shevchenko, torna-se objeto de disputas: enquanto símbolo universal da resistência e da cultura ucraniana, é reinterpretada e reapropriada conforme os contextos locais, mas também submetida a pressões externas que pretendem enquadrá-la em um projeto identitário hegemônico.

Sob essa perspectiva, Shevchenko representa esse ponto de coesão para os ucranianos no Brasil, funcionando como um elo simbólico com a Ucrânia e oferecendo uma base para a construção de uma identidade nacional, mesmo à distância. Sua celebração, especialmente no Dia de Shevchenko, em 9 de março, é um evento que reforça a continuidade histórica e o pertencimento à pátria ucraniana, além de reafirmar a presença da cultura ucraniana entre os descendentes no Brasil.

2.2.2 A criação da Praça Ucrânia e Monumento ao poeta Taras Shevchenko

Estamos diante deste monumento de bronze e de granito que se eleva silencioso, para nos dizer que a chama da esperança de uma Ucrânia livre, acesa pelas palavras proféticas de Taras Shevchenko se cumpriu (Trecho do discurso do padre Hilário Bardal proferido durante a inauguração da Praça Ucrânia e do Monumento Taras Shevchenko em 1989).

O processo de fortalecimento da identidade ucraniana no Brasil se deu em grande parte pela atuação de imigrantes que, ao se estabelecerem principalmente no sul do país, criaram comunidades agrícolas onde puderam promover suas tradições e língua. Nesse contexto, os padres basilianos, participaram desse processo, acompanhando os imigrantes e incentivando a fundação de instituições educacionais, religiosas e culturais. Por conta disso, o espírito de liberdade e justiça, tão presente na obra de Shevchenko, encontrou novo solo no Brasil, onde suas ideias e valores continuaram a moldar a identidade das comunidades ucranianas locais.

Em 1895, líderes (Teodoro Pototzkyj, Gregório Kulhtchenskyi e Gregório Montchak) de Rio Claro e Mallet escreveram ao cardeal Silvestre Symbratovyth, Arcebispo de Lviv, pedindo sacerdotes. O mesmo fizeram em 1896 os imigrantes de Prudentópolis e em 1910 os de Dorizon ao novo metropolitano André Cheptytskyi (Marinhuk, s.d., p. 3).

No Brasil, os padres basilianos chegaram em 1897 e se estabeleceram em Prudentópolis, no Paraná, onde fundaram a Igreja de São Josafat⁶², que se tornou um importante centro religioso e cultural para as comunidades ucranianas. Ao longo das décadas, os padres basilianos foram pilares na organização e no desenvolvimento das comunidades, contribuindo para o estabelecimento de escolas, associações culturais e outras instituições. A ênfase na figura dos padres basilianos como líderes e mentores das comunidades ucranianas oculta outras vozes e perspectivas dentro das comunidades, incluindo aquelas que desafiavam as estruturas de poder existentes. Nesse sentido, Certeau (2011) enfatiza que a resistência pode surgir nas práticas cotidianas e nos micros espaços de ação dos indivíduos.

Com efeito, os padres basilianos emergiram como líderes influentes, não somente na Ucrânia, mas em outras partes do mundo onde a diáspora ucraniana se estabeleceu. Sua liderança foi imbricada visando a coesão e o desenvolvimento dessas comunidades, garantindo a “manutenção de sua identidade cultural em meio às novas realidades da vida no Brasil⁶³” (Beló, 2022).

A criação de identidade cultural é um processo complexo que envolve diversos fatores, como história, tradições, valores, crenças, língua e costumes. A construção de igrejas e centros

⁶² A Igreja de São Josafat, em estilo bizantino, foi construída entre os anos de 1925 e 1928. Como um dos símbolos da imigração ucraniana no Paraná, a edificação passou a compor o conjunto dos bens tombados a partir de 13 de março de 1979. Foi construída em estilo bizantino e é considerada uma das mais bonitas do Paraná. Ela recebe esse nome em homenagem a São Josafat, um santo da igreja católica que é padroeiro dos ucranianos. A igreja de São Josafat em Prudentópolis é um importante ponto turístico da cidade e recebe muitos visitantes todos os anos (Guil, 2006).

⁶³ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

comunitários, onde os ucranianos podiam se reunir para celebrar suas festas e manifestações culturais, foi um importante elemento na formação dessa identidade. Além disso, a culinária típica, a música e as danças folclóricas ajudaram a reforçar a identidade cultural ucraniana em Prudentópolis. A partir da valorização desses elementos, as comunidades locais puderam construir uma identidade coesa transmitida de geração em geração.

Foi nesse contexto que a Paróquia de São Josafat se tornou um importante centro de atividades culturais e religiosas para as comunidades ucranianas de Prudentópolis. Em 1985, por ocasião da celebração do milênio do Cristianismo na Ucrânia, a paróquia decidiu construir a Praça Ucrânia, “em homenagem às raízes e à cultura dos imigrantes ucranianos” (Krevei, 2022). A praça se tornou um espaço de encontros, festas e celebrações, e contou com a construção do Pavilhão de Festa⁶⁴ e da Escola Paroquial Nossa Senhora do Patrocínio⁶⁵.

Em 25 de agosto de 1985, Prudentópolis testemunhou uma recepção ao Coral de *Winnipeg*, do Canadá, que estava prestes a oferecer uma homenagem ao poeta ucraniano Taras Shevchenko. O idealizador dessa homenagem, Vassyl Ivanytsky, presidente da Fundação Taras Shevchenko, que residia em Toronto na época, ficou encantado ao descobrir o alto nível de manutenção da cultura ucraniana na cidade e planejou a construção de um monumento em homenagem ao poeta durante aquele evento especial. Impulsionado por esse desejo, Ivanytsky afirmou:

[...] estar surpreendido em conhecer Prudentópolis e o que os une é a língua, a tradição, a igreja, cultura e isso chamara atenção. Disse ter experiência nesse campo porque já fez outros monumentos projetados e conhece os arquitetos pessoalmente. E que ele coletaria finanças para este fim porque Taras Shevchenko deve unir o povo e ser embaixador. Prometeu ajuda contanto que este Monumento desperte a consciência nacional e vivifique a comunidade (Ata n. 3, 27 de fevereiro de 1986).

Segundo o Jornal *Prácia*, “o projeto da Praça foi elaborado pelo arquiteto e engenheiro ucraniano que morava na Filadélfia: Meroslaw Nimciv”. Esse projeto previa a construção no subsolo de salas para futuramente abrigar um museu, salas destinadas à biblioteca e outras para artesanato. Na parte superior do pavimento, deveria ser instalado o Monumento ao poeta Taras Shevchenko (*Prácia*, n. 27, p. 3, 10 de julho de 1986).

⁶⁴ Atualmente, o pavilhão de festas é denominado Centro Social São Josafat, e é utilizado para a realização de festas religiosas e demais eventos da comunidade ucraniana.

⁶⁵ Popularmente conhecida como “escolinha”, fica localizada ao lado do Centro Social São Josafat e em frente à Igreja de São Josafat, é utilizada para a realização da catequese, cursos etc.

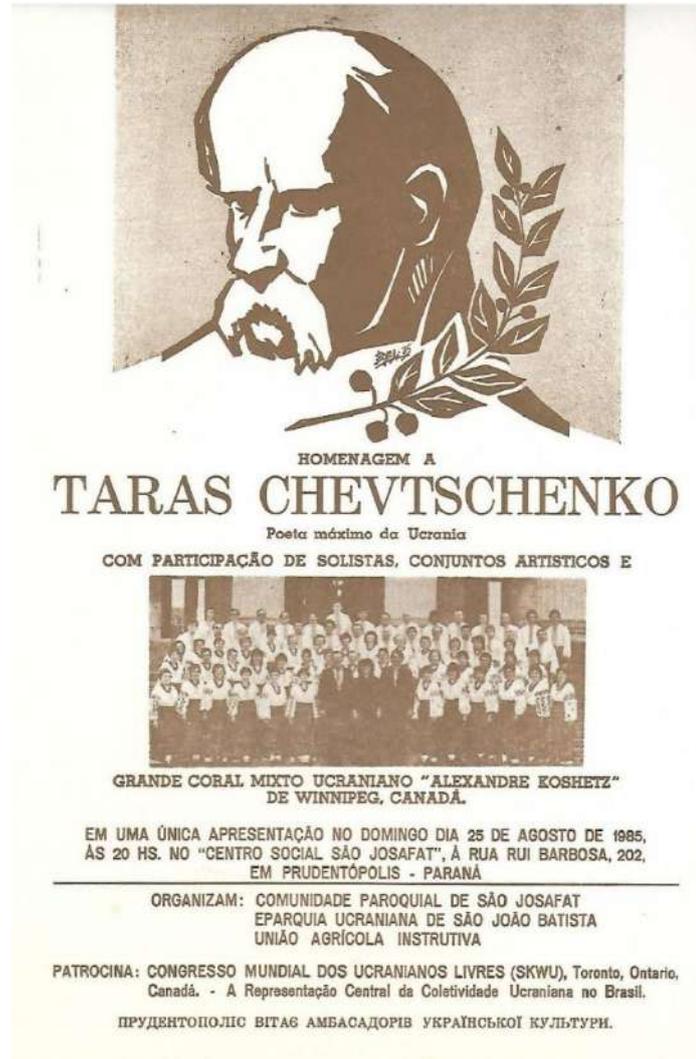


FIGURA 10. Folder distribuído convidando as comunidades ucraniana para a apresentação do coral canadense.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

A Praça da Ucrânia é um exemplo claro de como os espaços adquirem significado através das práticas dos indivíduos. Muitas vezes, as pessoas desconhecem ou não se lembram do nome oficial do local onde a estátua do poeta está instalada, e esse esquecimento revela algo mais profundo sobre como os espaços são vividos e reinterpretados no cotidiano. Esse lugar se transformou em um “espaço praticado” (Certeau, 2014), onde as interações e as memórias coletivas dos frequentadores dão forma ao seu verdadeiro significado. Para a maioria das pessoas, a praça é conhecida como a “praça do Taras”, demonstrando um reconhecimento e uma atribuição de sentido ao lugar de memória.

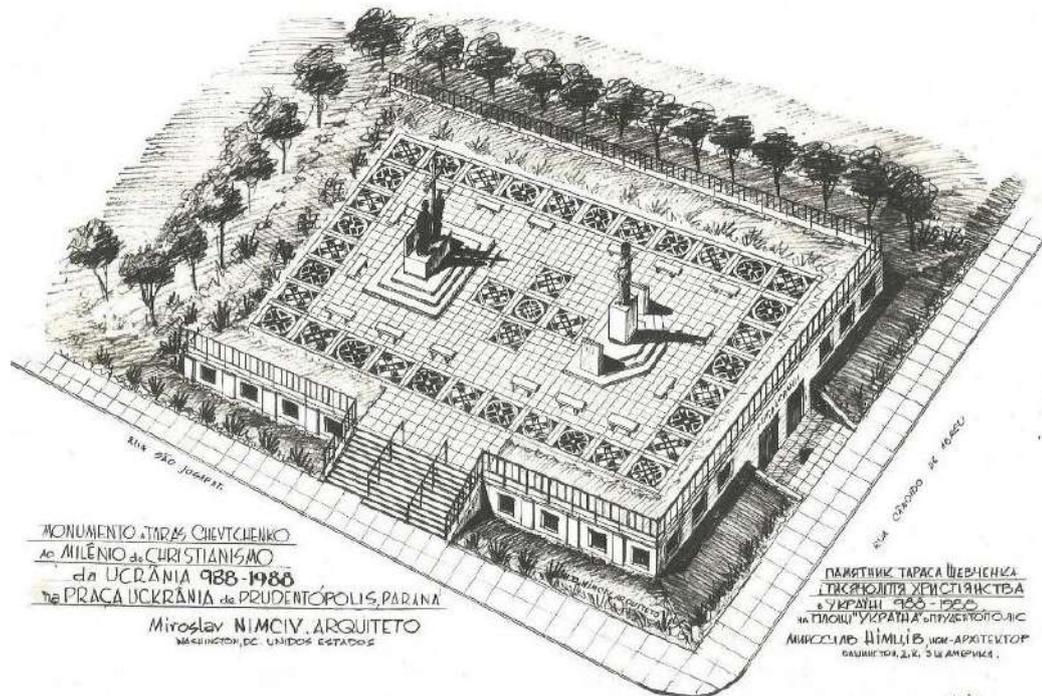


FIGURA 11. Projeto da Praça Ucrânia, a qual localiza-se sobre o Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

Essa construção de sentido não é apenas um exercício de nomeação; é uma forma de compreender o passado. Como Todorov (2002) aponta, “a construção do sentido tem por objetivo compreender o passado; e querer compreender – tanto o passado como o presente – é próprio do homem” (p. 145). Desse modo, ao atribuir um nome ao espaço, as pessoas estão engajadas em uma atividade que vai além do simples uso do espaço físico; elas estão buscando compreender o mundo ao seu redor e, por extensão, a si mesmas. Esse ato de nomeação e reconhecimento reforça o sentimento de identidade nas comunidades, pois “os homens realizam sua humanidade tanto mais quanto reforçam essa atividade de consciência e tentam compreender o mundo inteiro – e, conseqüentemente, compreender a si mesmos” (Todorov, 2002, p. 145). Portanto, o ato de chamar a Praça da Ucrânia de “praça do Taras” é, em essência, uma “memória cativante”, um esforço coletivo para dar sentido ao espaço e, através dele, ao próprio ser.

Essa “memória que cativa” (Baccin, 2014, p. 181) refere-se à habilidade de certos elementos, como monumentos e espaços patrimoniais, de engajar emocional e intelectualmente as pessoas, transformando-as em participantes ativas na consolidação e ressignificação da memória coletiva. Para os grupos que se identificam com esses monumentos, eles funcionam como um elo emocional e cultural, conectando o passado ao presente. Dessa maneira, esses

espaços, ao longo do tempo, consolidam-se como locais fundamentais para manifestações culturais, transmitindo significados, valores e crenças que fortalecem a identidade comunitária e promovem interações humanas, reafirmando seu papel como marcos de memória compartilhada.

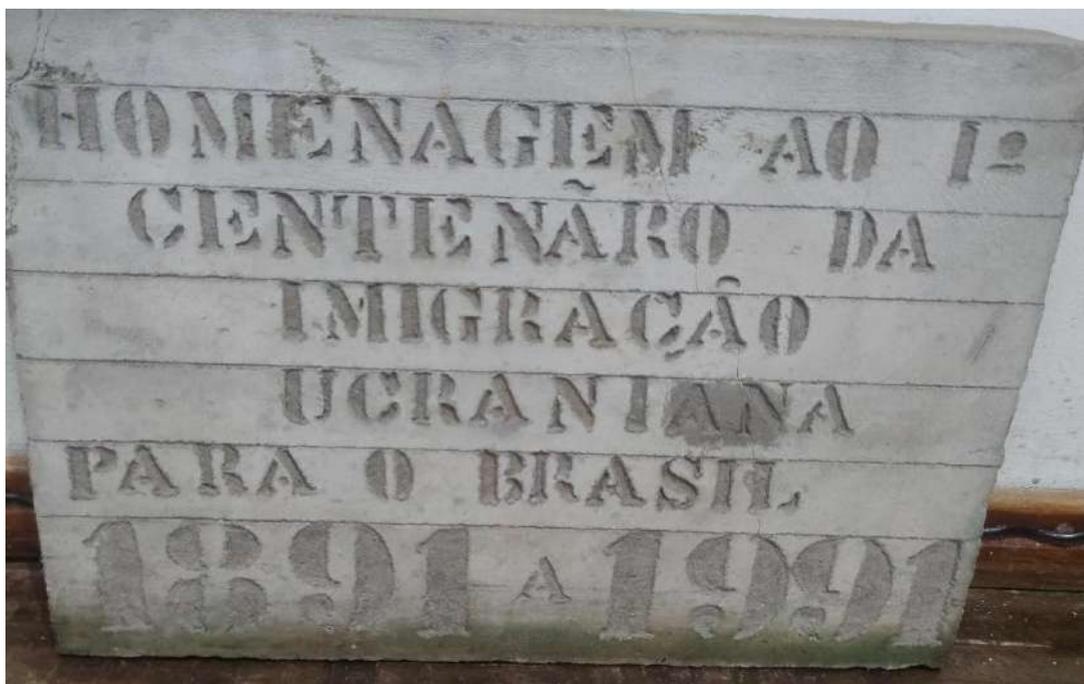


FIGURA 12. Pedra fundamental em comemoração ao centenário da imigração ucraniana para o Brasil, em exposição no Museu do Milênio em Prudentópolis/PR.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Em entrevista, Krevei⁶⁶ (2022) aponta que “foram dois momentos que marcaram o surgimento da Praça Ucrânia: a cerimônia da benção da Pedra Fundamental e a cerimônia de inauguração do monumento que homenageia o poeta Taras Shevchenko”. A benção da Pedra Fundamental foi realizada no dia 10 de agosto de 1986 pelo então Bispo Dom Efraim Krevei. A benção da pedra fundamental é um momento de importância em projetos de construção, especialmente em contextos que envolvem aspectos culturais e comunitários, como no caso da Praça da Ucrânia e do Museu do Milênio em Prudentópolis. Além do aspecto religioso, a benção tem um significado profundo do ponto de vista cultural e histórico, pois é um momento de conexão entre o passado, o presente e o futuro, representando a continuidade e a permanência de uma comunidade ou instituição ao longo do tempo. Sendo assim, esse ato reforça os laços

⁶⁶ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

entre os membros das comunidades, promovendo um sentimento de união e colaboração em prol de um objetivo comum.

Ao analisarmos a data dessa benção, observa-se que ela foi intencional, pois além de marcar o início da construção, também foi relacionado às comemorações do aniversário do município de Prudentópolis, que ocorre em doze de agosto. Além de ser uma forma especial de comemorações que contemplou eventos importantes aos descendentes de ucranianos, como o Milênio do Cristianismo e os 90 anos da imigração ucraniana, o evento demonstra uma tentativa de integração das comunidades ucraniana com todos os habitantes da cidade.



FIGURA 13. Bispo Dom Efraim Krevei em benção à pedra fundamental dando início às obras da Praça Ucrânia.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

No jornal argentino *La Palabra Ucraina* (1986) foi veiculada a notícia com o seguinte título: “Brasil: Tributo a Taras Shevchenko. Cerimônia de benção da Pedra Fundamental para o monumento a ser erigido em honra ao renomado poeta ucraniano em Prudentópolis” (*La Palabra Ucraina*, 1986, p. 5). No momento, diversas autoridades políticas exaltaram a importância do poeta homenageado, entre elas, a Secretária de Cultura e Desportos do Estado do Paraná, a professora Susana Munhoz da Rosa Guimarães; a Deputada Estadual Vera Agibert, que na ocasião representou o governador do Paraná, Álvaro Dias; Juan Zybak, membro da Representação Central da Coletividade Ucraniana na Argentina; Vassyl Ivanytsky, Presidente

da Fundação Taras Shevchenko; Boris Witoszynskyj, representante da Associação Ucrâniana “*Prosvita*”; e Romann Nazaryk, membro do Instituto Informativo Editorial Ucrâniano.

Esse evento foi retratado pela imprensa como uma ação que fortalece os vínculos de nacionalidade que unem os descendentes de ucranianos de Prudentópolis com aqueles de diferentes partes do mundo, especialmente da Argentina e do Canadá (La Palabra Ucrania, 1986, p. 5).

No caso da construção da Praça Ucrânia em Prudentópolis, em entrevista Saviski⁶⁷ (2022) destaca que a “falta de recursos foi um obstáculo para a realização da obra”. Apesar das adversidades, a praça foi erguida por meio da realização de diversas iniciativas junto às comunidades ucranianas. Rifas, concursos culturais, festas e inúmeras doações foram organizadas e recebidas como forma de arrecadar fundos. Os recursos para a construção do memorial foram angariados através de uma comissão canadense-americana, criada pela Fundação Taras Shevchenko. Esses recursos custearam a estátua de bronze do poeta, a qual foi confeccionada na Alemanha. Entretanto, para a construção da Praça e do Museu, os recursos vieram das comunidades ucranianas de Prudentópolis.

O Jornal *Prácia* datado do dia 02 de outubro de 1986 trouxe uma campanha visando arrecadar fundos para a construção: “sabemos que o nosso povo sabe sacrificar, tanto mais para uma ação dessa que ficará por anos unida com Deus, com seus laços consanguíneos, com o nosso poeta [...]. Por isso, não fique de fora, una-se com coração e ajude com a sua doação” (Prácia, n. 39, p.5).

Desse modo, de acordo com a entrevista concedida por Meroslawa Krevei⁶⁸ (2022), diretora e curadora do Museu do Milênio, foi em 1986 que as comunidades ucranianas de Prudentópolis apoiada por Vassyl Ivanytsky decidiu homenagear o poeta Taras Shevchenko, considerado um ícone da cultura ucraniana, com a construção do monumento em sua homenagem na Praça Ucrânia.

Ao ser questionada sobre a intenção de instalarem um monumento fazendo alusão ao poeta ucraniano, Krevei (2022) explica que os ucranianos residentes no Canadá, julgaram necessário que Prudentópolis necessitava de um expoente cultural. “O expoente máximo não seria um político, um historiador, um herói. Seria um poeta. E, como poeta, dizia: “Leiam, pensem, estudem, aprendam dos outros e não abandonem o seu” (Krevei, 2022). Historicamente, a escolha de figuras para representar uma cultura ou uma comunidade não é

⁶⁷ Entrevista realizada pelo autor em 20 de abril de 2022.

⁶⁸ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

neutra. A seleção de figuras representativas de uma comunidade reflete valores e prioridades de grupos específicos que detêm o poder de definir o que é culturalmente significativo.

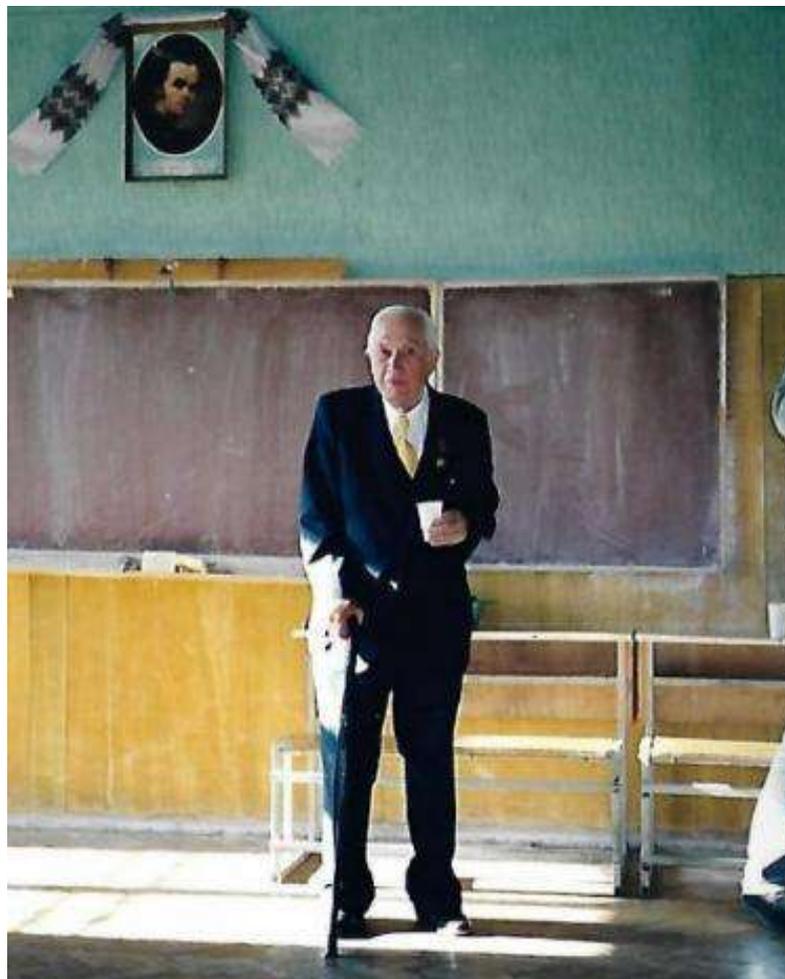


FIGURA 14. Vassyl Ivanytsky, idealizador do Monumento em homenagem à Taras Shevchenko.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

Vassyl Ivanytsky, foi um ucraniano nascido no Canadá e aclamado cidadão honorário de Lviv, e durante o exercício na presidência da Fundação Taras Shevchenko, liderou a edificação de monumentos em homenagem ao poeta em várias nações, respaldou instituições culturais na Ucrânia e promoveu eventos na Argentina, Brasil e Canadá. Sua colaboração e ação direta resultaram na instalação de monumentos na Argentina, Brasil, Estados Unidos, São Petersburgo e Yalta, na Crimeia. Era natural que Vassyl, ainda que distante em origem, supervisionasse cuidadosamente cada etapa da construção da praça destinada a receber a estátua do poeta ucraniano. Mesmo quando foi impossível enviar correspondência pessoalmente ao

comitê brasileiro, ele fez questão de demonstrar seu compromisso por meio de uma das cartas enviadas ao comitê brasileiro.

Com satisfação comunico que a estátua em bronze, do poeta Taras Shevchenko, de 3 metros de altura, já está feita na Alemanha, está sendo finalizada e polida. [...] Para evitar possíveis imprevistos na entrada do Brasil, decidi acompanhar a estátua e lhes entregarei em breve. Assim, podem ficar tranquilos sobre o sucesso da inauguração do monumento no domingo, dia 03 de dezembro, deste ano. Possivelmente não mandarei a estátua direto para Curitiba, pois poderá ter problemas na alfândega do Rio, mas seguirei o mesmo caminho que irá o grupo do turismo – Toronto, Buenos Aires, Iguaçu, Foz do Iguaçu e Curitiba seguindo até Prudentópolis. [...] levarei um pouco de dinheiro para cobrir possíveis despesas que vocês terão com o evento. Até a minha chegada façam o possível para segurar as contas porque mandar cheque pelo correio é perigoso. [...] Então, com Deus e fé no grande sucesso do término desta grande obra iniciada, vamos em frente. Com respeito, pela vossa preocupação para glória do maior filho da Ucrânia – Taras Shevchenko. Vosso Vassyl Ivanytsky (Carta de Vassyl Ivanytsky, Toronto, 02/10/1989. Acervo do Museu do Milênio).

A correspondência de Vassyl Ivanytsky, datada de 2 de outubro de 1989 e atualmente mantida no acervo do Museu do Milênio, revela uma série de detalhes sobre o processo de entrega e instalação da estátua de bronze do poeta ucraniano Taras Shevchenko. Na carta, Ivanytsky comunica com satisfação que a estátua, com 3 metros de altura, está localizada na Alemanha, passando pelos toques finais e polimento. Para evitar problemas na entrada da obra no Brasil, Ivanytsky decidiu acompanhar pessoalmente a estátua. Ele planeja um itinerário que inclui Toronto, Buenos Aires, Iguaçu, Foz do Iguaçu, Curitiba e, finalmente, Prudentópolis. Além disso, menciona que depositar uma quantia para cobrir possíveis despesas do evento de encaminhamento, que ocorrerá no domingo, 3 de dezembro daquele ano, e aconselhar a equipe local a estender as contas até a sua chegada, devido ao risco de enviar cheques pelo correio.

Ivanytsky expressa confiança no sucesso do evento e na conclusão da obra, referindo-se ao empenho da equipe e ao valor cultural do monumento dedicado ao “maior filho da Ucrânia”. Ao finalizar a correspondência com a expressão “Vosso Vassyl Ivanytsky”, o presidente da Fundação Taras Shevchenko adota um tom de cordialidade e proximidade com os membros do Comitê Pró-Construção, retificando um sentimento de coletividade e partilha de responsabilidades. Essa escolha linguística, além de demonstrar deferência, ressalta a importância da colaboração mútua e do compromisso compartilhado para a realização do projeto.

A partir da análise das correspondências de Vassyl Ivanytsky, é notável o seu elevado grau de envolvimento com a disseminação da cultura ucraniana ao redor do mundo. Contudo, o transporte da estátua de bronze de Taras Shevchenko, com três metros de altura, não transcorreu como esperado por Vassyl. Surgiram contratemplos e a estátua precisou ser deixada na Argentina. O próprio presidente do Comitê brasileiro, Lademiro Gerei, foi até lá para buscá-la, acompanhado do padre Hilário Bardal. Gerei relembra: “recordo que naquela época fui buscar a escultura na Argentina. Fiquei eu e Padre Hilário por dois dias aguardando e batalhando para que uma peça fosse liberada, pois não era uma tarefa simples lá [...]. Lembro que foi um período bastante solicitado naqueles dois dias” (Gerei, 2023). A estátua de Taras Shevchenko só chegou a Prudentópolis devido às ações conjuntas entre o comitê canadense e a comissão brasileira.

Nesse sentido, Ivanytsky destacou que a criação do monumento envolvia dois aspectos interligados: o “Monumento” em si e a “Mobilização do povo”, pois, para ele, “isto deve conscientizar os ucranianos para despertar ‘quem somos, filhos de quem’, para que sejamos bons brasileiros sem esquecer suas raízes ucranianas” (Ata n. 22, 13 de novembro de 1989). Essa formulação evidencia uma concepção de identidade profundamente enraizada em símbolos materiais e práticas comunitárias, em que o monumento não apenas celebraria uma figura histórica, mas atua como catalisador de um projeto de etnogênese continuada. Em outras palavras: a estátua de Shevchenko ultrapassa sua condição de objeto escultórico para se transformar em um instrumento pedagógico e político, voltado à manutenção e atualização das narrativas de pertencimento.

Essa visão proposta por Ivanytsky insere as comunidades locais em um jogo complexo de identidade e cidadania: por um lado, reafirma a necessidade de ser “bons brasileiros”, acenando para a integração plena ao Estado-nação brasileiro; por outro, insiste em uma memória identitária que recusa o esquecimento das “origens ucranianas”. Nota-se aqui a operação de uma lógica dual de pertencimento – típica de comunidades diaspóricas – em que a integração e a reafirmação cultural não são processos mutuamente excludentes, mas duas faces de uma mesma estratégia de sobrevivência simbólica. Essa tentativa de articular local e global, nacional e étnico, tal como discutida por Homi Bhabha (2018), é sempre um terreno de negociação identitária, permeado por tensões e deslocamentos constantes.

No entanto, é preciso refletir até que ponto essa mobilização da memória – encarnada no monumento – realmente expressa as dinâmicas internas das comunidades prudentopolitanas ou, ao contrário, responde prioritariamente a agendas transnacionais, capitaneadas por atores externos, como o próprio Ivanytsky. A concepção do monumento enquanto “projeto de

mobilização” sugere uma instrumentalização clara da memória coletiva, funcionando não apenas como um lugar de enraizamento simbólico, mas também como uma ferramenta de disciplinamento identitário. Esse aspecto se torna ainda mais crítico quando consideramos o risco de reduzir a pluralidade de experiências e adaptações locais a uma narrativa monolítica, moldada segundo padrões idealizados da *ucraneidade* transatlântica.



FIGURA 15. Construção da Praça Ucrânia para posterior instalação da estátua do poeta Taras Shevchenko. Vassyl Ivanytsky idealizador do monumento é o primeiro da direita para a esquerda.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

Taras Shevchenko possui o recorde mundial de quantidade de monumentos dedicados a alguém, totalizando 1.384 monumentos espalhados pelo mundo. Entre eles, existem três monumentos no Brasil, sendo todos localizados no Paraná. O primeiro foi inaugurado em Curitiba, a principal cidade para as comunidades ucranianas no Brasil, em comemoração ao 150º aniversário do poeta. O segundo monumento foi erguido em Prudentópolis para celebrar o 175º aniversário do artista. E por último, o monumento foi inaugurado em União da Vitória em 2015 (Azul e Amarelo, 2023, s.p.).

Além destes, existem outros monumentos ao redor do mundo, incluindo: Kyiv, Lviv e Kharkiv na Ucrânia; Washington nos Estados Unidos; Buenos Aires, na Argentina; Roma na

Itália; Varsóvia na Polônia; Yerevan na Armênia; Toronto e Winnipeg no Canadá; Sydney na Austrália; Minsk na Bielorrússia; São Petersburgo e Orsk na Rússia e Aktau no Cazaquistão (Azul e Amarelo, 2023, s.p.).

O monumento à Taras Shevchenko, considerado poeta maior da Ucrânia, em forma de estátua em bronze, foi obra do escultor Leo Mol⁶⁹, do Canadá. O monumento possui três metros de altura, foi esculpido em três partes, sendo a base e o pedestal feitos na Argentina e a estátua propriamente dita esculpida na Alemanha (Krevei, 2022).

O monumento em questão exibe uma placa de identificação do poeta e outra contendo um poema selecionado com o intuito de destacar a luta do povo ucraniano por liberdade diante do domínio russo, além de ressaltar a necessidade de integração dos ucranianos dispersos pelo mundo desde o final do século XIX. O poema, de Taras Schevchenko, foi escrito em 14 de dezembro de 1845 e carrega um forte apelo à unidade e à sistematização da identidade cultural ucraniana. O poema é o seguinte:

Libertem-se, irmanem-se!
 No seu lar – sua verdade,
 Sua força e vontade!
 Acordem, sejam gente!
 Estudem, meus irmãos!
 Pensem, leiam,
 Aprendam o que é dos outros,
 Mas não abandonem o que é seu!
 Abracem, meus irmãos,
 O mais humilde dos irmãos!
 Abracem-se, meus irmãos!
 Rogo-lhes!
 Suplico! (T. Schevchenko, Wiúnyscha, 1845).

O poema de Schevchenko é uma convocação à consciência coletiva e à ação em defesa da identidade e autonomia do povo ucraniano. A partir da repetição do chamado “abracem-se, meus irmãos”, o poeta enfatiza a importância da solidariedade e da união entre os compatriotas, sugerindo que apenas por meio da coesão será possível enfrentar as adversidades impostas por forças externas. A exortação para que o povo acorde e se torne consciente de sua força reflete uma preocupação com o despertar da identidade nacional e a urgência de fortalecer a autonomia cultural, mesmo diante da imposição de outras culturas ou realidades.

⁶⁹ Leonid Molodozhany, ou Leo Mol, foi um artista, pintor e escultor de vitrais nascido na Ucrânia. Ele estudou em vários lugares, incluindo a Academia de Artes de Leningrado, a Academia Kunst de Berlim e a Academia de Artes de Haia, Holanda. Em 1948, Mol migrou para Winnipeg, Canadá com sua esposa, Margaret. Mol continuaria criando obras de arte em Winnipeg até sua morte em 2009 (Artuk, s.d.).

Shevchenko sugere que, embora seja importante aprender sobre outras culturas, é necessário manter a conexão com aquilo que é próprio, ou seja, com os valores e tradições ucranianas, visto que muitas vezes se coloca em adaptação em contextos de diáspora e de opressão. O pedido de “libertar-se” e “irmanar-se” é, portanto, um apelo à preservação da autonomia e à busca pela liberdade, enquanto a reflexão sobre o “lar” e “a verdade” indica a necessidade de um retorno ao núcleo essencial do que constitui a nação ucraniana. O poema de Shevchenko revela uma complexa interligação entre identidade, liberdade e resistência, que continua a ser relevante nas discussões sobre a luta do povo ucraniano por sua autodeterminação ao longo da história.



FIGURA 16. Instalação da estátua de Taras Shevchenko na Praça Ucrânia (situada sobre o Museu do Milênio).

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

Independente das dificuldades de concretização da obra, o esforço, como lembra Marquiano Antônio (2022) culminou na concretização de um símbolo para as comunidades ucranianas. A partir das matérias publicadas no Jornal *Prácia* em 1986 sobre as festividades em honra à benção da pedra fundamental do Monumento a Taras Shevchenko e ao Milênio de Cristianismo da Ucrânia em Prudentópolis, é possível estabelecer um laço cronológico à fundação da praça Ucrânia.

Nesse sentido, a notícia sobre as festividades em Prudentópolis nos revela a importância dada pelos membros das comunidades ucranianas à manutenção e celebração de sua identidade

cultural. Por fim, a matéria do *Jornal Práxia* informa sobre as festividades em honra ao Monumento a Taras Shevchenko, e revela as intenções da Paróquia de São Josafat e em manter a integração das comunidades ucranianas. Dessa forma, podemos compreender a importância do uso de jornais como fontes históricas para a análise de processos de construção identitária e para a compreensão de práticas sociais e culturais de um determinado grupo.



FIGURA 17. Monumento a Taras Shevchenko no dia da inauguração.
Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

O alvará de licença para a construção do monumento foi concedido em 10 de fevereiro de 1987, e sua inauguração ocorreu em 3 de dezembro de 1989. Segundo Krevei⁷⁰ (2022), este foi um “dia de glória”, marcado pela presença de visitantes do Brasil e do exterior, representantes do governo estadual e municipal, além de representantes do governo da Ucrânia e da Representação Mundial dos Ucranianos. A visão de Krevei, ao descrever o evento como um “dia de glória”, destaca a importância simbólica e o significado cultural do monumento em homenagem a Taras Shevchenko. Nota-se através dessa narrativa a marginalização e silenciamento de grupos minoritários e/ou aqueles que não se identificam com a herança

⁷⁰ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

ucraniana, excluindo suas vozes e prevalecendo as experiências e memórias da narrativa cultural dominante.

A inauguração da Praça Ucrânia e do monumento em homenagem a Taras Shevchenko aconteceu de forma concomitante no dia 03 de dezembro de 1989. O evento definido como uma “festividade histórica em Prudentópolis”, contou com a participação de corais e grupos de danças do Canadá e Argentina, destacando a magnitude e a importância atribuída à celebração do monumento em honra a Taras Shevchenko (Prácia, n. 45, p. 3, 09 de novembro de 1989).

Nessa ocasião, foram registrados 3087 (três mil e oitenta e sete) visitantes, incluindo moradores de Prudentópolis e turistas de diversas partes do mundo, como da Argentina e do Canadá. Nesse mesmo período, a “estrutura física que abrigaria o Museu do Milênio já estava concluída e pronta para receber a primeira exposição” (Prácia, n. 45, p. 3, 09 de novembro de 1989).



FIGURA 18. Membros do Comitê Pró-Construção no dia da inauguração do monumento em homenagem ao poeta ucraniano Taras Shevchenko. Da esquerda para direita: Vassyl Ivanytsky, Yuri Chemko, Leo Mol e Lademiro Gerei.

Fonte: Acervo Museu do Milênio.

O monumento mencionado possui a capacidade de reforçar a identidade do grupo homenageado, oferecendo uma nova perspectiva para sua percepção, pois carrega de forma intrínseca, a representação de imagens idealizadas, reais ou fictícias de personagens ou eventos que “devem” ser imortalizados na memória. Isso ocorre porque os monumentos comunicam identidades e valores (sejam individuais ou coletivos), moldam mentalidades, dramatizam situações e fomentam sociabilidades (Baccin, 2014, p.14). Esses monumentos, ao se relacionarem com a identidade cultural ucraniana em Prudentópolis, atuam como pontos de memória, produzindo instrumentos de coesão social e política. Quanto aos objetivos de se erguerem monumentos comemorativos, Candau (2013, p. 153-154) afirma que:

Atribui-se um duplo objetivo aos monumentos comemorativos: honrar as vítimas e transmitir a lembrança às gerações presentes e futuras [...] na realidade, estes dois objetivos – honorífico e de transmissão – avançados pelos discursos oficiais escondem um terceiro, sempre implícito. Trata-se de provocar uma emoção junto dos visitantes, com o fim de obter a sua adesão a um projeto político: reforçar a coesão nacional, satisfazer os representantes de comunidades ou de associações, fazer campanha para as próximas eleições, etc. Os monumentos produzem efeitos de memória, solicitando esta faculdade junto daqueles que se acercam dele. No entanto, é importante reconhecer que essa construção de sentido é uma atividade interpretativa e sujeita a influências diversas, incluindo o contexto cultural e político em que o museu está inserido, as escolhas curatoriais e as perspectivas dos historiadores e outros profissionais envolvidos.

Paralelamente à intenção de erguer lugares de memória em Prudentópolis, os descendentes de ucranianos celebraram o milênio do Cristianismo na Ucrânia. Dessa forma, esse projeto não tinha apenas a intenção e o propósito de homenagear o poeta ucraniano, mas passou a ter a finalidade de se tornar um marco dos mil anos da cristianização da Ucrânia. Além disso, o projeto abrangia a ideia de criar um museu que incorporasse elementos culturais e diversas fontes para fomentar a memória dos imigrantes ucranianos no município, alimentando e promovendo um pertencimento étnico entre as comunidades.

Em 2022, os descendentes de ucranianos em Prudentópolis realizaram um ato de apoio ao país após a invasão russa, reunindo-se na Praça Ucrânia. O evento contou com a presença de participantes vestidos com trajes ucranianos, marcados por seus traços e bordados característicos. Outros integrantes, pertencentes a Irmandade dos Cossacos, usaram vestimentas que remeteram aos guerreiros que protegiam as fronteiras da Ucrânia no século XIX. Esse fato reforça o papel central que espaços públicos, como praças, desempenham na reafirmação e expressão de identidades culturais e na articulação de solidariedades em momentos de crise.

Essas manifestações refletem como lugares de memória, no conceito de Pierre Nora (1993), são impregnados de significados simbólicos e emocionais que vão além de sua funcionalidade física. Além disso, ao exibirem símbolos culturais profundos, reafirmam a identidade dos participantes e evidenciam como práticas culturais se tornam instrumentos de resistência em tempos de adversidade. O uso de trajes históricos e a evocação de uma figura militar do passado reforçam a necessidade de reterritorializar a memória, utilizando-a para fortalecer o presente diante da guerra e da destruição.



FIGURA 19. Na Praça Ucrânia, moradores de Prudentópolis se reuniram em manifestação em solidariedade à Ucrânia na guerra contra a Rússia.
Fonte: RPC.

O ato teve início com um desfile de bandeiras, seguido pela execução do hino da Ucrânia e do hino nacional brasileiro. Dom Meron Mazur, bispo greco-católico ucraniano brasileiro e primeiro eparca da Imaculada Conceição em Prudentópolis, juntamente com outros padres, conduziu um momento religioso de oração, reforçando o sentimento de união e solidariedade. Além disso, a execução do hino brasileiro em eventos como esse sugere a construção de uma identidade híbrida, na qual a *ucraneidade* e a brasilidade coexistem, mas dentro de dinâmicas que nem sempre são simétricas. O reconhecimento da Ucrânia como pátria ancestral se entrelaça com a reafirmação do Brasil como espaço de pertencimento e refúgio, evidenciando

como a identidade de imigrantes e seus descendentes não se constrói de maneira linear, mas em um processo contínuo de adaptação, ressignificação e resistência.

A praça, neste contexto, transcende sua função de espaço público, tornando-se um altar simbólico onde as questões políticas, culturais e religiosas se encontram, pois enquanto local de manifestação, simboliza o espaço de resistência cultural, onde a memória coletiva da diáspora ucraniana se encontra com o presente e com suas lutas contínuas por dignidade e autonomia.

Portanto, em um contexto local, a política de reafirmação procurou construir um consenso, dando forma e concretude a perspectivas específicas e refletindo as dinâmicas sociais. Além disso, Kersten (2020) evidencia que o Paraná é uma sociedade profundamente diversa; entretanto, ao tentar reconstruir o passado do Estado, a política de tombamento não deu destaque às diferentes e variadas relações sociais de caráter étnico. Esse silêncio institucional sobre as diferentes experiências étnicas é uma falha crítica nas políticas de consolidação cultural do estado. A homogeneização das narrativas históricas ignora os processos de resistência cultural e as complexas dinâmicas sociais que moldaram a sociedade paranaense, refletindo uma abordagem que prioriza um modelo uniforme de identidade estadual em detrimento de sua diversidade.

Dessa forma, a autora apresenta o processo de registro da história como um campo de disputas pelo domínio simbólico, interpretando os bens materiais e naturais do Paraná, transformados em “monumentos”, como parte de uma estratégia cultural voltada à consolidação da província enquanto Estado integrante da federação (Kersten, 2020, p.40). O processo de tombamento, portanto, não deve ser visto apenas como um reconhecimento de valor histórico e cultural, mas como um meio de legitimar uma narrativa hegemônica que, muitas vezes, marginaliza as vozes das comunidades étnicas e suas contribuições específicas para a formação do Estado, negando, assim, a multiplicidade de perspectivas que compõem a história do Paraná.

2.3 A CRIAÇÃO DO MUSEU DO MILÊNIO E SEUS DESDOBRAMENTOS

“O Museu do Milênio é a vida da comunidade⁷¹”
(Meroslaw Krevei).

⁷¹ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

A frase proferida por Meroslawka Krevei, diretora e curadora do Museu do Milênio, nos leva a refletir sobre o papel das instituições culturais na formação e manutenção da identidade coletiva de uma comunidade. De qualquer forma, é preciso questionar como esse papel é construído, quais narrativas são priorizadas e quem tem o poder de definir o que constitui a “vida” das comunidades. Ademais, essa concepção ignora o fato de que a cultura não se esgota nos objetos expostos ou nos arquivos em exibição, mas persiste, se reinventa e se transmite nos gestos cotidianos, nas festas, nos rituais religiosos, na língua falada em casa, nas práticas alimentares e na memória oral que circula entre gerações. A “vida” das comunidades, nesse sentido, não reside apenas no museu, embora ele possa e deva ser um dos seus espelhos. Assim, Krevei (2022), sugere, ainda que implicitamente, que sem o museu as culturas das comunidades estariam ameaçadas de desaparecer ou definhar – como se a existência do museu fosse condição de “sobrevivência” para a memória e identidade coletiva. Por isso, o Museu do Milênio como um espaço de memória, celebra o passado, e evidencia as dinâmicas de poder e as escolhas que moldam a construção dessa memória.

A construção do Museu, realizada entre os anos de 1985 e 1989 sob a supervisão do Comitê Pró-Construção e do Comitê Canadense-Americano, liderado por Vassyl Ivanytsky, revela as intenções de um grupo específico em eternizar e representar a história e a cultura ucraniana em Prudentópolis. O Comitê Pró-Construção do Monumento ao Poeta Taras Shevchenko, estabelecido durante a primeira reunião em 29 de outubro de 1985, se insere nesse contexto, deixando marcas de uma memória que busca consolidar uma identidade coletiva a partir de determinadas escolhas simbólicas e políticas.

Conforme registrado na Ata n. 01, os membros fundadores do conselho foram: o presidente de honra Gilberto Agibert Filho⁷², então prefeito municipal; o presidente Lademiro Gerei; o vice-presidente Dionísio Opuchkevicz; a secretária especializada em língua ucraniana Meroslawka Krevei; o secretário especialista em língua portuguesa Antonio Techy; os tesoureiros José Saviski e Vasilio Mysko; e os conselheiros Basílio Cembalista, Miguel Rubinetz, Marquiano Antonio, Demétrio Koliski, José Rudek e Paulo Boiko. Além desses, participaram outros membros das comunidades religiosas da Paróquia, como José Schery, Mário Lachovich, Nadia Morskei Stasiu e Olga Korczagin. Esse comitê seria responsável por conduzir as ações necessárias à concretização do monumento, mas as atas não explicitam os critérios para a seleção dos membros do comitê, sugerindo a ausência de um processo participativo mais amplo.

⁷² Atuou como prefeito municipal nos períodos de 01/02/1983 a 31/12/1988; e 15/03/2004 a 31/12/2004.

A composição de comissões para a construção de monumentos, como demonstrado na Ata n. 01, revela um padrão de exclusão e centralização das decisões em um círculo restrito de lideranças locais. Esse fenômeno é emblemático das estruturas sociais hierárquicas e patriarcais que predominam em muitas comunidades, especialmente aquelas com forte influência religiosa e política. A escolha de membros para o comitê responsável pela construção do monumento, sem um processo participativo ou transparente, suscita importantes questões sobre representatividade e legitimidade nas decisões coletivas.



FIGURA 20. Comitê Pró-Construção do monumento em homenagem a Taras Shevchenko. Da esquerda para direita: Mario Lachovicz, Melécio Felichen, Jonel Iurk, Lademiro Gerei, Meroslawa Krevei, Eli Correia Fernandes, Vilson Santini, Josafat Hilário Bardal e Vassilio Mysko.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

A falta de um processo mais democrático e inclusivo na seleção dos membros do comitê, como fica claro pela ausência de mulheres e pela exclusão de outros setores sociais das comunidades ucranianas, levanta dúvidas sobre o alcance e a equidade das decisões tomadas. Embora o engajamento da elite local fosse importante para garantir apoio institucional e recursos financeiros, a predominância de homens ligados à igreja e à política, com apenas duas mulheres mencionadas no comitê, não só revela uma clara desigualdade de gênero, mas reflete uma visão centralizadora onde as vozes de setores essenciais, como os jovens e os trabalhadores

rurais, são silenciadas. Esse tipo de estrutura de poder muitas vezes resulta em decisões que não contemplam toda a diversidade de necessidades e visões das comunidades.

A centralização das decisões em mãos de um grupo restrito de pessoas reflete uma dinâmica de poder que muitas vezes impede o surgimento de alternativas ou visões divergentes. Monumentos, enquanto símbolos de memória e identidade, têm o poder de narrar histórias e reforçar valores coletivos, mas para que realmente cumpram essa finalidade, deveriam ser construídos de forma inclusiva e representativa.

Neste contexto de valorização étnica-cultural, os membros do Comitê Pró-Construção expressaram vários sentimentos em relação a esta obra, onde todos têm em comum o “louvor à cultura ucraniana” (Krevei, 2022). Conforme afirmou Lademiro Gerei⁷³ (2019), é um “legado que perdurará para as futuras gerações”.

“Comemorar significa reviver coletivamente a memória de um acontecimento, perenizar grandes valores e ideais de um grupo social” (Bahls, 2006, p. 10). Sob essa perspectiva, a exposição temporária intitulada “Os ucranianos em Prudentópolis”, realizada em 1989 como desdobramento das comemorações dos mil anos do catolicismo na Ucrânia em 1988, exemplifica esse processo de celebração e manutenção da memória. De acordo com Meroslawa Krevei⁷⁴ (2022), esta exposição visava apresentar às comunidades aspectos da arte sacra, artesanato e folclore ucranianos. A organização do evento ficou a cargo dela em colaboração com o descendente de ucranianos, Samuel Semzezyn.

Essa exposição teve sua organização orientada pelo Conselho Consultivo do Sistema Estadual de Museus (COSEM), da Secretaria Estadual da Cultura do Paraná. A partir daí, foi decidido criar o Museu do Milênio, que representaria a história e a cultura das comunidades ucranianas em Prudentópolis.

Enquanto responsável pelas atividades eu me interessei. Eu me interessei, sempre me interessei pelo museu nas minhas viagens. Fiquei vários anos na Europa, visitei tudo que era museu. E o Louvre principalmente, fiquei um dia inteiro lá. Daí eu visitei Roma, no Vaticano, todo aquele acervo. Daí quando a gente pensou aqui, “*meu deus do céu*, vamos reunir e fazer o museu”. Então o pessoal do COSEM me deu as dicas (Krevei, 2022).

A celebração dos mil anos do cristianismo na Ucrânia, promovida pelas comunidades ucranianas de Prudentópolis, ilustra como eventos históricos são mobilizados para reforçar

⁷³ Entrevista concedida ao autor em 10 de agosto de 2022.

⁷⁴ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

identidades culturais e religiosas, especialmente em contextos de diáspora. Segundo a diretora do Museu do Milênio, a eparquia solicitou à Paróquia de São Josafat que organizasse um evento para marcar esse marco significativo. Krevei (2022) destaca: “Pode ser uma cruz, pode ser uma coisa dentro da igreja, pode ser qualquer coisa assim significativa. E nós embarcamos nessa, vamos botar o Museu do Milênio, mil anos do cristianismo na Ucrânia. [...] 9-8-8, 1-9-8-8, quando a Ucrânia recebeu oficialmente o cristianismo”. Essa iniciativa demonstra a importância atribuída à celebração dos mil anos do cristianismo na Ucrânia e como isso inspirou as comunidades de Prudentópolis a organizar um evento expressivo para lembrar desse marco histórico.

A comemoração em Prudentópolis demonstra como a diáspora frequentemente reinterpreta eventos históricos para atender às suas necessidades contemporâneas. Embora na Ucrânia o cristianismo de 988 esteja profundamente enraizado em debates sobre soberania, nacionalismo e identidade pós-soviética, na diáspora brasileira ele foi mobilizado como um elo de continuidade cultural em um contexto de assimilação. Essa diferença de perspectiva revela a complexidade das identidades diaspóricas, que frequentemente misturam elementos históricos e simbólicos para legitimar sua presença em um novo território.



FIGURA 21. Museu do Milênio visto frontalmente. Acima localiza-se a Praça Ucrânia e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko (centro da figura). Ao lado esquerdo está a Igreja Matriz de São Josafat.

Fonte: Acervo do autor (2024).

Durante a exposição temporária realizada por ocasião do centenário da vinda dos imigrantes ucranianos para Prudentópolis, estiveram na cidade uma comitiva de ucranianos dos

Estados Unidos e do Canadá, entre eles Myroslau Nimciw. Segundo Krevei (2022), “Myroslau ficou encantado com a preservação, a cultura, religiosidade, a língua e os usos e costumes, mantidos pelos descendentes de imigrantes nestes 100 anos”.

Por conta disso, Myroslau Nimciw nesse mesmo tempo, sugeriu e já destinou um valor em dinheiro para que fosse construído um monumento ao poeta Taras Shevchenko. Essa ação aconteceu para que o poeta fosse lembrado para a posteridade, e reverenciado pelos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, uma vez que Prudentópolis é “berço da imigração ucraniana do Brasil⁷⁵” (Beló, 2022).

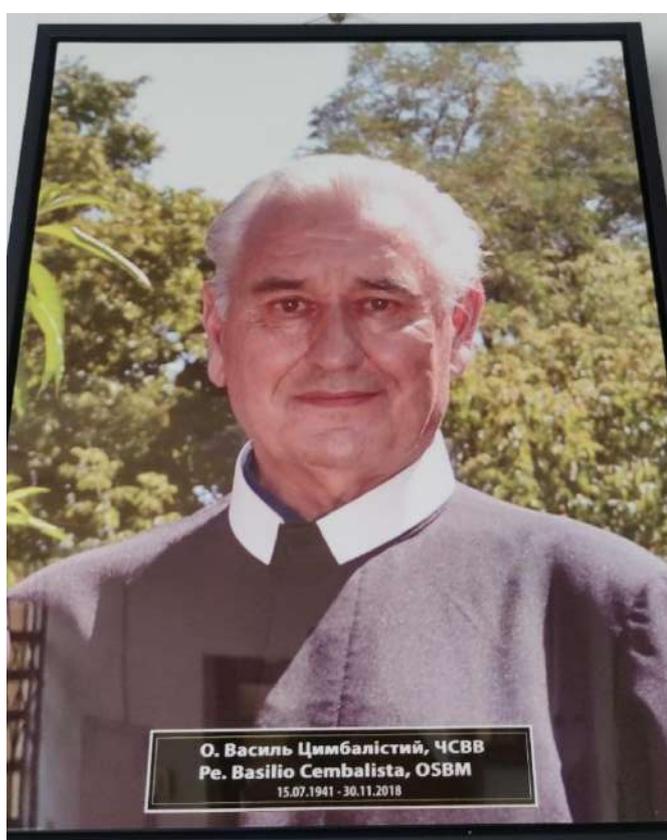


FIGURA 22. Fotografia do Padre Basílio Cembalista exposto no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Nesse intento, Basílio Cembalista, pároco da Paróquia São Josafat e membro da Ordem de São Basílio Magno, reuniu lideranças das comunidades religiosas e representantes da Prefeitura Municipal para avaliar sua própria proposta de construção de um monumento em homenagem a Taras Shevchenko. Como arquiteto ucraniano da diáspora radicado nos Estados

⁷⁵ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

Unidos, Myroslau Nimciw assumiu o projeto, buscando reforçar os laços transnacionais e legitimar o monumento como um símbolo da identidade cultural ucraniana.

As reuniões contaram com a participação de lideranças religiosas, comunitárias e políticas, destacando-se a presença do prefeito Gilberto Agibert Filho, o que simboliza o envolvimento direto do poder público no empreendimento. Nelas, foi decidido encaminhar um pedido formal para oficializar a construção do Memorial, além de solicitar um levantamento topográfico da Praça Ucrânia a ser realizado pelo engenheiro da Prefeitura Municipal, que seria enviado aos arquitetos ucranianos para elaboração de um projeto mais detalhado. O prefeito Gilberto Agibert Filho reafirmou sua aprovação e ajuda levando em consideração a gratidão “aos pioneiros que há 90 anos estavam radicados em Prudentópolis” (Ata n. 05, 15 de julho de 1986).

Os monumentos, além de reforçarem uma memória coletiva, frequentemente se tornam palco de disputas políticas, tensionando os significados atribuídos pelas comunidades e os interesses de seus representantes. Essa relação entre memória e poder é evidenciada na instrumentalização dessas obras, que transcendem sua função simbólica e se tornam ferramentas de legitimação política. Em Prudentópolis, a presença de figuras políticas, como o prefeito Gilberto Agibert Filho desde o início e da deputada estadual Vera Agibert⁷⁶ nas reuniões de 1987, reforça o caráter estratégico do monumento enquanto ferramenta de legitimação política. Em outro momento, o prefeito pediu a palavra e proclamou que “valorizamos esta construção e ficaremos até o final. [...] Falo isso e posso registrar para evitar comentários sem fundamentos” (Ata n. 9, 6 de julho de 1987). Esse discurso, destacando a dedicação ao projeto, desvela como iniciativas culturais podem ser instrumentalizadas para consolidar capital político, tensionando a linha entre fortalecimento da memória e interesses eleitorais.

Em entrevista, o vereador da época, Mario Lachovicz⁷⁷ (2022), recordou que o poder público municipal contribuiu consideravelmente para o empreendimento: “Deu cimento, pedra, areia, até desde grade e tudo que tinha de acabamento a prefeitura ajudou [...]. Mas, assim, na minha época dá *pra* se dizer que mais de 70%, 60% o município ajudou.” Essa participação como um suporte à causa cultural de forma intencional é vista como estratégia para fortalecer

⁷⁶ Filha de ucranianos, nasceu em Prudentópolis, foi eleita em 1986 com 21.546 votos; primeira mulher a ocupar a Mesa Diretora como terceira-secretária entre 1987-1988, além de integrar a Comissão Constituinte do Estado (Alep, 2023). Apesar de se candidatar à reeleição em 1990, não foi reeleita.

⁷⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 07 de julho de 2022.

sua imagem política junto às comunidades ucranianas, uma parcela significativa do eleitorado local.

A relação entre memória e poder, frequentemente manifesta nos monumentos, reflete como essas obras transcendem sua função simbólica para se tornarem instrumentos de disputas políticas. Mesmo que representem narrativas escolhidas para projetar a identidade de uma comunidade para si mesma e para os outros, esses marcos podem ser utilizados como ferramentas de legitimação política. No caso da presença da deputada e da declaração do prefeito durante o processo de construção de um monumento, percebe-se que essas iniciativas podem servir para o reconhecimento cultural e, ao mesmo tempo, serem usadas como estratégias para consolidar poder e angariar apoio eleitoral.

Essa situação revela a sobreposição de interesses políticos ao propósito original de representar e valorizar a memória comunitária. O apoio político, nesse contexto, pode ser interpretado como uma tentativa de instrumentalizar o monumento para atender a agendas específicas, o que levanta questionamentos sobre a integridade e a transparência do processo. Conseqüentemente, o monumento, ao mesmo tempo em que celebra e ratifica a memória coletiva, torna-se um espaço onde as disputas por poder e influência política se materializam, tensionando os significados atribuídos pelas comunidades e os interesses de seus representantes políticos.

As reuniões de 1986, particularmente as de fevereiro e maio, destacam a busca por financiamento, tanto local quanto externo, evidenciando uma dependência marcante de doações e do apoio de organizações como o Ministério da Cultura e a Representação Central Ucraniana Brasileira (RCUB). Essa dependência suscita questões sobre a capacidade do comitê de manter controle pleno sobre as decisões e de garantir a representatividade de interesses diversos. Além disso, a inclusão de figuras externas no comitê de honra reforça a interseção entre memória e poder, ao passo que decisões relativas ao projeto, como a aprovação do segundo esboço arquitetônico em julho de 1986, refletem uma tentativa de equilibrar ambições iniciais e restrições práticas.

Os registros indicam que uma parte considerável das discussões e atividades foi direcionada à organização de eventos culturais e cerimoniais. A recepção de representantes internacionais e apresentações como as do Coral *Vesnivka* e do Grupo Folclórico *Prosvita*, bem como a realização de celebrações religiosas, ilustram uma ênfase na dimensão simbólica do projeto (Ata n. 06, 30 de julho de 1986). Essas iniciativas desempenharam um papel relevante na mobilização comunitária e na consolidação de laços identitários, promovendo o monumento como um marco de memória coletiva.

Entre as estratégias de divulgação, destaca-se o noticiário exibido pelo programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em 1987, que veiculou o evento de lançamento do monumento, ampliando o alcance da iniciativa para além das fronteiras locais. A imprensa regional desempenhou um papel ativo, registrando o evento como um marco histórico (Ata n. 08, 19 de setembro de 1987). Como resultado da intensa divulgação, os membros do Comitê ponderaram que “existiu a conscientização do povo e o nome ucraniano foi exaltado”. Essa abordagem, revela uma tentativa deliberada de cristalizar uma memória coletiva que privilegia a identidade cultural ucraniana, obscurecendo a pluralidade cultural da região, além de reforçar uma perspectiva homogênea que ignora outras experiências e memórias locais.

Uma das estratégias de engajamento comunitário foi o reconhecimento público dos doadores. O padre Basílio Cembalista apresentou uma lista dos contribuintes, que seria publicada no Jornal *Prácia* como uma forma de estimular a participação e valorizar a colaboração das comunidades. Paralelamente, foram discutidas iniciativas mais amplas de arrecadação de fundos, incluindo propaganda em jornais internacionais e a abertura de contas na *The Ukrainian American Credit Union Association*⁷⁸ (UACUA), reforçando o envolvimento da diáspora ucraniana na viabilização do projeto (Ata n. 10, 9 de setembro de 1988).

No que diz respeito à construção, o progresso foi gradativo, uma vez que dependia de investimentos internos e externo. Até 1989, as janelas e portas estavam instaladas, mas ainda faltava o fornecimento de energia elétrica e água, além do acabamento do piso e do assoalho. O padre Basílio destacou que o projeto representava o “maior compromisso da paróquia”, enfatizando a importância de sua conclusão dentro do cronograma estipulado (Ata n.11, 9 de fevereiro de 1989).

O processo de construção do monumento não se limitou à execução de uma obra física, mas se articulou como um meio de consolidar uma identidade coletiva em torno da memória ucraniana na região. O discurso que permeou as reuniões priorizou a construção de um senso de pertencimento coletivo, ao mesmo tempo em que projetava para fora, especialmente por meio da diáspora, uma identidade específica que reforça os laços entre as comunidades locais e a memória de suas ancestralidades.

Em 1989, agora sob a liderança do padre Hilário Bardal, a Paróquia São Josafat enfrentou uma série de dificuldades que refletiram as limitações financeiras do projeto. Durante uma reunião, foram discutidos os problemas estruturais da construção, como infiltrações no

⁷⁸ A *Ukrainian American Credit Union Association* (UACUA) é uma instituição financeira que atende à comunidade ucraniano-americana. Como cooperativa de crédito, ela oferece serviços bancários, como contas de poupança e corrente, empréstimos e outros produtos financeiros aos seus membros.

subsolo destinado ao museu e a fragilidade da pedra usada na calçada da Praça Ucrânia. O engenheiro responsável pela obra sugeriu a substituição do material por outro mais resistente, um desafio adicional que refletia a complexidade do projeto.

As reuniões sempre destacavam um esforço coletivo para superar os desafios financeiros e logísticos. Entre as decisões tomadas, destacou-se a organização de eventos como festas comunitárias, planejadas para ocorrer após a Páscoa, com o objetivo de angariar recursos adicionais. Esse modelo de captação reflete a tentativa de conectar a obra à vida comunitária, ao mesmo tempo em que mobilizava a solidariedade local e internacional.

O cenário financeiro da paróquia e do comitê responsável pela obra se mostrava cada vez mais apertado. Sem recursos suficientes, o padre Hilário indicou que seria necessário buscar ajuda do poder público, e assim foi feito. A visita do prefeito Vilson Santini⁷⁹ e do secretário de obras Sérgio Fabri ao local da construção resultou em um acordo para que a prefeitura fornecesse cimento, pedra e até mesmo a ajuda de um funcionário para auxiliar na obra (Ata n. 12, 17 de março de 1989). Essa colaboração entre a igreja e a administração municipal foi um reflexo das dificuldades que as iniciativas comunitárias enfrentavam na época, quando se tratava de garantir a viabilidade de grandes projetos, como a construção de monumentos e museus.

A relação entre a igreja e o governo municipal evidenciou o caráter simbólico e político da construção do monumento. Mais do que um simples esforço arquitetônico, a obra se inseria em um processo de afirmação cultural e identitária para as comunidades ucranianas locais, ao mesmo tempo em que refletia disputas simbólicas mais amplas sobre qual memória deveria ser reforçada. Nesse sentido, a criação de monumentos não foi um movimento neutro, mas um campo de disputas simbólicas que define quais imagens de uma comunidade são projetadas, tanto internamente quanto externamente. A partir disso, enquanto se consagra o passado, também se moldam narrativas que servem a interesses específicos, tensionando o equilíbrio entre a memória cultural e as estratégias políticas.

A construção do monumento dedicado a Taras Shevchenko em Prudentópolis se configura como um projeto que, mais do que representar um marco arquitetônico, busca ser um símbolo da identidade e da diáspora ucraniana no Brasil, especialmente em um momento marcado pela luta pela independência da Ucrânia sob o regime soviético. A temporalidade desses lugares de memória se conecta a eventos históricos, como a dissolução da União Soviética e a independência da Ucrânia, ambos ocorridos em 1991.

⁷⁹ Prefeito municipal de 01/01/1989 a 31/12/1992; 01/01/1997 a 08/08/2000; e 01/01/2005 a 31/12/2008.

Diante disso, a iniciativa foi impulsionada pela articulação entre as comunidades locais e as diásporas ucranianas no exterior, com o apoio de grupos como o Comitê Pró-construção canadense-americano, sob o patrocínio do Conselho Mundial dos Ucranianos Livres (CKBY) de Toronto, no Canadá. A formalização do comitê no Canadá foi comunicada oficialmente por Vassyl Ivanytsky, presidente da Fundação Taras Shevchenko no Canadá, que descreveu o projeto como uma “oportunidade para reafirmar a presença e a luta da comunidade ucraniana, tanto no Brasil quanto na Ucrânia” (Ata n. 03, 27 de fevereiro de 1986).

A carta de Ivanytsky, datada de 3 de abril de 1989, trouxe a informação de que o comitê estava formalmente constituído e que a inauguração do monumento estava programada para o dia 3 de dezembro de 1989, com uma cerimônia de abertura que se daria em 20 de novembro de 1989, com uma Divina Liturgia em homenagem ao povo ucraniano. Este evento foi planejado para ser uma celebração simbólica, com a promessa de que a estátua de Shevchenko, escultor Leo Mol, seria colocada no monumento. Embora a inauguração fosse um ponto de destaque, a construção do monumento envolvia uma série de questões técnicas e financeiras.

As discussões sobre o avanço da obra incluíam a necessidade de reformular a parte superior da estrutura onde a estátua seria instalada, com a aplicação de ardósia e impermeabilizantes, cujo custo seria de US\$ 2.500⁸⁰. Para viabilizar essa reforma, foi decidido que a Paróquia de São Josafat, responsável pela administração da Rádio Copas Verdes, utilizaria o fundo de reservas da rádio, com o compromisso de ressarcir os valores posteriormente. A Prefeitura Municipal de Prudentópolis se comprometeu a fornecer apoio com recursos e mão de obra para a continuação das obras, com destaque para o fornecimento de cimento, tijolos e mão de obra extra (Ata n. 12, 17 de março de 1989).

As reuniões subsequentes deram sequência ao processo de construção, com o engenheiro Jonel Iurk relatando o progresso das obras. Em relação ao aspecto técnico da construção, o engenheiro relatou em sua intervenção a conclusão da impermeabilização do piso superior e o andamento do acabamento da Praça Ucrânia, destacando as colunas que dariam unidade à estrutura (Ata n.14, 16 de maio de 1989). Entre as colunas, seriam plantadas árvores, e a entrada receberia uma marquise, que serviria de proteção e de espaço para uma inscrição sobre o cristianismo na Ucrânia, uma escolha que visava conectar o Monumento à espiritualidade e à religiosidade das comunidades.

O ponto alto dessas discussões foi a chegada de Vassyl Ivanytsky em 21 de junho de 1989. Sua visita reforçou o caráter internacional do projeto e o vínculo com a Ucrânia, além de

⁸⁰ 40,7 salários-mínimos brasileiros da época.

destacar a importância do monumento como símbolo de “esperança para a diáspora ucraniana, em um momento em que a luta pela independência da Ucrânia ainda enfrentava enormes desafios sob o domínio soviético”. Suas palavras ressaltaram as dificuldades vividas pela Ucrânia e o significado do monumento como um ponto de resistência e de afirmação da identidade ucraniana no Brasil. Além disso, Ivanytsky informou que entregara à Paróquia de São Josafat o valor de US\$ 2.500 para auxiliar na conclusão do projeto. Esse gesto, além de representar um apoio financeiro significativo, sublinhou a importância da cooperação entre as comunidades locais e as diásporas.

O balanço financeiro das entradas e despesas, como descrito em uma das atas, mostra um quadro de dificuldades com um saldo negativo considerável entre janeiro e agosto, que alcançou a cifra de NCz\$ 10.357,70⁸¹. Apesar disso, a Paróquia possuía os US\$ 2.500 doados por Vassyl Ivanytsky, que contribuíam para tentar sanar parte das dívidas. O apoio financeiro das comunidades e a obtenção de recursos através de diversas fontes de doação eram recorrentes, como evidenciado pela proposta de abertura de um livro de doações – denominado de “Livro Ouro” – voltado às famílias prudentopolitanas, uma tentativa de angariar mais fundos para o projeto. A prefeitura de Prudentópolis se envolveu, oferecendo a doação da iluminação para a Praça e o Monumento, embora a proposta fosse simplificada e necessitasse de recursos adicionais para seu aprimoramento.

Em outubro de 1989, a deputada estadual Vera Witchemichem Agibert anunciou uma doação do governo estadual, no valor de NCz\$ 15.000⁸², para a iluminação da Praça Ucrânia, um valor que seria depositado na conta da Paróquia São Josafat no Banco Banestado. A deputada mencionou que seu gabinete estava ativamente buscando mais contribuições para o monumento, com a utilização do Livro Ouro, que serviria para captar doações, as quais seriam igualmente depositados na conta da Paróquia, consolidando o apoio contínuo das autoridades estaduais na execução do projeto (Ata n. 21, 10 de outubro de 1989).

Ainda, o aspecto cultural do projeto se expandiu para além da construção física, quando estudantes do *Centre for Ukrainian Canadian Studies* (CUCS) do Canadá visitaram Prudentópolis para conhecer o Monumento. Essa visita foi marcada por uma breve exposição sobre o processo de idealização e construção, com o pároco Bardal ressaltando que “para nós não é fácil tal trabalho, porque temos muitas necessidades, [...] não apenas de pão vive o homem, nós precisamos, adquirir riquezas culturais” (Ata n. 16, 13 de julho de 1989). A instalação da Rádio Copas Verdes no subsolo da Praça foi discutida e aprovada, visto que houve

⁸¹ 15,2 salários-mínimos brasileiros da época.

⁸² 48,7 salários-mínimos na época.

empréstimo das aplicações financeiras desta, além dela ser uma concessão da Paróquia de São Josafat.

Em relação às obras, o engenheiro Jonel Iurk que participou ativamente das reuniões, discutiu detalhes técnicos e projetou a continuidade da construção, incluindo o acabamento geral da Praça e a iluminação, que seria encaminhada ao governo estadual para aprovação e apoio financeiro. O comitê, em busca de soluções, solicitava apoio do governo estadual, com o apoio de figuras como a deputada Vera Witchemichem Agibert e o governador Álvaro Dias⁸³, que se comprometeram a ajudar na concessão de benefícios e recursos para a finalização (Ata n. 18, 08 de setembro de 1989). A complexidade do projeto, tanto na parte estrutural quanto na busca por recursos financeiros, refletia a necessidade de um apoio contínuo e de um planejamento que envolvesse diversos setores das comunidades e autoridades locais, estaduais e até mesmo internacionais.

Com relação ao aspecto cultural, o planejamento para a inauguração da Praça, do Monumento e do Museu foi elaborado com a criação de uma Comissão Cultural formada por paroquianos. Essa comissão ficou responsável pela programação das atividades e delegar as diversas responsabilidades acerca da inauguração dos novos espaços das comunidades de descendente de ucranianos. O evento, que começaria em 26 de novembro de 1989 e se estenderia até 3 de dezembro, contaria com atividades diárias voltadas para a celebração da cultura ucraniana e a inauguração desses novos espaços, que se tornariam marcos para as comunidades. Vassyl Ivanytsky em uma das reuniões informou que da Argentina virão dois ônibus sendo dançarinos e banduristas⁸⁴, além de 100 pessoas provenientes do Canadá e Estados Unidos (Ata n. 20, 02 de outubro de 1989). Ademais, o evento seria uma oportunidade para destacar a importância da manutenção da memória histórica ucraniana, com a biblioteca do subsolo da Praça Ucrânia já pintada e organizada pelas catequistas do Instituto Sagrado Coração de Jesus. Essas iniciativas visavam transformar os espaços em centros de memória e cultura, com o intuito de fortalecer a identidade das comunidades ucranianas em Prudentópolis.

Em 14 de novembro de 1989, a mudança do local de encontros do Comitê Pró-Construção marcou uma etapa importante na trajetória do Museu do Milênio, que já estava em fase de conclusão. As reuniões, anteriormente realizadas na Escola Paroquial Nossa Senhora do Patrocínio, passaram a ocorrer no subsolo da Praça Ucraniana, onde o museu seria

⁸³ Governador do Paraná pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) entre 15/03/1987 e 15/03/1991.

⁸⁴ Os banduristas são músicos que tocam bandura, um instrumento ucraniano que combina características da cítara e do alaúde. A bandura tem um corpo grande, semelhante ao da cítara, com um braço curto e um número de cordas que podem variar de 20 a 65, dependendo do tipo de bandura (Bergmann Filho, 2018).

finalmente instalado. Essa transição refletia o progresso da construção e a proximidade do evento inaugural, quando o espaço começaria a cumprir sua função de promoção da cultura ucraniana na região.

Na mesma data, foi divulgado o resultado do “Concurso de Redação Taras Shevchenko no Brasil”, organizado pela Escola Paroquial. Este concurso teve como objetivo homenagear Taras Shevchenko, poeta ucraniano amplamente conhecido por seu nacionalismo e por sua luta pela valorização da cultura ucraniana, especialmente por meio de suas poesias que exaltavam a nação. Entre os vencedores do concurso estavam alunos das mais diversas faixas etárias, com premiações em diferentes categorias de ensino, desde o ensino fundamental até o superior (Ata n. 23, 14 de novembro de 1989).

Segundo o Jornal *Prácia* (n. 45, 7 de dezembro de 1989), foram selecionadas trinta e seis produções, das quais nove foram premiadas. No ensino de primeiro grau⁸⁵, os vencedores foram: Adriane Horbuch (primeiro lugar), Irineu Melnethkei (segundo lugar) e Elaine Maria Zenzelhuk (terceiro lugar). No segundo grau⁸⁶, os ganhadores foram: Paulo Hlatchuk (primeiro lugar), Marcia Aparecida Onesko (segundo lugar) e Leda Giovana Demczuk (terceiro lugar). No terceiro grau⁸⁷, os premiados foram: Jeferson Stasiu (primeiro lugar), Tereza Katchurovska (segundo lugar) e Maria Madalena Lozovei (terceiro lugar).

Ainda sobre disso, o *Prácia* (n. 45, 1989) discorre que “é preciso realizar este tipo de atividades com mais frequência, pois faz com que os alunos se aprofundem em determinado assunto como foi no caso com o profeta nacionalista – Poeta Taras”. Esse epíteto evoca uma aspiração nacionalista, advinda de suas poesias que comumente exaltavam a nação ucraniana. Por isso, nesse caso, seu nacionalismo foi marcado pelo desejo de emancipação e pela valorização da cultura e língua ucraniana, em um esforço para fortalecer a identidade nacional diante da opressão externa.

Em 21 de dezembro de 1990, o Comitê responsável pela construção do Monumento e da Praça Ucrânia em Prudentópolis se reuniu para avaliar a conclusão do projeto, com a presença de Vassyl Ivanytsky e sua esposa, Natalka Bunza Ivanytsky, e sob a direção do padre Hilário Bardal. A principal pauta da reunião foi o cumprimento da promessa de eternizar os nomes dos doadores em placas comemorativas, que seriam expostas no monumento, como uma forma de reconhecimento pela contribuição financeira.

⁸⁵ Ensino Fundamental.

⁸⁶ Ensino Médio.

⁸⁷ Ensino Superior.

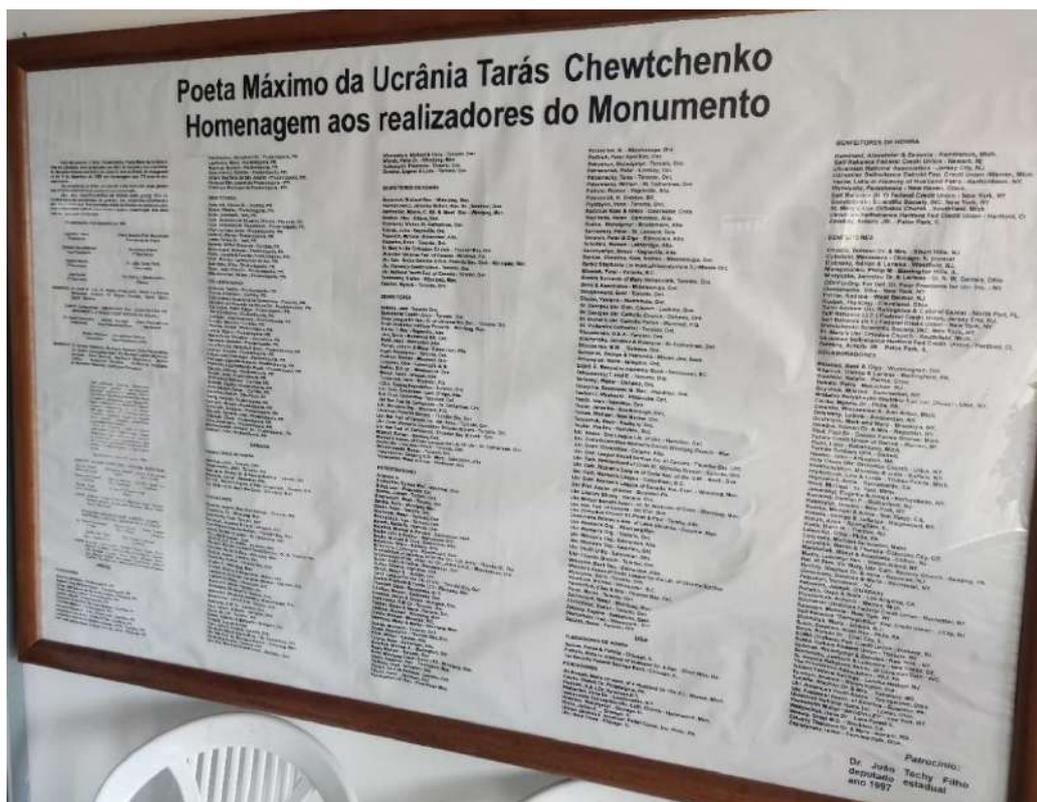


FIGURA 23. Mural com a homenagem aos realizadores e envolvidos na construção do Monumentos ao poeta Taras Shevchenko, exposto no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).

A prática de gravar nomes em placas reflete o desejo de perpetuar a memória daqueles que contribuíram para a realização de um projeto. No entanto, a fixação desses nomes como expressão de “eterna gratidão” ignora o fato de que a memória coletiva é construída por múltiplos fatores e está longe de ser estática. Ademais, ao focar apenas nas doações financeiras, esse gesto perpetua uma visão elitista do monumento, onde as contribuições daqueles que têm recursos para doar são mais valorizadas, enquanto o trabalho voluntário de outros membros das comunidades, igualmente importante, tende a ser invisibilizado.

Ivanytsky expressou sua satisfação com a conclusão da obra ao comparar os esforços das comunidades com a perseverança dos primeiros imigrantes ucranianos, ressaltando que, da mesma maneira “como aqueles pioneiros não haviam perecido fisicamente, as comunidades ucranianas de Prudentópolis não estava perecendo culturalmente” (Ata n. 27, 12 de agosto de 1991). Essa fala, embora tenha sido uma forma de comemoração pelo trabalho realizado, revela um certo idealismo sobre a resistência da cultura ucraniana. De fato, tanto o monumento quanto a praça representam esforços valiosos para fomentar a memória e identidade ucraniana em um contexto de diáspora, mas as dificuldades enfrentadas para concretizar o projeto e as tensões

internas dentro das próprias comunidades mostram que essa resistência cultural é longe de ser simples.

A exclusão de certos grupos da “memória oficial”, evidenciada nas discussões internas, demonstra que, em muitos casos, a consolidação da cultura não é homogênea. Ao contrário, ela envolve disputas sobre quais narrativas serão legitimadas e lembradas. Nesse sentido, há uma tentativa de unificação expressa por Vassyl Ivanytsky, ao afirmar que “embora os olhos do mundo tenham retornos para a Ucrânia, que agora está no ciclo da excursão, [...] nós não esquecemos dos ucranianos no Brasil. Shevchenko unifica todos os ucranianos, pobres e ricos. Precisamos ter relações com a Ucrânia” (Ata n. 26, 03 de junho de 1991).

A tentativa de unificação identitária das comunidades ucranianas em Prudentópolis, ao invés de promover um fortalecimento da coesão social interna, revela uma operação simbólica que reduz a complexidade histórica e social dessa coletividade a uma narrativa homogênea e idealizada. Trata-se de um processo ativo de construção da memória coletiva, no qual certos elementos são privilegiados em detrimento de outros, com o objetivo de consolidar uma identidade “aceitável” e “estável” – tanto para os membros do grupo quanto para os olhares externos. Essa homogeneização implica um apagamento sistemático das contradições internas, das hierarquias sociais e das disputas simbólicas que permeiam a experiência diaspórica ucraniana no Brasil.

Como bem observa Zygmunt Bauman (2003), “a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante [...] Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto (Bauman, 2003, p. 7). Assim, a noção de comunidade frequentemente aparece como um refúgio seguro frente à incerteza do mundo moderno, visto que essa segurança aparente é construída por meio da exclusão: ao definir quem pertence à comunidade, também se define quem está fora dela – e, muitas vezes, quem, embora formalmente “dentro”, ocupa posições subalternas ou marginais.

A afirmação anterior de Ivanytsky corrobora com o contexto histórico-social enfrentado pela Ucrânia em 1991, visto que esta buscava sua independência. A independência da Ucrânia ocorreu em 24 de agosto de 1991, após a queda da União Soviética. A declaração de independência foi feita pelo Conselho Supremo da Ucrânia, que na época era o mais alto órgão legislativo do país (Poty, 2022). Esse acontecimento histórico foi celebrado com grande entusiasmo pelo povo ucraniano e marcou o início de uma nova era na história do país. Desde então, a Ucrânia passou por muitas transformações políticas, econômicas e sociais, incluindo a adoção de uma nova Constituição e a integração na comunidade internacional. A independência

da Ucrânia continua a ser um evento marcante em sua história e é lembrada todos os anos no Dia da Independência, em 24 de agosto.

De acordo com a entrevista de Meroslawa Krevei⁸⁸ (2022), a Praça Ucrânia onde está localizado o Museu do Milênio tem uma área de cerca de 16 mil m² e conta com diversas instalações, como um museu, uma biblioteca, um pavilhão e uma área de alimentação. A estrutura arquitetônica é baseada em elementos da cultura ucraniana, como a cúpula de uma igreja ortodoxa, que simboliza a religiosidade do povo ucraniano. Através da narrativa de Krevei (2022), observa-se que ela é um espaço que guarda a memória coletiva das comunidades, e é um espaço de construção identitária, onde os ucranianos podem reafirmar sua identidade cultural e compartilhar suas tradições com os demais membros das comunidades e com os visitantes.

Informações extraídas do Jornal *Prácia* demonstram que Meroslawa Krevei é uma figura central no processo de criação da Praça Ucrânia e do Museu do Milênio em Prudentópolis. Como uma das principais lideranças das comunidades ucranianas na região, Krevei foi uma das primeiras a se envolver no projeto de construção do monumento em homenagem a Taras Shevchenko e, posteriormente, no projeto de criação do Museu do Milênio.

Além de seu envolvimento ativo no processo de criação do museu, Krevei foi responsável por um dos principais acervos presentes na instituição, que abrange objetos pessoais, artesanato, documentos e fotografias de imigrantes ucranianos e seus descendentes em Prudentópolis. Seu empenho na busca em promover a cultura e a história das comunidades ucranianas da região foi preponderante à criação de um espaço que permitisse o acesso e a difusão desse patrimônio.

A diretora do Museu, Meroslawa Krevei (2022), narra que o Museu do Milênio é a “vida da comunidade”, além deste ter a “obrigação de mostrar pro povo, pra todo mundo lembrar as coisas de sua cultura”. Nessa tessitura, Tzvetan Todorov (2002, p. 33) afirma a existência atual de “um culto à memória”, a fim de exercer o “papel de lutar contra toda forma de esquecimento”. Marieta de Moraes Ferreira aponta que nesse caso, são “reforçados os rótulos de herói, vítima ou de moralizadores” (Ferreira, 2006, p. 200). É esse rótulo de heroísmo e protagonismo que os imigrantes ucranianos compartilham diante de uma história contada de forma oficial no município e que acaba sendo difundida pelo discurso publicizado pelo museu.

Krevei (2022) afirmou em entrevista que já está cansada de receber jornalistas, historiadores e demais pesquisadores, que vêm em busca das “raízes da colônia e da cultura

⁸⁸ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

ucraniana em Prudentópolis”. Mas, segundo ela, é inevitável fugir disso, visto que “todo mundo quer falar com a Meroslawa, perguntam: “onde ela tá?” Muita gente *quer eu* e pronto. Eu sei muita coisa, mas pela experiência, pela idade, pelo meu trabalho. [...] Você vê o museu, é uma cultura, é uma história, uma coisa, e os objetos como que eles sobreviveram? Eu que tenho que preservar” (Krevei, 2022). Por meio dessa argumentação, a entrevistada demonstrou a sua importância para a construção de uma memória compartilhada, a qual, segundo Candau (2016), pode ser compreendida como uma forma de “metamemória”, referindo-se a uma construção identitária, sendo esta a representação do que fazemos com as próprias lembranças e o conhecimento que temos delas. Ademais, a “metamemória” é aquela que alude “à memória coletiva, podendo ser compartilhada, visto que é um conjunto de representações da memória” (Candau, 2016, p. 45).

Ao entrevistar Meroslawa Krevei, ela comentou sobre ser sempre requisitada por diferentes pesquisadores que buscam informações sobre a cultura ucraniana no município, onde pode-se compreender o peso de sua atuação na construção de uma memória coletiva. Dito de outra forma, quando a entrevistada aponta seu domínio sobre a memória dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis, deixa clara a compreensão de que a memória coletiva é o *locus* de ancoragem da identidade do grupo, tal como já assinalava Halbwachs (2004).

Aqui ainda, notamos uma atuação da diretora do Museu como agente e líder étnica. Essa ação étnica demonstra a consciência da identidade, a qual “produz-se sob a influência de fatores externos e internos”, dentre os quais destaca-se a “presença de líderes interessados na difusão de conhecimentos das raízes da comunidade” (Siuda-Ambroziak, 2000, p. 97).

Segundo Regina Weber (2015, p.253), esses intelectuais étnicos devem ser entendidos “como indivíduos engajados na formulação e transmissão de representações, expressas por meio de imagens, memórias, discursos, as quais dão base à identidade de grupos étnicos”. Weber (2014, p. 716) esclarece que, o intelectual étnico é alguém que “fala para um grupo, tendo ação num dado espaço de relações sociais – é um “agente”.

Nesse contexto, reafirmando a construção de uma memória coletiva, a narrativa da entrevistada pode ser vista enquanto produtora de etnicidade, pois acaba compartilhando atributos e traços comuns ao grupo no qual ela se insere, e que, por conta disso, se diferencia de outros grupos. Em geral, essas características incluem a língua, a religiosidade, a cultura, mas, também a noção de uma origem comum, conforme se nota no lembrar de Meroslawa Krevei⁸⁹ (2022), ao descrever a história de Prudentópolis como sendo a história dos ucranianos.

⁸⁹ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

Por esse caminho, etnicidade é tratada como uma forma de “organização social, ou seja, sem a naturalização da cultura, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998. P. 141).

A entrevistada, assumindo o seu papel de “porta-voz” dos descendentes de ucranianos em Prudentópolis, confere à sua lembrança uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo em que cristaliza valores e as acepções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem (Halbwachs, 2004).

O Museu está localizado no subsolo da Praça Ucrânia e Monumento ao poeta ucraniano Taras Shevchenko, e está vinculado à Paróquia Ucraniana de São Josafat⁹⁰. A estreita relação da Igreja com as comunidades a torna a instituição central e coordenadora das demais entidades representativas dos descendentes de ucranianos. De tal maneira, a ligação entre religião e cultura é inseparável e constante, o que contribui para a reafirmação da identidade étnica entre seus membros.



FIGURA 24. Fachada do Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Em Prudentópolis, a memória do povo ucraniano é referenciada a partir de uma história cristã. Não por acaso, o príncipe Volodymyr⁹¹ que “batizou” a Ucrânia é um santo da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa (Ramos, 2006). Na fachada do museu, as inscrições em

⁹⁰ De acordo com Skavronski (2015, p. 69), a Paróquia São Josafat possui sob sua administração 42 igrejas e/ou capelas. Até 2014, pertencia à Eparquia (equivalente à Diocese na Igreja Latina) de São João Batista, sediada em Curitiba. A partir da criação da Eparquia da Imaculada Conceição, em Prudentópolis, em 2014, a Paróquia São Josafat passou à jurisdição eclesial desta.

⁹¹ Em 988, o príncipe de Kiev, Vladimir (ou Volodymyr em ucraniano), se converteu ao cristianismo e transformou o cristianismo na religião oficial do Estado (Antonelli; Choma; Seniuk, 2021, p. 24).

alfabeto cirílico⁹², já na entrada, juntamente com ambos os anos – 988 e 1988, trazem a preocupação do Museu do Milênio com a vinculação étnica.

Segundo Meroslawa Krevei⁹³ (2022), no dia 01 de maio de 1985, os membros do Conselho Paroquial da Igreja de São Josafat juntamente com o pároco padre Bonifácio Zaluski, formaram uma Comissão Pró-Centenário da Imigração Ucraniana, a qual era composta por pessoas que conheciam a cultura e a língua ucraniana.

Percebemos aqui que a questão das comemorações foi levantada novamente. Dentre vários eventos programados dever-se-ia organizar uma exposição histórica, a qual foi precursora do Museu do Milênio, o qual surgiu como forma de aproveitar o espaço construído no subsolo da praça do poeta Taras Shevchenko, a qual havia sido inaugurada no ano de 1989. Encontravam-se até então instaladas no subsolo da Praça Ucrânia: a Emissora de Rádio Copas Verdes, a Cooperativa Ucrâno-Brasileira de Artesanato Prudentópolis (COBAP) e a sala maior estava cedida para a Biblioteca Municipal.

O Prefeito da época, Marquiano Antonio⁹⁴, a Secretária da Cultura Nadia Morskei Stasiu e a Secretária da Educação Elvira Losovey participaram ativamente no planejamento deste evento. A Comissão organizadora dos festejos do centenário da Imigração Ucraniana para Prudentópolis foi composta pelos: Presidentes de honra, Marquiano Antonio, prefeito municipal, e sua esposa Cecília Zenzeluk Antonio; e João Techy Filho, deputado estadual. A presidente executiva: Nadia Morskei Stasiu; vice-presidente: Teodósia Mazur; a função de secretária seria exercida por Meroslawa Krevei; e o tesoureiro seria Mariano Machula.

A equipe de apoio seria composta pelos: padre Bonifácio Zaluski, pároco; padre Pedro Baltzar, padre Daniel Koliski, padre Tarcísio Zaluski e padre Marcos Heuko e demais Padres Basilianos. Olga Korczahin, Elvira Lozovei, Felomena Procek e Madalena Lozovei, Catequistas do Instituto do Sagrado Coração de Jesus. Irmã Silvia, da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada. Elzevir Saviski; Dionizio Opuchkevich; Marcos Boiko; Humberto Sanches; Osvaldo Ternoski; Daniel Morskei; Lademiro Gerei; Júlio Zdepski; Antonio Morskei; Antonio Gerei; Adriana Colman; Ivete Homeniuk; Raquel Afinovitch e Lidia Opuchkevitch.

⁹² Alfabeto utilizado na língua ucraniana.

⁹³ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

⁹⁴ Prefeito municipal entre 01/01/1993 e 31/12/1996.



FIGURA 25. Membros da Comissão Pró-Centenário da Imigração Ucraniana. Da esquerda para a direita: Elvira Lozovei, CSCJ; Meroslawa Krevei, CSCJ; Hermes Sanches; padre Bonifácio Zaluski, OSBM; Ana Dzioba, CSCJ; Teodosia Mazur, CSCJ; Cecília Zenzeluk Antonio e Nádia Morskei Stasiu.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

O Ofício Circular nº 01/1995 emitido pela Comissão organizadora dos festejos do Centenário da Imigração Ucraniana em Prudentópolis e enviado a todas as igrejas da Paróquia São Josafat evidencia a mobilização das comunidades locais para a criação do acervo do futuro Museu do Milênio. Através dele, a Comissão manifestou seu desejo de resgatar a história, homenagear os pioneiros e propagar o patrimônio cultural da região. Contudo, para alcançar esses objetivos, realizaram um apelo à população para colaborar com objetos, assegurando que todas as doações seriam cuidadas com o máximo zelo.

O ofício solicitou a doação de diversos itens, incluindo documentos (passaportes, registros de nascimento e casamento, registros de terrenos, mapas, fotografias, livros, cartas), roupas (blusas, camisas, roupa de cama e mesa), e objetos de casa (baú, berço, lampiões, ferros de passar roupa, quadros, entre outros).

A coleta desses materiais contou com a participação das comunidades, com pontos de contato estabelecidos em várias instituições locais, como a Casa Paroquial São Josafat, a Secretaria da Educação e Cultura e o Colégio das Catequistas. Lideranças comunitárias, como o padre Bonifácio Zaluski, Nadia Morskei Stasiu, Meroslawa Krevei e Mariano Machula, foram designadas para receber as doações, facilitando o processo de recolhimento dos itens.

Durante as celebrações religiosas e missas, houve um importante envolvimento das comunidades ucranianas de Prudentópolis no processo de seleção de objetos para o acervo do Museu do Milênio (Krevei, 2022). Nesses momentos, os membros das comunidades tiveram a oportunidade de contribuir com doações de objetos pessoais, fotografias e documentos históricos, contribuindo ao patrimônio cultural do museu. Além disso, como parte do processo de ampliação do acervo, foram realizadas pesquisas em arquivos e bibliotecas locais, buscando adquirir materiais que complementassem e enriquecessem ainda mais a coleção do museu.

Primeiramente, após a coleta de todos os materiais, eles eram levados até a secretaria da Casa Paroquial de São Josafat e ali iniciava-se o processo de organização, com a elaboração de cartazes explicativos sobre cada um. Esses textos eram digitados e transcritos com o auxílio de Basílio Chodoma, o qual trabalhava na casa Paroquial São Josafat. Em seguida, a disposição espacial e a organização de todo material, incluindo inúmeras fotografias, eram realizadas por Meroslawa Krevei, Nadia Morskei Stasiu e Samuel Semzezyn. Durante esse período, alguns materiais e objetos eram coletados e recebidos, permitindo a montagem dessa primeira etapa da exposição temporária (Stasiu, 2023, p. 46-47).

Posteriormente, foi solicitado o apoio da Secretaria de Estado da Cultura através da Coordenadoria do Sistema Estadual de Museus (COSEM) e Assessoria Técnica, os quais entre os dias 01 e 03 de agosto de 1995 estiveram à disposição da Paróquia de São Josafat para auxiliar na montagem da exposição. Sobre isso, Meroslawa Krevei narra que:

[...] a gente começou, fomos pegar todo o madeiramento na Marcenaria da Prefeitura e os modelos a secretaria nos deu. Mas antes de montar nós pedimos orientação para secretaria da educação do setor museológico. A secretaria nos mandou um professor, historiador que fez uma verificação prévia. [...] Ele nos deu os modelos de estante, armário, vitrine um calhamaço de *papelama*. Daí a gente foi pedir para montar a primeira exposição inaugural e cada organização – Congregados Marianos, *Vesselka*, Escolinha providenciou o seu painel com fotos, e assim tudo começou. A gente já tinha alguns objetos e começamos a montar e assim, surgiu o Museu (Krevei, 2022).

Com o apoio de uma museóloga da equipe, foi realizado um trabalho de museografia na composição da exposição deixando a base para o futuro do Museu do Milênio que só seria instalado após toda uma infraestrutura adequada. A exposição foi aberta no dia 11 de agosto de 1995 na presença de autoridades civis, religiosas e das comunidades em geral. Meroslawa Krevei⁹⁵ (2022), ao lembrar sobre a ocasião fala que: “inauguramos dia 11 que era véspera

⁹⁵ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

da festa do dia 12. E isso ficou até o fim de ano. De vez em quando eu ia lá *pra* dar uma limpada não tinha condições porque a gente estava trabalhando naquela época”.

No ano de 2001, a Rádio Copas Verdes deixou as dependências ocupadas no Museu e se instalou em suas instalações próprias, possibilitando ao Museu do Milênio mais espaços físicos e ampliação de seu acervo. Nesse momento, novamente o Museu solicitou apoio técnico da Coordenação Estadual de Museus (COSEM) e da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), os quais atenderam com diversas orientações e colocara à disposição vários técnicos do Museu Paranaense de Curitiba. Durante três dias, Meroslawa Krevei, responsável pelo Museu do Milênio, permaneceu em Curitiba estudando as normas de museografia e traçando planos para reorganizar a apresentação do acervo e materiais existentes. De acordo com o plano elaborado, foi readequada e ampliada a exposição, sendo esta organização consolidada até os dias atuais.

Em 30 de maio de 2002, por iniciativa da responsável do Museu do Milênio, Meroslawa Krevei, foi realizada uma reunião com as diversas diretorias e comissões da Paróquia de São Josafat, com participação dos Padres Basilio Cembalista, Hilário Bardal e Bonifácio Zaluski. O objetivo principal da reunião foi decidir acerca da criação jurídica do Museu do Milênio através da Ata Constitutiva assinada pela presidente Meroslawa Krevei, Secretária Raquel Afinovitch Navroski e membros fundadores do Museu do Milênio que assinaram a Ata: padre Basilio Orestes Cembalista, OSBM, padre Josafat Bardal, OSBM, Marquiano Antonio, Cecilia Zenzeluk Antonio, padre Bonifácio Zaluski, OSBM; Elvira Lozovey, CSCJ, João Techy Filho, Pedro Demczuk Filho, Iuliy Tatarchenko, Otilia Poczenek SMI, Mariano Machula, Felomena Procek, CSCJ, José Voanka, Vassilio Mysko, Dionisio Opuchkevitch, Nadia Morskei Stasiu, Jorge Chelski, Dionisia Bulka Machula, João Michaliczem Neto, Bores Beló, Antonio Michalouski, Osvaldo José Ternoski, Helena Ternoski Gerei, Terezinha Strosinski, Mario Lachovicz, José Saviski, Maria Luiza Ternoski, José Rudek, Zélia Ostapiu Zdebski, Julio Zdebski, Cecilia Strechar, Josafat Petry, Daniel Morskei, Antonio Vilson Makohon, Lademiro Gerei, Gilberto Agibert Filho, Vera Vitchmichen Agibert, Benedito Antonio Boiko, Marcos Antonio Boiko e Antonio Morskei (Ata da Reunião Extraordinária, 30 de maio de 2002).

De acordo com a Ata de Fundação do Museu, registrada no Cartório de Registro de Títulos e Documentos de Prudentópolis, no livro 8285, protocolo Az. Flor. 62v., sob o registro número 855 do Livro ‘B’ Int., datado de 08 de novembro de 1995, o espaço foi oficialmente implementado como o Museu do Milênio. A partir desse registro, o museu passou a receber o apoio do Governo Estadual e tornou-se um local visitado por numerosos visitantes e pesquisadores de diversas áreas.

Em 2005, foi criada a Associação dos Amigos do Museu Milênio (AAMM), e em 15 de outubro de 2007, o museu aderiu ao Sistema Brasileiro de Museus. Samuel Semzezyn⁹⁶ (2024), um dos organizadores do Museu do Milênio se mantém na presidência da AAMM desde sua fundação e rememora que esse registro foi decisivo para que o Museu pudesse ter “maior respaldo perante as comunidades e maior reconhecimento nas esferas estadual e nacional”.

Como instituição cultural, o Museu do Milênio está conectado às comunidades ucranianas e indiretamente ligado à Igreja Greco-Católica. O Museu foi erguido e é mantido pelas comunidades por meio de contribuições, eventos e promoções organizadas pela Associação dos Amigos do Museu do Milênio, cuja Diretoria é eleita a cada três anos.

Essa diretoria é composta e escolhida entre os descendentes de ucranianos que se voluntariaram para ocupar os cargos. Entre os eventos organizados pela Associação dos Amigos do Museu do Milênio, evidencia-se a Semana da Comunidade Ucraniana, realizada anualmente com encerramento no dia 24 de agosto. Nesta data, celebra-se a Independência da Ucrânia e o Dia Nacional da Comunidade Ucraniana no Brasil⁹⁷.

Dessa forma, o Museu do Milênio é responsável por manter e exibir objetos e materiais culturais que representam a história e a cultura das comunidades ucranianas em Prudentópolis. Segundo Márcia Scholz de Andrade Kersten, “monumentos, documentos e objetos preservados passam a ser vistos como representativos, demarcando diferenças e diversidades de grupos, ao mesmo tempo em que pretendem fortalecer laços de solidariedade e coesão social” (2000, p. 40).

Ao comparar o processo de tombamento a um ritual, a autora afirma que ocorre uma transformação com o patrimônio em questão aos olhos da sociedade, pois estes passam a ser uma representação de determinado grupo social e/ou fato histórico, salientando as diferenças que ao mesmo tempo, ressaltam suas peculiaridades e os relacionam com a diversidade (Kersten, 2000). Para que se configurem como lugares de memória, é necessário um trabalho de “presentificação da memória” (Hartog, 2019), no qual arquivos e objetos são contextualizados e interpretados de forma a criar uma conexão com o público. Esse conceito implica conferir relevância contemporânea aos itens, ligando-os às experiências e ao entendimento atual, de modo que se tornem mais do que simples vestígios do passado. Não basta apenas reconceituar e exibir; é preciso que os lugares de memória provoquem reflexão, despertem emoções e permitam que as pessoas se reconheçam nas histórias que estão sendo

⁹⁶ Entrevista realizada pelo autor em 18 de dezembro de 2024.

⁹⁷ Instituído pela Lei 12.209 de 19 de janeiro de 2010 sancionada pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112209.html.

contadas. Dessa forma, o patrimônio não se limita a ser um objeto estático, mas passa a atuar como um elo entre o passado e o presente, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade no contexto atual.

Ainda sobre isso, Nora escreve que é por “meio da coleta, classificação e ordenação dos objetos que não pertencem mais ao uso cotidiano das pessoas que se procura criar um lugar de memória, uma ligação entre passado, presente e futuro, dotado de um determinado sentido histórico” (1993, p.34).

As narrativas históricas reconstróem o passado de diversas maneiras e, além disso, os museus apresentam uma singularidade importante nesse narrar, que é a presença dos objetos. A história tanto pode ser determinada por uma lógica intrínseca à narrativa e subordinar os objetos em sua apresentação como pode construir um sentimento comum partilhado, a partir dos objetos trabalhados (Santos, 2003, p. 111).

Nesse panorama, o Museu do Milênio, localizado em Prudentópolis, tem como objetivo estabelecer uma relação entre o passado e o presente, permitindo que os visitantes compreendam a cultura das comunidades ucranianas na região. O Museu foi criado e se mantém até a atualidade com um acervo de livros, objetos, móveis, trajes, documentos e fotografias, configurando-se como espaço onde é possível rememorar a presença da cultura ucraniana em Prudentópolis, além de ser um forte elemento para a coesão do grupo.

A esse respeito, é fundamental entender que a memória é seletiva, pois não podemos registrar tudo de nossas experiências, do mesmo modo que não conseguimos esquecer tudo, a menos que fatores de saúde estejam envolvidos. A memória trabalha com a recriação do passado, sendo este visto como representações, e nesse processo, há uma relação constante entre lembrar e esquecer, pois, para recordar, é necessário esquecer. Então, o esquecimento se torna parte de um processo elaborado para que a memória se constitua. Não há, portanto, um resgate literal do passado, mas uma reconstrução de lembranças, visto que no entendimento comum, a memória é vista como a capacidade humana de guardar traços e experiências passadas e, em parte, acessá-los por meio da lembrança (Tedesco, 2004, p. 35). Por isso, os lugares que as comunidades ucranianas construíram, como a Praça Ucrânia, o Monumento ao poeta Taras Shevchenko e o Museu do Milênio, são exemplos tangíveis dessa memória seletiva, carregando um significado profundo para o grupo.

Para Meroslawka Krevei⁹⁸ (2022), “a praça, a estátua do poeta e o museu é um ato de agradecimento do povo de Prudentópolis, dos descendentes ucranianos para o Brasil que aceitou, que deu liberdade aos ucranianos de viver a sua religião, sua cultura, a sua língua”. Essa questão da liberdade presente na narrativa da entrevistada merece precaução, pois durante o Estado Novo no Brasil (1937-1945), sob o governo de Getúlio Vargas, houve uma política de nacionalismo e integração cultural que influenciou diversas comunidades imigrantes, incluindo os ucranianos de Prudentópolis. Conforme documentado por Vitchmichen (2021), durante o período do Estado Novo no Brasil, foi instituída a proibição do uso das línguas de origem dos imigrantes, o que resultou no fechamento de várias escolas e clubes literários onde se praticava o idioma ucraniano, inclusive o encerramento das atividades do Jornal *Prácia*.

Dessa forma, esses monumentos formam um espaço onde a memória, ao menos parte dela, se torna palpável para todas as comunidades. Para aqueles que se veem como parte desse grupo, esses lugares são mais do que meras construções; são meios de expressão e celebrações da identidade ucraniana em Prudentópolis.

⁹⁸ Entrevista realizada pelo autor em 28 de março de 2022.

CAPÍTULO 3

O MUSEU DO MILÊNIO: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO E VISITANTES

Com tantas transformações sociais, o primeiro desafio dos museus é refletir sobre seu papel nesse mundo em movimento. Enquanto tempo e espaço são suprimidos, condensados e subvertidos, os museus aparecem como conectores. São pontes entre a memória e o esquecimento; o individual e o coletivo; o local e o global; o que se é, se foi e se pretende ser⁹⁹ (IBRAM).

Na primeira década do século XXI, os museus deixaram de ser apenas espaços para lembrar e contar histórias, tornando-se lugares onde narrativas são construídas, e memórias são resgatadas. O museu pode evocar a lembrança das pessoas através dos objetos que preserva, ou estimular a busca por outras histórias, sejam elas de indivíduos ou de lugares. Esses museus são, portanto, lugares de memória.

Segundo Nora (1993), os lugares de memória existem precisamente porque os meios tradicionais de memória desapareceram, tornando-se vestígios, resíduos de um passado já extinto (p. 12-13). Por isso, através dos museus, podemos questionar e explorar nossa história, reconstruindo narrativas e compreendendo melhor o percurso que nos trouxe ao presente. Afinal, “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (Nora, 1993, p. 9).

Pierre Nora (1993) argumenta que estamos vivendo uma aceleração da história, caracterizada por um ritmo crescente do tempo e dos processos sociais. Essa aceleração provoca uma rápida alternância entre um passado que se torna obsoleto e desaparece, permitindo que se fale em memória justamente porque ela já não existe mais em sua forma original. Nesse contexto, surge um interesse pelos lugares de memória, uma interseção onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com uma memória fragmentada.

A organização do acervo de um museu é um aspecto relevante para a reformulação e difusão da cultura material de uma sociedade (Carlan, 2008). Um acervo bem estruturado garante a exibição a longo prazo de objetos, artefatos, documentos e obras de arte que sejam importantes para a história e cultura (Suano, 1986).

⁹⁹ Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/semana-nacional-de-museus/10a-semana-nacional-de-museus/guia-da-programacao-10nm.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.

No caso específico do Museu do Milênio, é preciso destacar a organização dos espaços internos e suas respectivas finalidades, pois a disposição do acervo não é aleatória, mas orientada pela construção e divulgação de uma narrativa específica sobre o passado e a cultura dos ucranianos. A forma como os objetos são distribuídos nos diferentes ambientes do museu influencia diretamente a experiência do visitante, guiando-o por um percurso que reforça a memória e a identidade desse grupo imigrante.

Segundo Beló¹⁰⁰ (2022), “no primeiro croqui¹⁰¹, o museu se organizou da seguinte maneira: sala de administração, ofício, sala de artesanatos ucranianos, sala para artefatos e objetos diversos, biblioteca, sala de exposição e uma específica sobre o poeta Taras Shevchenko”.

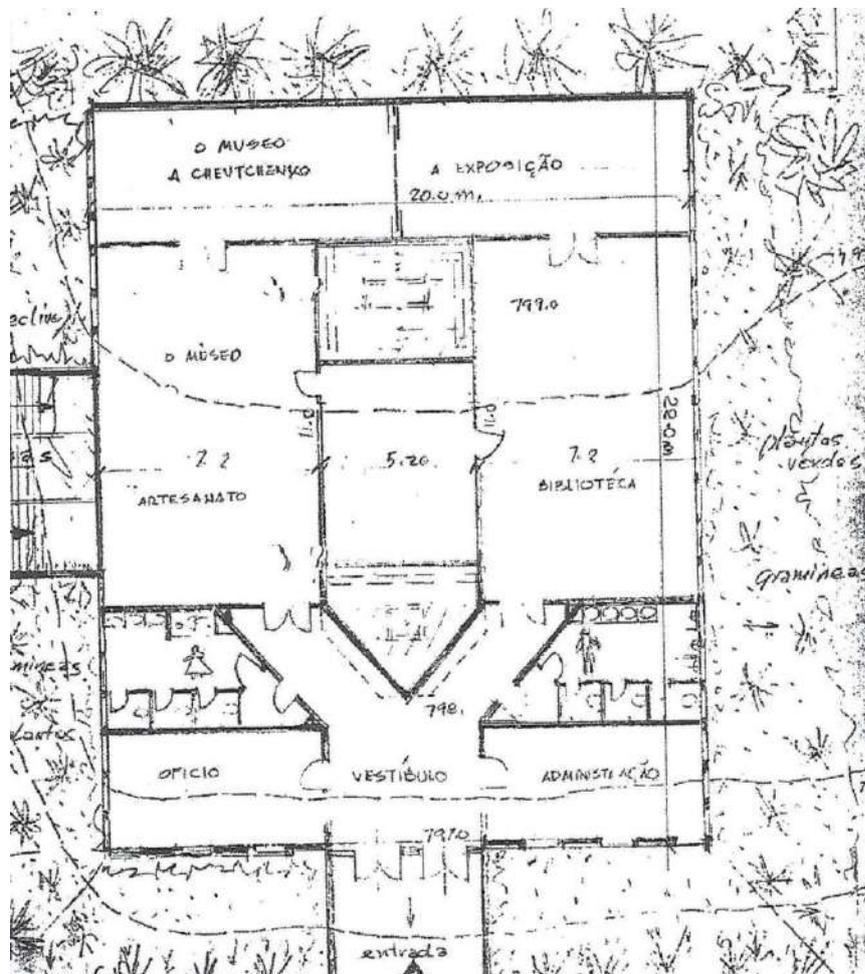


FIGURA 26. Primeiro croqui da organização dos espaços físicos do Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

¹⁰⁰ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

¹⁰¹ Um croqui é um desenho preliminar ou esboço feito à mão, geralmente utilizado em áreas como arquitetura, design de interiores, moda e artes visuais. Seu objetivo é representar de maneira rápida e sintetizada a ideia inicial de um projeto ou conceito, sem muitos detalhes ou precisão técnica (Cargnin, 2017).

O acervo do museu é composto por objetos que narram a história da imigração ucraniana e da vida das comunidades ucranianas na região, desde a chegada dos primeiros imigrantes no final do século XIX até os dias atuais. Isso é feito por meio de um conjunto de salas que abrigam exposições temáticas, como a “sala dos imigrantes, a sala dos trajes típicos, a sala dos objetos sagrados, a sala de artesanato e a sala das ferramentas agrícolas” (Krevei, 2022).

Segundo Marta Beló¹⁰² (2022), curadora do Museu do Milênio, o acervo é apresentado como uma coleção destinada a “contar a história dos primeiros imigrantes ucranianos em Prudentópolis”. Esta narrativa sugere uma concepção de história objetiva e abrangente na seleção de objetos, documentos e artefatos que representam as tradições, modo de vida, artesanato, religião e contribuições desses imigrantes para o desenvolvimento da região.

Além das exposições, visando construir uma memória coletiva, o museu oferece oficinas de artesanato e de culinária, com o objetivo de divulgar as técnicas e receitas da cultura ucraniana. Essas atividades são voltadas tanto para as comunidades locais quanto para todos os visitantes (Krevei, 2022).

3.1 O ACERVO E OS AMBIENTES DO MUSEU DO MILÊNIO

A constituição de um acervo e a escolha de objetos para o “processo de musealização”, conforme analisado por Desvallées e Mairesse (2013), transcende a mera inclusão de itens em um espaço expositivo. Os autores argumentam que “um objeto de museu não é apenas um objeto em um museu” (p. 57), indicando que o processo de musealização implica a ressignificação do artefato humano. Ao ser inserido em um contexto determinado, o objeto adquire um novo status, sendo reconhecido como “objeto de museu” ou “*musealia*” (Desvallées; Mairesse, 2013). Essa transformação confere ao objeto um caráter singular, selecionado por sua capacidade de representar uma categoria mais ampla.

A seleção, como operação central no processo de musealização, evidencia a autoridade exercida na decisão sobre quais objetos serão redefinidos e quais não serão incluídos nesse contexto. Essa escolha reflete critérios institucionais, culturais, científicos e, muitas vezes,

¹⁰² Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

subjetivos, que determinam o que será reconhecido como representativo de determinado período, espaço ou grupo social (Boylan, 2015).

O trabalho da musealização conduz, no máximo, a dar uma imagem que não é um substituto da realidade a partir da qual os objetos foram selecionados. Este substituto complexo, ou modelo de realidade construído no seio do museu, constitui a musealidade, ou seja, um valor específico que emana das coisas musealizadas (Desvallées; Mairesse, 2010, p. 49, tradução do autor)¹⁰³.

Historicamente, a formação de acervos, especialmente em museus históricos, enfrentou desafios relacionados à gestão e à curadoria. Muitas coleções foram constituídas por meio de práticas de coleta desordenadas e sem diretrizes claras, resultando em um acúmulo expressivo de objetos diversos. Tal acúmulo, embora testemunho das atividades humanas e da passagem do tempo, frequentemente carecia de critérios que orientassem sua inclusão em exposições ou narrativas museológicas (Lima, 2012, p. 39).

Sob essa perspectiva, o objeto musealizado é investido de significado, permitindo que funcione como uma ponte interpretativa para a reconstrução de múltiplos contextos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos. A musealização, nesse sentido, não é um processo neutro, mas envolve escolhas que refletem valores, prioridades e narrativas do grupo ou instituição responsável (Lima, 2012). Essas escolhas delimitam quais aspectos da cultura material são valorizados e promovidos, influenciando as formas como o público interage com a memória coletiva e os discursos históricos.

O processo de formação do acervo do Museu do Milênio em Prudentópolis, evidenciado pelo Ofício Circular nº 01/1995, demonstra como a mobilização comunitária estrutura práticas museológicas, desde a seleção de objetos até sua organização em um contexto institucional. Embora o documento mencione a intenção de “resgatar a história e preservar o patrimônio cultural”, não explicita quais aspectos ou períodos históricos seriam priorizados, nem quais categorias de objetos teriam maior relevância dentro do projeto museológico. A lista de itens solicitados é ampla e heterogênea, incluindo desde documentos e fotografias até roupas e objetos de uso doméstico, sem delimitação de critérios que ajudem a contextualizar ou hierarquizar as contribuições.

¹⁰³ No original: Le travail de muséalisation ne conduit, tout au plus, qu'à donner une image qui n'est qu'un substitut de la réalité a partir de laquelle les objets ont été sélectionnés. Ce substitut complexe, ou modele de la réalité construit au sein du musée, constitue la muséalité, soit une valeur spécifique se dégagant des choses muséalisées.

A Comissão organizadora dos festejos do Centenário da Imigração Ucrâniana em Prudentópolis, está organizando uma exposição histórica sobre a Imigração Ucrâniana em Prudentópolis, no local onde mais tarde será o idealizado o Museu do Milênio. A Comissão quer resgatar a história, homenagear os pioneiros e preservar o Patrimônio local.

Fazemos um grande apelo, a população para colaborar nesse sentido. Afirmamos e asseguramos que tudo aquilo que for doado recolhido ou emprestado terá o máximo de cuidado, e o melhor tratamento.

Precisamos resgatar por exemplo, as seguintes: coisas (objetos) trazidas pelos imigrantes da Ucrânia e dos primeiros anos de vida em Prudentópolis.

DOCUMENTOS: Passaportes, registro de nascimento, registro de casamento, registro de terrenos (fotocópias) (mapas), fotografias, quadros, livros, cartas, (correspondência)

ROUPAS: Blusas, camisas, roupa de cama, mesa etc.

OBJETOS DE CASA: Baú (Kuferek), berço (coleska), lampiões, ferro de passar roupa, e outros.

Tendo algum desses objetos pedimos o favor de entrar em contato com as seguintes pessoas:

Padre Bonifácio Zaluski, OSBM, – na secretaria da Casa Paroquial São Josafat;

Sra. Nadia Morskei Stasiu – na Secretaria da Educação e Cultura;

Sra. Meroslawka Krevei – no Colégio das Catequistas;

e Sr. Mariano Machula – na WM Som e imagem (Comissão Pró-Centenário da Imigração Ucrâniana, Ofício Circular 01/1995).

Porém, ao analisar o conteúdo do ofício, observa-se a ausência de critérios claros que orientem as doações, especialmente no que diz respeito à representatividade e à relevância histórica dos itens solicitados. Do ponto de vista prático, a falta de diretrizes resulta em um acúmulo desordenado e potencialmente aleatório de objetos – uma espécie de “coleccionismo comunitário” que, embora bem-intencionado, corre o risco de converter o acervo em um depósito amorfo, mais próximo do entulho afetivo do que de um *corpus* historicamente estruturado. Muitos dos itens doados carecem de documentação mínima que contextualize sua origem, uso e significado, inviabilizando sua integração eficaz a uma narrativa museológica interpretativa e pedagógica.

Além disso, embora a mobilização comunitária para as doações seja, sem dúvida, um elemento positivo – fortalecendo laços afetivos e senso de pertencimento –, é preciso sublinhar que esse engajamento não foi acompanhado de uma pedagogia museológica sistematizada. É perceptível que faltou uma orientação clara que permitisse aos doadores compreenderem o valor de suas contribuições e a forma como os objetos se inseririam na macroestrutura narrativa e simbólica pretendida pelo museu.

A doação de itens vindos diretamente da Ucrânia, como no caso citado de Natalka Bundzia Ivanytsky, esposa de Vassyl Ivanytsky (Ata n. 22, 13 de novembro de 1989), escancara

outro problema: a prevalência de uma lógica transnacional que, embora enriquecedora sob certos aspectos, reforça um padrão idealizado e estático da *ucraneidade*, dissociada da realidade híbrida e dinâmica da experiência diaspórica em Prudentópolis.

Marta Beló¹⁰⁴ (2022), ao ser entrevistada descreve-a como “a grande benfeitora na execução da construção do museu”. Essa escolha discursiva de exaltar indivíduos em detrimento da coletividade não é neutra: ela atua na construção de uma memória heroica que, embora eficaz para mobilizar afetos e reforçar símbolos identitários, frequentemente simplifica e distorce a complexidade dos acontecimentos históricos. Cria-se, assim, uma hierarquia de memória que coloca sua figura no topo de uma escala valorativa, eclipsando a multiplicidade de outros agentes – como trabalhadores anônimos, doadores locais menores, jovens voluntários ou mesmo setores dissidentes das comunidades – que igualmente participaram do processo de construção e consolidação do museu.

No caso do Museu do Milênio, Meroslawa Krevei e Samuel Semzezyn foram responsáveis por realizar essa coleta de objetos conforme preconiza o ofício citado anteriormente. Semzezyn¹⁰⁵ (2024) ao ser questionado acerca do processo de coleta, rememora que ele e “a catequista Meroslawa, íamos de fusca objetos, fotos e documentos em diversas localidades”. Dessa forma, ambos se dedicaram a buscar objetos, fotos e documentos das comunidades para compor o acervo da exposição, o qual viria a formar o Museu do Milênio. Meroslawa recorda:

Samuca [apelido de Samuel Semzezyn] estava presente desde o início, ele é *da História*, eu sempre precisava dele, colocava ele no meu fusca e ia. Teve uma vez que ele entrou embaixo do assoalho, nos porões, *pra* ver se achava alguma coisa, *porque o pessoal jogava fora*. Me lembro como hoje, na Barra Vermelha, ele subiu num sótão cheio de ratos, foi a maior correria. Era um *rapazinho*, e não dava nada *pra* ele, mas ele me ajudava bastante. Eu não ganhava nada, nem ele, não tinha *daonde* tirar dinheiro (Krevei, 2022, grifos nossos).

A justificativa de Krevei para a atribuição de responsabilidades a Samuel Semzezyn na seleção de objetos para a exposição “Os Ucrânicos em Prudentópolis” é notável, especialmente por não estar fundamentada no fato de ele ser descendente de ucranianos, mas sim por considerá-lo “da História”. Esse argumento, contudo, apresenta uma contradição: no período de criação do Museu do Milênio e, conseqüentemente, da seleção de objetos, em 1995, Samuel ainda não era formado em História. Na realidade, nesse período ele possuía 19 anos,

¹⁰⁴ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

¹⁰⁵ Entrevista realizada pelo autor em 18 de dezembro de 2024.

estudava no Colégio São José, e não possuía formação acadêmica na área, pois somente concluiria a graduação em meados de 2000.

A declaração de Krevei reflete sua tentativa de legitimar as escolhas feitas para a composição do acervo, utilizando a figura de Semzezyn como um agente dotado de uma suposta autoridade histórica. No entanto, essa justificativa se demonstra inconsistente, uma vez que Samuel, apesar de seu envolvimento ativo e dedicação, ainda era um estudante sem formação específica na área. Essa situação aponta para a atuação de Krevei como agente étnica (Weber, 2014), que se apropria de sua posição dentro das comunidades ucranianas para atribuir significado aos objetos escolhidos, legitimando-os como representativos da memória coletiva.

O discurso de Meroslawa Krevei, especialmente no trecho “porque o pessoal jogava fora”, carrega implicações sobre a dinâmica da memória coletiva e da construção do patrimônio cultural. Historicamente, a valorização de determinados objetos como bens patrimoniais não ocorre de maneira natural ou espontânea, mas sim por meio de processos de seleção socialmente condicionados, nos quais determinados grupos ou agentes atribuem significados a esses materiais (Nora, 1984).

O fato de que certos objetos eram descartados pelas comunidades sugere que eles não possuíam, naquele momento, um valor simbólico suficientemente forte para serem preservados no cotidiano dos habitantes. Isso pode indicar uma desconexão entre a vivência da cultura e a sua posterior musealização, levantando questões sobre quem decide o que deve ou não ser reinterpretado como parte da memória coletiva. Se os membros das próprias comunidades viam tais itens como descartáveis, a decisão de resgatá-los e inseri-los no acervo museológico pode refletir um esforço deliberado de reconstrução identitária, guiado por agentes específicos como Krevei e Semzezyn.

Esse processo se alinha ao que Weber (2014) denomina atuação de agentes étnicos, que se apropriam de elementos culturais para afirmar e legitimar narrativas sobre determinada identidade. A seleção de objetos desprezados pelas comunidades e sua posterior elevação ao status de patrimônio evidencia um movimento de resignificação que não necessariamente reflete um consenso social prévio, mas sim uma imposição de sentido posterior, fruto do olhar museológico.

A lógica subjacente a esse processo é compreensível: tudo o que é ou se tornará “antigo” pode ser interpretado como “histórico”, na medida em que se configura como um registro material de seu contexto social, econômico ou cultural de origem. Dessa forma, o potencial de musealização é amplo, abrangendo objetos cotidianos, ferramentas, vestimentas, documentos e outros itens que refletem práticas e valores de suas épocas (Oliveira, 2015, p. 58).

Karina Muniz Viana (2018), ao atuar como gestora museológica entre 2011 e 2016 na Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná, desenvolveu um diagnóstico sobre os museus do estado, destacando as territorialidades cruzadas que marcam o dinamismo dos museus públicos. A ex-gestora denomina essa ausência de critérios e justificativas na seleção de objetivos como a “falta de um empirismo metodológico” e alerta para os riscos dessa prática, que, ao longo do tempo, “tem se tornado comum entre dirigentes e profissionais desses museus” (Viana, 2018, p. 96).

A inexistência de empirismo metodológico, ao priorizar decisões baseadas em práticas não reflexivas, coloca em risco a missão dos museus como agentes de preservação e comunicação cultural, prejudicando sua capacidade de engajar o público. Esse processo que desencadeia uma seleção arbitrária de acervos e narrativas, desconsidera aspectos importantes da diversidade cultural e social, enfraquecendo a função educativa e social dos museus e impedindo a construção de um discurso mais plural e representativo, indispensável para o desenvolvimento de uma memória coletiva abrangente e democrática (Viana, 2018).

Por isso, para lidar com essa amplitude e organizar os acervos de maneira mais coerente, é necessário estabelecer critérios de seleção que atendam às finalidades museológicas e promovam a representatividade e a inteligibilidade dos objetos, visto que “determinada interpretação acerca da realidade expressando a visão particular de um grupo, em meio às demais interpretações próprias de outros grupos, direciona ao contexto da identidade cultural” (Lima, 2012, p.48).

A simples antiguidade dos objetos não garante seu valor histórico, e a ausência de um processo reflexivo na escolha dos materiais pode resultar em uma coleção fragmentada ou pouco representativa das múltiplas vivências da comunidade. Devido a isso, a musealização vai além do ato de permanência, pois articula significados que fomentam diálogos entre passado e presente e contribuem para a construção de identidades e memórias coletivas.

O “Livro Tombo” do Museu do Milênio é o registro geral de todas as peças desde 25 de março de 1990 até 2 de setembro de 2020. Este livro contém informações incluídas sobre cada item presente no acervo do museu, incluindo peças individuais e coleções. Até os dados mencionados, o livro contém um total de 641 registros. A lista revela contribuições vindas de diferentes origens, incluindo moradores locais da área urbana e rural, além de membros da diáspora ucraniana em outros estados do Brasil e em países como Canadá, Estados Unidos e até mesmo da Europa. O nome do doador e sua assinatura são cuidadosamente registrados, reconhecendo a contribuição e generosidade dos doadores para o enriquecimento do acervo (Beló, 2022).

Durante a entrevista com Marta Beló (2022), foram apresentadas as diversas áreas do Museu do Milênio, destacando-se sua relevância na “preservação e valorização da cultura ucraniana em Prudentópolis”. Marta Beló, que exerce a função de atendente e guia do museu, tem 37 anos, é formada em Língua Portuguesa e possui descendência ucraniana. Sua atuação no museu não é apenas profissional, mas carregada de significado pessoal e cultural, refletindo sua ligação com as tradições locais e a memória coletiva.

De acordo com Marta Beló¹⁰⁶ (2022), em 2001, “o espaço e organização do Museu do Milênio foi repensado, e com base nisso uma nova planta foi desenhada pelo engenheiro Luís Carlos Volaniuk”. A reestruturação permitiu uma organização mais sistemática e funcional do museu, subdividindo o espaço em áreas temáticas que retratam a história, cultura e religiosidade da comunidade ucraniana em Prudentópolis. Conforme retratado na figura abaixo, o espaço do museu passou a ser subdividido da seguinte maneira:

1. Hall de entrada;
2. Recepção e loja;
3. Biblioteca;
4. Espaço do Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro Vesselka;
5. Espaço audiovisual;
6. Imigração/Colonização;
7. Religiosidade;
8. Informações gerais;
9. Implementos agrícolas;
10. Sala da Ucrânia e do Poeta Taras Shevchenko;
11. Exposição de quadros;
12. Quarto típico ucraniano;
13. Sala típica ucraniana;
14. Tear e fiação;
15. Casa típica;
16. Cultura ucraniana.

¹⁰⁶ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

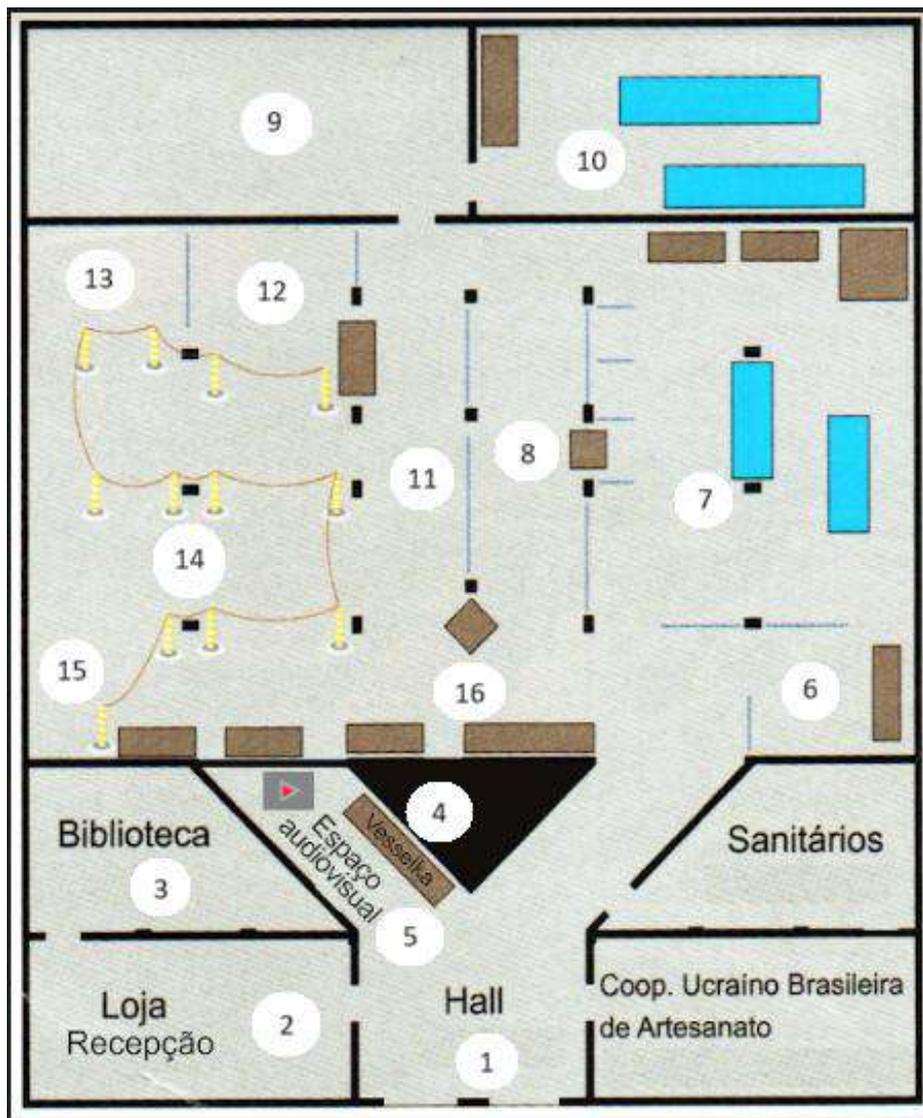


FIGURA 27. Planta atual do Museu do Milênio mostrando as salas de exposições.
 Fonte: Museu do Milênio, adaptado pelo autor (2024).

Na próxima seção da tese, cada espaço do Museu do Milênio será minuciosamente abordado e explicado, conforme a nova planta organizacional desenvolvida pelo engenheiro Luís Carlos Volaniuk em 2001. A análise de cada área, desde o hall de entrada até os espaços dedicados à cultura, história e tradições ucranianas, permitirá compreender como esses espaços foram projetados para abrigar e construir uma narrativa lógica que, ao ser apresentada, se torna uma forma pública de representar a identidade ucraniana no contexto brasileiro.

3.1.1 A disposição dos espaços do Museu do Milênio

O Museu do Milênio é um complexo arquitetônico que abriga uma série de espaços, cada um com funções e significados distintos, todos voltados para a divulgação da história local e para a construção de narrativas sobre o passado da comunidade ucraniana. A sala de exposições, que se destaca como o núcleo do museu, foi projetada para acolher uma coleção de artefatos e objetos históricos relacionados à cultura ucraniana, organizados de forma a oferecer uma visão detalhada e abrangente da trajetória dos ucranianos em Prudentópolis e no Brasil.

O museu ocupa um único pavimento, com uma estrutura que inclui uma ampla sala de exposições, com 170 metros quadrados, separada por divisórias que criam diferentes áreas temáticas. Estas divisões permitem uma organização lógica do conteúdo, com objetos e documentos dispostos de maneira a facilitar o entendimento do visitante sobre a história e a cultura da comunidade ucraniana. Além da sala de exposições, o museu conta com uma sala de projeção destinada à exibição de vídeos que complementam a narrativa histórica e cultural apresentada no local.

O hall de entrada do museu é o primeiro espaço a ser explorado pelos visitantes, preparando-os para a imersão na temática da exposição. Nesse ambiente, estão disponíveis o livro de visitas e a caixa de pagamento, facilitando a interação prática dos visitantes com o museu. Nas paredes, são apresentados trechos de poemas da escritora Helena Kolody, conhecidos calendários ucranianos, além de legislações municipais que têm relevância para as comunidades ucranianas em Prudentópolis. Estes elementos ajudam a contextualizar a visita e a criar uma conexão com o universo cultural e histórico que será explorado nas demais áreas do museu.

Helena Kolody (1912-2004) foi uma poetisa e professora nascida em Cruz Machado, no Paraná. Durante sua vida, residiu em várias localidades do interior até se estabelecer em Curitiba, onde desenvolveu sua carreira e sua relação com a literatura (Cruz, 2010). Filha de imigrantes ucranianos, a autora construiu em seus poemas uma profunda conexão entre a cultura ucraniana e a identidade dos imigrantes, celebrando os símbolos dessa tradição e descrevendo o cotidiano das comunidades imigrantes. Seus versos abordam as transformações vividas por essas comunidades, particularmente a transição do mundo rural para o urbano, refletindo as mudanças nos hábitos e modos de vida ao longo do tempo.

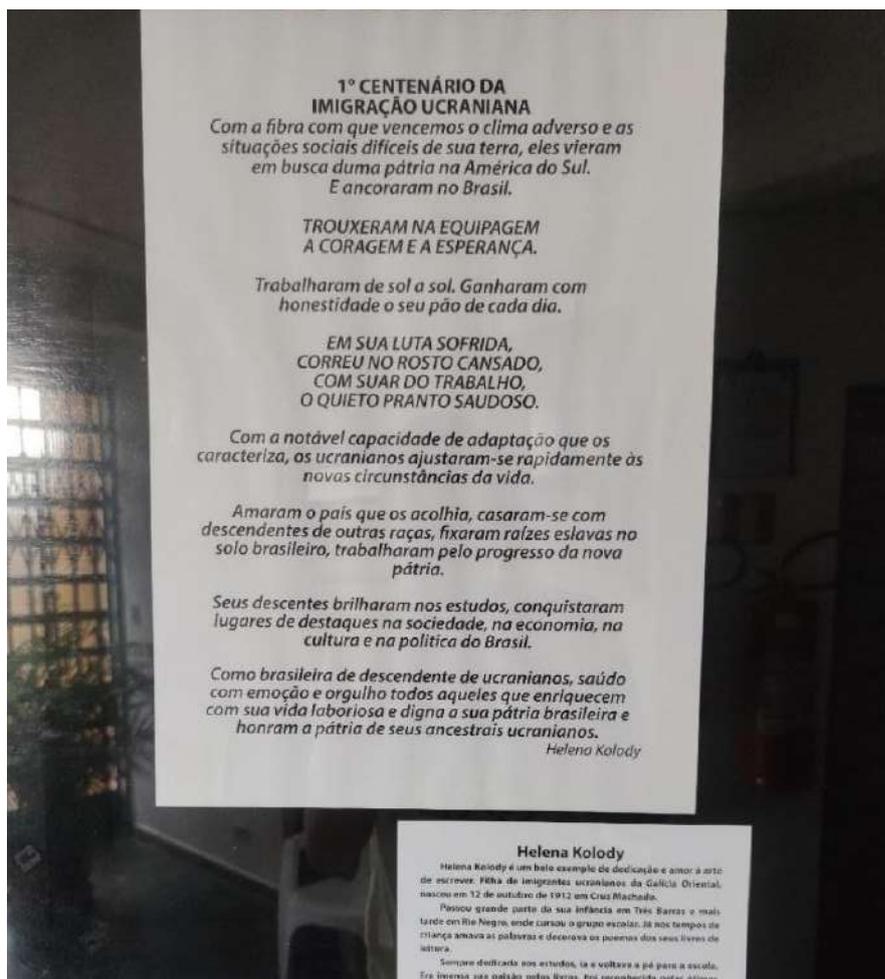


FIGURA 28. Poema “Saga” de Helena Kolody exposta no hall de entrada do Museu do Milênio. Abaixo uma descrição biográfica sobre a autora de descendência ucraniana. Fonte: Acervo do autor (2024).

Os poemas de Kolody, influenciados pelas vivências pessoais e pela história de sua família, são impregnados de significados que remetem ao percurso dos imigrantes, desde a partida de suas terras natais até a chegada ao Paraná. Ela se utiliza de relatos e histórias transmitidas por seus pais e antepassados, e de sua própria memória, para evocar os sentimentos e emoções da jornada imigrante, muitas vezes marcada por desafios e superações. A memória, nesse cenário, se torna um elemento central de sua poesia, pois não só resgata o passado, mas constrói um elo entre o presente, uma vez que:

A memória é parte integrante daquilo que faz a especificidade dos humanos, não só por sua importância única e essencial nos modos de estruturação da identidade humana, mas também porque essa estruturação ocorre a partir da interseção de suas manifestações no âmbito individual e coletivo (Le Goff, 1996, p. 11).

A poesia de Kolody, caracterizada por um enfoque étnico eslavo, emerge como um elemento ativo na reconstrução das memórias da imigração. Por meio de várias obras poéticas, Kolody explora a identidade ucraniana e a cultura estabelecida pelos imigrantes no Brasil, abordagem que o Museu do Milênio utiliza para criar uma narrativa unificadora e exaltada da identidade ucraniana na região.

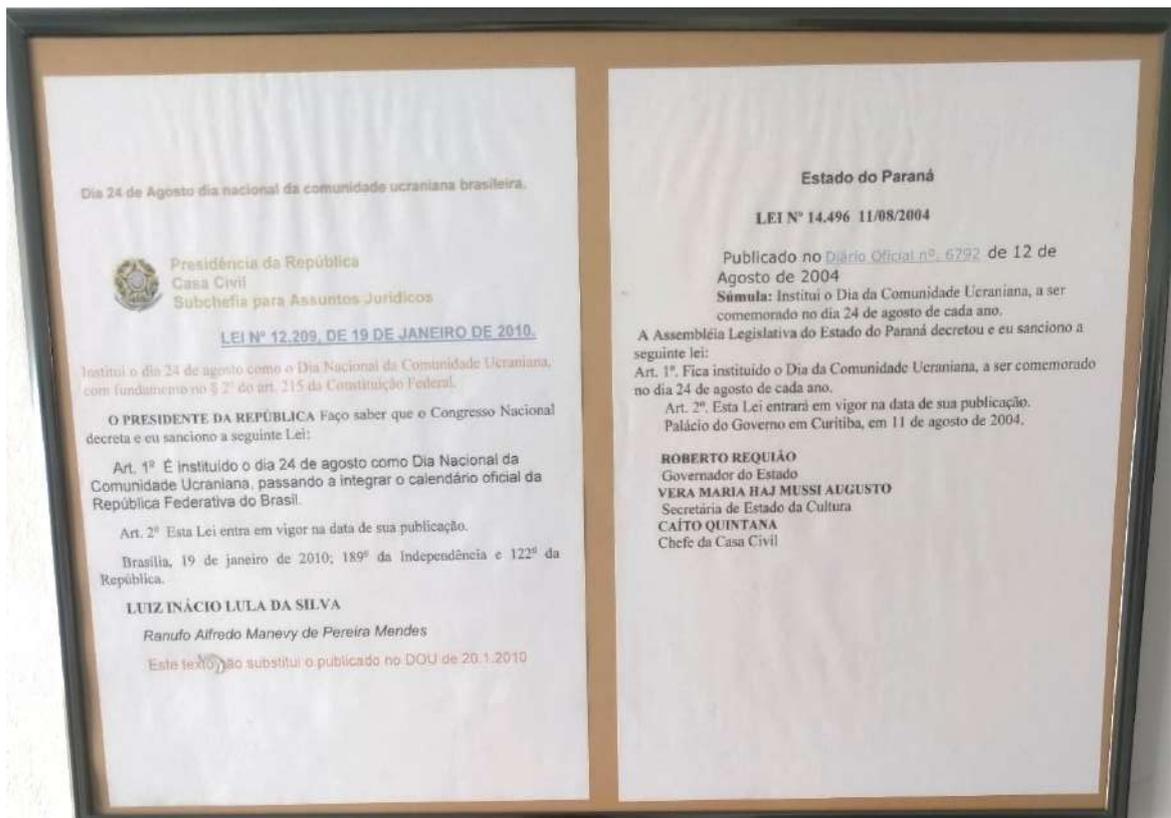


FIGURA 29. Quadros que trazem as legislações sobre o Dia Nacional da Comunidade Ucraniana.

Fonte: Acervo do autor (2024).

Os dois quadros da figura acima estão expostos no hall de entrada do Museu do Milênio e trazem documentos oficiais que instituem o “Dia Nacional da Comunidade Ucraniana” e o “Dia da Comunidade Ucraniana” no Estado do Paraná. O quadro à esquerda, traz a Lei Federal (nº 12.209, de 19 de janeiro de 2010), assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a qual institui o dia 24 de agosto como o “Dia Nacional da Comunidade Ucraniana”, reconhecendo oficialmente a data como parte do calendário oficial da República Federativa do Brasil. Esse reconhecimento a nível nacional é uma homenagem às comunidades ucranianas no Brasil e reflete a importância da sua presença e contribuições culturais ao país.

O quadro posicionado à direita, traz a Lei Estadual nº 14.496 de 11 de agosto de 2004, a qual trata-se de um documento da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, sancionado pelo então governador do Paraná, Roberto Requião, o qual institui o “Dia da Comunidade Ucraniana” no Paraná, a ser comemorado no dia 24 de agosto. O Paraná possui uma expressiva população de descendentes de ucranianos, e essa lei reflete a valorização e a integração dessa comunidade na sociedade paranaense.

Ao exibir essas leis, o museu documenta um reconhecimento formal das comunidades ucraniana e concebe a memória das conquistas dessas comunidades ao longo do tempo. Celebrar oficialmente o “Dia da Comunidade Ucraniana” tanto a nível nacional quanto estadual reafirma a identidade ucraniana dentro do Brasil, especialmente no Paraná. Essa prática auxilia na manutenção das tradições, da língua e da cultura ucraniana entre os descendentes, promovendo um sentimento de pertencimento e criando uma memória coletiva que se difunde em um ambiente publicizado.

Nesse sentido, a celebração do “Dia da Comunidade Ucraniana” contribui para a criação de uma narrativa coletiva, em que a memória das conquistas das comunidades ucranianas no Brasil se transforma em uma identidade compartilhada. Essa memória possibilita a construção de uma identidade, ou seja, cria-se uma mensagem que transmite a ideia de “este sou eu” para os outros, ainda que se busque interpretar as mensagens alheias, decodificando-as para compreender as identidades dos demais (Martino, 2010, p. 15).

Os cartazes expostos no hall de entrada do Museu do Milênio oferecem um olhar sobre a colonização ucraniana e as propagandas que incentivaram a migração europeia, particularmente dos ucranianos, para a América do Sul. No final do século XIX e início do século XX, muitos ucranianos migraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida, escapando de dificuldades econômicas, políticas e sociais na Europa, e diante dessas situações a propaganda teve uma influência decisiva nesse processo migratório.

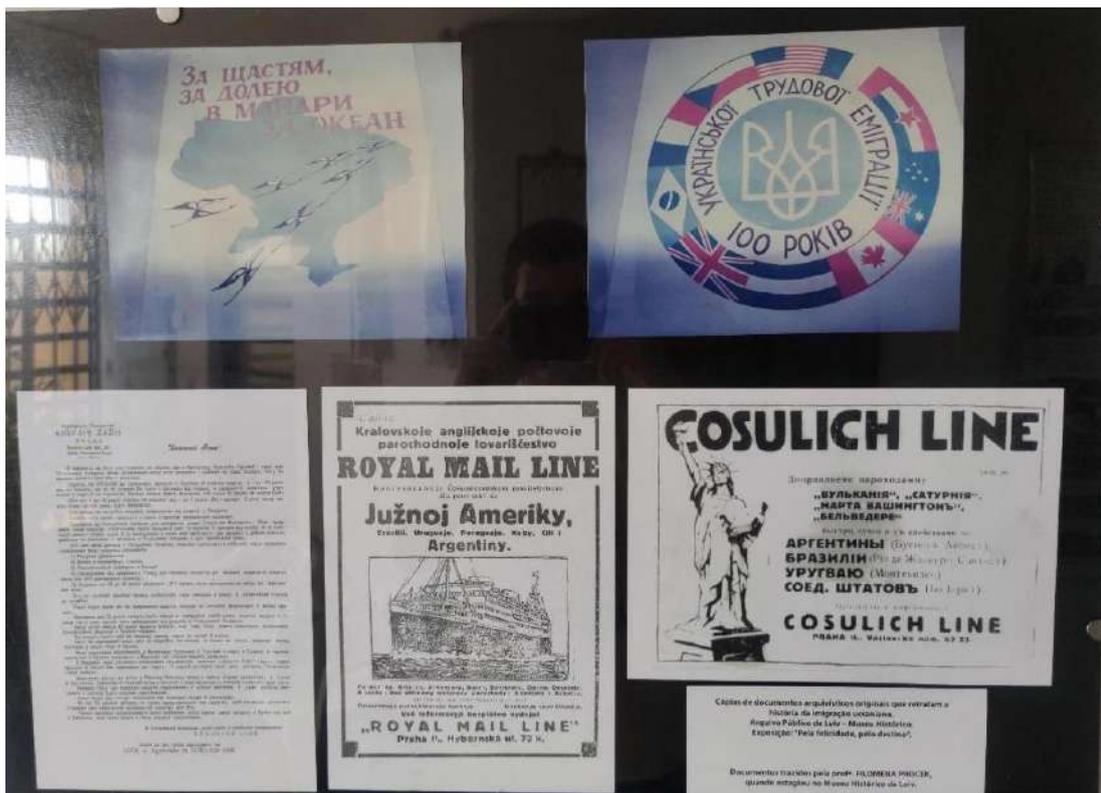


FIGURA 30. Cartazes com propagandas que incentivavam a imigração à América do Sul, especialmente ao Brasil.

Fonte: Acervo Museu do Milênio.

A imagem superior esquerda possui pássaros voando em direção à América do Sul com o texto “Em busca da felicidade e do destino em uma terra distante”. Outro cartaz descreve que “todas as pessoas saudáveis e capazes de trabalhar poderiam vir para a América” e que poderia ser “qualquer pessoa que queira viajar para a América do Sul com o objetivo de ganhar dinheiro”. Estes, encapsulam o sonho e a esperança de que impulsionaram muitos ucranianos a deixarem suas terras de origem, fomentando a ideia de um futuro melhor, o que seria essencial para encorajar a migração.

Os cartazes, como o da *Royal Mail Line* e *Cosulich Line*, apresentam uma imagem idealizada da América do Sul, promovendo-a como uma terra de oportunidades e prosperidade. Neles é possível visualizar um discurso otimista desse processo: “Navios rápidos partindo todos os meses” e “O serviço de passageiros mais luxuoso e moderno para a América do Sul”. Ambos destacam o luxo e a modernidade, cuja promessa era de viagens confortáveis e modernas, sugerindo que o processo de migração seria agradável e bem organizado. Além do mais, enfatizam a rapidez do serviço de migração, como o trajeto de Montevideu ao Mediterrâneo que poderia ser feito em 12 dias, criando uma impressão de fácil e rápida transição para a nova vida. As mensagens dos cartazes transmitiam uma visão enganosa da realidade que esperava os

migrantes. “A expectativa dos migrantes era a de encontrar um lugar bom para morar; eles foram atraídos pela promessa de um mundo maravilhoso onde o *mel escorria pelas folhas das árvores*, onde eles encontrariam a paz almejada” (Ramos; Olinto, 2020, p. 21-22, grifos dos autores). As dificuldades enfrentadas nas novas terras, como a adaptação ao clima, a cultura, a língua e as condições de trabalho, eram silenciadas nas propagandas.

Os cartazes no Museu do Milênio são mais do que simples peças de propaganda histórica; são elementos que buscam a formação da identidade e memória coletiva das comunidades ucranianas. A identidade coletiva de uma comunidade é moldada por um conjunto de memórias, tradições, símbolos e narrativas compartilhada e estes cartazes contribuem para que isso ocorra, visto que capturam as esperanças, desafios e a resiliência dos imigrantes, servindo como uma ponte entre o passado e o presente e o museu, ao preservá-los e exibí-los publicamente fortalece a coesão e identidade da comunidade.

Em frente ao hall de entrada do Museu do Milênio, está instalada a Cooperativa Ucrâno-Brasileira de Artesanato Prudentópolis (COBAP). Essa configuração do hall de entrada e a presença da cooperativa destacam a importância do artesanato e da tradição cultural ucraniana nas comunidades de Prudentópolis, além de evidenciar a continuidade e adaptação dessas práticas ao longo do tempo. A responsável pela cooperativa de bordados é Helena Ternoski Gerei, uma descendente de ucranianos que reside há 50 anos no município. Gerei¹⁰⁷ (2018) narra, em entrevista, que a abertura da cooperativa ocorreu há 29 anos, visando desenvolver o “[...] artesanato ucraniano, bordados típicos ucranianos e trajes folclóricos”.

Gerei (2018), expõe ainda que atuam “cerca de 300 bordadeiras”, mantendo a tradição dos bordados, a qual é transmitida de geração em geração. No entanto, essa continuidade reforçada pela entrevistada não ocorre de maneira automática ou imutável; pelo contrário, está sujeita a transformações sociais, econômicas e tecnológicas. A transmissão do conhecimento envolve um processo ativo de ensino-aprendizagem, no qual as novas gerações precisam dominar as técnicas convencionais e, ao mesmo tempo, adaptá-las às exigências do mercado contemporâneo. Se, por um lado, ela representa uma fonte de identidade e pertencimento para as comunidades, por outro, reforça a divisão do trabalho baseada em gênero, ao associar as mulheres a uma atividade artesanal historicamente desvalorizada no mercado formal. A informalidade do trabalho doméstico das bordadeiras, apesar de possibilitar flexibilidade, é resultado de uma precarização, da ausência de direitos trabalhistas e da baixa remuneração.

¹⁰⁷ Entrevista realizada pelo autor em 10 de dezembro de 2018.

O início da cooperativa foi impulsionado pelo interesse do padre Basílio Orestes Cembalista e de dona Maria, uma imigrante canadense, que inicialmente apenas vendia bordados feitos por outras mulheres. Com o aumento da demanda, decidiram produzir os próprios bordados e fundar a cooperativa. Hoje, as bordadeiras trabalham em suas residências, enquanto Helena Gerei e sua colega Terezinha Strochinski cuidam das operações na cooperativa (Gerei, 2018).



FIGURA 31. A Cooperativa Ucrâino-Brasileira de Artesanato Prudentópolis é dirigida por Helena Gerei (à esquerda) e Terezinha Strochinski (à direita).
Fonte: Acervo do autor (2018).

A Sala de Projeção é apresentada como um espaço dedicado à exibição audiovisual e documental sobre a história e cultura ucraniana, equipada com tecnologia de som e imagem para proporcionar uma imersão interativa aos visitantes. Seu propósito inicial é enriquecer o entendimento dos visitantes sobre a cultura ucraniana, sua trajetória histórica e sua interação com o contexto brasileiro¹⁰⁸ (Beló, 2022).

Nesse ambiente, o vídeo “Turismo Religioso” produzido pela Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Prudentópolis, é exibido e tem duração de 3 minutos e 47 segundos. Ele mostra imagens da cidade e sua área rural, destacando as igrejas ucranianas, os rituais

¹⁰⁸ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

pascais como a bênção dos alimentos, a produção das *pêssankas*, a presença da Irmandade dos Cossacos e a Vigília do Santo Sudário realizada no Sábado de Aleluia. A produção audiovisual descreve o município, seu processo de colonização e reforça a narrativa que corrobora com os títulos de “Ucrânia brasileira” e “Capital da Oração” devido às muitas igrejas presentes em todo município, inclusive que ainda realizam missas em ucraniano. Posto isso, nota-se que sua exibição reforça uma narrativa específica sobre a cidade e sua identidade ucraniana.



FIGURA 32. Imagens capturadas do vídeo “Turismo Religioso” exibido aos visitantes na Sala de Projeção do Museu do Milênio de Prudentópolis, Paraná.

Fonte: Acervo do Museu do Milênio, elaborado pelo autor (2024).

As imagens capturadas do vídeo e demonstradas na figura acima ilustram diversos aspectos da cidade de Prudentópolis. A primeira imagem mostra integrantes do Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro *Vesselka*¹⁰⁹, o qual através de suas performances e participações em eventos locais e nacionais, celebra, fortalece e propaga a identidade ucraniana dentro e fora de Prudentópolis.

A segunda imagem, que exibe o Salto São João¹¹⁰ – um dos mais visitados no município –, é um exemplo do potencial turístico natural da cidade. A imagem reforça a relação entre a

¹⁰⁹ O *Vesselka* é um grupo de dança folclórica fundado pelo bispo Dom Efraim Krevey em 1º de agosto de 1958, tornando-se conhecido pelo mundo por meio de suas apresentações em festivais, congressos e em outros eventos, sob o lema da preservação do amor à Deus e a fidelidade às tradições ucranianas.

¹¹⁰ O Salto São João possui aproximadamente 84 metros de altura e está localizado dentro do Monumento Natural Estadual São João, que dispõe de trilhas para caminhada e mirantes para observação panorâmica da queda d'água.

natureza e o turismo religioso, já que muitos visitantes se atraem pela paisagem e pelas tradições religiosas da cidade. A conexão entre a beleza natural e a religiosidade é um dos pilares que tornam Prudentópolis uma atração turística, especialmente para aqueles que buscam não só o turismo de lazer, mas a vivência cultural e espiritual.

A terceira imagem, com a refeição ucraniana, representa um dos elementos mais profundos da identidade cultural local: a culinária. A gastronomia, transmitida de geração em geração, é uma das formas mais tangíveis de vivenciar a cultura ucraniana no dia a dia. Pratos como *borscht*, *varenyky* (pierogi), e outros, são alimentos que visam uma manifestação cultural capaz de estabelecer um elo com a ancestralidade dos imigrantes.

A quarta, quinta e sexta imagens, que destacam as igrejas ucranianas são fundamentais, pois ilustram a forte ligação das comunidades com a fé, a religião e a identidade cultural. As fotos, tanto antigas quanto atuais, evidenciam não só a arquitetura religiosa característica das igrejas ucranianas, mas a função delas como centros de reelaboração da cultura e das tradições. A presença constante das igrejas e a celebração de missas em ucraniano são exemplos claros de como a fé e a tradição religiosa se entrelaçam na construção de uma memória coletiva e da identidade local.

A sétima imagem, que apresenta uma visão panorâmica da cidade transmite uma ideia clara da configuração urbana de Prudentópolis e destaca duas construções emblemáticas: o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus e a Igreja Matriz de São João Batista. A primeira reflete a presença feminina na educação religiosa e cultural ucraniana, com as “catequistas ucranianas” sendo uma figura chave na difusão dos valores religiosos e culturais das comunidades. Já a Igreja Matriz, com seu Rito Latino, representa a diversidade religiosa da cidade, marcada pela coexistência de diferentes ritos e pela coexistência pacífica das diferentes vertentes religiosas que compõem o tecido social local.

A imagem do Colégio São José, com sua contribuição para a educação e consolidação da cultura ucraniana, simboliza a importância das instituições de ensino na transmissão da identidade e valores culturais. Mantido pelos padres da Ordem de São Basílio Magno, o colégio foi, inicialmente, um seminário destinado à formação de sacerdotes e, atualmente, é um dos locais onde o idioma ucraniano, bem como os ensinamentos religiosos e culturais, são ressignificados e ensinados, solidificando ainda mais o vínculo entre a educação e a cultura ucraniana na cidade.

A administração da área é realizada de forma conjunta pelo Instituto Água e Terra e pela Prefeitura Municipal de Prudentópolis.

Por fim, a última imagem, que mostra a procissão com o Santo Sudário, realizada pelas comunidades locais com a presença da Irmandade dos Cossacos, exemplifica como os rituais e eventos religiosos continuam a exercer uma função indispensável na vida cotidiana das comunidades. A procissão vai além de uma prática religiosa; é um ato de afirmação da identidade ucraniana, de reinvenção das tradições e de fortalecimento dos laços comunitários, representando um dos momentos de maior expressão da religiosidade e do sentimento de pertencimento à cultura ucraniana.

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (Canclini, 2008, p. 190).

O vídeo aborda a presença de recursos naturais no município de Prudentópolis, destacando muitas cachoeiras, com ênfase no Salto São João, que possui 84 metros de altura, reforçando o título de “Terra das Cachoeiras Gigantes¹¹¹”. Além disso, o turismo religioso é evidenciado com imagens das igrejas ucranianas de cúpulas bizantinas e do Santuário Nossa Senhora das Graças.

O narrador do vídeo reforça que: “a força do núcleo religioso foi essencial para a colonização e manutenção das tradições culturais, como o idioma, artesanato, culinária e dança”. Neste contexto, é impossível ignorar as forças internas e externas que influenciam os processos de musealização (Koptcke, 2005). Essas forças moldam a forma como o patrimônio é exibido e interpretado, sendo notável a presença de interesses do setor turístico. O turismo, por sua vez, exerce uma pressão expressiva sobre os processos de musealização, uma vez que há um interesse crescente em transformar o patrimônio local em uma atração capaz de gerar desenvolvimento econômico e atrair visitantes.

Posteriormente, a recepção do museu é área onde os visitantes adquirem ingressos e recebem orientações sobre as exposições e instalações disponíveis. Depois, são direcionados à loja de presentes, que oferece *souvenirs*, lembranças e produtos relacionados à exposição do museu.

O *souvenir* muitas vezes representa os atrativos que são adquiridos na forma de lembranças. Além disso, os *souvenirs* de museus contribuem para a missão dos museus de se

¹¹¹ O município possui mais de cem cachoeiras catalogadas em todo o seu território, dentre elas o Salto São Francisco, considerado o maior do Sul do Brasil com 196 metros de altura (Rogoski, 2020, p. 101-102).

tornarem mais acessíveis, pois aproximam o público do acervo e do próprio museu, tanto material quanto imaginativamente. Nesse sentido, a compra de *souvenirs* de museus pode representar o desejo de reviver a experiência vivida durante a visita e de adquirir indiretamente aquele objeto ou obra de arte que tenha tocado o turista de maneira estética e emocional (Godoy; Vidal; Mees, 2019, p. 32).



FIGURA 33. Loja e recepção do Museu à esquerda; à direita localiza-se a sala de projeção.
Fonte: Acervo do autor (2023).

Embora o consumo de *souvenirs* esteja fortemente ligado à experiência turística e à função simbólica que eles carregam (Souza; Carvalho, 2004), é importante considerar que esse fenômeno pode ter aspectos problemáticos. Muitas vezes, os *souvenirs* são produzidos de forma artesanal ou em pequenas quantidades, o que, em teoria, reflete a autenticidade cultural e histórica dos lugares visitados. Contudo, em alguns casos, esses objetos podem ser simplificados ou até estereotipados, criando uma versão comercializada da identidade de um destino. Isso reduz a complexidade cultural em um item de consumo, o que pode ser prejudicial à compreensão real do patrimônio e das tradições de um local.

Além desses espaços, o museu conta com uma biblioteca especializada, cujo acervo inclui livros, dissertações, teses e periódicos que abordam a história, a cultura e as tradições ucranianas. Esta biblioteca está integrada à sala de exposições, criando uma interação entre o conhecimento teórico e as vivências históricas representadas nas obras expostas. O espaço é amplamente utilizado pelas comunidades acadêmicas, sendo um recurso de fontes especialmente para as universidades da região, que frequentemente recorrem ao acervo para apoio em pesquisas, estudos e projetos de extensão. A utilização da biblioteca é permitida mediante agendamento prévio, o que garante a organização e o acesso eficiente ao material, promovendo uma experiência para os pesquisadores quanto para o público em geral (Beló, 2022).



FIGURA 34. Biblioteca do Museu do Milênio.

Fonte: Acervo do autor (2022).

Em conseqüente, há o espaço do Grupo Folclórico Ucraniano Brasileiro *Vesselka*, sendo um local dedicado ao grupo de danças que foi fundado em 1977 e desde então vem através de suas danças, músicas e vestimentas levando o nome de Prudentópolis a nível mundial (Beló, 2022). O grupo já participou de diversos festivais de folclore, tanto no Brasil quanto no exterior, representando a cultura ucraniana com suas danças, músicas e trajes típicos. Nesse ambiente, estão expostos troféus, certificados e diplomas de honra ao mérito pertencentes ao grupo.



FIGURA 35. Premiações do Grupo Folclórico Ucrâniano Brasileiro Vesselka expostas no Museu do Milênio.

Fonte: Acervo do autor (2022).

A primeira sala temática do Museu do Milênio é intitulada “Imigração e Colonização” e oferece uma imersão na história da imigração ucraniana no Brasil, retratada por meio de fotos, mapas e utensílios utilizados pelos imigrantes. Este espaço destaca a trajetória dos primeiros ucranianos que se estabeleceram no Brasil, especialmente no Paraná, e suas contribuições para o desenvolvimento social, cultural e econômico da região. Entre os itens expostos, encontram-se objetos que representam a cultura ucraniana, como vestimentas, instrumentos musicais, utensílios domésticos e peças de decoração, todos com um significado profundo, refletindo as tradições e o cotidiano dos imigrantes.

O objetivo principal dessa exposição é proporcionar aos visitantes uma visão abrangente sobre a cultura ucraniana, permitindo que eles se conectem com a ancestralidade e os costumes desse povo que, ao longo do tempo, se adaptou e se integrou à sociedade brasileira. Além de mostrar os aspectos materiais da imigração, a exposição busca despertar a curiosidade do

público para aprofundar o conhecimento sobre a história dos imigrantes ucranianos, seus desafios e conquistas¹¹² (Beló, 2022).



FIGURA 36. Painel com o histórico da Imigração Ucraniana em Prudentópolis.
Fonte: Acervo do autor (2022).

De forma comum, essa exposição desenvolve acerca da imigração ucraniana para a região de Prudentópolis, no estado do Paraná, a qual começou no final do século XIX e início do século XX. Com o uso de documentos e fotografias, o museu demonstra que os imigrantes ucranianos escolheram essa região por causa das semelhanças no clima e na paisagem com sua terra de origem na Ucrânia. Além disso, expôs-se através de um mapa, a divisão territorial em

¹¹² Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

linhas, aspecto característico da divisão de terras aos imigrantes, visto que foram atraídos pela possibilidade de adquirir terras a preços acessíveis e construir uma nova vida em um país completamente diferente.



FIGURA 37. Vestes Sacras que pertenciam a Dom Efraim Krevei.
Fonte: Acervo do autor (2022).

O espaço dedicado à “religiosidade” destaca a exposição dos paramentos litúrgicos dos bispos Dom José Martenetz¹¹³ e Dom Efraim Krevei¹¹⁴, ambos já falecidos, bem como dos

¹¹³ Dom José Romão Martenetz foi um bispo da Igreja Greco-Católica de Rito Bizantino Ucrainiano, nascido em 21 de novembro de 1885 na Ucrânia e falecido em 14 de janeiro de 1971 no Brasil. Ele foi uma figura proeminente na história da Igreja Católica Ucrainiana no Brasil, especialmente atuando na Diocese de Prudentópolis (Corrent, 2019).

¹¹⁴ Dom Efraim Krevey foi um bispo da Igreja Greco-Católica Ucrainiana, nascido em 1918 e falecido em 1996 no Brasil. Nasceu na Ucrânia e emigrou para os Estados Unidos, onde se tornou um líder espiritual e pastoral. Foi ordenado sacerdote em 1944 e posteriormente consagrado como bispo em 1963 (Krevei, 2022). Durante seu episcopado, atuou na manutenção da fé e da identidade cultural ucraniana entre os imigrantes e seus descendentes no Brasil.

Papanduva de Baixo, Perobas, Piquiri, Ponte Alta, Ponte Nova, Queimadas, Rio Preto, São Pedro, São Sebastião, Segunda Linha Marcondes, Tijuco Preto e Vista Alegre. Essa peça evidencia a importância da religiosidade na cultura ucraniana, e destaca a colaboração e envolvimento das comunidades na manutenção e divulgação de sua história e valores.

Um dos pontos destacados é a carta redigida pelos imigrantes e assinada por eles, solicitando a vinda de sacerdotes para a região. Essa carta, exposta no museu, se torna um tipo de documento-monumento¹¹⁸. Ao ser colocada no contexto do museu, a carta transcende seu status original de simples documento e adquire uma nova camada de significado, tornando-se uma referência na busca pela religiosidade dos imigrantes e descendentes de ucranianos.

Para Beló¹¹⁹ (2022), “a religiosidade dos descendentes de ucranianos tem sido uma parte importante da cultura ucraniana desde a chegada dos primeiros imigrantes no Brasil”. Desde os primeiros dias de chegada das comunidades ucranianas no Brasil, a construção de igrejas e capelas foi uma das principais preocupações para manter a tradição religiosa. Hoje em dia, muitas igrejas ucranianas estão espalhadas pelo município, oferecendo serviços religiosos semanalmente e celebrando festas religiosas.

Segundo a entrevistada, “muitos imigrantes mantêm suas crenças e tradições religiosas através das gerações” (Beló, 2022). No entanto, esse processo de continuidade não ocorre de maneira homogênea ou imune às transformações históricas e contextuais. A inserção em novas realidades sociais, culturais e econômicas frequentemente desencadeia processos de resignificação da religiosidade herdada, os quais envolvem negociações entre memória, identidade e experiência vivida. Em diversos casos, o vínculo religioso passa a assumir uma função mais simbólica do que prática, funcionando como marcador étnico-cultural ou elo afetivo com a ancestralidade, ainda que desvinculado da participação institucional ou ritual regular.

Nesse sentido, a transmissão intergeracional da religiosidade não deve ser compreendida como mera reprodução, mas como um campo de disputa e recriação de sentidos. A intensidade e os contornos da fé variam conforme os valores, trajetórias e posicionamentos sociais de cada geração, sendo modulados por fatores como o grau de integração ao contexto nacional, o papel

¹¹⁸ Documento-monumento é um conceito específico de Jacques Le Goff (1994), no qual explora a relação entre documentos escritos e monumentos físicos para compreensão e interpretação da história. Para o autor, os documentos escritos tradicionais não são a única fonte de conhecimento histórico, visto que os monumentos históricos, como edifícios, estátuas, inscrições e outras formas de arte e arquitetura, também são “documentos” que contêm informações valiosas sobre o passado (Le Goff, 1994).

¹¹⁹ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

da família, a atuação das lideranças religiosas e as transformações no próprio campo religioso local.

Além disso, Beló (2022) destaca a relevância da religião e da comunicação para os imigrantes ucranianos no Brasil e menciona o Jornal *Prácia*, ainda em circulação atualmente e bilíngue, como um “elo vital com a terra natal para esses imigrantes”. O jornal era uma fonte de informação sobre o que estava acontecendo na Ucrânia, e um meio de conexão com seus parentes e familiares que permaneciam no país de origem.

“*Prácia*” significa “trabalho” em ucraniano, e começou a circular em Prudentópolis em novembro de 1912 (Ramos; Stein, 2021). Nos primeiros anos, o jornal foi editado em uma tipografia instalada nos fundos do mosteiro dos Padres Basilianos, Congregação Católica oriunda da Ucrânia ligada a Ordem de São Basílio Magno, onde permaneceu até 1952. Posteriormente, foi construído um prédio próprio para redação e impressão, que continua em funcionamento até hoje, conhecido como Gráfica Prudentópolis.

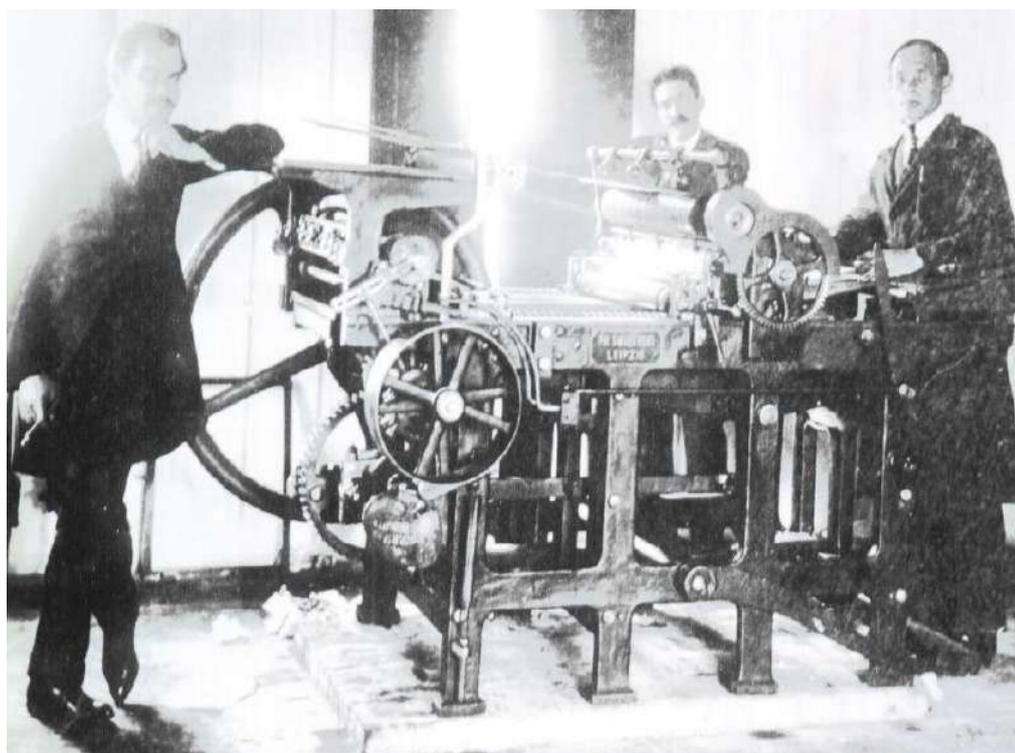


FIGURA 39. Primeira máquina impressora elétrica do Jornal *Prácia*, de 1938.
Fonte: Acervo do Museu do Milênio.

O objetivo do jornal era alcançar não somente os imigrantes fluentes no idioma ucraniano, mas os descendentes já nascidos no Brasil. Inicialmente, ele era publicado exclusivamente em ucraniano e, a partir de 1995, começou a ser bilíngue. Em 2012, o jornal mencionou esta transformação: “Você sabia que nosso jornal começou a incluir o português

com a publicação do folheto Rumo Jovem em 1995 e se tornou totalmente bilíngue em 1998?” (Prácia, 2012, n. 24, p. 10). Essa mudança foi motivada pelo fato de muitos leitores não conseguirem mais acompanhar as publicações em ucraniano.



FIGURA 40. Cartaz do Jornal *Prácia* em exposição no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Embora seja um jornal editado pela igreja ucraniana local, o que o levava a abordar temas relacionados aos aspectos religiosos, seu conteúdo incluía informações variadas, como reportagens jornalísticas sobre o naufrágio do Titanic em 1912, a Grande Fome na Ucrânia (1932-1933) e a imigração de ucranianos no final do século XIX e início do século XX.

Essa ênfase na importância do Jornal *Prácia* revela a necessidade prática de se manter informado sobre eventos na Ucrânia, além da profunda ligação afetiva e cultural dos imigrantes

com a terra de seus ascendentes. “O jornal era recebido com grande expectativa, pois representava uma conexão tangível com suas raízes e sua comunidade de origem¹²⁰” (Zaluski, 2017).

Na sala dedicada às “Informações gerais” do Museu do Milênio, os visitantes podem apreciar a exposição do *Korovai*, um pão grande e simbólico na cultura ucraniana. Este pão tem um significado profundo nas festas de casamento, onde simboliza a prosperidade e a união do casal (Andreazza, 1999).

Marta Beló¹²¹ (2022), durante uma entrevista, explicou a importância do pão na cultura ucraniana, descrevendo-o como um símbolo de vida e de celebrações. Ela destacou a tradição do *Korovai*, um pão que não só alimenta o corpo, mas nutre o espírito das comunidades ucranianas. O *Korovai* é mais do que simplesmente comida; é um elo entre gerações, um testemunho de riqueza cultural e um símbolo de boa sorte e felicidade nos casamentos (Grochoski, 2021, p. 22).

Ao ser servido e servido aos convidados em casamentos, o *Korovai* celebra a união do casal, e a união das comunidades em torno de valores e tradições compartilhadas. É um momento de partilha e alegria, onde o pão torna-se um vínculo tangível entre o passado e o presente, entre as famílias e entre as gerações.

Na ala dos “implementos agrícolas”, é possível encontrar uma coleção de utensílios agrícolas utilizados pelos imigrantes ucranianos em seu trabalho diário na agricultura e pecuária. Entre as ferramentas expostas, estão as “*jornas*”¹²², que eram usadas para moer milho e trigo, além de outras peças de trabalho manual. Além disso, é possível visualizar a mesa de sapateiro, onde eram produzidos sapatos e selas de couro, além de uma prensa de mel e outros utensílios relacionados à produção agrícola.

¹²⁰ Entrevista concedida ao autor em 26 de setembro de 2017.

¹²¹ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

¹²² Consistia em um almofariz, ou um bojo esculpido em um tronco de árvore e um galho que era moldado em forma de pilão. Este processo era lento e dependia de força bruta. Mais tarde, foi desenvolvida a pedra lombar, ou seja, duas pedras planas com sulcos que esfregavam os grãos para frente e para trás.



FIGURA 41. Mesa com equipamentos de trabalho de um sapateiro. Acima exposição da foto da família doadora.

Fonte: Acervo do autor (2024).



FIGURA 42. Implementos agrícolas expostos no Museu do Milênio em Prudentópolis. Acima deles, em destaque um quadro representando a bandeira do Brasil

Fonte: Acervo do autor (2022).

A entrevista com Marta Beló¹²³ (2022) revela um aspecto importante da relação entre os imigrantes ucranianos e o Brasil, especialmente em relação à identidade e à valorização da cultura ucraniana dentro do contexto brasileiro. Ao questionada sobre o quadro representando a bandeira do Brasil na exposição, Marta menciona que: “Não sei quem doou e nem porque está aqui, mas a gente sempre preza pela questão *do* Brasil ter recebido, de ter acolhido os imigrantes. Que nós somos brasileiros, porém descendentes de ucranianos. Então *pra* justamente ressaltar isso, o amor que o Brasil teve em receber os imigrantes” (Beló, 2022). Embora não saiba quem doou a obra nem o motivo de sua presença, ela reconhece a importância simbólica dessa imagem, pois representa o acolhimento que o Brasil ofereceu aos imigrantes ucranianos.

O discurso de Beló (2022) sobre a dicotomia identitária, ao destacar que os imigrantes ucranianos, embora se integrem à sociedade brasileira, mantêm laços com sua cultura de origem, sugere uma visão tradicional da identidade como algo fixo e bifurcado. No entanto, esse conceito de identidade como uma dicotomia (brasileiro *versus* ucraniano) não reflete o processo contínuo e dinâmico de negociação cultural que caracterizou a experiência de muitos imigrantes e seus descendentes, visto que se trata de um processo contínuo de negociação entre diferentes influências culturais, o que implica em uma identidade que é fluida e multifacetada.

Primeiramente, a ênfase no “acolhimento” do Brasil aos imigrantes ucranianos, sem uma análise mais aprofundada sobre o processo de integração, obscurece as complexas dinâmicas de assimilação, exclusão e desafios enfrentados pelos imigrantes. Dessa forma, a ideia de que o Brasil foi generoso ao acolher os ucranianos simplifica a história, omitindo as dificuldades de adaptação e as formas de resistência que ocorreram durante o processo de migração.

A narrativa da entrevistada busca a reafirmação da etnicidade, que conforme Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 13), ocorre através da “fixação dos símbolos identitários que fundam a crença em uma origem comum”, uma vez que os descendentes de ucranianos de Prudentópolis se utilizam da religião e da língua para reafirmar a pertença étnica. Essa concepção de uma origem comum é construída a partir de um passado representado na memória coletiva dos indivíduos que partilham uma mesma cultura baseada na cultura ucraniana. Esse processo de atribuição de um significado social construído envolve abstrações complexas, como a ideia de um passado e um destino compartilhados, onde se lida com história e memória (Pesavento, 2002, p. 8-9).

¹²³ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

Ainda, Beló (2022) destaca que “os imigrantes e os descendentes servem e serviram para guardar o passado do seu país de origem. Somos depositários da cultura ucraniana”. Nessa narrativa, a entrevistada demonstra a responsabilidade que o imigrante e o descendente carregam: a de preservar e transmitir essa cultura para as gerações futuras. Marta destaca a importância das igrejas e escolas na perpetuação da cultura ucraniana, mostrando como essas instituições são essenciais para a preservação da identidade cultural (Beló, 2022).

Ecléa Bosi (1994) afirma que, na maioria das vezes, “lembrar não é reviver, mas recriar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (p. 12). Desse modo, deve-se duvidar da persistência do passado “tal como foi”, uma vez que a lembrança é uma imagem construída pelos recursos que estão, agora, ao nosso alcance. A lembrança de eventos não é a mesma imagem que vivenciamos no passado, porque nós não somos mais os mesmos: nossa percepção mudou e, com ela, nossas ideias, nossos julgamentos de realidade e de valor (Bosi, 1994). Isso posto, podemos dizer que, nos lugares de memória, aprendemos essencialmente nossos contrastes – a imagem do que não somos mais.

O discurso de Beló (2022), sugere um papel passivo, de mera conservação, desconsiderando que a cultura é dinâmica, sendo constantemente ressignificada e transformada pelas experiências vividas no novo contexto. Conseqüentemente, é necessário compreender que a cultura está em constante mudança, influenciada por uma série de fatores internos e externos (Cuche, 2002). O conceito de cultura apresenta ampla abrangência, pois cultura “não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela é, em grande medida aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade” (Eagleton, 2005, p. 184).

Posto isso, conceber a cultura como um depósito estático ignora a sua natureza dinâmica, visto que historicamente, as culturas sempre se transformaram em resposta a novos contextos, tecnologias e interações com outras culturas. A ideia de que imigrantes e seus descendentes devem preservar um passado cultural imutável, desencadeia uma perspectiva idealizante, a qual desconsidera o fato de que a cultura é continuamente adaptada e reformulada. Nesse contexto de mudanças constantes, nem todos os atores sociais conseguem acompanhar essas transformações, tornando o processo de adaptação algo desafiador e complexo (Certeau, 1998, p. 117). Tal perspectiva é compreensível, já que os relatos e as memórias do passado são moldados e influenciados pelas circunstâncias do presente.

A exposição desses objetos, ao projetá-los como relíquias de um passado glorificado, tende a construir uma narrativa seletiva que valoriza exclusivamente o esforço e o mérito dos imigrantes ucranianos, enquanto silencia aspectos mais complexos e desafiadores de sua história. Essa representação enfatiza o “estilo de vida trabalhador” como um símbolo de virtude,

destacando as ferramentas, os ofícios e as práticas manuais como manifestações de um caráter industrial e de uma ética de trabalho admirável.



FIGURA 43. Utensílios agrícolas, como serrotes, foices, peneiras e prensas de cera e gordura expostos no Museu do Milênio em Prudentópolis.

Fonte: Acervo do autor (2022).

Ao romantizar a luta dos imigrantes, a narrativa da exposição deixa de lado os conflitos sociais, as dificuldades de acesso à terra, os preconceitos étnicos e linguísticos, e as precárias condições de trabalho que muitas famílias enfrentaram. Ademais, a ênfase no sucesso por meio do trabalho árduo, sem considerar os sistemas de opressão e exclusão, naturaliza as adversidades enfrentadas, como se fossem meros desafios individuais a serem superados e não consequências de políticas de marginalização.

Dessa maneira, as reflexões teóricas de Sayad (1998) nos auxiliam a compreender como os imigrantes foram historicamente definidos por sua função laboral, uma vez que o imigrante, muitas vezes, é visto como uma força de trabalho transitória, cuja existência é moldada pelas condições de trabalho e pela expectativa de retorno ao país de origem (Sayad, 1998, p. 54-55). Mesmo quando o imigrante se estabelece no país de acolhimento e contribui de maneira duradoura para a sociedade, permanece marcado pelo rótulo de “provisório”. Essa condição temporária reforça uma visão que limita o imigrante ao papel de trabalhador, apagando outras dimensões de sua existência social e cultural.

A sala dos “Implementos Agrícolas” do Museu do Milênio reflete essa construção histórica ao destacar objetos e imagens que remetem à identidade do trabalhador no contexto migratório. Esses elementos cooperam para reinterpretar a memória coletiva e valorizar as contribuições dos imigrantes, além de trazerem à tona questões sobre as condições que moldaram suas experiências.

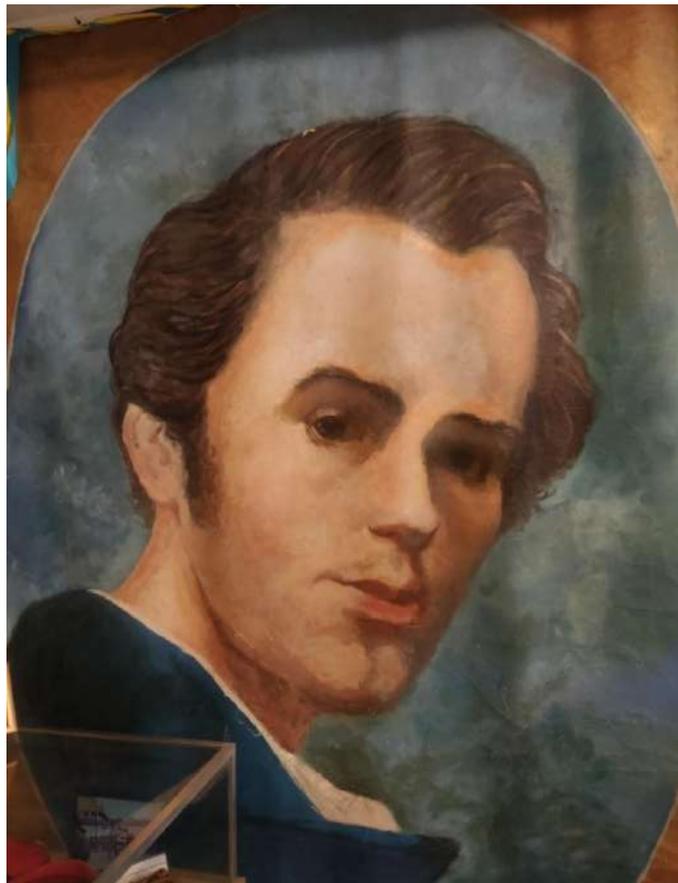


FIGURA 44. Pintura em tecido de autoria de Vassyl Ivanytsky, Presidente da Fundação Taras Shevchenko no Canadá. A arte traz o poeta ucraniano Taras Shevchenko e está exposta na “Sala da Ucrânia e do Poeta Taras Shevchenko” do Museu do Milênio.

Fonte: Acervo do autor (2022).

A “Sala da Ucrânia e do Poeta Taras Shevchenko” é dedicada a Taras Shevchenko e traz uma coleção de artesanato ucraniano, como bordados e *pêssankas* em ovos e madeira, e ainda conta com uma série de objetos que fazem alusão ao poeta. Esta sala presta homenagem ao legado de Shevchenko, e contribui para a construção de uma memória coletiva que transcende as fronteiras do museu e se torna pública para as comunidades.

Marta Beló¹²⁴ (2022) lembra que a principal doadora de peças ao museu foi Maria Horban¹²⁵, descendente de imigrantes ucranianos que morava no Canadá e esposa do arquiteto Myroslau Nimciw, um dos idealizadores do Museu do Milênio. São dela, as primeiras doações, trajés, objetos e bordados típicos ucranianos para constituir o Museu do Milênio. A contribuição de Maria Horban serviu como um elo entre as comunidades ucranianas no Brasil e no exterior. Ao enviar objetos do Canadá para o Brasil, sua ação pode ser interpretada como parte de um processo de reinscrição simbólica da experiência diaspórica, em que descendentes da imigração atuam na construção e legitimação de narrativas identitárias no país de destino ou nos locais onde seus ancestrais se estabeleceram.

Nesse espaço, uma variedade de vestimentas adornadas com bordados é exibida, trazida da Ucrânia e doada por turistas ou residentes que visitaram o país. Marta Beló (2022) destaca os bordados ucranianos pela riqueza de suas cores e padrões, que frequentemente representam símbolos e elementos culturais ligados à tradição ucraniana. Conhecidos como *vyshyvanka*, esses bordados são caracterizados por desenhos intrincados e coloridos, carregando significados que refletem aspectos das histórias, das crenças e das práticas sociais da cultura ucraniana. Feitos em tecidos como linho, algodão ou seda, os bordados utilizam linhas coloridas, muitas vezes em tons vibrantes de vermelho, preto, verde e amarelo, com cada cor e padrão podendo ter um significado específico associado às tradições de diferentes regiões do país (Tenchena, 2016).

As peças bordadas presentes na exposição incluem uma diversidade de itens, desde toalhas e blusas até lenços, tapetes e cortinas. Cada um desses itens apresenta características próprias, que variam de acordo com as técnicas empregadas e com os padrões regionais que influenciam a produção dos bordados. Em algumas regiões, os desenhos incorporam figuras geométricas, enquanto em outras predominam representações de flores, pássaros, estrelas, trigo ou símbolos solares¹²⁶. Esses elementos, embora comuns, estão associados a significados

¹²⁴ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

¹²⁵ Nasceu em 31 de agosto de 1919, em Drohobych, Ucrânia. Estava casada com Myroslau Nimciw por 63 anos.

¹²⁶ Os motivos mais comuns encontrados em bordados incluem:

- Rosas e flores: Representam a beleza e a harmonia;
- Sol e estrelas: Simbolizam a luz, o calor e o céu;

variados e específicos, conectando os bordados a aspectos identitários, culturais e religiosos da vida ucraniana. Por isso, Marta Beló (2022) considera os bordados ucranianos como uma das formas mais expressivas da arte, é válido reconhecer que essa visão é influenciada por uma perspectiva específica da cultura ucraniana



FIGURA 45. Objetos com temática ucraniana expostos na Sala da Ucrânia e do Poeta Taras Shevchenko.

Fonte: Acervo do autor (2022).

Ainda nesse espaço, estão presentes as *petrykivkas*, as quais Beló (2022) julga como sendo as mais desconhecidas do museu. Isso se deve ao fato de ser pouco falado acerca delas. A *petrykivka* é uma forma de arte ucraniana, originária da aldeia de Petrykivka, na região central do país. Este estilo de pintura é caracterizado por suas cores vibrantes e padrões florais combinando elementos naturais e geométricos, aplicados geralmente em superfícies como madeira, vidro, papel e tecido. As imagens pintadas representam tanto a flora quanto a vida cotidiana, com uma forte conexão com o simbolismo e as crenças populares ucranianas (Azul e Amarelo, 2021, s.p.).

-
- Animais: Como pássaros, cervos e cavalos, que representam a natureza e a fertilidade;
 - Cruz: Um símbolo cristão comum, representando a fé e a proteção;
 - Girassóis: Considerados símbolos de prosperidade, longevidade e lealdade (Tenchena, 2016).

A *petrykivka*, como expressão cultural, possui um profundo vínculo com a natureza e as crenças do povo ucraniano. Para Mikhailov (2019), essa arte é uma manifestação da relação simbiótica entre o ser humano e o meio ambiente, em que os elementos florais pintados nas superfícies não são apenas decorativos, mas carregam significados espirituais e protetores. As flores, por exemplo, são frequentemente associadas a desejos de prosperidade, saúde e proteção. Logo, a *petrykivka* reflete uma visão de mundo onde a arte transcende o simples ato de embelezar objetos, assumindo uma função simbólica de conexão com o sagrado e a natureza (Sobolieva, s.d.).

Além disso, conforme destaca Ivanova (2020), a arte de *petrykivka* tem sido uma ferramenta de resistência cultural, visto que em períodos de dominação política, especialmente durante a ocupação soviética, a prática de pintar de maneira convencional foi uma forma de reinterpretar e afirmar a identidade nacional ucraniana. Em 2013, a *petrykivka* foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, o que reforçou sua importância no cenário mundial (Azul e Amarelo, 2021, s.p.).



FIGURA 46. Exposição de pratos decorados com *petrykivkas*.
Fonte: Acervo do autor (2022).

No espaço designado para a “Exposição de quadros”, são destacados os elementos da arte sacra das famílias de imigrantes e descendentes ucranianos. O acervo é composto por quadros e ícones religiosos que expressam a devoção dessas famílias e refletem a importância cultural atribuída a esses objetos. Esses ícones, muitas vezes feitos em materiais como madeira e metal, eram decorados com imagens de santos, cenas bíblicas ou símbolos sagrados, carregando significados espirituais e identitários (Andreazza, 1996, p. 87).

Marta Beló (2022) comenta sobre a vasta coleção de quadros e ícones trazidos pelos imigrantes em sua bagagem, destacando a significância que eles atribuíam a esses objetos. “A gente tem uma coleção infinita de quadros, ícones que foram trazidos com eles na bagagem. Então você pensar numa viagem hoje o que seria levar *pra* viagem, será que você iria levar quadros, coisas assim? Então eles davam muito valor *pra* isso¹²⁷” (Beló, 2022). A entrevistada, ao questionar se alguém hoje em dia levaria quadros em uma viagem, parece ignorar o contexto histórico e cultural da migração.

A migração não foi uma simples viagem de lazer, mas um processo complexo e muitas vezes doloroso de deslocamento permanente para uma nova terra. Para os imigrantes ucranianos, trazer consigo objetos de significado cultural e religioso era uma forma de manter suas tradições e identidade em meio a uma realidade desconhecida e muitas vezes hostil. Beló (2022), narra que “muita gente trazia [os quadros] escondido dentro da *perena*¹²⁸”.

Os ícones e quadros trazidos na bagagem dos imigrantes eram mais do que simples objetos decorativos; tinham um valor simbólico e afetivo significativo. Em um contexto de migração, a escolha de transportar esses itens expressava a busca por reconfigurar suas tradições religiosas e culturais em um ambiente desconhecido. Esses objetos representavam uma conexão com suas origens e a continuidade de práticas e crenças que ajudavam a manter o sentimento de pertencimento e identidade em meio às mudanças.

¹²⁷ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

¹²⁸ Cobertor confeccionado com pena de galinha ou ganso, comumente utilizado pelos imigrantes ucranianos.



FIGURA 47. Exposição de quadros religiosos no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).



FIGURA 48. Quadro elaborado com pertences usados na cerimônia de casamento da descendente de imigrantes ucranianos.
Fonte: Acervo do autor (2024).

Um desses quadros, exemplificado na figura acima, revela um ornamento sacro, concebido como um testemunho íntimo de devoção e simbolismo entrelaçados com a jornada pessoal de uma mulher casada. O quadro retrata a santa de devoção dessa mulher, emoldurada por um rosário/terço, elementos que simbolizam sua fé profunda, e carregam lembranças de rituais sacramentais. Este rosário, usado pela noiva em sua entrada até o altar no dia de seu casamento, representa um vínculo espiritual e emocional com o divino durante um dos momentos mais sagrados de sua vida: o casamento. O véu delicadamente posicionado sobre o quadro evoca memórias da cerimônia nupcial, onde significava a pureza e recebia uma bênção especial, marcando o início de uma nova jornada como esposa (Schörner; Lucavei, 2013, p. 53).

Durante a cerimônia de casamento, o último ritual realizado pelo padre e pelos noivos era o momento em que a noiva se dirigia ao lado esquerdo do altar, onde havia um espaço dedicado à Nossa Senhora. Diante da imagem, a noiva entregava um buquê ou vaso de flores, demonstrando seu respeito e devoção com o sagrado e o compromisso de tornar-se esposa. Em seguida, o sacerdote colocava o véu sobre a cabeça da noiva, simbolizando sua pureza. Beló (2022) rememora que “a pureza da noiva é muito enfocada. [...] não era digna de usar branco, véu e grinalda se não fosse virgem¹²⁹”. Depois, o padre fazia a oração de consagração à Nossa Senhora, pedindo para que a esposa fosse protegida pelo poder divino e livre de todo mal. Este conjunto de elementos revela a devoção religiosa e um vínculo afetivo e significativo com momentos importantes da vida da mulher (Schörner; Lucavei, 2013, p. 54).

No contexto expositivo, os quadros e ícones religiosos evidenciam a relação entre religião e construção de identidades coletivas entre os imigrantes. A presença desses objetos no acervo destaca o papel central da religião no processo de adaptação, além de sua função na formação de comunidades unidas e solidárias. Como rede de apoio social e espiritual, a religiosidade contribuiu para fortalecer os vínculos entre os indivíduos e suas tradições em um ambiente desconhecido, facilitando o processo de integração e a promoção de elementos significativos de sua cultura.

No ambiente sobre “Quarto típico ucraniano”, apresenta-se um espaço composto por uma cama com entalhes, um berço, cômodas e guarda-roupas, todos fabricados em madeira. A configuração desse espaço, composto por móveis de madeira com detalhes elaborados, como destacado por Beló (2022), serve como um artefato cultural que transcende a função meramente utilitária.

¹²⁹ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

O quarto típico, como apresentado no Museu do Milênio, trata-se de uma forma de expressão de reforço identitário das comunidades ucranianas, fornecendo aos visitantes uma visão tangível, visualmente evocativa e cristalizada do passado. A ideia de “típico” simplifica e reduz a complexidade da cultura, ignorando as múltiplas facetas e variações que existem dentro dela (Souza, 2006). A noção de “tipicidade” leva à essencialização cultural, na qual características específicas de uma cultura são consideradas intrínsecas e imutáveis. Diante disso, os elementos exibidos na sala devem ser vistos como um instantâneo de um determinado período, mas não devem ser interpretados como uma representação estática e definitiva da cultura ucraniana.

Além disso, o termo “típico” corrobora para estabelecer fronteiras étnicas que separam “nós” (aqueles que compartilham as características “típicas”, ou seja, os ucranianos e seus descendentes) de “eles” (os outros, ou seja, aqueles que não compartilham elementos em comum). Essas fronteiras não são fixas, mas são continuamente negociadas e redefinidas através das interações sociais (Barth, 1998). Nesse entendimento, as fronteiras étnicas orientam a vida social e estabelecem critérios para a exclusão de alguns e para fomentar o sentimento de pertencimento de outros.

Diante do exposto, as características “típicas” são utilizadas como um meio de identificação e coesão dentro das comunidades ucranianas, por isso, quando se diz que algo é “típico”, estabelece-se um modelo ou um ideal com o qual os membros do grupo devem se conformar. Essa prática contribui para a construção de uma identidade coletiva e fortalece a coesão interna do grupo, além de delimitar suas fronteiras étnicas.

No entanto, o conceito de “típico” não é fixo, mas sim contextual, pois o que pode ser considerado como típico em um contexto local, pode não ser percebido da mesma forma em um contexto global. Portanto, esse conceito deve ser sempre historicizado (Veiga, 2013), levando em consideração as mudanças ao longo do tempo e as circunstâncias históricas específicas.

Essa dinâmica se alinha à reflexão de Barth (1998), que destaca como as fronteiras étnicas são construídas por meio da interação e da percepção mútua (p. 34). Nesse sentido, o conceito de “típico” é determinante para esse processo, pois ao definir o que é normativo e representativo de um grupo, contribui para consolidar a identidade coletiva, reforçar estereótipos e regular os mecanismos de inclusão e exclusão cultural. Dessa forma, por meio do discurso publicizado pelo museu, as próprias comunidades selecionam e reproduzem os elementos que delimitam suas fronteiras étnicas, reafirmando continuamente sua identidade.

Beló (2022) apresenta uma visão romântica e nostálgica da vida cotidiana dos imigrantes, enfocando os móveis de madeira elaborados como expressão da habilidade e dedicação dos artesãos ucranianos. No entanto, é possível perceber que sua narrativa apresenta uma perspectiva idealizante, condensando a diversidade e complexidade da cultura ucraniana para atender às expectativas ou estereótipos pré-concebidos, objetivando a construção de uma memória coletiva a ser divulgada aos visitantes do museu.



FIGURA 49. Quarto ucraniano em exposição no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Segundo Beló (2022), “o berço em madeira era uma peça importante na família, onde todos os filhos passavam pelo mesmo berço”. Ao ressaltar a importância do berço de madeira na família, a entrevistada evoca uma narrativa de tradição, omitindo as possíveis variações nas práticas familiares. A ideia de todos os filhos passarem pelo mesmo berço, por exemplo, trata-se de uma generalização, a qual ignora as particularidades das experiências familiares. Em

algumas famílias, essa tradição pode de fato ter sido seguida à risca, simbolizando uma continuidade e um vínculo entre gerações. Porém, em outras, diversos fatores, como mudanças socioeconômicas, a chegada de novos estilos e padrões de consumo, ou até mesmo a preferência por mobiliário mais moderno e funcional, podem ter levado a diferentes escolhas. Questões como a disponibilidade de espaço e as condições de preservação do mobiliário podem ter influenciado na decisão de reutilizar ou não o berço de madeira. Diante disso, a prática de passar o mesmo berço entre os filhos, embora evocativa de um senso de tradição, não é universal e pode variar de acordo com o contexto e as circunstâncias individuais de cada família.

Por fim, nesse ambiente, a entrevistada reforça que “este quarto é uma representação da vida simples e rústica dos imigrantes ucranianos” (Beló, 2022). Não obstante, narrativas como essa idealizam a complexidade das experiências culturais e imigratórias, visto que reforçam uma perspectiva unidimensional. A vida dos imigrantes ucranianos era marcada por uma variedade de desafios e adaptações, incluindo dificuldades econômicas, sociais e culturais (Horbatiuk, 1989).

A representação de suas vidas como “simples e rústicas” ignora as adversidades enfrentadas, como o isolamento em terras distantes, o esforço para manter tradições culturais em um ambiente muitas vezes hostil e as barreiras linguísticas e religiosas. Essas dificuldades demandaram estratégias de resistência e uma capacidade de flexibilização que foram determinantes para sua sobrevivência e integração.

A partir disso, nota-se como a construção dessa narrativa simplificada está intimamente ligada ao processo de formação da memória coletiva. Como destaca Pollak (1989), a memória é sempre seletiva e orientada por interesses específicos, frequentemente privilegiando aspectos que reforçam a coesão social ou legitimam certas ideologias. Ao idealizar a vida dos imigrantes, suprime-se a pluralidade de suas experiências e apagam-se os aspectos de resistência e negociação cultural que compõem sua história.

Na “Sala Típica Ucraniana”, o ambiente busca “representar uma casa tradicional ucraniana” (Beló, 2022), incorporando móveis, objetos decorativos e elementos característicos da cultura local. Além dos ícones religiosos e fotografias de familiares, é comum encontrar móveis de madeira rústica, tapetes de lã, cortinas bordadas e toalhas de mesa decoradas. Um elemento proeminente é o vaso de trigo sobre a mesa de centro, simbolizando a fertilidade e a prosperidade na cultura ucraniana (Grochoski, 2021).

No centro da mesa está uma capelinha do Sagrado Coração de Maria, um símbolo da religiosidade cultivada pelos imigrantes e suas famílias. Adornada com uma imagem religiosa e cercada por flores, a capelinha servia como um pequeno altar doméstico, utilizado nas práticas

de fé dos ucranianos e seus descendentes. Em um período no qual as igrejas eram distantes e o acesso aos meios de transporte era limitado, essas capelinhas possibilitavam a realização de devoções e rituais religiosos dentro do ambiente doméstico, criando um espaço sagrado para a prática cotidiana da fé.

Devido às dificuldades de locomoção, as capelinhas não permaneciam fixas em uma única residência, circulando entre as casas dos membros das comunidades. Esse movimento permitia que cada família pudesse abrigar a capelinha por um período determinado, o que fortalecia a vida religiosa e os laços comunitários entre os fiéis. O rodízio da capelinha contribuía para reforçar o senso de pertencimento e união do grupo, criando uma rede de solidariedade baseada em valores compartilhados e na manutenção das tradições religiosas.



FIGURA 50. Mesa exposta na Sala típica ucraniana.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Os ícones religiosos expostos nesse ambiente são conhecidos por seu estilo distinto, que combina influências bizantinas com elementos locais (Skavronski, 2014). Estes são caracterizados por suas cores vibrantes, traços expressivos e a utilização de materiais como ouro e prata para realçar a sacralidade das figuras representadas.

Na tradição cristã ortodoxa, especialmente na Igreja Ortodoxa Ucraniana, os ícones são considerados “janelas para o divino” (Beló, 2022). Eles não são meras representações artísticas, mas são vistos como veículos de graça e presença divina. Ícones de santos específicos, como São Nicolau, São Miguel Arcanjo, Nossa Senhora do Patrocínio, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São Josafat, Virgem Maria e Cristo Pantocrator¹³⁰, são os mais venerados (Tamanini, 2016).



FIGURA 51. Ícones religiosos expostos no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2024).

Dentro do ambiente doméstico, os ícones eram colocados na sala principal, onde a família se reunia para orações diárias e celebrações religiosas. Esses ícones serviam como um ponto focal para a devoção familiar, auxiliando à sustentação da fé e às tradições religiosas nas gerações subsequentes. Além disso, eles eram frequentemente passados de uma geração para outra, carregando consigo um senso de continuidade e herança espiritual.

A sala constitui o espaço privilegiado de encontro com o sagrado – o espaço para uma mesa, a Bíblia, a cruz, flores, ícones, quadros e imagens, bordados,

¹³⁰ O termo “Pantocrator” deriva de παντοκράτωρ, que significa “Todo-Poderoso” ou “Onipotente”. Nele, Jesus é retratado segurando um Evangelho aberto ou fechado na mão esquerda, enquanto a mão direita está levantada em gesto de bênção. O rosto de Cristo é sereno e majestoso, com olhos que parecem penetrar o observador. Cristo é geralmente representado usando um manto azul ou púrpura, simbolizando sua divindade, e um *himation* vermelho, representando sua humanidade (Tamanini, 2016).

fotografias de família, belas samambaias e outras plantas em vasos, certificados, lembranças de batismo ou dos movimentos da Igreja. [...] A sala, portanto, é espaço de representação do sagrado na casa dos imigrantes e seus descendentes, assim como espaço do ícone, como extensão do espaço sagrado da igreja (Litvin, 2021, p. 95).

Por outro lado, durante períodos de ocupação e opressão, como sob o domínio soviético, quando a prática aberta da religião foi severamente restringida, os ícones se tornaram ainda mais importantes. Eles representavam resistência cultural e espiritual, um vínculo com as tradições que muitos buscavam reelaboração em face de tentativas de assimilação forçada (Tamanini, 2016).

No contexto desse espaço, a apresentação de um ambiente doméstico busca trazer a memória das “tradições e valores familiares, evidenciados pelos ícones religiosos, fotos de familiares e objetos característicos” (Beló, 2022). Contudo, a narrativa exposta por Beló (2022) está reforçando uma idealização cultural, silenciando as tensões internas e as complexidades das experiências desses imigrantes.

Sobressai-se a presença de uma pequena árvore feita de trigo, demonstrando uma tradição ucraniana que remonta ao século XVIII e é popular em várias regiões do país. Durante a entrevista, Marta Beló¹³¹ (2022) comenta que quando o sol começava a se pôr, era hora de iniciar a preparação de um “altar” doméstico, onde o “*didukh*” (feixe de trigo) deveria ser o elemento principal. A palavra “*didukh*” deriva de “*dido*”¹³² e representa a alma dos antepassados, simbolizando a boa colheita. Os ucranianos têm grande veneração por seus antepassados, acreditando que o espírito deles se comunicava com a família, ajudando na gestão da propriedade e dos negócios, protegendo seus descendentes de todo mal (Martenovetko; Corso, 2011). Eram esses espíritos que vigiavam as plantações, assegurando uma boa colheita, zelavam pela paz e harmonia na família. Todos deveriam saber o nome de seus ancestrais até a sétima geração, e por essa razão era muito importante convidar os mortos para celebrar o Natal juntos (Procek, 1998).

O “*didukh*” era majestosamente conduzido pelo chefe da família, com auxílio do filho mais velho. Antes de pegá-lo, os dois recitavam orações e o aspergiam água benta, invocando as forças divinas e da natureza, pedindo bênçãos, fartura, riqueza, saúde e felicidade. Durante o caminho até a casa, enquanto conduziam o “*didukh*” e um pouco de feno, este último deveria

¹³¹ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

¹³² Avô no idioma ucraniano.

se soltar e “perder-se”, para que o gado o seguisse e reunisse. Isso significava a garantia de alimentos para o próximo ano (Martenoetko; Corso, 2011).

Ao chegar solenemente com o “*didukh*”, o pai anunciava a chegada do Natal, saudava a família e recitava votos de felicidade, saúde, fartura e riqueza para todos na casa. Então o “*didukh*” era colocado no altar” diante de santos e ícones, acompanhado de algumas ferramentas de trabalho diário (Procek, 1998).

Esses detalhes são importantes para reconstruir o ambiente físico e as tradições e valores culturais transmitidos através das gerações. Marta Beló (2022), faz referência a produção agrícola da Ucrânia, lembrando que a Ucrânia passou por momentos difíceis na produção alimentícia, como o *Holodomor*, que foi uma grande fome que ocorreu na década de 1930, resultando na morte de milhões de pessoas.

O *Holodomor* é considerado um dos piores crimes contra a humanidade do século XX, uma tragédia nacional e é lembrado anualmente pelos ucranianos, como um evento que marcou profundamente o país e sua história (Prado, 2018). Apesar dele ser um acontecimento relevante na história ucraniana, a ênfase exclusiva dada pela entrevistada à evento específico obscurece outros aspectos importantes da história e cultura ucranianas, os quais não receberam a mesma atenção ou reconhecimento internacional. Por exemplo, os períodos de invasões estrangeiras, opressão sob o domínio de impérios como o Otomano, o Austro-Húngaro e o Russo, bem como a luta pela independência e autodeterminação nacional, evidenciando uma Ucrânia palco de conflitos étnicos, repressão política e violência ao longo de sua história, tanto antes quanto depois do *Holodomor*.

Embora, de uma forma ou de outra, o *Holodomor* esteja intrinsecamente ligado às questões da memória, é no presente que ele se entrelaça e repercute em significados e atribuições. Por isso, para reforçar a memória coletiva sobre o *Holodomor*, o ambiente expositivo apresenta cartazes que foram elaborados pelo museu com base em pesquisas realizadas de forma aleatória em sites de busca e patrocinados pela Representação Central Ucraniano-Brasileira (RCUB).

A RCUB é uma das principais instituições voltadas à articulação das comunidades ucranianas no Brasil, com atuação intensa tanto no campo cultural quanto político. No contexto apresentado, opera com uma agenda de fortalecimento da identidade ucraniana global e de denúncia contínua contra os crimes perpetrados pelo regime soviético. Desse modo, essa atuação contribui para hierarquizar traumas e silenciar outros aspectos da experiência ucraniana que não se ajustam tão diretamente ao paradigma do martírio nacional.

Dessa maneira, a produção desses materiais a partir de fontes pouco sistematizadas levanta reflexões sobre os critérios de seleção e validação das informações representadas. Como aponta Pollak (1989), a memória coletiva é seletiva e permeada por disputas, o que implica na necessidade de um olhar crítico sobre os elementos escolhidos para narrar a história. Ao adotar uma abordagem aleatória, corre-se o risco de reproduzir simplificações ou até distorções que podem comprometer a complexidade histórica do *Holodomor* e de suas consequências.

O primeiro cartaz explica sobre o termo *Holodomor*, o qual descreve a fome genocida que ocorreu na Ucrânia entre 1932 e 1933, que resultou na morte de milhões de ucranianos. Milhões de pessoas foram mortas de fome pelo regime stalinista soviético, através da coletivização forçada da agricultura e do confisco de grãos e alimentos das áreas rurais, juntamente com outras políticas de opressão e repressão.

Outro cartaz que enfatiza o título “Alimento existia na União Soviética”, descreve que “os soviéticos impuseram às colheitas exorbitantes quotas de grãos, em alguns casos, confiscando dos camponeses tudo o que haviam produzido”; “a fome foi provocada intencionalmente pelo regime stalinista”; e “estima-se que, enquanto 10 milhões de pessoas morriam de fome, foram exportadas cerca de 369 milhões de toneladas de cereais e outros produtos derivados do petróleo”. Historicamente, existe um debate entre historiadores sobre se a fome foi um resultado deliberado de políticas soviéticas genocidas ou uma consequência das políticas econômicas mal implementadas e exacerbadas por condições naturais adversas (Tamanini, 2019).

A exposição desses cartazes é uma evidência da concepção de “dever de memória” discutida por Tzvetan Todorov (2002) e Paul Ricoeur (2007), pois parte do princípio impositivo de relembrar determinados acontecimentos. Para Todorov, “quando os eventos vividos por um indivíduo ou por um grupo são de natureza excepcional ou trágica, este direito torna-se um dever: o de se lembrar e de testemunhar” (Todorov, 2002, p. 16). Ao passo em que se concebe como um dever de memória, ou seja, rememorar um acontecimento trágico para testemunhá-lo e condená-lo, apresenta-se como um direito de não esquecer e não perdoar, para que, dessa forma, se fomentem ações no intuito de condenar o acontecimento. Ainda de acordo com Todorov (2002, p. 30), “o passado transforma-se, portanto, em princípio de ação para o presente”.

Em seguida, outro cartaz aborda o conceito de genocídio, o qual foi elaborado durante a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948:

Artigo 2.º - Na presente Convenção, entende-se por genocídio os atos abaixo indicados, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tais como: a) Assassinato de membros do grupo; b) Atentado grave à integridade física e mental de membros do grupo; c) Submissão deliberada do grupo a condições de existência que acarretarão a sua destruição física, total ou parcial; d) Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; e) Transferência forçada das crianças do grupo para outro grupo (Organização das Nações Unidas, 1948, p. 2).



FIGURA 52. Cartazes sobre o *Holodomor* expostos no espaço da Sala típica ucraniana. Fonte: Acervo do autor (2022).

A narrativa de genocídio propagada pelo cartaz fortalece a identidade ucraniana ao enfatizar um sofrimento compartilhado e uma resistência histórica contra a opressão, além de que a adoção retroativa do termo “genocídio” é um exemplo de uma reivindicação através de políticas de memória. Nota-se que não é tanto o passado, esse da memória retrograda ou do sentimento nostálgico que mais interessaria, mas o uso desse passado na construção de um futuro. Esse “horizonte de expectativas”, moldado e influenciado pelas reminiscências do passado, reinterpretadas e recriadas, é intrínseco aos processos de busca por memórias coletivas e à sua materialização política, representada pelo patrimônio cultural. Nessa perspectiva, a memória é concebida como um processo dinâmico de compartilhamento e ressignificação de representações sociais (Hartog, 2019).

A memória coletiva, segundo Halbwachs (2004), não somente repete, mas recompõe e reedita o passado, conforme as circunstâncias e conjunturas. Se a memória coletiva é uma reconstrução de algo já vivido e experimentado por um determinado grupo ou sociedade, dentro de marcos temporais específicos, ela pode ser influenciada pelas emoções e sentimentos (Halbwachs, 2004, p. 99). Dessa maneira, as recordações dos ucranianos e seus descendentes sobre o *Holodomor* são reeditadas e reconfiguradas pelas circunstâncias do tempo e do espaço em que são evocadas, perfazendo um movimento de “reconquista” do passado “roubado” pela União Soviética.

Em Prudentópolis, a centralidade do *Holodomor* na narrativa identitária opera um papel estratégico e simbólico ao consolidar laços de pertencimento em torno de uma memória comum de injustiça e resistência. O museu, ao destacar esse episódio, reafirma o poder da memória coletiva não apenas como ferramenta de consolidação cultural, mas como dispositivo político – aquilo que Halbwachs (1990) já advertia ao demonstrar que as memórias coletivas são construídas e mobilizadas de acordo com as necessidades e tensões do presente. O *Holodomor*, à luz desses acontecimentos, funciona como um marco traumático que unifica e legitima uma narrativa de sofrimento coletivo, reforçando sentimentos de coesão interna e diferenciação externa.

Além disso, a evocação permanente da memória traumática coloca as comunidades diante de um dilema ético-político complexo. Ao mesmo tempo que o museu se posiciona como guardião da memória coletiva e agente de denúncia histórica – algo fundamental para resistir às tentativas revisionistas e negacionistas –, existe o risco de uma cristalização excessiva desse trauma no discurso público. Conforme alerta Viana (2018), isso pode gerar um efeito colateral de vitimização identitária crônica, aprisionando as novas gerações em uma lógica de passado inescapável, que pouco dialoga com os desafios contemporâneos das comunidades.

A seção dedicada ao “Tear e fiação” destaca a importância dessas atividades na vida dos imigrantes ucranianos, pois eram responsáveis pela produção de tecidos e roupas essenciais para as famílias e as comunidades. O linho era uma das principais matérias-primas utilizadas nesse processo, e a transformação manual do linho em fios era realizada por meio de instrumentos como a roca¹³³ e o fuso¹³⁴. Posteriormente, esses fios eram utilizados nos teares para a fabricação de tecidos e vestuário. A exposição no museu oferece uma visão detalhada desse processo, desde a preparação do linho até a confecção dos tecidos.



FIGURA 53. Tear exposto no Museu do Milênio em Prudentópolis.
Fonte: Acervo do autor (2022).

¹³³ Aparelho de madeira, dotado de uma roda, movida a pedal ou manivela, com bojo na extremidade, no qual se enrola a rama do algodão ou da lã, no processo da fiação. Instrumento de fiação (Pereira, s.d.).

¹³⁴ Instrumento roliço sobre o qual se forma, ao fiar, a maçaroca, isto é, os fios de algodão ou de lã (Pereira, s.d.).

Para Beló¹³⁵ (2022), “é interessante como essas atividades eram fundamentais para a subsistência das comunidades ucranianas e como hoje em dia, com a industrialização da produção têxtil, muitas dessas práticas foram esquecidas”. Embora o tear e a fiação tenham sido importantes na produção de tecidos e roupas para as comunidades, é necessário reconhecer que essas práticas estavam enraizadas em sistemas econômicos mais amplos e em contextos culturais específicos. Por exemplo, o trabalho no tear e na fiação muitas vezes não era apenas uma questão de subsistência, mas estava ligado a formas tradicionais de organização familiar e comunitária. Além disso, o comércio de tecidos e roupas produzidos por esses métodos teve uma influência na economia local, especialmente em áreas rurais onde as comunidades ucranianas estavam frequentemente localizadas.



FIGURA 54. Roupas bordadas com temas variados que fazem parte do acervo do Museu do Milênio.

Fonte: Acervo do autor (2024).

A observação de Beló (2022) sobre a industrialização da produção têxtil e o esquecimento dessas práticas tradicionais é válida até certo ponto. No entanto, é importante

¹³⁵ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

reconhecer que muitas dessas técnicas e conhecimentos passaram por manutenções e adaptações, e continuam a ser valorizados pelas comunidades ucranianas em todo o mundo, como parte de sua identidade cultural e patrimônio histórico.

Uma das exposições é a “Casa Típica”, que se destaca pelo seu tamanho, suas cores e a profusão de detalhes. Durante a entrevista, Marta Beló¹³⁶ (2022) explicou que essas casas eram tradicionalmente construídas com madeira, pois era um material mais acessível na época, e apresentavam telhados pontiagudos para evitar o acúmulo de neve. Embora Prudentópolis tenha um clima diferente da Ucrânia, com menos incidência de frio intenso, os imigrantes e seus descendentes mantiveram esse modelo arquitetônico em suas construções.

O conceito de “típico” implica uma ideia de algo que é característico, representativo e autêntico de um certo tempo ou lugar (Santos, 2006, p. 26). Mas, é importante reconhecer que as tradições e modelos arquitetônicos se adaptam ao longo do tempo. Embora as casas ucranianas com telhados pontiagudos possam ter sido comuns em um certo período e lugar na Ucrânia, isso não significa que essa arquitetura permaneceu estática ao longo dos séculos.

A partir de outra perspectiva, no caso das casas ucranianas no Brasil, por exemplo, os imigrantes e seus descendentes podem ter mantido o modelo arquitetônico original por uma questão de tradição, e por questões práticas, como disponibilidade de materiais e adaptação ao novo ambiente. Isso nos leva a questionar se o termo “típico” é suficiente para descrever essas construções em um contexto diferente do original.

A casa “típica” ucraniana presente no Museu do Milênio exemplifica o papel dos museus na construção e difusão de uma narrativa sobre a cultura visual de uma sociedade, elaborando um sentido ao passado. Segundo Marta Beló (2022), as casas eram construídas com materiais disponíveis na época, como a madeira, e seguindo técnicas de construção pontiagudas tradicionais, adaptadas para a região para evitar a acumulação de neve. Esse relato se alinha com a noção de “invenção das tradições”, conforme descrito por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), onde a cultura é adaptada durante processos de imigração, criando um estilo de vida híbrido que combina tradições antigas com as do novo país. A concepção de que é viável criar uma tradição ou revivê-la em um contexto e local diferentes, utilizando um conjunto de memórias não experimentadas ou herdadas, visa promover coesão em sua proposta.

¹³⁶ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.



FIGURA 55. Casa “típica” de um imigrante ucraniano em exposição no Museu do Milênio.
Fonte: Acervo do autor (2022).

Dessa forma, o conceito de “tradição inventada” (Hobsbawm; Ranger, 1984), indica que práticas de caráter ritualístico ou simbólico visam incorporar certos valores e comportamentos específicos por meio da repetição, em um processo que busca proporcionar continuidade ao passado. Estas práticas não têm, necessariamente, uma origem ancestral em relação à sua execução.

Ao realçar elementos específicos da arquitetura e do estilo de vida ucranianos, o museu está selecionando e enfatizando certos aspectos da cultura, enquanto potencialmente obscurece outros. Do mesmo modo, a descrição do processo de adaptação cultural pode simplificar a complexidade das experiências dos imigrantes, sugerindo uma assimilação suave e sem atritos na nova cultura, o que nem sempre é o caso.

A adaptação cultural é de fato um processo contínuo e dinâmico, influenciado por uma série de fatores, incluindo a disposição dos imigrantes, e as políticas de imigração, as atitudes das comunidades locais e os recursos disponíveis para auxiliar na integração. Portanto, ao apresentar a casa típica ucraniana, o museu está construindo uma narrativa sobre o passado e sobre o que seria a cultura de determinado grupo, mas é essencial reconhecer que essa narrativa é apenas uma interpretação dentre muitas possíveis, sujeita a influências e vieses.

Dialogando com outras pesquisas sobre casas típicas, como a de Maurício Biscaia Veiga (2013), intitulada “Arquitetura neo-enxaimel¹³⁷ em Santa Catarina” vemos que a noção de “típico” se apresenta de forma complexa e multifacetada. Veiga (2013) explora como a arquitetura neoenxaimel, associada aos imigrantes alemães em Santa Catarina, foi reinterpretada e reinventada ao longo do tempo. Inicialmente, essa arquitetura respondia a necessidades práticas e materiais disponíveis, mas com o tempo, passou a ser valorizada como um símbolo identitário e turístico, adquirindo novas camadas de significado.

Essa análise pode ser aplicada às casas ucranianas em Prudentópolis, visto que a manutenção dos telhados pontiagudos e com inúmeros detalhes e formatos, mesmo em um clima diferente, pode ser vista como um respeito às tradições ou como uma adaptação prática. Entretanto, ao longo do tempo, essas construções adquiriram um novo significado cultural, simbolizando a identidade ucraniana no Brasil. Dessa forma, o termo “típico” deve ser concebido não como uma característica estática, mas como um conceito dinâmico que reflete a interação entre tradição, adaptação e reinvenção cultural.



FIGURA 56. Objetos que eram utilizados no cotidiano dos imigrantes e descendentes de ucranianos.

Fonte: Acervo do autor (2022).

¹³⁷ O termo “neoenxaimel” refere-se a um estilo arquitetônico contemporâneo que se inspira no tradicional estilo enxaimel, característico de algumas regiões da Europa, especialmente da Alemanha (Veiga, 2013).

Além da representação da arquitetura da casa em tamanho reduzido, o acervo do Museu do Milênio inclui uma variedade de objetos e utensílios que eram parte da vida cotidiana dos imigrantes ucranianos. Entre esses itens estão: ferros de passar roupa, lampiões, painéis, penicos e outros equipamentos domésticos, os quais não são apenas peças isoladas, mas elementos dotados de sentido que são relevantes para a construção de uma narrativa sobre a cultura e a história dos imigrantes ucranianos no Brasil.

No espaço nomeado como “Cultura Ucraniana”, além dos já mencionados bordados, também são exibidas *pêssankas*, uma forma de arte ucraniana em ovos decorados com designs intrincados e simbólicos, muitas vezes representando elementos da natureza, símbolos religiosos e padrões tradicionais. Os padrões presentes nas *pêssankas* não são aleatórios; cada um deles carrega um significado específico dentro da cultura ucraniana. Por exemplo, o sol é associado à vida, calor e prosperidade; a estrela simboliza pureza e iluminação espiritual; e o cervo representa longevidade e saúde (Corrent, 2015).



FIGURA 57. Exposição de *pêssankas*, ovos pintados à mão e repletos de simbologias. Fonte: Acervo do autor (2022).

O processo de criação das *pêssankas* envolve uma técnica que utiliza cera de abelha e tintas. A cera é aplicada em camadas sobre o ovo, criando uma camada protetora em cada área onde a cera é depositada. Depois de cada camada de cera, o ovo é mergulhado em diferentes banhos de tintas, com cada cor representando um estágio específico do processo. A aplicação da cera e as cores vibrantes que surgem ao longo do processo de criação contribuem para a

complexidade e riqueza visual das *pêssankas*. Quando o processo termina, a cera é removida, revelando os desenhos detalhados, que formam um padrão único de cores e símbolos (Corrent, 2015).

Além das *pêssankas*, os visitantes podem apreciar as *matrioskas*, também conhecidas como *babushkas*, bonecas que, embora originárias da Rússia, tornaram-se amplamente populares na cultura ucraniana, destacando-se como um símbolo compartilhado entre os povos eslavos. Essas bonecas, que se encaixam uma dentro da outra em tamanhos decrescentes, representam valores profundos de fertilidade, maternidade e família, essenciais na cosmovisão eslava.

as *matrioskas* um ícone da ancestralidade cultural ucraniana no contexto global, além de um objeto decorativo.



FIGURA 58. Exposição de *matrioskas* ucranianas.

Fonte: Acervo do autor (2022).

A *matrioska* carrega uma carga simbólica associada à continuidade das gerações, destacando o papel das mulheres como guardiãs da tradição e da linhagem familiar. A menor boneca, no núcleo da sequência, é frequentemente associada à semente ou ao princípio da vida, enquanto as bonecas maiores representam a proteção e o legado das gerações anteriores. A estética vibrante das *matrioskas*, com suas cores intensas e ornamentos florais, reflete a riqueza

cultural da região eslava e celebra tanto a conexão com a natureza quanto a valorização da vida comunitária (Araujo, 2024).

Como Beló (2022) observa, “elas representam a descendência, por isso que ela vai da maior até a menor”. A introdução das *matrioskas* na cultura ucraniana demonstra uma fusão das tradições russas e ucranianas, refletindo uma história complexa de intercâmbio cultural e influências mútuas. Na Ucrânia, as *matrioskas* ganharam uma interpretação própria, incorporando elementos da arte folclórica local, com representações que muitas vezes incluem trajes, padrões bordados e símbolos nacionais, como o tridente (*tryzub*) ou o girassol (Tenchena, 2011). Essa apropriação cultural reforça o sentimento de identidade e pertencimento, tornando esse processo de adaptação se manifesta na inclusão das bonecas no cotidiano cultural ucraniano e na modificação dos trajes e motivos regionais utilizados para adorná-las. As *matrioskas*, por conseguinte, ganham novos significados e se tornam um elemento que atravessa e transforma as fronteiras culturais entre os dois povos, contribuindo para uma identidade compartilhada e enriquecida pela troca cultural.

Ao lado das *pêssankas* e *matrioskas*, os visitantes podem encontrar uma variedade de outros objetos em madeira, como esculturas, utensílios domésticos e artigos de decoração. A madeira, por ser abundante e acessível, foi amplamente utilizada pelos artesãos ucranianos para criar peças que atendiam a necessidades práticas e incorporavam significados culturais e espirituais. Essas peças refletem aspectos da natureza, da religião e da história ucraniana, sendo frequentemente adornadas com símbolos que têm um significado profundo na cultura local (Tenchena, 2016).

O uso da madeira na produção de artefatos cotidianos, como móveis e utensílios de cozinha, além de objetos decorativos, demonstra a habilidade artesanal dos ucranianos, que extraíam da matéria-prima o valor funcional e a possibilidade de expressar sua cosmovisão. Muitos desses objetos eram entalhados com padrões que faziam alusão a elementos da natureza, como árvores, flores e animais, bem como símbolos religiosos e espirituais. As esculturas, por sua vez, podem representar figuras de santos, anjos ou outras imagens sacras, sublinhando a importância da religiosidade na vida diária das comunidades ucranianas.

No mesmo contexto, exposto em um canto quase imperceptível está um calendário datado de 1999, com o mês de maio em evidência. A imagem em primeiro plano retrata um indígena segurando pinhas de Araucária, uma composição rica em simbolismo cultural e histórico. O cenário ao fundo, emoldurado por árvores de Araucária contra o céu, estabelece uma conexão visual direta com a ancestralidade dos povos originários e sua relação intrínseca com os recursos naturais da floresta. Como observa Cid (2021), “a araucária era uma porta de

acesso, uma janela para o mundo de povos originários, com seus saberes, seus conhecimentos, seus modos de ser e existir” (s.p.). Essa representação transcende o aspecto visual ao evocar a centralidade da Araucária na vida cotidiana, nas práticas de subsistência e nos sistemas de conhecimento indígenas.

A presença do indígena na imagem atua como um lembrete da presença dos povos originários na região, os quais desempenhavam uma interação sustentável com esse bioma. Muito antes da chegada dos colonizadores e do processo de exploração intensiva da floresta, esses povos estabeleceram uma relação de respeito e interdependência com o ambiente. A Araucária, e mais especificamente o pinhão, não era apenas uma fonte de alimento, mas um elemento central na construção de cosmologias, rituais e práticas sociais (Cid, 2021, s.p.). Essa conexão reflete uma visão integrada do mundo, em que natureza e cultura coexistem em harmonia.



FIGURA 59 - Calendário exposto no Museu do Milênio.

Fonte: Acervo do autor (2022).

O texto presente no calendário, ao contextualizar o uso da Erva-mate e a exploração de madeira nobre, como a da Imbuia, aponta para um entrelaçamento de práticas culturais e impactos ambientais. Historicamente, essas espécies sustentaram economias locais e formaram

a base para rituais e costumes, como o chimarrão e o artesanato em madeira, sendo exploradas de maneira que levou algumas delas ao risco de extinção (Perin, s.d.).

O contraste entre o indígena e a paisagem reforça, ainda, uma crítica às consequências históricas da colonização e da expansão agrícola. A transformação da mata de Araucária em áreas cultiváveis reduziu drasticamente a extensão do bioma, afetando diretamente os modos de vida e as práticas sustentáveis que os povos indígenas desenvolveram ao longo de séculos. Nesse contexto, o calendário, aparentemente simples, torna-se um artefato que carrega múltiplas camadas de significado, conectando passado, presente e futuro em uma reflexão sobre a manutenção ambiental e cultural.

O Museu do Milênio, em Prudentópolis, por exemplo, em sua exposição sobre a colonização ucraniana, evidencia uma visão eurocêntrica, onde a chegada dos imigrantes ucranianos é frequentemente destacada como a “fundação” da cidade e, por extensão, da identidade regional. Com base nisso, a presença e contribuição dos povos indígenas são quase sempre omitidas, como se a colonização ucraniana fosse a verdadeira origem da formação social e cultural da região.

Essa omissão no espaço museológico reflete um processo histórico mais amplo no Paraná e em Prudentópolis, onde a chegada dos imigrantes europeus, particularmente os ucranianos, foi construída como a principal narrativa de povoamento e desenvolvimento do território. Essa visão minimiza e ignora as populações indígenas que habitavam a região muito antes da chegada dos colonizadores. No caso específico de Prudentópolis, os ucranianos são apresentados como os “pioneiros”, desconsiderando as relações de subsistência e as estruturas sociais que existiam ali antes de sua chegada.

Esse silenciamento no museu é um reflexo de um processo de negação da história indígena que persiste até hoje em muitas regiões do Brasil. A narrativa que coloca os ucranianos como protagonistas do desenvolvimento regional, mesmo que marginalize os povos originários, reflete a continuidade de um discurso colonial que ainda se perpetua nas instituições culturais e educacionais. Ao destacar a chegada dos ucranianos como “marco fundador”, sem mencionar adequadamente a presença indígena prévia, o museu corrobora à invisibilidade dos povos originários, desconsiderando sua importância histórica e cultural na formação da identidade de Prudentópolis e de todo o Paraná.

Durante a entrevista com Marta¹³⁸ (2022), foi discutida a relação do Museu do Milênio com o poder público em suas diversas esferas. Marta mencionou que a Prefeitura Municipal

¹³⁸ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

teve um papel importante ao apoiar a criação do museu, mas ressaltou que, por ser uma instituição de natureza particular, o museu precisa seguir procedimentos específicos para obter qualquer tipo de benefício ou apoio do governo. O Museu do Milênio é atualmente financiado pela Paróquia de São Josafat, o que, conforme Beló (2022), “demonstra um compromisso com a preservação da cultura e história ucranianas em Prudentópolis”. Além do suporte da Paróquia, o museu se sustenta por meio da venda de artesanato e outros produtos na loja localizada em sua recepção. Esse modelo de autossustentabilidade reflete a importância do envolvimento comunitário e da iniciativa privada na manutenção do patrimônio cultural local, destacando a dependência do museu do apoio financeiro e de estratégias criativas para atrair visitantes e gerar receita.

Quanto à finalidade do museu, Marta (2022) destacou a importância de manter a cultura e tradição ucraniana, além de mostrar às futuras gerações “como era a vida dos seus antepassados”. Atividades como o bazar de Páscoa e a Semana da Comunidade Ucraniana são formas de vivenciar e celebrar essa cultura, mantendo-a presente no cotidiano dos descendentes. Essas iniciativas visam criar uma continuidade cultural, fazendo com que as tradições se mantenham vivas e sendo transmitidas de uma geração a outra.

No entanto, é relevante considerar que a cultura não é algo fixo e imutável, mas um processo em constante transformação. Isso se alinha com a visão de François Hartog (2019) sobre os “regimes de historicidade”, que sugere que a relação com o passado é dinâmica e que a maneira como nos referimos a ele não é estática, mas moldada pelo contexto e pelas necessidades do presente. Segundo Hartog (2019), a memória histórica não é uma simples recriação do passado, mas um campo de negociação entre o que se preserva, o que se adapta e o que se apaga. Em outras palavras, as práticas culturais e as tradições, bem como as representações do passado, estão em constante reconstrução.

A globalização, a migração e as interações interculturais são fatores que contribuem para a modificação da cultura (Laraia, 2007). Embora as tradições ucranianas continuem a ser um elemento central para os descendentes, a convivência com outras culturas e a inserção em contextos modernos podem levar a uma adaptação dessas práticas, por exemplo, permite que as tradições culturais sejam reinterpretadas à luz das novas realidades, como o uso de tecnologias digitais, novas formas de comunicação e integração com outras culturas.

Em sua entrevista, Marta Beló (2022) destaca a importância da internet como ferramenta para a divulgação do Museu do Milênio. Ela explica que as divulgações do espaço são realizadas principalmente através da página oficial do museu no Facebook e no Instagram. Marta menciona: “Nós divulgamos pela nossa página no *Facebook*, no *Instagram*. Às vezes a

gente até posta algo sobre uma peça que está aqui dentro, as pessoas veem, acabam conhecendo algo histórico” (Beló, 2022).

Esses meios de comunicação digital, como as redes sociais e o *WhatsApp*, permitem que o museu alcance um público mais amplo e diversificado. Através de postagens, fotos, vídeos e informações sobre as peças e exposições, o Museu do Milênio consegue compartilhar sua história e atrair interesse tanto de moradores locais quanto de visitantes de outras regiões. Essa ação é primordial para intensificar uma identidade cultural coletiva, pois fortalece o senso de pertencimento das pessoas em relação às suas comunidades e tradições. Outrossim, a comunicação através das redes sociais permite uma interação mais direta e instantânea com o público. “As pessoas podem deixar comentários, fazer perguntas e os visitantes podem até mesmo compartilhar suas próprias experiências após visitar o museu” (Beló, 2022), criando um diálogo significativo e fortalecendo o engajamento com as comunidades.

A partir do apresentado, Chagas (2006) enfatiza que os museus, ao selecionarem memórias e histórias a serem representadas, tornam-se arenas de debate e conflito, funcionando como espaços onde tradição e contradição coexistem. Ele utiliza a paráfrase de Mário de Andrade para ilustrar essa complexidade: “há uma gota de sangue em cada poema, assim como há uma gota de sangue em cada museu” (Chagas, 2006, p. 29). Esse “sangue” simboliza o embate e as escolhas que marcam a construção das narrativas museológicas, que nunca são neutras, mas se constituem de som e silêncio, presença e ausência, lembrança e esquecimento (Chagas, 2006, p. 30).

3.2 O MUSEU DO MILÊNIO E SEUS VISITANTES

Esta seção concentra-se nos visitantes do Museu do Milênio, abordando o perfil de seus frequentadores e o impacto que a experiência do museu exerce sobre eles. O museu, ao desempenhar seu papel educativo e cultural, atua como um espaço de aprendizado e de resgate identitário, fortalecendo as raízes da identidade ucraniana tanto entre os descendentes quanto nas comunidades em geral.

Como observa Chartier (2010), trata-se de “escutar os mortos com os olhos”, um convite a perceber e interpretar as histórias preservadas nos objetos e documentos expostos. Considerando isso, o museu se torna um espaço dinâmico onde as memórias, retiradas de sua aparente inércia, ganham novos significados. Esse processo de ativação da memória, conforme

destaca Pereira (2008, p. 1), oferece aos visitantes “chaves de interpretações e reinterpretações”, permitindo que cada experiência no museu contribua para a reconstrução contínua de identidades e narrativas culturais.

Pereira (2008) e Chagas (2006) destacam como a seleção da memória local e coletiva é mediada pelo museu, que atua como um espaço de estímulo e afirmação da identidade comunitária. Por meio da curadoria e da seleção dos objetos, o museu constrói e reforça o que é entendido como memória legítima das comunidades. Ao visitar o museu, o indivíduo é convidado a reconhecer-se nas histórias e objetos apresentados, conectando-os a suas experiências cotidianas. Em todo caso, esse reconhecimento assume um caráter crítico quando o visitante percebe a ausência de representações que contemplem sua memória ou a de seu grupo social, seja em termos de classe, etnia, religião ou gênero.

A visita ao museu, dessa maneira, não se restringe a um ato passivo de contemplação, mas torna-se um exercício ativo de construção do conhecimento histórico. Nesse contexto, os objetos expostos não devem ser encarados como entidades que “falam por si”, mas como fontes carregadas de historicidade, que precisam ser problematizadas, interpretadas e relacionadas a outras narrativas. Essa abordagem não desvaloriza a importância do museu como espaço de reelaboração e disseminação de memórias, mas o posiciona como um ambiente de aprendizado dinâmico e interativo, promovendo circularidades de saberes e iniciativas educativas (Pereira, 2008, p. 3).

Hildebrando (2010, p. 29) contribui com a ideia de que é imperativo “olhar para além das memórias de grupos segmentados e tentar enxergar os silêncios e as omissões”. No entanto, o Museu do Milênio apresenta-se como um espaço em que a história é narrada por meio de uma memória cristalizada, estruturada em torno de um discurso consolidado que privilegia a preservação e celebração de elementos específicos. Dessa maneira, a possibilidade de questionamento e reelaboração do passado é limitada, uma vez que a abordagem museológica reforça uma visão singular e homogênea, dificultando a emergência de perspectivas críticas ou múltiplas interpretações.

Ao longo dos anos, desde sua inauguração inicial, o Museu do Milênio tem sido um destino muito procurado, recebendo um fluxo intenso de visitantes. Esses visitantes incluem residentes da cidade, sendo “bem variados, incluindo alunos, famílias, crianças e pessoas de diferentes lugares do Brasil e do exterior” (Beló, 2022).

O museu atrai turistas de diferentes municípios, estados e países, que buscam explorar e conhecer mais sobre a cultura ucraniana presente na exposição. Esse amplo alcance internacional demonstra o caráter global do museu, tornando-se um ponto de interesse para

visitantes de todas as partes do mundo que desejam compreender sobre a imigração, a cultura e as tradições dos ucranianos no Brasil.

Ao longo do tempo, o museu se tornou um local de destaque para pesquisas acadêmicas de instituições renomadas, tanto nacionais quanto internacionais. Acadêmicos e pesquisadores buscam o acervo do museu para aprofundar seus estudos sobre a cultura ucraniana e sua influência na sociedade brasileira.

As taxas de entrada cobradas dos visitantes auxiliam na manutenção dos objetos em exposição e no investimento em melhorias na estrutura física do museu. Os moradores de Prudentópolis têm uma taxa de entrada de R\$ 5,00 (cinco reais), enquanto os visitantes externos pagam R\$ 10,00 (dez reais) para ter acesso ao acervo e às exposições. Porém, Beló¹³⁹ (2022) revela que o “museu muitas vezes não cobra entrada para os visitantes do município, especialmente para alunos”. Ela observa que, às vezes, aparecem moradores locais, especialmente pessoas mais velhas ou aquelas que doaram peças para a exposição, para ver o que o museu oferece. Essa política de isenção, ao mesmo tempo em que democratiza o acesso, pode também reforçar a ideia de que a memória ucraniana é algo pertencente às comunidades locais e deve ser vivida por ela, uma estratégia que pode ter um efeito de fortalecimento da identidade coletiva, mas que cria fronteiras simbólicas em relação a visitantes de fora.

Sobre isso, Meroslaw Krevrei, narra em entrevista que muitos “jovens que visitam o museu, vêm porque querem saber como era a vida do passado, estão estudando e fazem trabalho sobre isso. Eles fotografam, eu digo: ‘pode fotografar’” (Krevrei, 2022). Essa atitude dos jovens reflete uma tendência nas sociedades contemporâneas, onde o presente se tornou uma referência para decisões e ações. A história, por sua vez, é vista como algo que precisa ser constantemente reinterpretado à luz das necessidades e interesses do presente. Como mencionado por Hartog (2019), o presente se tornou o ponto de partida para a compreensão da história, e as sociedades contemporâneas muitas vezes olham para o passado para (re)contextualizar e aplicar esses conhecimentos ao mundo atual.

A tabela 2 apresenta uma amostra do número de visitantes ao longo dos anos. É importante ressaltar que o registro de visitantes no Museu do Milênio não é um indicador exato do número real de pessoas que frequentam o espaço. A assinatura no livro de presença não é obrigatória, e em visitas de grupos maiores é comum que algumas pessoas não façam seu registro individual. Sendo assim, é bastante plausível que a quantidade de visitantes que efetivamente exploraram o museu seja consideravelmente maior do que o número registrado

¹³⁹ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

por assinaturas. Diversos fatores podem influenciar a precisão dos registros, como a excitação ou a empolgação do momento da visita, grupos grandes que podem causar alguma desorganização na coleta de informações, ou até mesmo a falta de atenção de alguns visitantes ao publicar o livro de presença.

Tabela 2. Número anual de visitantes registrados oficialmente no Museu do Milênio.

Ano	Visitantes
1989	3.087
1994	71
1995	1.443
1996	1.320
1997	1.821
1998	1.225
1999	761
2000	1.702
2001	1.679
2002	1.856
2003	1.815
2004	1.930
2005	2.353
2006	3.294
2007	3.261
2008	2.127
2009	2.179
2010	1.924
2011	2.641
2012	3.098
2013	2.099
2014	2.000
2015	2.381
2016	2.594
2017	3.368
2018	2.540
2019	5.050
2020	953

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Livro de registro de presenças do Museu do Milênio.

Em 1989, o Museu do Milênio recebeu um número significativo de visitantes, totalizando 3.087 pessoas. Esse aumento expressivo no número de visitantes pode ser atribuído à inauguração da primeira exposição do museu, que foi marcada por grande apoio e participação das comunidades locais, além das visitas recebidas de fóruns do município. A apresentação de

uma exposição é frequentemente um evento de destaque que atrai interesse e curiosidade tanto das comunidades do município quanto de visitantes externos.

O período de 1989 a meados de 1994 foi marcado por um curioso hiato no uso do livro de visitas do Museu do Milênio, conforme indicado. Durante esse período, o livro não foi utilizado para registrar as visitas dos frequentadores do museu.

No segundo semestre de 1994, o Museu do Milênio registrou a presença de 71 visitantes, sendo uma visita de destaque a de Asdrúbal Pinto de Ulisséia, nomeado para ser Embaixador brasileiro em Kiev. A visita de Ulisséia, como representante oficial do governo brasileiro, destaca a importância atribuída ao Museu do Milênio a nível local, nacional e internacional. Sua presença sugere que o museu foi reconhecido como uma instituição cultural de destaque, capaz de atrair a atenção de figuras públicas importantes.

Em 1995, o Museu do Milênio registrou um total de 1.443 visitantes. A abertura oficial do Museu do Milênio em 1995 representou um marco relevante, indicando a consolidação e formalização da instituição.

Em 1996, o Museu do Milênio registrou um total de 1.320 visitantes. Este número, embora um pouco menor em comparação com o ano anterior, ainda reflete um interesse contínuo na instituição e em suas exposições.

Em 1997, o Museu do Milênio recebeu um total de 1.821 visitantes, marcando um aumento significativo em comparação com anos anteriores. Este aumento pode ser atribuído à realização de duas exposições temporárias importantes ao longo do ano. A primeira tratou-se da exposição Temporária “Camões”, realizada de maio a julho de 1997, e celebrou a vida e obra de Luís de Camões, um dos maiores poetas portugueses e uma figura importante na literatura lusófona. A exposição apresentou obras de arte, documentos históricos, e informações sobre a vida e legado de Camões, atraindo visitantes interessados na literatura, história e cultura portuguesa, além de promover intercâmbio cultural entre o Brasil e Portugal.

A segunda exposição temporária foi intitulada “Ano Jubilar – 100 anos da Paróquia São Josafat” e aconteceu de agosto a novembro de 1997. Esta exposição comemorou o centenário da Paróquia São Josafat. A exposição incluiu “fotografias históricas, documentos, objetos litúrgicos e outros materiais relacionados à história da paróquia e da comunidade” (Kreivi, 2022). Esta exposição não só atraiu fiéis e membros das comunidades locais, mas interessados na história religiosa e cultural da região.

Em 1998, o Museu do Milênio registrou um total de 1.225 visitantes, marcando uma diminuição em comparação com o ano anterior. No entanto, este ano foi caracterizado por um

aumento nas visitas para realização de pesquisas acadêmicas, além de uma maior divulgação do museu nos meios de comunicação.

A partir dos dados obtidos através do “Livro de presenças” do Museu do Milênio nos anos de 1999 a 2006, podemos observar uma tendência geral de aumento nas assinaturas, visitas e divulgação, o que indica um crescente interesse e engajamento com a instituição ao longo dos anos. Em 1999, foram 761 visitantes. Em 2000, 1.702 visitantes. Em 2001, 1.679 visitantes. Em 2002, 1.856 visitantes. Em 2003, 1.815 visitantes. Em 2004, 1.930 visitantes. Em 2005, 2.353 visitantes. Em 2006, 3.294 visitantes. Nas observações destes anos, não há informações específicas sobre as visitas, mesmo assim, reforça-se a consistência do interesse pelo museu ao longo do tempo.

A sequência de dados revela um crescimento constante no número de visitantes ao longo dos anos. A quantidade de pessoas que visitaram o Museu do Milênio dobrou em apenas sete anos, passando de 761 visitantes em 1999 para 3.294 visitantes em 2006. Mesmo nos anos em que não há informações específicas sobre as visitas, como em 2005, o número de visitantes continuou a aumentar.

O crescimento nas assinaturas é um indicador de um crescente engajamento com as comunidades locais. Mais assinantes significam mais pessoas interessadas em receber informações sobre as atividades do museu, o que pode ter contribuído para o aumento nas visitas.

No ano de 2007, o Museu do Milênio registrou um número expressivo de visitantes, totalizando 3.261. Este ano foi marcado pelo aumento no número de visitantes e assinantes, mas pela diversificação geográfica e internacionalização das visitas, visto que as pessoas que visitaram o Museu do Milênio vieram de pelo menos 16 municípios paranaenses. Isso sugere que o museu não só atrai moradores locais, mas é reconhecido e visitado por pessoas de diferentes regiões dentro do estado do Paraná.

Além dos visitantes locais, o museu recebeu visitantes de pelo menos 5 estados brasileiros: São Paulo (SP), Alagoas (AL), Mato Grosso (MT), Rio de Janeiro (RJ) e Ceará (CE). É notável o registro da presença de visitantes estrangeiros, mostrando a internacionalização do museu. Visitantes de países como Ucrânia, Estados Unidos, Polônia, Hungria, México e Itália demonstram o reconhecimento internacional da importância cultural e histórica do Museu do Milênio. Isso sugere que o museu tem um papel proeminente na promoção do intercâmbio cultural e na conexão com comunidades e descendentes ucranianos ao redor do mundo.

Em 2008, o Museu do Milênio continuou a atrair um número representativo de visitantes, totalizando 2.127 pessoas. Este ano foi marcado por uma diversidade ainda maior em termos de origem dos visitantes, com registros de 144 cidades de diversos estados brasileiros: São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Rondônia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Distrito Federal; e a presença de visitantes de vários países ao redor do mundo, como Ucrânia, Itália, Canadá, Estados Unidos, Romênia, Alemanha, Portugal, México, Argentina e Paraguai. O museu recebeu uma variedade de perfis de visitantes, desde escolares e acadêmicos até grupos de terceira idade e turistas organizados pela Cooperativa Paranaense de Turismo (COOPTUR).

Em 2009, o Museu do Milênio teve um ano repleto de eventos e visitas, demonstrando seu contínuo engajamento com as comunidades locais, acadêmicos e autoridades, tanto do Brasil quanto do exterior. O total de visitantes chegou a 2.179 pessoas, sendo 430 específicos para a exposição “Igrejas Ucrânicas: Arquitetura da Imigração no Paraná”, realizada de 17 de junho a 13 de agosto do ano corrente. Além disso, 29 pessoas deixaram suas assinaturas no livro de eventos, pesquisas acadêmicas, divulgação por meio da imprensa falada, escrita e televisiva. O Museu recebeu diversas visitas, como o Ministro da Cultura Juca Ferreira, a Secretária de Estado da Cultura Vera Mussi, e funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN).

Houve a recepção e acompanhamento de uma equipe de 4 profissionais de *Winnipeg Ottawa* e do *Ukrainian Diaspora Studies Initiative Canadian Institute of Ukrania Studies University of Alberta Edmonton* e *Centre for Ukrainian & Canadian Folklore* do Canadá, além de entrevistas com funcionários da Embaixada da Ucrânia de Brasília e a recepção oficial de Antonio Fernando Mello, embaixador do Brasil para a Ucrânia.

Destaca-se a presença diversificada dos visitantes, que incluiu desde escolares até grupos de terceira idade, acadêmicos e turistas. Visitantes de diversas partes do Brasil, como São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Rondônia, Rio de Janeiro, Ceará, Brasília, entre outros estados, estiveram presentes. O museu recebeu visitantes internacionais de países como Ucrânia, Itália, Canadá, Alemanha, Portugal, Estados Unidos, Argentina e Paraguai.

No mês de agosto, a chefia do Conselho Consultivo do Sistema Estadual de Museus (COSEM) esteve presente e em visita verificou a situação do acervo e documentação do Museu do Milênio, destacando a importância atribuída à preservação do patrimônio.

Para encerrar o ano, o museu organizou em dezembro uma recepção oficial em parceria com as comunidades e a Prefeitura Municipal para o então Ministro da Cultura e Turismo da Ucrânia, Vassyl Vovkun, e dois representantes do mesmo Ministério. Em colaboração com o

Grupo Folclórico Vesselka e a Secretaria Municipal da Cultura e Turismo, foi apresentado um show do grupo de danças Pokutya-Kolomeia da Ucrânia, seguido por um coquetel de confraternização para o público geral.

No ano de 2010, o Museu do Milênio recebeu um total de 1.924 visitantes. Uma parcela dos visitantes foi composta por alunos do ensino básico e médio, vindos de municípios vizinhos, como Reserva, Teixeira Soares e Guamiranga. Dessa maneira, o museu desempenhou um papel importante na educação desses alunos, proporcionando visitas agendadas e monitoradas que contribuíram para o aprendizado sobre a cultura, tradições e história local.

Os eventos paroquiais realizados durante o ano foram momentos-chave para atrair visitantes. A igreja, com sua arquitetura histórica e tombada, serviu como um ponto de interesse para muitos, juntamente com as cachoeiras e faxinais da região. Grupos de estudantes, acadêmicos e terceira idade provenientes de diversos estados brasileiros, como Santa Catarina, São Paulo e Paraná, participaram dessas visitas, muitas vezes em grupos organizados em ônibus.

A presença internacional foi observada, com visitantes individuais e pequenos grupos vindos de países como Ucrânia, Canadá, Holanda, Estados Unidos, Bulgária, Paraguai e Argentina. Mais de 60 municípios foram registrados como origem dos visitantes, demonstrando o alcance e interesse no museu.

Além dos visitantes, o ano de 2010 foi marcado pela presença e colaboração de diversos pesquisadores e profissionais. Acadêmicos de diversas áreas, como História, Geografia, Meio Ambiente e Turismo, estiveram presentes, contribuindo para a produção de conhecimento e documentação da região. Destaca-se o trabalho do antropólogo e folclorista Andriy Nahachewski da Universidade de Alberta, Canadá, que realizou uma pesquisa abrangente, gravando entrevistas, filmagens e registrando a memória material e imaterial da região.

No ano de 2011, o Museu do Milênio registrou um total de 2.641 assinaturas em seu livro de visitantes, evidenciando um considerável interesse pelo patrimônio cultural e histórico de Prudentópolis. As procedências dos visitantes foram diversas, incluindo estados como São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rondônia, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Brasília, entre outros. Houve a presença de visitantes internacionais de países como Ucrânia, Polônia, Alemanha, Inglaterra, Escandinávia, Croácia, França, Suíça, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Paraguai e Cuba, evidenciando o alcance global e a relevância do Museu do Milênio como um ponto de encontro cultural e histórico.

Durante o ano letivo, o museu recebeu inúmeras visitas escolares, com escolas da sede e do interior agendando e monitorando passeios educativos: Escola Municipal Canuto

Guimarães – 23 alunos; Escola Municipal Benedito José Pinto – 54 alunos; Colégio Imaculada Virgem Maria – 32 alunos; Escola Municipal Clotilde Gomes – 104 alunos; Escola Municipal da Linha Esperança – 120 alunos; Escola Municipal Vila das Flores – 208 alunos; Escola Municipal Herval Sede – 40 alunos; Escola Municipal Vila Nova – 137 alunos; Escola Municipal Papanduva de Baixo – 25 e 40 alunos em diferentes ocasiões; Escola Municipal Santa Clara e outras escolas não registradas em números exatos. Além dessas visitas, houve a presença de alunos de educação básica de outros municípios como Ponta Grossa, Curitiba, Guamiranga, Reserva, Cruz Machado, entre outros.

Pensar o museu como um local de conhecimento e aprendizagem implica transformar a concepção tradicional do espaço. Durante muito tempo, o museu foi visto como um lugar que preservava velharias, esperando por visitantes curiosos para observar ou reviver objetos considerados obsoletos e sem utilidade. Contudo, nos dias de hoje, os museus são entendidos como ambientes dinâmicos e interativos, capazes de fomentar memórias e promover a aprendizagem. De acordo com Caetano (2012, p. 1), os museus são agora “um ambiente de conhecimento e de aprendizagem”, contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos e engajados. Essa nova abordagem do museu coloca em questão o papel tradicional do visitante, transformando-o em um sujeito ativo, capaz de construir conhecimento por meio da interação com o conteúdo e da reflexão sobre o que ali é apresentado.

A visita ao museu, portanto, deixa de ser apenas uma experiência passiva e se torna uma vivência enriquecedora, em que o aluno não é apenas um receptor de informações, mas um agente da história, seja ela explícita ou implícita naquele espaço. Ao se envolver com a narrativa museológica e com as aulas que a acompanham, o aluno se torna parte de um processo de aprendizagem que vai além do simples conhecimento factual, sendo imerso em um contexto de experiências e representações socioculturais (Siman, 2005, p. 348).

Nesse mesmo período, destaca-se a presença de Maryna Bondarenko e Maryna Hrymych, pesquisadoras da Ucrânia, que receberam materiais do arquivo do museu para seus trabalhos sobre a “Diáspora Ucraniana no Brasil” e “Os Ucranianos no Brasil”, respectivamente.

Os grupos de turistas, agendados pela agência de viagens, hotéis e pela Cooperativa de Turismo e Conhecimento (COOPTUR), marcaram presença no museu em diferentes datas ao longo do ano. Vieram grupos de São Paulo, Curitiba, Pato Branco, Entre Rios Guarapuava, Assaí, Florianópolis, Rio Grande do Sul, Reserva, Ponta Grossa, e outros locais.

Em 2012, o Museu do Milênio recebeu um total de 3.908 visitantes, refletindo um aumento significativo no interesse pela cultura e história de Prudentópolis. As origens variadas

dos visitantes, incluindo escolas locais, de outros municípios, grupos de turistas, acadêmicos, profissionais e terceira idade, demonstram a diversidade de público atendido pela instituição.

Escolas de Prudentópolis trouxeram um total de 282 alunos para visitas educativas ao museu, enquanto escolas de outros municípios contribuíram com mais 283 alunos. Além disso, grupos de turistas, acadêmicos, profissionais e terceira idade totalizaram 653 pessoas que exploraram o acervo e as exposições do museu.

Acadêmicos e profissionais de diversas instituições, como Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Paranaense (UNIPAR) entre outras, realizaram visitas para estudos e pesquisas, enriquecendo o conhecimento sobre a cultura e história da região.

Destacam-se as visitas de autoridades, como a Cônsul Geral da Ucrânia, o Deputado Federal Ângelo Vanhoni, secretários de Estado do Paraná, e reitores de universidades ucranianas, que fortaleceram os laços entre as instituições e contribuíram para o desenvolvimento de projetos educacionais e culturais.

Uma exposição temporária da bordadeira ucraniana Tatiane Protchera, oriunda de Kiev, foi realizada nas dependências do museu, oferecendo orientações sobre a arte do bordado ucraniano aos interessados.

Em 2013, o Museu do Milênio recebeu um total de 2.099 visitantes, vindos de diversas regiões do Brasil e do exterior. A diversidade de origens dos visitantes demonstra o interesse contínuo na cultura e história de Prudentópolis, fazendo do museu um ponto de referência para turistas e estudiosos.

Além das visitas dos diversos públicos, várias equipes de comunicação escolheram o Museu do Milênio como cenário para gravações de matérias. Essas produções contribuíram para a divulgação do museu e de sua importância histórica e cultural para a região, o Brasil e o mundo.

No ano de 2014, mais de duas mil pessoas realizaram a assinatura do livro de visitantes no Museu do Milênio. Um destaque especial foi a presença de turistas de diferentes países, incluindo Paraguai, Ucrânia, Polônia, Espanha, Israel, Rússia, Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Argentina, Itália, Inglaterra e Grécia. Essa diversidade de origens reflete o interesse internacional na história e cultura reconfiguradas no museu, tornando-o um destino atrativo para visitantes de todo o mundo.

Nos dias 23 e 24 de maio de 2014, o museu sediou a exposição “Monumentos ao poeta Taras no Mundo” no Clube Social XII de novembro. Esta exposição atraiu a participação de

202 pessoas, destacando-se como um momento notável para a apreciação da obra e legado do poeta Taras, reconhecido internacionalmente

Em 2015, o Museu do Milênio foi palco de uma variedade de atividades de pesquisa, filmagem e reportagens, além de receber uma série de visitantes notáveis e grupos agendados. Algumas das principais atividades incluíram: Reportagens da TV Globo sobre o museu, a Cooperativa de Artesanato e a igreja; Visitas de grupos acadêmicos, como os 9 acadêmicos do curso de História, e um grupo de 39 Acadêmicos e Professores de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Equipe de Valinhos, SP, os quais objetivavam produzir retratos fotográficos da cultura ucraniana; Membros da gravação de um documentário intitulado “Entre nós, o estranho” pela equipe de produção 687 Cinema; Visitas de pesquisadores e profissionais, como Milan Puh da Universidade de São Paulo (USP), interessado nas danças folclóricas ucranianas em Prudentópolis; Filmagem para a Rede Globo, evidenciando as famílias que usam diariamente a língua ucraniana; Atendimento especial a visitantes notáveis, incluindo um teólogo e escritor renomado, Leonardo Boff, e a cantora ucraniana Sofiya Fedyna. O museu recebeu grupos escolares do município de Prudentópolis e de outras regiões, que tiveram atendimento diferenciado de acordo com os projetos que estavam desenvolvendo.

No total, foram registrados 2.381 assinantes no livro de visitantes, apesar de alguns visitantes não assinarem. Os grupos, sejam escolares ou turistas, geralmente têm agendas específicas e tempo determinado para a visita, o que às vezes pode resultar em lapsos de registro.

Em 2016, foram contabilizadas 2.594 assinaturas nos livros de visitantes do museu, sendo estes de vários países, incluindo Ucrânia, Canadá, Estados Unidos, Moçambique, Uruguai, Paraguai, México, Alemanha, Irlanda, Rússia, França, Suécia e Finlândia. Dentre estes, destaca-se a presença de Antônio Augusto Moraes Liberato, mais conhecido como Gugu Liberato, e toda sua equipe, os quais estiveram presentes no Museu do Milênio para a gravação acerca da catástrofe em Chernobyl na Ucrânia.

Em 2017, o Museu do Milênio registrou oficialmente 3.368 visitas. Países como Ucrânia, Canadá, Estados Unidos, Moçambique, Uruguai, Paraguai, México, Alemanha, Irlanda, Rússia, França, Suécia e Polônia demonstraram interesse específico na imigração ucraniana em Prudentópolis.

Um evento especial foi a visita de Mikhailo Raushnyi, Presidente do Conselho da Coordenação Mundial das Organizações Ucranianas, que passou dois dias visitando os museus, a Igreja São Josafat e comunidades do interior, proferindo uma palestra para líderes das comunidades ucranianas.

As escolas da Educação Básica, nos níveis Fundamental e Médio de Prudentópolis, tanto da rede municipal, estadual quanto particular, realizaram visitas para trabalhos relacionados ao meio ambiente, geografia, cultura, artes, tradições e história. No total, 19 escolas visitaram o museu com 908 alunos, sendo que a Secretaria Municipal de Educação encaminhou 899 alunos em um projeto específico.

No ano de 2018, o Museu registrou um total de 2.540 assinaturas nos livros de registro geral, de pesquisadores e de visitas especiais. Diversos grupos de diferentes partes do Brasil, incluindo São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e outras cidades, realizaram visitas agendadas ao museu. Os visitantes do exterior eram do Canadá, Estados Unidos, Moçambique, Uruguai, Paraguai, México, Alemanha, Irlanda, Rússia, França, Suécia e Polônia. No total, 31 grupos agendados visitaram o museu, totalizando 814 visitantes.

Sendo assim, o museu recebeu uma comitiva de profissionais da Ucrânia, incluindo o Deputado Mychaylo Chmil e o pesquisador Yuriy Prokopiv, abordariam o Brasil e as comunidades de descendentes ucranianos, e para isso consultaram os arquivos do Museu e realizaram entrevistas na localidade de Barra Bonita. Uma visita que merece destaque é a de Michael Ratuschney, diretor do Conselho das Organizações Ucranianas, de Kiev, que teve encontros com lideranças locais e realizou uma palestra na localidade de Barra Vermelha, interior de Prudentópolis.

Durante o ano de 2019, o Museu do Milênio continuou sendo um centro de interesse para pesquisadores, acadêmicos, jornalistas e visitantes de diversas partes do mundo, e recebeu 5.050 visitantes. Os visitantes vieram de diversos estados brasileiros, como Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Sergipe, Rondônia, Pernambuco, e de países como Ucrânia, Argentina, Paraguai, França, Suécia, Espanha, Eslovênia, Estados Unidos, Canadá e Grécia.

O Presidente da Representação Central Ucraniana Brasileira (RCUB), Vitório Sorotiuk, e a Deputada de Ivano Frankivsk, Ucrânia, Olha Sytnyk, visitaram as comunidades. Diversos grupos, incluindo turmas de escolas, terceira idade, empresas e instituições educacionais, realizaram visitas agendadas ao museu. No total, 917 pessoas participaram desses grupos, representando uma ampla gama de regiões do Brasil.

De acordo com os registros, em uma visita ao Museu e à igreja, um grupo de 16 pessoas de Ternopil, denominado “*Ukrainian Business Delegation*”, esteve presente. Durante essa visita, foi assinado um importante acordo¹⁴⁰ entre a prefeitura, o vice-governador do estado e

¹⁴⁰ Saiba mais em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Prudentopolis-oficializa-acordo-com-ucraniana-Ternopil>.

os representantes da delegação. Este acordo estabeleceu uma relação de cidades irmãs entre Prudentópolis e Ternopil, visando promover a cooperação múltipla entre essas comunidades. Essa parceria pode incluir intercâmbios culturais, colaborações econômicas, interações acadêmicas e outras formas de cooperação que beneficiem ambas as cidades. Este evento simboliza um compromisso mútuo de fortalecer os laços entre Prudentópolis e Ternopil e promover um entendimento mais profundo e colaborativo entre suas comunidades.

Em 2020, mais especificamente até o mês de outubro, o Museu registrou um total de 953 visitas. Apesar disso, esse número foi impactado pela pandemia de *Corona Virus Disease* (COVID-19). O Museu enfrentou períodos prolongados de fechamento e as viagens foram restritas devido às medidas de segurança e restrições de mobilidade implementadas para conter a propagação do vírus. Como resultado, o número de visitantes foi menor em comparação com anos anteriores.

Isso posto, é seguro supor que a quantidade real de pessoas que passam pelo Museu do Milênio seja superior à contabilizada pelos registros de assinaturas. Porém, Marta expressa uma preocupação em relação à valorização do museu pelas comunidades locais. Ela acredita que ainda falta um amor e uma valorização mais profunda do que está presente no museu e na história local. Marta menciona: “A meu ver, acho que ainda precisa muito desse amor ao que se tem aqui, a valorização do museu como um todo, da nossa comunidade. Um povo que não conhece sua história, esquece sua memória e não vive bem¹⁴¹” (Beló, 2022). Essa observação reflete uma tensão comum em comunidades imigrantes, onde as novas gerações sentem uma desconexão com o passado de seus antepassados. É dessa desconexão que nasce a necessidade da construção de lugares de memória tal como o Museu do Milênio.

Marta Beló (2022), destaca que o museu “possui uma riqueza incrível de peças e história, mas às vezes as pessoas não dão o devido valor”. Quando questionada sobre porque isso pode acontecer, Marta sugere que pode ser devido a uma “tendência de achar que algo de fora é mais bonito ou atraente” (Beló, 2022). A entrevistada reflete sobre a possível falta de amor e valorização, especialmente entre os descendentes ucranianos, como uma das razões para essa atitude. No entanto, ela confirma que existem aqueles que são dedicados e apoiam o museu de forma expressiva.

O Museu do Milênio está envolvido na construção de sentido em relação ao passado, principalmente através de suas exposições e interpretações. Ao destacar e reinterpretar

¹⁴¹ Entrevista realizada pelo autor em 29 de março de 2022.

artefatos, documentos e narrativas relacionadas a diferentes períodos históricos, busca transmitir uma compreensão coesa e acessível do passado para o público contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração ucraniana no Brasil, especialmente em Prudentópolis, foi um fenômeno que se inseriu em um contexto histórico mais amplo de deslocamentos populacionais motivados por fatores políticos, econômicos e sociais. O percurso dos imigrantes ucranianos revelou a complexidade das relações entre identidade, pertencimento e adaptação em terras estrangeiras. Conforme demonstrado ao longo da pesquisa, a decisão de deixar sua terra natal não foi apenas resultado de motivações individuais, mas uma resposta a um cenário de opressão, crise econômica e perseguições que assolavam a Ucrânia, principalmente nos séculos XIX e XX.

Ao chegar ao Brasil, os imigrantes enfrentaram desafios como barreiras linguísticas, condições adversas de trabalho e dificuldades de adaptação. Entretanto, seu legado se consolidou por meio da ressignificação de tradições culturais, religiosas e sociais que até hoje marcam a identidade das comunidades ucranianas em Prudentópolis. A manutenção de igrejas, danças folclóricas, festivais e o ensino da língua ucraniana demonstram que, mesmo inseridos em uma nova realidade, esses imigrantes continuaram a construir pontes entre o “lá” e o “aqui”, conforme a perspectiva teórica de Abdelmalek Sayad (1998).

Além disso, o processo migratório dos ucranianos esteve interligado às políticas implementadas pelo Estado brasileiro, que, ao mesmo tempo em que buscavam o branqueamento racial, também incentivavam a exploração da mão de obra imigrante, especialmente na agricultura. No entanto, essa ocupação ocorreu com inúmeros conflitos, visto que as terras frequentemente eram habitadas por povos indígenas e caboclos, cujas histórias foram apagadas e minimizadas em narrativas oficiais.

A análise histórica da imigração ucraniana no Brasil permitiu compreender que a construção da identidade de um povo não ocorreu de forma linear, mas por meio de um processo dinâmico de negociação cultural, resistência e adaptação. Dessa forma, a trajetória dos imigrantes ucranianos no Brasil reafirmou que a imigração vai além de um deslocamento físico – ela envolveu a reconstrução de laços, a reinvenção de identidades e a ressignificação do pertencimento em um território novo. Ao olhar para o passado, compreendeu-se melhor as dinâmicas que moldam o presente e pudemos refletir sobre o futuro das comunidades migrantes, tanto no Brasil quanto no mundo.

Pode-se afirmar que houve a formação de uma “cultura imigrante”, ou seja, a partir da interação entre a cultura trazida pelos imigrantes e o contexto local onde se estabeleceram, surgiu um conjunto cultural singular. Nesse processo de adaptação e convivência, se formou

um arcabouço cultural próprio, que pode ser identificado como distinto das culturas anteriores presentes na região (Costa, 2021, p. 227). Dentro desse contexto, o grupo passou a reivindicar sua identidade e a estabelecer uma fronteira étnica, que se concretizava no reforço de costumes, e em práticas de diferenciação em relação aos outros grupos imigrantes e à sociedade receptora. Essa incorporação de elementos locais ocorreu de diversas formas: na culinária, nas práticas religiosas, nas celebrações festivas, ou mesmo na língua falada.

A pesquisa acerca do Museu do Milênio, da Praça Ucrânia e do Monumento a Taras Shevchenko revelou que esses espaços vão além da simples manutenção da cultura ucraniana em Prudentópolis, pois representam construções identitárias fundamentadas em narrativas específicas, selecionadas e institucionalizadas ao longo do tempo. O museu, como espaço de memória, articula-se com a diáspora e com os processos históricos de patrimonialização, evidenciando tanto a resistência cultural quanto as disputas políticas e simbólicas envolvidas na manutenção dessas referências históricas.

Cada um desses elementos desempenhou uma função distinta na conformação da identidade étnica ucraniana, como por exemplo, um museu é um espaço de reiteração e transmissão da história e cultura, funcionando como um lugar de memória que buscou consolidar e relembrar o passado. Já uma praça é um local público, visível, que atuou como um símbolo da presença cultural em um espaço urbano, permitindo que a memória seja vivenciada cotidianamente pelas comunidades. Por fim, um monumento, como o dedicado ao poeta Taras Shevchenko, é uma representação visual imponente que busca homenagear e, ao mesmo tempo, reforçar simbolicamente a identidade cultural em espaços públicos. Dessa forma, esses três elementos – o museu, a praça e o monumento – são marcadores de identidade que ajudaram a construir e reforçar a memória coletiva ucraniana em Prudentópolis, mas atuando de maneira distinta na sociedade, influenciando de forma única a maneira como a cultura e a história são percebidas e ressignificadas pelas gerações atuais e futuras.

A presente tese demonstrou que a consolidação desses espaços foi atravessada por interesses políticos, religiosos e estratégicos, especialmente no contexto da Guerra Fria e da luta ucraniana por reconhecimento internacional. A escolha de Shevchenko como símbolo máximo não se deu apenas por seu papel na literatura, mas por sua ressignificação como um ícone da resistência nacional, instrumentalizado tanto pela diáspora quanto por grupos políticos ligados à independência da Ucrânia.

Além disso, a análise histórica evidenciou que a patrimonialização desses espaços não ocorreu de maneira espontânea, mas a partir de um processo cuidadosamente planejado e executado por lideranças locais e internacionais. A discussão revelou que a memória coletiva é

moldada por processos seletivos e por disputas simbólicas, o que evidenciou como monumentos e espaços patrimoniais podem ser utilizados para consolidar narrativas específicas. O envolvimento de diferentes atores, desde líderes religiosos e políticos até membros das comunidades, mostra que a patrimonialização é um processo que está em constante negociação e ressignificação. Os debates em torno da escolha do homenageado e do desenho arquitetônico, bem como as dificuldades enfrentadas durante a construção, revelaram os desafios de se consolidar um espaço que atendesse às expectativas e necessidades das comunidades.

Ademais, a relação entre a manutenção do patrimônio e a política também ficou evidente, pois a consolidação de memórias atravessa interesses de diferentes grupos e pode se tornar uma ferramenta de legitimação política e social. Diante disso, a construção e manutenção desses espaços exigiu uma reflexão crítica sobre quem define e controla as narrativas ali representadas. A utilização de recursos locais e internacionais, bem como a mobilização das comunidades para arrecadação de fundos, destacou a importância atribuída a essa iniciativa, que ultrapassa fronteiras e estabelece laços transnacionais. O envolvimento de figuras como Vassyl Ivanytsky e a busca de apoio de imigrantes ucranianos residentes nos Estados Unidos e Canadá reforçaram a tese de que a construção do monumento esteve inserida em uma estratégia global de fortalecimento da identidade ucraniana.

Dessa maneira, nota-se que a criação de museus, por exemplo, não faz parte da tradição ucraniana, mas é de fato, uma construção posterior, fruto da imigração. Esse processo de construção de lugares de memória, como museus e monumentos, não é algo intrínseco à cultura ucraniana antes da chegada ao Brasil, mas resulta de um contexto específico, onde os imigrantes precisaram criar marcos simbólicos para afirmar sua presença e reafirmar suas tradições em um novo território.

A citação de Pierre Nora (1993, p.7), na qual “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais,” revela uma reflexão profunda sobre a natureza da memória e sua relação com o presente. Nora (1993) sugere que a intensa preocupação contemporânea com a memória é, paradoxalmente, um sinal de sua ausência. Em uma sociedade onde o novo é valorizado sobre o velho, o futuro prevalece sobre o passado e a transformação é mais estimada que a tradição, há um impulso contraditório para marcar os sinais de nossa experiência e criar instituições que preservem os registros de nossa história.

Nora identifica essa proliferação de instituições como “lugares de memória”. Esses lugares, segundo ele, são “restos do passado” cuja principal função é “parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, bloquear a morte, materializar o imaterial para [...] prender um máximo de sentido num mínimo de sinais” (Nora, 1993, p. 22).

Em outras palavras, os lugares de memória surgem como uma resposta ao temor do esquecimento e da perda da identidade coletiva.

A Praça Ucrânia, o Museu do Milênio e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko atuam como “restos” que bloqueiam o trabalho do esquecimento, fixando um estado de coisas e materializando o imaterial. Dessa maneira, servem para prender um máximo de sentido em um mínimo de sinais, funcionando como âncoras da identidade cultural ucraniana em uma nova terra.

Lugares de memória referem-se a espaços, objetos, eventos e símbolos onde a “memória coletiva se cristaliza e se refugia” (Nora, 1993, p. 7), particularmente em momentos de transformação cultural e social. Esses lugares servem como pontos de referência para a identidade coletiva, proporcionando um sentido de continuidade e conexão com o passado (Nora, 1993, p. 11). Em vista disso, o fenômeno contemporâneo de revisitação histórica pode ser visto como uma ampliação dos lugares de memória, onde o passado é continuamente reinterpretado e reintegrado ao presente, reforçando a importância da memória coletiva na construção e manutenção das identidades culturais e sociais. A análise revela que esses lugares de memória, definidos por Nora (1993) como “restos do passado” que “paralisam o tempo” e “fixam estados de coisas”, atuam como âncoras simbólicas que reforçam a identidade cultural e a memória coletiva das comunidades ucraniana em Prudentópolis, além de “interromper o esquecimento e materializar o imaterial”, capturando um máximo de significado em um mínimo de sinais.

Os lugares de memória ganham significado por integrarem a memória coletiva de um povo, evocando a memória de um passado comum e de uma identidade que faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar, do espaço que traz a lume a história de todos. Nesse sentido, memória é a “presentificação de uma ausência no tempo, que só se dá pela força do pensamento – capaz de trazer de volta aquilo que teve lugar no passado” (Pesavento, 2002, p. 25).

Ademais, é preciso compreender que uma memória é selecionada. Não podemos registrar tudo de nossas vivências, bem como não conseguimos esquecer tudo, a menos que situações relacionadas à saúde estejam envolvidas. Os lugares que as comunidades ucranianas construíram, como a Praça Ucrânia, o Monumento ao Poeta Taras Shevchenko e o Museu do Milênio, são exemplos dessa memória seletiva, carregando um significado profundo para o grupo. Como destacou Candau (2016, p. 21), “mais do que a própria memória como uma faculdade humana”, é preciso analisar as diversas formas como ela se manifesta.

São nesses lugares de memória que vemos marcas de um passado que não é apenas celebrado e resgatado, mas glorificado ao ser lembrado pelas comunidades que dão sentido

a estas obras. Por isso, esses monumentos formam um espaço onde a memória, ao menos parte dela, se torna palpável para toda as comunidades. Por meio de fotografias, listas de envolvidos e lideranças que participaram do processo, é possível perceber os critérios e caminhos adotados para a seleção dos eventos, narrativas e personagens que deveriam ser destacados. Essa curadoria não é neutra; é um meio de expressão e celebração da identidade ucraniana em Prudentópolis, uma vez que são “espaços de poder que legitimam discursos, através do que é preciso lembrar ou esquecer” (Tolentino, 2016), isto é, produz uma verdade que deve ser coletivizada.

Posto isso, os museus são locais onde identidades e memórias são forjadas, tornando-se, conseqüentemente, locais de memória que têm a capacidade de conceber as sociedades que ele representa. Dessa forma, é possível questionar o passado por meio deles, visto que o objeto da pesquisa – o Museu do Milênio – atua como um espaço que catalisa a constante ressignificação dessa memória.

Os lugares de memória em Prudentópolis exemplificam como os “quadros sociais da memória” (Halbwachs, 2023) operam na prática, uma vez que foram instrumentos objetivamente criados por um grupo específico que auxiliariam o indivíduo a localizar e reconstruir suas próprias lembranças, sem que se perdessem de vista e estivessem em desacordo com as necessidades presentes. A memória, conforme observado no decorrer da pesquisa, não é espontânea e necessita de vestígios – como um lugar, um documento, uma fotografia, um sabor, uma cor ou um cheiro – para ser ativada (Nora, 1993). Esses vestígios atuam como gatilhos que trazem à tona lembranças e sentimentos associados ao passado.

Durante as entrevistas realizadas com diferentes envolvidos na criação e manutenção de lugares de memória, foi identificado o uso predominante de um discurso coletivo. Em vez de empregarem a primeira pessoa do singular, como “eu”, os entrevistados frequentemente utilizavam expressões como “a gente” ou “o nosso”. Esse uso da linguagem indica uma tentativa de construir uma memória compartilhada, projetando a narrativa como pertencente a um grupo e não a um único indivíduo. Esse fenômeno ressalta uma conexão com a história e as experiências vividas coletivamente, em vez de perspectivas individuais.

Dessa forma, o compartilhamento de memórias está associado a escolhas feitas por aqueles que detêm a capacidade de definir quais eventos e elementos históricos serão destacados ou esquecidos. No contexto de Prudentópolis, a Praça Ucrânia, o Museu do Milênio e o Monumento ao poeta Taras Shevchenko são exemplos significativos de como os vestígios materiais do passado são utilizados para manter presente a memória cultural e histórica das comunidades ucranianas. Esses lugares permitem que as memórias individuais sejam

contextualizadas, reconstruídas e mantidas coerentes com as necessidades presentes das comunidades, propiciando um sentimento de continuidade e de vitalidade da cultura e da história ucraniana em Prudentópolis.

Toda narrativa histórica tende a destacar figuras heroicas ou patronos, e uma das funções atribuídas ao patrimônio histórico e cultural é justamente essa: estimular a memória e os feitos de indivíduos cujas ações, marcadas por habilidades ou coragem, se tornaram representativas de um grupo ou de um território. Esses indivíduos, ao simbolizar ideais compartilhados, promoveram uma conexão entre aqueles que os reconhecem, contribuindo para a construção de uma história comum e, conseqüentemente, para a busca de unidade dentro de uma coletividade.

Em virtude disso, a abordagem museológica adotada pelo Museu do Milênio representa uma construção de um passado aliado a um esforço seletivo de construção identitária, destacando aspectos específicos enquanto deixa outros em segundo plano. A organização das exposições, a escolha dos artefatos e a narrativa apresentada demonstraram um viés que busca fortalecer uma identidade ucraniana idealizada, frequentemente desconsiderando as complexidades e contradições que marcaram a experiência migratória.

A estrutura expositiva do museu privilegiou elementos como a religiosidade, a produção artesanal e a vida cotidiana dos imigrantes, reforçando uma visão das comunidades ucranianas como homogênea, coesa e resiliente. A exibição de vestimentas bordadas, utensílios domésticos, paramentos litúrgicos e documentos históricos construiu uma narrativa de continuidade, como se a cultura ucraniana tivesse sido preservada de maneira inalterada ao longo das gerações. Essas perspectivas, contudo, desconsideraram os processos de adaptações, hibridizações e rupturas que inevitavelmente acompanharam a imigração e a inserção dos ucranianos no Brasil.

Além disso, o museu destacou o papel da fé e das instituições religiosas na manutenção das tradições, projetando a religiosidade como um elemento estruturante da identidade ucraniana local. Se, por um lado, essa ênfase reconhece a importância da Igreja na vida dos imigrantes, por outro, ela ignorou os conflitos internos, a pluralidade de experiências e as tensões que atravessaram esse processo. A exaltação da religiosidade como um pilar inquestionável da cultura ucraniana em Prudentópolis simplificou a realidade histórica e reforça uma visão hegemônica sobre a identidade do grupo.

Outro ponto sensível é a representação da imigração ucraniana como um processo quase natural e harmônico, omitindo os desafios enfrentados pelos imigrantes, como a exploração do trabalho agrícola, as barreiras linguísticas e os preconceitos étnicos. Os painéis e objetos expostos no museu frequentemente romantizaram a trajetória dos ucranianos no Brasil,

destacando apenas o esforço, a perseverança e o sucesso obtido por meio do trabalho árduo, sem mencionar as estruturas de opressão e exclusão que moldaram essa experiência. A ênfase na “ética do trabalho” como um traço definidor das comunidades ucranianas reforça discursos que invisibilizam as desigualdades e dificuldades enfrentadas pelos imigrantes e seus descendentes ao longo do tempo.

A exposição sobre o *Holodomor*, por sua vez, se insere em um esforço mais amplo da diáspora ucraniana de consolidar uma narrativa histórica que enfatiza o sofrimento coletivo e a resistência cultural. Ao mesmo tempo em que essa abordagem fortalece o sentimento de pertencimento e a identidade do grupo, ela também mobiliza a memória de maneira estratégica, instrumentalizando o passado para fins políticos e identitários. A maneira como o *Holodomor* é retratado no museu revela um processo seletivo de construção da memória, onde determinados eventos são amplificados enquanto outros são minimizados ou omitidos.

Um ponto adicional a ser considerado é a maneira como a cultura material ucraniana é apresentada. Os espaços dedicados ao artesanato, aos bordados e à produção têxtil reforçam uma divisão de gênero tradicional, associando as mulheres à ressignificação das tradições e ao trabalho manual. A informalidade da produção artesanal e a falta de reconhecimento institucional para essas práticas evidenciam uma contradição: enquanto o museu celebra o papel das bordadeiras e artesãs na sustentação da cultura, não questiona as condições precárias em que essa atividade é desenvolvida.

Desse modo, o Museu do Milênio se estabeleceu como um espaço de reafirmação da identidade ucraniana, mas o faz a partir de uma narrativa seletiva, que privilegiou determinados aspectos da história e da cultura enquanto silencia outros. O museu funciona simultaneamente como repositório de memória e como agente ativo na construção e manutenção de uma identidade coletiva, que, longe de ser estática, está em constante negociação, disputa e ressignificação. Logo, mais do que um espaço de manutenção histórica, o museu deve ser compreendido como um local de produção de discursos, onde a memória é mobilizada de maneira estratégica para legitimar visões específicas sobre o passado e o presente das comunidades ucranianas em Prudentópolis.

Ao concluir esta pesquisa e a redação desta tese, é possível afirmar que todas as questões inicialmente levantadas foram respondidas, mas inevitavelmente surgem outras novas. Isso ocorre devido ao recorte temporal, à metodologia adotada, ao quadro teórico utilizado, às fontes disponíveis e, sobretudo, ao que foi proposto inicialmente. Por conseguinte, as considerações finais representam uma tentativa de balanceamento dos resultados alcançados. Não se trata de um eufemismo ou mera retórica afirmar que as conclusões aqui apresentadas são provisórias e

limitadas ao escopo deste estudo. Contudo, ao longo do desenvolvimento do estudo, novas perguntas surgiram, demandando uma reflexão mais aprofundada. Essas questões, decorrentes da pesquisa e da leitura realizada, exigirão novas investigações e, possivelmente, a contribuição de outros pesquisadores no futuro.

FONTES ESCRITAS

COMISSÃO PRÓ-CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA. Ofício Circular 01/1995.

COMITÊ PRÓ-CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO AO POETA TARAS SHEVCHENKO E DO MUSEU DO MILÊNIO. Livro de Atas. 1985.

IVANYTSKY, Vassyl. Carta. Toronto, 02 out. 1989.

LA PALABRA UCRANIA. Jornal. Buenos Aires, 30 ago. 1986.

MUSEU DO MILÊNIO. Livro do Tombo das Belas Artes, n. 71. 1979.

MUSEU DO MILÊNIO. Livro Registro de Presenças. 1985.

MUSEU DO MILÊNIO. Livro Tombo. 1990.

PRÁCIA. Jornal, nº 27, 10 jul. 1986; nº 34, 28 ago. 1986; nº 39, 2 out. 1986; nº 45, 9 nov. 1989; nº 46, 14 dez. 1989; nº 55, 5 set. 1991; nº 24, 1 mar. 2012. Prudentópolis: Tipografia Prudentópolis.

FONTES ORAIS

BELÓ, Marta. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 29 mar. 2022.

GEREI, Helena Ternoski. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 10 dez. 2018.

GEREI, Lademiro. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 10 ago. 2022.

KREVEI, Meroslaw. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 28 mar. 2022.

LACHOVICZ, Mario. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 07 jul. 2022.

MAZUR, Meron. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 29 nov. 2018.

SANCHES, Humberto José. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 11 abr. 2022.

SAVISKI, José. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 20 abr. 2022.

SEMZEZYN, Samuel. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 18 dez. 2024.

ZALUSKI, Tarcísio Orestes. **Entrevista concedida a Nikolas Corrent.** Prudentópolis, 26 set. 2017.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Fernanda Mazuco de; LEITE, Devanir. Rito Bizantino Ucrainiano - Elemento Constitutivo de Identidade Étnica. In: **VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/757.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 155-202.
- ALEP PR. **Participação feminina na Assembleia Legislativa avança ao longo da história**. 2023. Disponível em: <https://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/parte-1-participacao-feminina-na-assembleia-legislativa-avanca-ao-longo-da-historia>. Acesso em 18 mar. 2023.
- ANDREAZZA, Maria; NADALIN, Sergio. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v. 11, n.1. 1994.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995**. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba,1996.
- ANDREAZZA, Maria Luíza. **O Paraíso das Delícias: um estudo da imigração ucraniana (1895 – 1995)**. Curitiba: Quatro Ventos, 1999.
- ANTONELLI, Diego; CHOMA, Andreiv; SENIUK, Talita. **Ucrânias do Brasil: 130 anos de cultura e tradição ucraniana**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2021.
- APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e a Ucrânia. **Série Conflitos Internacionais**, v. 9, n. 1. Marília: OCI, 2022.
- APPLEBAUM, Anne. **Por que os ucranianos não conseguiram criar um estado soberano até o fim do século 20?** Aventuras na História, 2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/por-que-os-ucranianos-nao-conseguiram-criar-um-estado-soberano-ate-o-fim-do-seculo-20.phtml>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ARANTES, Antonio Augusto. Documentos Históricos, Documentos de Cultura. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.22, 1987, pp. 48-55
- ARAUJO, Uriel Irigaray. **Quem são os russos? Ser ou não ser russo: Donbass e os cossacos do Don nas encruzilhadas da identidade**. 2024. 399 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024
- ARTUK. **São Volodymyr, Leo Mol (1915–2009) e Estreia do elenco**. Disponível em: <https://artuk.org/discover/artworks/saint-volodymyr-302670>. Acesso em 19 Mar. 2023.

AZEVEDO, Célia M. Marinho. **Onda negra, medo Branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. São Paulo: Anablume, 2004.

AZUL E AMARELO. **Mundialmente desconhecida Petrykivka**. Azul e Amarelo, 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.azuleamarelo.com.br/post/mundialmente-desconhecida-petrykivka>. Acesso em: 22 dez. 2024.

AZUL E AMARELO. **Taras Shevchenko**: símbolo da Ucrânia. Azul e Amarelo, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://www.azuleamarelo.com.br/post/taras-shevchenko-simbolo-da-ucr%C3%A2nia>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BACCIN, Diego José. **Em memória da cativa, uma memória que cativa? Análise da construção dos monumentos, da memória e da patrimonialização do Chafariz da Mãe Preta e da Praça da Mãe de Passo Fundo**. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. Símbolos e monumentos: as comemorações de emancipação política do Paraná nos logradouros de Curitiba. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 7-20, jun 2006.

BARREIROS, Isabela. Conheça o rosto de Gufan, o paranaense de 2 mil anos. **Aventuras na História**, 22 ago. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/conheca-o-rostode-gufan-o-paranaense-de-2-mil-anos.phtml>. Acesso em: 4 jan. 2025.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

BATISTA, Fábio Domingues. **Igrejas ucraniana**: arquitetura da imigração no Paraná. Curitiba: Instituto Arquibrasil/ Petrobrás Cultural, 2009.

BATISTELLA, Alessandro. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. In: **Revista Eletrônica História em Reflexão**. Vol. 06. Nº 11 – UFGD – Dourados. Jan/Jun. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

BBC NEWS BRASIL. **Quem é Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia no centro de escândalo no governo Trump**. 26 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49845510>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BERGMANN FILHO, Juarez. Ivan Boiko e a Bandura: o design e a construção de instrumentos musicais como símbolo cultural. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 13, n. 21, p. 076–092, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

BLUNT, Byron; MARKINA, Daria; PLEITGEN, Frederik; COTOVIO, Vasco. “**Não encontramos soldados, apenas inocentes mortos**”: a ocupação russa em Borodianka. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nao-encontramos-soldados-apenas-inocentes-mortos-a-ocupacao-russa-em-borodianka/?hidemenu=true>. Acesso em: 14 dez. 2024.

BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH**, Porto Alegre, set. 1967.

BORUSZENKO, Oksana. Os ucranianos. 2ª ed. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22. n. 108. Out, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOYLAN, Patrick J. (Org.). **Como gerir um museu: manual prático**. Brodowski: Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari; São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/como-gerir-um-museu/>. Acesso em 10 dez. 2024.

BRITO, Fausto. A politização das migrações internacionais: direitos humanos e soberania nacional. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, n. 1, p. 77-97, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v30n1/v30n1a05.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BUDEL, Caio. **Como imigrantes e descendentes consolidaram Prudentópolis como a Ucrânia brasileira**. Globo.com, G1, 02/03/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2022/03/02/como-imigrantes-e-descendentes-consolidaram-prudentopolis-como-a-ucrania-brasileira.ghtml>. Acesso em: 01 fev. 2023.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BURKO, Valdomiro. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. Ed. Curitiba: OSBM, 1963.

CAETANO, José Carlos Gonçalves. O museu histórico como um espaço de ensino e aprendizagem para a história: o museu Ernesto Bertoldi como proposta. In: **Anais Congresso Internacional de Museologia**, Maringá, 2012. p 01-10.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARGNIN, Ana Clara. **A Importância do croqui como ferramenta de estudo para a elaboração do projeto paisagístico**. Orientadora: Michelle Souza Benedet, 2017. Monografia (Especialização em Paisagismo) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. **História**, vol.27, n.2, Franca, 2008.

CARLAN, Cláudio Umpierre. **Rússia e Ucrânia, uma crise e uma História**. 2022. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/2022/02/24/russia-e-ucrania-uma-crise-e-uma-historia/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo. Nação imaginária: Memória, mitos e heróis. In: NOVAES, Adauto (org.). **A Crise do Estado-nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 395-418.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: DE LUCA, Tania Regina; PINSKY, Carla B. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006. p. 29-36.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0103-40142010000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13 dez. 2024.

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão: antologia para um combate**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

CID, Ricardo. **Araucária, o baobá dos povos do sul do Brasil**. Universidade Federal do Paraná. 2021. Disponível em: <https://ufpr.br/araucaria-o-baoba-dos-povos-do-sul-do-brasil/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. Ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

CORRENT, Nikolas. História e o simbolismo das Pêssankas e a permanência da cultura ucraniana em Prudentópolis/PR. **Revista Café Com Sociologia**, v. 4, p. 195-210, 2015.

CORRENT, Nikolas. **Irmandade dos Cossacos de Prudentópolis/PR: Imigração, Identidade e Religiosidade**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR, 2019.

COSTA, Lourenço Resende da. **Manifestações de Poder e Identidade em torno da língua ucraniana em Prudentópolis**. Irati, 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati – PR, 2013.

COSTA, Lourenço Resende da. Identidade e Cultura: O uso da Língua Ucraniana em Prudentópolis – PR. *In*: COSTA, Lourenço Resende da; SILVA, José Junio da; KOSS, Lucimara (Orgs). **Fragmentos de identidade e cultura**. São Paulo: Todas as Musas, 2018. p. 295-319.

COSTA, Lourenço Resende da. **Identidade e fronteiras étnicas: a prática da língua ucraniana em Prudentópolis – PR (1940-2018)**. São Paulo: Todas as Musas, 2021.

COSTA, Bruna Juliana Ferraz da; WINTER, Luís Alexandre Carta. O conflito Rússia x Ucrânia nas consequências da Convenção de Genebra de 1951 e as normativas mercosulinas sobre o tema. **Inter: Revista de Direito Internacional e Direitos Humanos da UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2023.

CRUZ, Antônio Donizeti da. **Helena Kolody: a poesia da inquietação**. Marechal Candido Rondon: Unioeste, 2010.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2a ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/EDUSP 1986.

CZAIKOWSKI, Mariano. **Taras Chewtchenko, o poeta da Ucrânia**. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Ucrânia, 1999.

CZAIKOWSKI, Mariano; SELANSKI, Wira. **Taras Chewtchenko: o poeta da Ucrânia**. Curitiba: Estética Artes Gráficas, 2014.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo: Sec. de Estado da Cultura, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Concepts clés de muséologie*. [S.l.]: **Armand Colin; ICOFOM**. 2010. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Francais_BD.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos o que nos olha**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DIOCESE DE GUARAPUAVA. **Santuário Nossa Senhora das Graças – Prudentópolis – PR**. Disponível em: <https://diopuava.org/santuario-nossa-senhora-das-gracas-prudentopolis-pr/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

DOLHNIKOFF, Luis. O poeta Shevchenko. **Sibila**, São Paulo, ano 24, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://sibila.com.br/cultura/o-poeta-shevchenko/14598>. Acesso em: 11 dez. 2024.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Edunesp, 2005.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCUADERO, Camila. **Imprensa de comunidades de imigrantes e identidade: um breve resumo do estudo dos jornais ibéricos ‘Mundo Lusíada’ e ‘Alborada’**. 2007. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R13072.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

ESPÍNDOLA, Carlos Roberto. Histórico das pesquisas sobre solos até meados do século XX, com ênfase no Brasil. **Revista do Instituto Geológico**, v. 39, n. 2, p. 27-70, 2018.

FARAH, Audrey Lílian Souza; GUIL, Chico; PHILIPPI, Silvio José. **Irati 100 anos**. Curitiba: Editora Arte, 2008.

FERRARO, Vicente. A guerra na Ucrânia: uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Conjuntura Austral**, [S. l.], v. 13, n. 64, p. 25–50, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/128157>. Acesso em: 24 ago. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7Letras: 2006. p. 195-203.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas – os monumentos do imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Ed. Annablume, Fapesp, 1998.

GROCHOSKI, Cibeli. O Korovai, a Kolomeika e o Casamento entre Descendentes de Ucrânianos em Ivaí-PR. In: **Encontro de História (Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS)**, 19., 2021, Porto Alegre, RS). Anais do XIX Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS: História e Interdisciplinaridade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 80-81. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/ephis/assets/edicoes/2021/arquivos/39.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2007.

GUÉRIOS, Paulo Renato. A presença da música sacra na vida cotidiana dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis-PR. **Música & Cultura** (Salvador Online), v. 5, p. 1-10, 2010.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. 1. ed. Curitiba, PR: Editora da UFPR, 2012.

GUIL, Chico. **Prudentópolis 100 anos**. Prudentópolis: Artheiros, 2006.

GODOY, Karla Estelita; VIDAL, Leonardo da Silva; MEES, Luiz Alexandre Lellis. Souvenirs de museus: consumos, experiências, repetições e diferenças nas lembranças dos turistas. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 9, n. especial, p. 21-34, 2019.

GOMES, Neonilda (Org.). BARTECZKO, Terezinha Demczuk; DECZKA, Nely Maria; SAZATKOWSKI, Denise. **Prudentópolis, sua terra e sua gente**. S/e. 1972.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **Os quadros sociais da memória**. Tradução de Antonio Fontoura. São Paulo: Centauro, 2023.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Rio de Janeiro. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 24. 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANEIKO, Valdemiro. **Uma centelha de luz**. Curitiba: Kindra, 1985.

HANICZ, Teodoro. Religiosidade, identidade e fronteiras fluídas algumas considerações sobre os descendentes de ucranianos no Brasil e os desafios contemporâneos. Anais do III encontro nacional do GT história das religiões e das religiosidades – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. *In: Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.

HANICZ, Teodoro. Rito Bizantino ucraniano no Brasil: história, trajetória e desafios atuais. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura**, Edição 68, p. 33-54, 2022. Disponível em:

<https://fasbam.edu.br/wp-content/uploads/2022/01/Ritos-Orientais-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HAURESKO, Cecília. **Fumo e êxodo rural – transformações sócio-espaciais nas comunidades rurais de agricultores ucraniano-brasileiros em Prudentópolis – PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

HAURESKO, Cecília. **Lugares e Tradições**: as comunidades faxinalenses de Anta Gorda e Taquari dos RIBEIROS, Guarapuava: Unicentro, 2012.

HAURESKO, Cecília. A Imigração Ucraniana na América Latina (Séculos XIX e XX): Identidade e Cultura. **Bol. Goia. Geogr.** 2019, v. 39: 55862.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**; tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. Porto Alegre, RS: Uniporto, 1983.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. Porto União, SC: Uniporto, 1989.

IANNI, Octavio. **A metáfora da viagem**. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: resultados preliminares. Prudentópolis, PR. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 dez. 2024.

JACUMASSO, Tadinei Daniel; DAMKE, Ciro. Aspectos da imigração ucraniana para o Brasil: as (a)diversidades na região Centro-sul do Paraná. **Travessias**, n.7, 2009.

JOHNSON, Nuala C. Sculpting Heroic Histories: Celebrating the Centenary of the 1798 Rebellin in Ireland. **Transactions of the Institute of British Geographers NS**, 19(1), 1994, pp. 78-93.

JORNAL Prácia: o mais tradicional jornal dos ucranianos no Brasil. **Gráfica Prudentópolis**. Disponível em www.graficaprudentopolis.com.br/jornal-precia.php. Acesso em: 15 mar. 2024.

KHATLAB, Roberto. **As Igrejas Orientais Católicas e Ortodoxas: tradições vivas**. 1. ed. São Paulo: Ave Maria. Edições, 1997.

KERECHUK, Natalia. Prudentópolis. **Encyclopedia of Ukraine, Canadian Institute of Ukrainian Studies**. Disponível em: <https://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CP%5CR%5CPrudenti9polis.htm>. Acesso em: 19 ago. 2024.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os rituais do tombamento e a escrita da história**. Curitiba: Editora da UFPR – Imprensa Oficial do Paraná, 2000.

KLIEMANN, Luiza H. Schmitz. **RS: Terra & Poder. História da questão agrária**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KNOREK, Reinaldo; VAUREK, Odalvia. Desenvolvimento e cultura: afinidades culturais ucranianas marcantes no município de Prudentópolis (PR). **Revista Húmus**, São Luís, v. 8, n. 24, 2018. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/10337>. Acesso em: 16 nov. 2024.

KOLOGY, Helena. **Viagem no Espelho e vinte e um poemas inéditos**. 2ª ed. Curitiba: Criar Edições, 2004

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. Bárbaro, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 31, p. 186-205, 2005.

KOSS, Lucimara. **Comércio & Sociedade: as múltiplas funções dos armazéns de Ivay – PR na Primeira Metade do Século XX**. 210 f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

KIZEMA, Silvestre. **[Carta enviada ao Pe. M. Mycielski]**. Destinatário: M. Mycielski. Prudentópolis, 8 ago. 1897. Tradução: Pe. Soter Schiller. Disponível em: <https://osbm.org.br/wp-content/uploads/2017/05/-carta-pe-kizema-ao-provincial-1897.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

LAMAS, José Manuel Rossano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985. v. 1, p. 95-106.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996. (Enciclopédia Einaudi).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas – Museologia e Patrimônio**, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr. 2012.

LITVIN, Jaqueline Ester. Iconografia bizantina na comunidade ucraniana do Paraná: hierofania e fronteiras étnicas. In: COSTA, Lourenço Resende da (Org.). **Ucranianos e seus descendentes no Paraná: religiosidade e identidades etnoculturais**. Maceió: Editora Olyver, 2021.

LOURENÇO, Alessandra Spitz Guedes Alcoforado. **Vida após a morte: um estudo sobre os enterramentos pré-históricos no Estado do Paraná para identificação, gestão e valorização do patrimônio arqueológico**. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2015.

LUZ, Leandro Domingos; HAHN, Fábio André. Território e identidade: apontamentos sobre a (i)migração ucraniana no Centro do estado do Paraná (1895-1960). **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 3, n. 4, jan./jul. 2011

MACHULA, Mariano. **XV Congresso da Juventude Ucraino-Brasileira**. Prudentópolis: Gráfica Prudentópolis, 1988.

MARINHUK, Padre Mário. **Metropolia São João Batista do Rito Ucraniano Católico**. Disponível em: <https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.7.6-Metropolia-Historia.pdf>. Acesso em 19 ago. 2024.

MARTENOVETKO, Juliane; CORSO, João Carlos. Rituais fúnebres da Igreja Católica de rito Ucraniano em Prudentópolis-PR. **Revista TEL - Tempo, Espaço e Linguagem**, p. 30-53, 2011.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Farol do Saber, 1997.

MASSON, Philippe. **A segunda guerra mundial: história e estratégias**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOCELLIN, Renato. **História Concisa do Paraná**. Curitiba: Prismas, 2018

MORSKI, Jeffrey Picknicki. Under the southern cross. **A collection of accounts and reminiscences about ukrainian immigration in Brazil, 1891-1914**. 1.ed. Canadá: Watson Dwyer, 2000.

MOTA, Lúcio Tadeu. A Construção do “Vazio Demográfico” e a Retirada da Presença Indígena da História Social do Paraná. In: MOTA, Lúcio Tadeu. **A Presença e a resistência dos índios Kaingang no Paraná**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). 2. ed. Maringá: Editora da UEM, 2008.

MILHAZES, José; DOLIN, Vladimir. **A mais breve História da Ucrânia**. Lisboa: D. Quixote, 2023.

MUZEKA, Nadia. **História local e identidades: cultura e tradições ucranianas em Prudentópolis**. Caderno Pedagógico, PDE, Governo do Estado do Paraná. 2011. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/20-10/2010_un_icentro_hist_pdp_nadia_muzeka.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

NADALIN, Sergio Odilon. **Paraná**: Ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **Midas** [Online], vol. 1, 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. n. 10, 1993.

OGLIARI, Marlene. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (Des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 15, n. 42, p. 7-21, fev. 2000.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito linguístico. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (Org.). **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Insular, 2001, p. 83-93.

OLIVEIRA, Gustavo Castanheira Borges de. Musealização: passado, presente, futuro e produção de presença. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 193, p. 48-59, 2017.

OLIVEIRA, Eloisa Estrela de. Slow Cities: uma experiência da contemporaneidade. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, São Carlos, Brasil, v. 19, p. 1–9, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/153236>. Acesso em: 25 dez. 2024.

OLIVEIRA, André Sampaio de. Entenda o que é a Santa Sé e o Estado da Cidade do Vaticano. In: **Vaticannews**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/20-21-04/entenda-o-que-santa-se-e-o-estado-da-cidade-do-vaticano.html>. Acesso em 19 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção para a prevenção e a repressão do crime de genocídio**. Paris, 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Ukraine: Situation Report**. 12.10.2022. Disponível em: <https://reports.unocha.org/en/country/ukraine/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Relatório Mundial sobre Migração** - 2022. Genebra: OIM, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/WMR-2022-EN.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PARANÁ. Museu Paranaense **Paranaense de dois mil anos tem face revelada com auxílio de tecnologia 3D**. 26 jan. 2017. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Noticia/Paranaense-de-dois-mil-anos-tem-face-revelada-com-auxilio-de-tecnologia-3D>. Acesso em: 4 jan. 2025.

PALIJ, Michael. Early Ukrainian immigration to the United States and the conversion of the Ukrainian Catholic Parish in Minneapolis to Russian Orthodoxy. **Journal of Ukrainian Studies**, 1983, pp. 13-37.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Candido Ferreira de Abreu**. Curitiba: 1896. Disponível: www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 05 jul. 2024.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Francisco Gutierrez Beltrão**. Curitiba: 1907. Disponível em: www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 10 dez. 2024.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos**. Curitiba: 1909. Disponível: www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 09 dez. 2024.

PARANÁ, Arquivo Público do. **Relatório do Secretário de Governo da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Colonização Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos**. Curitiba: 1910. Disponível: www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59. Acesso em 05 jul. 2024.

PARELLADA, Claudia Inês. **Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes**. PROVOPAR Ação Social Paraná, Curitiba, 2006.

PARELLADA, Claudia Inês. Arqueologia em Prudentópolis: memórias e patrimônio no Paraná. In: RAMOS, Odinei Fabiano, OLINTO, Beatriz Anselmo (Org.). **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2020. p.69-100.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PEREIRA, Junia Sales. Aprendizagem do ensino de História em museus. **X Jornadas**

Nacionales y I Internacional De Enseñanza De La Historia (APEHUN), 2008. Universidade Nacional de Río Cuarto, 2008. p. 1-12

PEREIRA, Euripedes Barsanulfo. **O Tear da vovó Anna Luiza**. Disponível em: http://www.campograndems.net/fazbal/Roca_e_Tear.htm. Acesso em 10 mar. 2023.

PERIN, Gabriel Brum. **Erva-mate no Paraná: a história do ciclo que dominou a economia do estado por mais de um século**. Turistória. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/erva-mate-no-parana-a-historia-do-ciclo-que-dominou-a-economia-do-estado-por-mais-de-um-seculo>. Acesso em: 19 dez. 2024.

PIN, André Egidio. **Entre Sangue e Resina: Colonização e Devastação Ambiental no Sudoeste do Paraná (1935-1975)**. Curitiba: Appris Editora, 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PORTALA, João Camilo Grazziotin; GELLER JÚNIOR, Lúcio. **Chegou a hora de ucranizar: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro**. *Esboços*, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago, 2021.

PORTAL G1 MUNDO. **Guerra na Ucrânia: Rússia invade o país por terra, ar e mar; 137 foram mortos, e 316 estão feridos**. [S.I.] 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/24/putin-autorizaoperacao-especial-no-leste-da-ucrania.ghtml>. Acesso em: 01 set. 2024.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, n. 14, São Paulo, fevereiro, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POTY, Italo Barreto. **Ucrânia: história e geopolítica**. São Paulo: Dialética, 2022.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 2011.

PRADO, Anderson. **O Jornal Ucraniano-Brasileiro Prácia: Prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

PRADO, Anderson. **Holodomor (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro Prácia**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

PRIORE, Mary Del. **Histórias da gente brasileira: colônia**. Vol. 1. São Paulo: LeYa, 2016.

PRIORI, Angelo *et al.* **História do Paraná: séculos XIX e XX**. 1. ed. Maringá, PR: Editora da UEM, 2012.

PROCEK, Felomena; **Motivos Pagãos em Costumes Ucranianos**. Trabalho de disciplina (pós-graduação em Letras Português), Universidade Estadual Centro Oeste do Paraná – Unicentro, Prudentópolis, 1998.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Ucranianos, poloneses e “brasileiros”**: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/PR. São Leopoldo: Unisinos, 2006. (Dissertação de Mestrado).

RAMOS, Odinei Fabiano. **Experiências da colonização eslava no Centro-Sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)**. Franca, 2012. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2012.

RAMOS, Odinei Fabiano. Dialética da migração: ucranianos e poloneses em Prudentópolis/PR. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, Irati, v. 8, n.1, p. 182-196, jan./jun. 2017.

RAMOS, Odinei Fabiano, OLINTO, Beatriz Anselmo (Org.). **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Unicentro, 2020.

RAMOS, Odinei Fabiano; STEIN, Marcos Nestor. O Jornal Prácia: possibilidades de produção do conhecimento histórico sobre imigrantes ucranianos no Paraná. *In*: COSTA, Lourenço Resende da (Org.). **Ucranianos e seus descendentes no Paraná: religiosidade e identidades etnoculturais**. Editora Olyver: Maceió, 2021.

RAMOS, Durval. **Veja Gufan, o paranaense de 2 mil anos**. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 jan. 2017. Disponível em: https://ciceromoraes.com.br/downloads/clipping/Gazeta_do_Povo_20170125.pdf. Acesso em: 4 jan. 2025.

REIS, Antonio Leocadio Cabral. SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. **A Imigração Polonesa no Território Paranaense: Aspectos Culturais e Distribuição Espacial das Colônias Polonesas no Espaço Geográfico Paranaense**. Curitiba: UFPR, 2010.

REPRESENTAÇÃO CENTRAL UCRANIANO-BRASILEIRA. **Imigração Ucraniana**. Disponível em: <http://www.rcub.com.br/rcub/quem-somos/imigracao-ucraniana/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

RESZETIUK, Oliana; BAGATINI, Serenita. **Uma viagem pelos cinco sentidos da culinária ucraniana**. Canoas: Alternativa, 2011.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROGOSKI, Carlos Alexandre. **Geopatrimônio de Prudentópolis (PR): valorização e divulgação por meio do geoturismo e educação não formal**. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

ROWNTREE, Lester B.; CONLEY, Margaret W. Symbolism and the Cultural Landscape. **Annals of the Association of American Geographers**, 70(4), 1980, pp. 459-479.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museu Imperial: a construção do Império pela República. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHILLER, Soter. **O sacrifício de louvor**: em torno da divina liturgia de São João Crisóstomo. Prudentópolis: Edições Basilianas, 2018.

SCHÖRNER, Ancelmo; LUCAVEI, Lucélia. Os rituais de casamento ucraniano entre permanências e transformações – Irati/PR (1978-2008). **Revista TEL - Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 4, n. 1, p. 49-63, jan./abr. 2013.

SEMECHECHEM, Jakeline A.; JUNG, Neiva Maria; DALLA VECCHIA, Adriana. A língua ucraniana como símbolo de pertencimento e de identidade de ucraniedade em uma comunidade no sul do Brasil. **Gragoatá**, Niterói, v.22, n. 42, p. 416-434, jan.-abr. 2017.

SENIUK, Talita; SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. Imigração Ucraniana e Colonização em Prudentópolis (1895-1945). **Ateliê de História**. Vol. 2, n. 1 – UEPG, Ponta Grossa, 2014.

SENIUK, Talita. A conversão da Rus de Kyiv por Bizâncio: cristianismo e rito oriental. *In*: BUENO, André (org.). **Oriente 24**: estudos em Próximo Oriente. 1. ed. Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo/UERJ, 2024.

SIMAN, Lana Maria de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino aprendizagem histórica. **Cad. CEDES**, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a07v2567.pdf>. Acesso em 15 dez. 2024.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. *In*: VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SIMIELLI, Maria Helena. **GeoAtlas**. 33ed. São Paulo: Ática, 2010.

SIMIONATO, Marta Maria. **O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola**: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Identidade dos meios polônicos locais nas estruturas das paróquias da Sociedade de Cristo no sul do Brasil. **Projeções**, Curitiba. v. II/1. 2000.

SGANZERLA, Eduardo. **Pêssanka**: A arte ucraniana de decorar ovos. Curitiba: Esplendor, 2007.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. **Rezar e Benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)**. Ponta Grossa, 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SOAVINSKI, Carla. **Rússia e Ucrânia: identidade nacional enquanto causa de conflito**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOBOLIEVA, Olena. **A pintura Petrykivka é um estilo decorativo-ornamental ucraniano dos séculos XIX e XXI**. Authentic Ukraine. S.d. Disponível em: <https://authenticukraine.com.ua/en/blog/petrykivskij-rozpis> Acesso em: 22 dez. 2024.

SOCHODOLAK, Hélio. Processos criminais e história da violência - Mallet-PR (1913-1945). In: **XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios**, Florianópolis, 2015.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**. História Completa. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUSA, Joab Monteiro de. Imigrantes no Paraná: A Inserção e Contribuição Polonesa em Irati/PR. **I Seminário Nacional de Sociologia & Política – “Sociedade e Política em Tempos de Incerteza”**. Curitiba: UFPR, 2009.

SOUZA, Amanda Moreira; CARVALHO, Alissandra Nazareth de. O comércio de souvenirs e sua relação com a imagem da destinação: um estudo de caso na cidade de Itu/SP. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 64-89, jun. 2004.

SOUZA, Mauro. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Significação**, nº 34, p. 31-52, 2010.

STASIU, Nadia Morskei. **Meroslawa: o ícone da cultura ucraniana**. Curitiba: Fasbampress, 2023.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SUBTELNY, Orest. **Ukraine: A History**. Toronto: University of Toronto Press, 2009..

TAMANINI, Paulo Augusto. Conhecendo o cristianismo Oriental: as Igrejas Ortodoxas e Católicas Orientais presentes no Brasil a partir do século XIX.. In: **Anais do IV Simpósio do GT História das Religiões e Religiosidades da ANPUH**. Joinville: Univille, 2015. v. 5. p. 126-142.

TAMANINI, Paulo Augusto. O lugar e os ícones na cultura religiosa dos imigrantes ucranianos em Curitiba. **Domínios da Imagem**, [S. l.], v. 10, n. 18, p. 11–28, 2016.

TAMANINI, Paulo Augusto. O rito na era bizantina e a aliança entre o império e a religião. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 10, jun. 2017.

TAMANINI, Paulo Augusto. O Holodomor e a memória da fome dos ucranianos (1931-1933): os ressentimentos na História. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 64, 2019.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

TENCHENA, Sandra Mara. Comunidade ucraniana: Suas fronteiras étnicas e a religião. **Revista Nures**, n. 14, 2010.

TENCHENA, Sandra Mara. **Memória de mulheres ucranianas: recriação de tradições em Prudentópolis - Paraná**. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Área de concentração Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TENCHENA, Sandra Mara. **O feminino nos mistérios ucranianos da arte e da fé**. 2016. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo, Paulus, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**: indagações sobre o século XX. Trad. Joana Angélica D'Avila Mel. São Paulo: Arx, 2002.

TOLENTINO, Atila Bezerra. Patrimônio cultural e discursos museológicos: narrativas de memórias e identidades locais. **Revista Midas** [online], 6, 2016.

TRIPADVISOR. **Igreja São Josafat – Prudentópolis**. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g2345108-d10063877-Reviews-or30-Sao_Josafat_Church-Prudentopolis_State_of_Parana.html#/media/10063877/?albumid=-160&type=ALL_INCLUDING_RESTRICTED&category=-160. Acesso em 11 dez. 2024.

UEM. **Helena Kolody**. Disponível em: <http://sites.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escritoras/letra-h/helena-kolody>. Acesso em 18 mar. 2023.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VEIGA, Maurício Biscaia. **Arquitetura neo-enzaimel em Santa Catarina: a invenção de uma tradição estética**. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

VIANA, Karina Muniz. Sistema Estadual de Museus do Paraná. **Memória e Informação**, v. 2, n. 1, p. 93-112, 11 out. 2018.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos**: Expressões e Propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.

VITCHEMICHEN, Henrique Schlumberger. O caso Prácia (1941-1946): imprensa estrangeira, repressão e crime idiomático no Estado Novo. **Ars Historica**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 104-123, jan./jun. 2021.

VOLPI, Edmilson. **O coração da Ucrânia nos seus primeiros mapas**. Geocracia, 2023. Disponível em: <https://geocracia.com/o-coracao-da-ucrania-nos-seus-primeiros-mapas/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. (Org.). **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra e o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEBER, Regina. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. **Diálogos**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 703-733, maio-ago./2014.

WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. **Tempos Históricos**. v. 19, n. 1, 2015. p. 253-273.

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista brasileira de educação**, v. 21, n. 64, 2016.

ZAROSKI, Nelson Gilmar. **A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis 1940-1960**. 50 f. Monografia (Graduação em História), UFPR, Curitiba, 2001.